

Jaqueline Vargas

sessão de

TERAPIA



BASEADO
NA SÉRIE DO

gnt



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

sessão de **TERAPIA**

“*Sessão de Terapia*: permite e promove o pensar, o sentir e o falar dos sentimentos. Mostra que a psicanálise continua a ter um lugar muito importante no mundo de hoje.”

— Claudia Corbisier, *Observatório da Imprensa*

“*Sessão de Terapia* desmistifica a profissão sem banalizar o sofrimento do paciente (...), acerta quando foge da banalização da autoajuda e mostra que o médico não vai decifrar um paciente.”

— Luciana Saddi à *Folha de S.Paulo*

“Ao vermos as singularidades das vidas relatadas, nos colocamos ora no lugar do paciente, ora no lugar do terapeuta.”

— Jorge Forbes, *Vogue*

“*Sessão de Terapia* tem como personagem também o silêncio, aquilo que é uma promessa de verbalização, mas ainda não foi formulado. É tratamento em curso.”

— Patrícia Kogut, *O Globo*

“A psicoterapia é usada em prol do suspense: a cada camada de autoengano removida dos pacientes, mais suas histórias ficam intrigantes.”

— *Veja*



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Jaqueline Vargas

sessão de
TERAPIA



Copyright © 2013 por Jaqueline Vargas
Copyright © 2013 por Moonshot Pictures

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

editor: Anderson Cavalcante
preparo de originais: Rafaella Lemos
revisão: Ana Lúcia Machado e Clarissa Peixoto
projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira
capa: Ana Paula Daudt Brandão
imagem de capa: Jorge Bispo
imagens de miolo: Adalberto de Melo Pygmeu
produção digital: SBNigri Artes e Textos Ltda.

GNT

Analista de Marketing: Maria Portugal
Coordenação de Novos Negócios: Flávia Abreu
Gerente de Marketing: Mariana Novaes
Direção GNT: Daniela Mignani

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V764s

Vargas, Jaqueline
Sessão terapia [recurso eletrônico] / Jaqueline Vargas; São Paulo: Arqueiro, 2013.
recurso digital; il.

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-214-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

13-04911

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Hagai Levi

P R I M E I R A S E M A N A . . .

“Do ponto de vista do paciente, o terapeuta em princípio é apenas mais um membro de uma sociedade que tem exercido excessivo controle. É tarefa do terapeuta colocar-se em situação diferente.”¹

B. F. SKINNER

— **V**ocê virou o centro do meu mundo – declarou-se da maneira mais objetiva e direta possível.

Se bem que o tom da sua voz tinha algo de acusador, como se eu já soubesse o que ela ia dizer. Mas eu não sabia. Júlia era minha paciente havia um ano e aquilo era o que se podia chamar de transferência erótica. Em terapia, esse tipo de situação é muito mais comum do que se imagina. Muitos pacientes juram amor eterno ao terapeuta, entretanto, isso é um mero mecanismo psíquico. Eu já tinha visto a mesma cena inúmeras vezes. No começo da carreira, achei que tivesse a ver comigo, mas não. Isso não tem nada a ver com o terapeuta – com a maneira como se comporta, se é feio, bonito, gordo ou careca. É uma projeção. Somos como um astro de rock num palco. Os fãs sabem que as probabilidades de uma relação são mínimas... Mas quem não fantasia? Sob os holofotes o artista parece perfeito. Com o terapeuta acontece a mesma coisa. Ilusões de um pseudopoder, nada mais.

Embora eu tenha feito de tudo para ter uma vida acadêmica, minhas tentativas foram em vão e eu acabei caindo no esquema do atendimento particular. Sou terapeuta há mais de 20 anos. Muitos acham que sou psiquiatra, mas eu sou psicólogo. Apenas um psicólogo. Meu pai era médico e com certeza foi por causa dele que eu não escolhi a medicina. Mesmo

assim eu cuido das pessoas. Gosto de fazer isso, gosto da minha profissão. Pelo menos eu achava que gostava. Não sei se foi a declaração de Júlia ou o acúmulo dos anos e dos assuntos nunca-resolvidos-sempre-adiados o que mudou o quadro. Lógico que existia o cansaço peculiar da profissão e as frustrações cotidianas que essa vida traz. Planejamos tanto, nos empenhamos e sempre acreditamos que estamos dando o melhor, mas a confirmação disso só vem – se vier – anos depois. De repente, o gesto dela veio ao mesmo tempo que essa prova dos nove, a comprovação de que o retorno dos meus investimentos não havia sido o que eu esperava. Talvez por isso aquele dia tenha marcado o começo da revolução silenciosa que estava para ocorrer na minha vida.

Pela frequência das sessões e a assiduidade de Júlia, eu esperava um progresso mais acentuado por parte dela, mas cada paciente tem o seu tempo. Apesar disso, posso dizer que ela era a minha favorita. Sim, devo confessar que os terapeutas, assim como os pais, têm sempre um favorito. É quase um clichê, eu sei, mas acontece. Quase todos os colegas têm um paciente que os motiva mais. Eu não sou diferente. Só que até aquele dia eu achava que meu interesse particular em Júlia existia apenas porque eu acreditava na troca paciente/terapeuta. Acreditava que estabelecer uma relação com os pacientes era fundamental. Todo pensamento acontece de forma relacional, e, em uma relação, você não pode apenas receber, é preciso doar também. Então eu achava que minha disposição para atendê-la era apenas parte do processo. Hoje sei que não. Naquela época eu também já sabia, mas como eu mesmo digo aos meus pacientes, em terapia, muito do que não é dito é o que vale. Levei bastante tempo para admitir para mim mesmo que Júlia era diferente. Se eu estava impaciente com todos os meus pacientes, por que não com ela? Se com os outros eu contava os minutos para o tempo acabar, por que com ela eu passava da hora? Na verdade eu contava os minutos para a segunda-feira. Júlia vinha todas as segundas às nove da manhã. Nunca havia faltado a uma sessão ou sequer chegado atrasada. Mesmo quando saía de um plantão, ela estava lá.



Júlia tinha 35 anos, era médica, estava fazendo residência em anesthesiologia e namorava André, um jovem psicólogo que tinha sido meu paciente quando ainda era estudante. Foi sua indicação que a levou ao meu consultório. A princípio eu tive que fazer um esforço para me lembrar dele. Foi penoso. Muitos aspirantes a psicólogo gostavam de ser atendidos por mim, nunca entendi muito bem o porquê. André parecia ter sido um deles. Diante do entusiasmo dela descrevendo as qualidades que o namorado tinha atribuído a mim, a minha total falta de lembrança era no mínimo constrangedora. Por fim, uma imagem opaca e quebradiça me veio à mente. Ah, André! Aquele André. Cara grande, corpulento, grande sorriso, de um otimismo *naïve*. É. Era tão certinho e bom sujeito que eu nem precisava me imaginar no lugar de Júlia para sentir quão enfadonho ele devia ser para ela. Mas enfim, parecia que me tinha em tão alta conta que achava que eu resolveria todos os problemas da namorada. Segundo ele eu era o *suprassumo* da terapia. Bem, eu estava longe disso, mas vinha tentando entender Júlia e principalmente fazer com que ela se entendesse. Naquela manhã achei que estava chegando lá.

Antes da declaração, Júlia chorou pela primeira vez. E como era característico dela, chorou sem entrada, sem premissa. Simplesmente entrou no consultório e chorou copiosamente. O que me intrigou foi justamente isto: a entrega total, com a absoluta falta de preliminares. Me senti um moleque de 12 anos que paquera a colega de turma e a idolatra em segredo, até que um dia, sem mais nem menos, ela lhe dá um beijo na frente da turma e em pleno recreio. Me surpreendi com ela e isso me deixou feliz. Sim, é verdade – existe um prazer peculiar em ver alguém chorar pela primeira vez, principalmente se você for um terapeuta. É quase tão prazeroso quanto uma conquista. É sinal de que existe um mínimo de confiança e conforto na sua presença. E depois de um ano me parecia que Júlia finalmente se deixara levar. Tudo nela estava diferente naquele dia. As lágrimas, lógico, eram o mais surpreendente. Por muito tempo achei que ela fosse incapaz de chorar em público, mesmo sendo apenas eu – não exatamente uma grande plateia. Claro que quantidade não significa qualidade e, se o paciente tem um bloqueio ou uma reserva consigo mesmo,

com a perda de controle da sua persona, às vezes a presença de um simples porta-retratos pode ser a coisa mais castradora de todas. O fato é que eu tinha uma convicção secreta de que nem sozinha ela conseguia chorar. Surpresa!

Seu figurino também era uma novidade. Nunca, durante todo esse tempo, eu a tinha visto com roupas assim. Não pareciam dela, embora caíssem perfeitamente em seu corpo. Júlia tinha uma daquelas silhuetas em que tudo fica bem, até roupas de gosto duvidoso como aquele vestido. Ela era inteiramente bonita. Alta, esguia, com profundos e úmidos olhos verdes, olhos que pareciam estar sempre pedindo alguma coisa. Era impossível não perceber que ela tinha um belo corpo, mesmo quando vinha cansada e com aquele uniforme de hospital horroroso. Eu nunca gostei desses pijamas desbotados que os médicos usam. Nunca. Vestidos assim, eles sempre me deram a impressão de que acabaram de sair da cama, contra a vontade, e que estão sonolentos e irritados, ou seja, a receita perfeita de um desastre na mesa de cirurgia. Embora cheio de associações com o figurino, eu era obrigado a reconhecer que ela era linda. Além disso, Júlia tinha plena consciência de sua beleza, ao mesmo tempo que lidava com ela de forma quase blasé. Sim, esta era a palavra: blasé. Júlia parecia que jogava tudo fora, tudo era por cima, sem aprofundar, sem motivo aparente. A própria motivação para vir à terapia era vaga. Se bem me lembro, ela não tinha se entendido com um ex-terapeuta e acabara desistindo.

Os motivos para alguém não “gostar” do terapeuta podem ser inúmeros. Desde a decoração da sala ao penteado do terapeuta, tudo vale. Um palavra, uma pergunta, uma expressão facial, um tique ou trejeito, a cor do papel de parede ou mesmo alguma memória inconsciente podem bater o martelo de culpado no colega. Infelizmente, a empatia é algo fundamental na minha profissão. Precisamos que o paciente se sinta à vontade conosco. Às vezes não acontece, e não é responsabilidade do psicólogo. Claro que ele pode ser inábil, todo profissional está sujeito à imperfeição, mas, em alguns casos, a falta de empatia é do paciente com ele mesmo, não é nada pessoal.

Enfim, qualquer que tenha sido o motivo para Júlia desistir, fez o namorado insistir no seu retorno. Segundo ela, era por ele, e só por ele, que

ela tinha vindo me ver. Não havia nenhuma urgência pontual ou algo que quisesse discutir.

– O André acha que eu tenho que fazer terapia, mas eu não tenho nenhum problema. Minha vida é ótima.

Foi isso o que ela me disse um ano atrás. Bem, naquele dia ela não parecia nem de longe alguém que estivesse com a vida ótima.



Quando ela finalmente saiu da fase aguda do choro e me encarou, estava frustrada, chorar na terapia não tinha o efeito que ela imaginara. Júlia, como muitos pacientes, tinha a ilusão quase infantil de que chorar podia ser totalmente libertador. Como se em 10 minutos de choro toda a pressão de uma vida fosse embora. Eu teria resolvido o dilema de muita gente na primeira sessão se funcionasse assim. Não era tão fácil, mas sempre era um começo. O rímel borrado dava a ela um quê de personagem de Fellini, ao mesmo tempo que fazia a roupa parecer menos destoante. Júlia usava um vestido justo, preto, que não lembrava nem de longe o famoso pretinho básico de que as mulheres tanto falam. O modelo estava uma oitava abaixo do elegante, para não dizer outra coisa. Ela usava uma meia-calça também preta e uma botinha de salto alto. Acho que adivinhou o meu pensamento porque explicou imediatamente que a roupa não era dela. Pegara emprestado de uma amiga com quem havia saído na noite anterior. Era disso que ela queria falar, da noite anterior.

Júlia me contou que tinha saído com essa amiga e ainda não voltara para casa. Segundo ela, se voltasse perderia a sessão – e por isso ficou na calçada diante do consultório esperando dar o horário. A maneira como ela descreveu a passagem do tempo era quase poética, e pude imaginá-la sentada no meio-fio, olhando fixamente para os ponteiros do relógio, comemorando cada segundo que passava.

– Estava tão frio... Eu me segurei pra não tocar aqui e te pedir um casaco – ela disse.

Esse é o risco de atender no local onde se mora: você sempre pode ser surpreendido. Tudo bem que tentei de todas as maneiras estabelecer o limite entre vida pessoal e profissional, coloquei o consultório na parte de trás da casa, fiz uma divisão, um isolamento praticamente, mas mesmo assim era próximo demais.

– Como você pode ver, eu congelei mas não te acordei.

Diante da declaração, cogitei silenciosamente se sua decisão havia sido pautada na carência ou na vergonha. Se por algum momento daquele amanhecer ela havia ponderado o quanto seria dramático me contar que fizera o papel da menina dos fósforos, tentando se aquecer, ou se havia sido a decência que a impedira de me acordar alcoolizada e vestida como uma frequentadora de boate de quinta. Enfim, não consegui deduzir e achei melhor esperar pelos indícios de verdade, que sempre aparecem. Argumentei que ela não precisava ter vindo. Mas algo tinha acontecido, algo que queria muito me contar. Algo ligado ao seu relacionamento com André.

Será que aquela necessidade de estar ali, mesmo virada da noite e claramente descompensada, tinha mesmo a ver com André? Desconfiei que ele fosse apenas pano de fundo para a conversa quando ela me disse pela terceira vez que não estava ali.

– Não adianta, Theo. Eu não devia ter vindo. Eu não tô aqui.

Eu me perguntava a que “eu” ela estava se referindo, porque nunca a tinha visto tão presente como naquela manhã. Que ela não devia ter vindo depois de uma noite em claro era plausível para mim, mas se não era para ela, era porque ela queria me dizer alguma coisa. Ou mostrar. Mostrar-se fragilizada pela primeira vez, com uma atitude nova, uma indumentária diferente, uma nova Júlia – ou uma outra faceta de Júlia que ainda não havia sido revelada. Talvez por isso a repetição do “eu não tô aqui” fosse uma repetição para ela, e não para mim, uma averbação de que a Júlia-pessoa-jurídica tinha ficado em casa e a Júlia-pessoa-física finalmente poderia se abrir.

André, o namorado, tinha dado um ultimato. Ele queria uma decisão quanto à relação deles. Uma decisão por parte de Júlia. Já se relacionavam há dois anos e moravam juntos, casar era o próximo passo. Só que, ao contrário de muitas mulheres, Júlia não queria casar, não queria vínculo. Não queria

selar pacto nenhum com o destino, muito menos tomar um passo definitivo. Era no que ela acreditava. Mas, com o passar das sessões, pude perceber que era mentira. Não era o quê, e sim com quem. E estar superficialmente em tudo era uma zona de conforto tão grande para Júlia que ela não percebia que havia sido ela que começara a discussão, ela que tinha dado o ultimato a André.

Todo o conflito começara na mesa de jantar e se estendera para o sofá da sala. A gota d'água tinha sido um comentário – quase desabafo – de André sobre a situação deles. A indecisão conveniente pode acabar virando uma realidade duradoura se ninguém faz nada. O nada aqui significa tomar decisões – dar um passo à frente mesmo que isso represente ter que dar três passos para trás logo depois. Independentemente do resultado, é a tomada de decisões que movimenta a vida, e a maneira como isso é feito diz muito sobre seu agente, às vezes até mais do que a decisão em si. No começo ela relutou em aceitar que as suas atitudes tinham gerado o desentendimento. Era como se, de fato, ela estivesse surpresa consigo mesma, com as razões que a haviam levado a incitar tal discussão, a “discussão” da qual sempre fugia. Minha vontade era dizer que ela não gostava de André e que estava problematizando a relação para provocar uma ruptura, mas é claro que, no meu papel, eu nunca poderia fazer tal coisa. Esse tipo de conclusão deve ser do paciente – e somente do paciente.

Depois da discussão, que se revelou um acontecimento, com direito a choro, gritos e portas batendo, Júlia saiu com a tal amiga, dona da roupa. O comportamento que ela me descreveu era no mínimo infantil. Parecia birra de criança mimada, e não a atitude de uma mulher vivida como ela. Mas agir como uma adolescente também era característico de Júlia, outro indicativo de que essa época da vida fora decisiva para que ela se tornasse quem era hoje. Ela nunca ia fundo no passado, na sua juventude, mas eu sabia que em algum momento chegaríamos lá.

Ela fez questão de descrever o que se passou no bar. Como bebeu além da conta, ficou sozinha e caiu numa cantada que não agradaria mulher nenhuma no mundo, somente Júlia. Durante todo o relato, ela fazia questão de me perguntar se o que estava me contando com tanta minúcia não era

forte demais para mim. Quanto mais eu falava que nada do que ela dissesse seria forte demais, mais ela aumentava a riqueza de detalhes. Parecia se divertir com a transgressão, como se desabafar para seu terapeuta fosse um pecado ou uma travessura. Até como era o banheiro do bar ela fez questão de me contar, embora tudo fosse uma premissa para jogar, como era tão dela, assim por alto-como-quem-não-quer-falar, que acabara em um deles com o sujeito da cantada. De como a situação de se sentir pressionada a casar a fez quase fazer sexo com o desconhecido. Quase como um prêmio de consolação pela vida desanimadora que a esperava, caso casasse com André.

Posso parecer démodé, antiquado, velho mesmo, mas eu não conseguia ver nada de libertário e merecedor em transar com alguém do lado de uma privada fedida. Esse tipo de coisa sempre me parecia muito mais amor-próprio negativo do que experimentação vivencial. Além disso, antes de ser terapeuta eu sou homem, e, a julgar pelo relato de Júlia, era claro que ela tinha caído na lábria de um sujeitinho nojento. Eu podia visualizar o aspecto dele e não me agradava em nada pensar nela com aquele tipo.

– Isso não te excita? – ela perguntou, assim que contou como o sujeito levantou a saia dela e abaixou sua calcinha. – Sei lá... ouvir essas coisas... Se bem que você deve ouvir cada história... – falou, olhando para baixo, quase envergonhada.

– Eu estou bem. Pode continuar.

– Sério? – Ela me encarou e eu assenti. – Bem, foi muito rápido. Quando me virei, vi que ele já tinha colocado o pau pra fora. Desculpa. Pau é tão feio de dizer... Se bem que tem nomes piores, né? – Ela riu.

Como permaneci sério, Júlia parou de rir e prosseguiu.

– Então, o negócio dele era enorme, quer dizer, eu acho que era. Estava tão chapada que de repente nem era tudo aquilo, mas, quando eu segurei, era pesado, quente. Eu acho que eu fiquei uns cinco minutos analisando a *coisa*. Na boa, o cara era um putanheiro. Sabe homem que se raspa todo? Ele tava assim. Será que foi por isso que eu achei grande? Você acha que faz diferença?

Gesticulei negativamente com a cabeça, não dava para responder àquela pergunta. Então ela seguiu falando do sujeito, de como ele a empurrou de

cara contra a parede, de como se esfregava nela e, principalmente, de como toda aquela sordidez começou a excitá-la.

No meio da descrição rouca ela perguntou novamente:

– Tem certeza de que isso não te excita?

– Tenho.

– Você tá tão sério. Está chocado comigo?

– Continue, Júlia.

– Se não te incomoda... Nunca contei esse tipo de coisas pra ninguém.

– Nem pra uma amiga?

– Ah! Pras amigas a gente dá uma floreada. Imagina se eu vou contar que enchi a cara e fui parar num banheiro xexelento com um cara ensebado? Nunca. Era tudo tão sujo, tão vulgar. Você tinha que ouvir o que ele falava pra mim. De putinha pra baixo, mas era isso que eu era naquele momento, né? Eu devo ter cara de puta. Puta triste. Tenho?

Eu esbocei um “não”, mas sei que saiu fraco. Não sei se foi alto o suficiente para que ela percebesse, mas eu percebi. Com um suspiro Júlia prosseguiu, como se nem tivesse ouvido a minha resposta. Ela realmente parecia estar se divertindo com aquilo, com aquela provocação. É claro que o que ela dizia me excitava. Não que fosse regra – eu já tinha ouvido coisas muito mais densas –, mas o tom da voz dela, o jeito como seus olhos propositalmente se escondiam de mim, me perturbavam além do protocolo. Não era um desabafo ou um relato nervoso de quem se viu em uma situação sexual inédita e desagradável. Tinha um ar de exibicionismo, como se ela quisesse me mostrar que era capaz de ser sórdida.

Me esforcei para focar em um ponto. Eu sempre fazia isso quando o relato de um paciente me deixava tenso, confuso ou com sono. Me fixei no pingente que ela tinha no colar. Era tão pequeno que eu não consegui distinguir sua forma. Podia ser uma pirâmide, uma santa ou uma letra – para mim era uma tábua de salvação. Sem o seu apoio eu provavelmente teria afundado quando ela me disse que não tinha conseguido prosseguir com o sujeito. Não pelo fato, mas sim pelo que a levou a parar. O cara já estava colocando uma camisinha quando um barulho no banheiro ao lado a fez voltar para a realidade.

– Alguém entrou na cabine do lado e, sério, Theo, parecia um cavalo mijando. Um barulho horrível. Aí não deu. Me lembrei do André.

– E isso te fez parar? – perguntei.

– É. Eu empurrei o cara.

– Por causa do André?

Ela me encarou, intrigada, e sua resposta me deixou confuso.

– A verdade? Não. Eu não parei por causa do André, mas ele até que tem a ver.

– Não entendi.

– Ele acha que eu tenho outra pessoa.

– Você tem?

– Não. Mas eu gosto de outro homem. Eu me lembrei dele.

Júlia se estendeu mais. Não apenas gostava; amava desesperadamente outro homem e era com ele que queria estar naquele momento, não com aquele indivíduo ensebado e ofegante. Foi a memória do outro homem que a fez fugir.

A infidelidade é algo mais comum no consultório de um terapeuta do que num confessionário. As pessoas mais religiosas do mundo preferem pagar a alguém para dividir esse segredo do que compartilhá-lo com um amigo ou confessor. Só que imaginar Júlia apaixonada por outro homem, além de André, me deixou subitamente tonto. Como eu não havia percebido? Por que ela não tinha trazido essa questão para a terapia? Eu questionei e a cada pergunta ela ficava mais e mais perplexa. Na hora eu não estava nem aí para a sua perplexidade. Queria conhecer os detalhes. Quem? Quando? Como? Eu era seu terapeuta, como isso tinha me escapado? A minha falta de percepção não decepcionou só a mim: Júlia também estava decepcionada com a minha pouca perspicácia.

– Você não sabe mesmo de quem eu tô falando? – ela perguntou, visivelmente constrangida.

– Não, Júlia, mas eu gostaria de saber. Seria bom conversarmos sobre isso.

– Eu estou falando de você, Theo. Você virou o centro do meu mundo. Eu te amo – declarou-se da maneira mais objetiva e direta possível. – Era com você que eu queria estar.

Há um ano, desde o primeiro dia, da primeira sessão, ela traía André comigo. A sua fantasia era tão forte e arraigada que Júlia tinha certeza de que eu sabia. Ela, como todo paciente que projeta no terapeuta suas carências, fantasiou como seria o momento em que eu declararia meu amor por ela. O que eu diria, faria, a maneira como me sentaria ao seu lado e tocaria em sua mão. Seguramente ela ouviu em sua cabeça o meu tom de voz dizendo que também a amava e o quanto eu tinha esperado para ter certeza de que o amor era recíproco. Isso seria muito normal em qualquer pessoa apaixonada. Qual apaixonado nunca sonhou acordado com o objeto de seu amor? No entanto, em terapia não existe objeto de amor, não na relação entre o terapeuta e seu paciente.

Alisando o sofá, Júlia confessou:

– Achei que a gente ia acabar fazendo amor nesse sofá.

Por mais que meu ser masculino se vangloriasse de ter uma mulher tão bela quanto Júlia fantasiando a meu respeito, eu sabia que aquilo era uma resposta à terapia. Apenas uma transferência, como tantas outras que eu já havia visto. Nada mais. A única resposta que eu podia dar era esclarecer, da forma mais polida possível, que, sendo seu terapeuta, eu não era uma opção amorosa e que nunca, jamais, em tempo algum, me envolveria com ela. Diante da minha recusa e do ar neutro que consegui restabelecer, muito mais devido à experiência do que ao meu estado emocional, Júlia voltou para o seu status quo: tudo-bem-eu-não-ligo-e-nem-era-tão-importante-assim. Fez questão de prometer que não ia me perseguir nem molestar a minha família. Com um sorriso quase triste disse que não era perigosa, não para mim.

– Vamos esquecer o que eu disse. Pode ser? – pediu.

Meu silêncio provavelmente foi interpretado como um consenso, mas a verdade é que ela não esqueceria. Nem eu.



Casamento é um assunto recorrente no consultório. Nesses anos eu vi muitos casais passarem pela minha sala. Uns realmente querem salvar a

relação e me procuram para que eu os ajude a ver o que não estão vendo ou que se habituaram a não ver. Outros até usam a desculpa da reconciliação para embarcar na terapia, mas na verdade querem que eu os ajude a terminar o que, sozinhos parece ser impossível. Estão tão distanciados dos seus parceiros que precisam de um intermediário para dizer o óbvio: acabou.

A maneira como Clarice, minha mulher, vinha se esquivando gradualmente de mim durante os anos e a forma como eu consentia silenciosamente nesse afastamento me faziam pensar cada vez mais nesses pacientes. O que deveria surtir efeito oposto. Afinal nenhuma lacuna surge para ficar em aberto e, geralmente, quando sua mulher se afasta de você, é para que você se aproxime dela. Mas eu não me aproximava. Quanto mais fria ela era comigo, mais frio eu era com ela. Analisando nossa relação eu me arrisco a dizer que era de um sadomasoquismo bem temático. Eu a tratava como a governanta da casa, tutora dos meus filhos, e ela se portava como a empregada rebelde que exige uma promoção do patrão, mas não larga o emprego, mesmo com as más condições de trabalho. Nunca vou conseguir precisar a data exata do início de tudo isso. Quando a relação afetiva tinha virado esse vínculo empregatício... Isso seria sempre uma interrogação para mim. Qual tinha sido o trauma que arruinara os alicerces do meu casamento? Eu não consigo lembrar. Quando eu falo trauma, quero dizer não apenas algo doloroso, mas qualquer acontecimento marcante. Às vezes um dar de ombros, um olhar de lado, até um sorriso pode ser o detonador da virada. E a vida é cheia desses pequenos grandes fatos, completamente impregnada de acontecimentos. Só que eu e Clarice tínhamos passado por tanta coisa que não dava para distinguir qual havia sido o marco zero. Eu só sabia que ela estava estranha havia algum tempo, com sumiços comprometedores, desculpas ambíguas e uma falta absoluta de interesse por sexo – pelo menos comigo.

Eu também sabia que a reflexão repentina sobre o meu casamento era por causa de Júlia. Desde o momento em que ela saía do consultório, eu não conseguia parar de pensar no que ela tinha dito.

– Você sabia do que eu tava falando. É claro que sabia. Imagina se logo você não ia perceber. Você percebe tudo, Theo. Você é tão esperto. Tão perspicaz. Tem sempre uma teoria sobre tudo que acontece. Eu entendo. É o seu papel. Mas agora que eu assumi o que você já sabia, pode relaxar.

– Júlia, eu não sabia. Confesso que estou surpreso.

– Surpreso? Você? Olha, Theo, o André é psicólogo, eu sei que vocês têm umas regrinhas, mas pra cima de mim? Você sabia. E mais: você sente o mesmo que eu.

– Não, Júlia. Eu não sinto o mesmo que você. Já disse: eu sou o seu terapeuta e só isso.

– Quer continuar sendo só isso? Eu acho que não. Eu acho que quando eu saio daqui você senta nesse sofá só pra sentir o meu cheiro. Eu acho que todas as vezes que você come a sua mulher, você pensa em mim.

Se eu fosse pensar na Júlia só quando transasse com a Clarice, eu nem me lembraria mais da cara dela. No entanto, eu só tinha vontade de transar com a minha mulher nos dias das sessões de Júlia, e aquela segunda não foi diferente. Eu insisti, mesmo com Clarice dizendo que não tinha clima, como eu podia ser indiferente o tempo todo e de repente deitar na cama e falar: “Vamos transar!”? Era simplesmente incompreensível – de fato era, mas eu insisti. No fim da discussão, Clarice devia se sentir vitoriosa e pensar que o marido ainda a queria, acho até que ela esperava por esses dias, porque, apesar de começar relutante, no fim sempre se entregava. Fora isso, ela não me procurava, a iniciativa tinha que ser minha, como um sinal de desejo. Bem, o que ela pensava ou deixava de pensar nem me passava pela cabeça. Eu só queria sentir um corpo quente de mulher e me derreter nele, esvaziar a urgência. Depois me sentia mal, claro. Clarice me olhava doce, numa ilusão de que aquele ato fosse um início do degelo entre nós, só que na manhã seguinte tudo prosseguia igual.

O mais patético é que, quando isso acontece com os pacientes, eu digo mesmo que é uma fase, que todo casamento tem crises e que a precipitação pode ser um grande erro, mas eu não conseguia me convencer disso. Bem, se existisse, de fato, algo como autoterapia, eu estaria sem emprego. Sempre vai existir um momento na vida de qualquer pessoa em que ela precisa do

outro, mesmo que não assuma. Esse era o caso do paciente novo das terças. Não era saudável naquele momento aceitar novos pacientes, eu sabia. Mesmo assim aceitei Breno. Desde o começo a culpa foi minha. Desde sempre eu fugia da minha vida pessoal e me refugiava no consultório, nas vidas alheias.

Breno era um atirador de elite que se julgava um homem predestinado, especial. Achava, não; tinha certeza. Aquela soberba aprendida e o excesso de orgulho que ele expôs desde o primeiro momento me irritaram profundamente.

– Qual é a regra aqui dentro? – ele perguntou, num misto de altivez e intimidação.

Depois sentou-se diante de mim fazendo questão de contar como tinha me escolhido. Das referências, pesquisas e de como ele sabia que eu era o melhor. Ao contrário do dia anterior, não fiquei lisonjeado com a certeza dele, o que era uma contradição. Saber que Júlia queria dormir comigo era uma reverência, mas ouvir aquele sujeito, que era pago para atirar nos outros, dizer que só tinha me selecionado do cardápio de psicólogos porque ele só ia no melhor, fosse pai de santo ou marceneiro, me embrulhou o estômago.

– Tem economia que é porca. Não serve pra nada. Prefiro gastar meu dinheiro no que é comprovado – falou, cheio de orgulho e convicção.

Estava na cara que ele tinha muitos conceitos preconcebidos, muitas afirmações, muitas certezas, e devia estar ali para que eu, que era o melhor, confirmasse o quanto ele estava certo. A importância da empatia é sempre lembrada e reforçada na terapia. O paciente deve se sentir confortável na presença do terapeuta, o profissional precisa empenhar seus esforços para estabelecer um vínculo com o ser humano diante dele. Por mais que exista uma abordagem psicanalítica durante a terapia, estamos cara a cara, olho no olho com o outro. Sempre o outro. E se o terapeuta não se sente confortável com o paciente? Se a recíproca não for verdadeira? No caso de Breno, eu tinha acabado de conhecê-lo. Se o mandasse sair, como o meu instinto pedia, estaria sendo um péssimo psicólogo. Assim como o paciente tem seus

pensamentos automáticos, nós também temos. E talvez por isso, e só por isso, eu tenha engolido em seco e escutado o que ele tinha a dizer.

– Bem, como você deve ser bem-informado, já sabe quem eu sou; então eu já digo que não estou aqui porque tô me sentindo culpado. Não é nada disso. Eu podia ter ido em outro terapeuta, mas ele não tinha as suas credenciais. É coisa rápida. Eu só quero falar com você sobre um problema.

A esta altura tive que interromper. Eu tinha que ser vidente e saber exatamente a biografia dele?

– Desculpe, mas não sei quem você é. Quer me dizer o que você espera que eu saiba a seu respeito?

– Ih! Já começou mal. Você não vê jornal? A invasão na escola? Na favela? Morte de menor? Hum. Pensa. Eu sou atirador. Dois mais dois dão quatro.

– Realmente... me desculpe.

– Fui eu que matei o Chaveiro, o traficante. Vai dizer que nunca ouviu falar no Chaveiro?

– Acho que sim.

Àquela altura eu já sabia muito bem de quem ele estava falando, mas preferi mentir e ver até onde ele ia. Ele prosseguiu contando o que eu já lera nos jornais, que o tal traficante havia fugido e se escondido na favela, do cerco policial e de como ele se refugiou numa escola, fazendo uma criança como refém. Entrou em detalhes sobre a captura do traficante, de como a polícia se precipitou e os atiradores de elite acertaram o marginal – ele acertou o marginal. Da bala que ricocheteou e do menino que foi alvejado; não o refém, outro, que estava escondido. De como ele só ficou sabendo de tudo no dia seguinte e de como o chateava ver seu trabalho prejudicado por um detalhe, um acidente de percurso. Ele fez o trabalho dele e muito bem feito, afinal era um dos melhores atiradores do país. Seu discurso era tão defensivo – e mesmo assim, nenhuma culpa. Era o que Breno afirmava sem titubear. Uma parte de mim queria que ele fosse embora, mas a outra estava intrigada: se não era remorso, o que o tinha feito escolher a dedo um psicólogo e, como me contara, dirigir por quase uma hora para a sessão?

– Calma! Você é nervosinho, hein? Eu vou chegar lá, só quero te contar o que aconteceu depois. Não quer saber?

– Claro. Tudo o que você quiser me contar é do meu interesse. – Tive que usar a frase clássica e ele teve que rebater citando o valor da minha hora. Mais uma exibição de superioridade: ele estava me pagando.

– É uma bolada. Nem uma hora e pá, 350 contos. Isso é que é trabalhinho – fechou o raciocínio rindo, embora eu não tivesse achado a mínima graça no termo “trabalhinho”.

Mantendo a minha curiosidade acesa, prosseguiu citando um amigo gay com quem praticava esportes e que era médico. Tão despretensioso era o seu modo de falar... Como se alguma coisa dita por um paciente pudesse ser irrelevante. Me ajeitei na poltrona e esperei pela façanha. De fato, ele era bom em contar histórias, ainda mais se fosse o personagem principal. Segundo ele, uma semana após o “acidente de percurso” na favela, tinha ido correr com o amigo gay e teve uma parada cardíaca. Ficou 48 horas apagado e, graças a esse amigo, que, por ironia ou bênção do destino, era “o melhor” cardiologista e chefe de um centro experimental com as mais avançadas técnicas, ele sobreviveu – só porque foi congelado, um procedimento ímpar na medicina.

Realmente ele devia ser predestinado. Afinal, eventos únicos no universo pareciam só acontecer com ele. E acontecimentos corriqueiros também – ser filho, ter pai e mãe, como qualquer outra pessoa. Mesmo afirmando que não era hora de falar do pai, ele deixou escorregar, entre uma peripécia e outra, que o pai era durão e que nem a morte da mãe o abalara. Aliás, o senhor, para seu assombro, já tinha tocado a vida e se casado de novo. Provavelmente achando que a figura paterna não havia me impressionado o suficiente, relatou como o pai matara o avô, que por sinal também não era nenhuma mãe Teresa de Calcutá. E falava tudo isso com aquele seu modo frugal, quase modesto e raro de encontrar, que é a humildade na perfeição.

– Ele mesmo me contou. Conta isso pra todo mundo. Acidente ou não, ele sabia o que tava fazendo e fez o que era preciso. Vovô que se deu mal. Mas acho que qualquer um faria a mesma coisa, eu, pelo menos. Se eu estivesse sendo perseguido por um bando de reacionários e meu pai começasse a tossir, eu também ia fazer ele calar a boca. A asfixia foi uma consequência. Fazer o quê? Tem gente que acha incrível, a Milena é uma, mas na hora da

adrenalina, do medo, o ser humano é capaz de se surpreender com ele mesmo.

Reflexões filosóficas... Eu estava mesmo ficando impressionado. Quem era esse sujeito? Como ele devia ser de verdade? Porque o que se apresentava era de um condicionamento, de uma distância... Embora resistindo, foi aí que tive a primeira centelha de simpatia por Breno. Seu comportamento se tornara ele, mas será que ele se tornara seu comportamento? O pensamento veio e foi rápido.

– Quem é Milena?

– Minha digníssima mulher. Ela adora meu pai, acha o Seu Antônio um homem de fibra.

– Entendo.

– Entende o quê? Ela achar ele um homem de fibra? Você nem conhece ela.

– Por que você veio aqui, Breno?

Fiquei sem resposta porque ele não queria ir direto ao ponto. Ele precisava seguir com a sua fala, como se tivesse vindo durante todo o trajeto ensaiando o que dizer. Existem pacientes que levam algum tempo para se abrir, mas, na grande maioria, o motivo da consulta é sempre dito, ainda mais se o paciente assume desde o começo que sabe por que está ali. Me parecia que Breno queria me inserir em seu contexto, fornecer informações que na hora da pergunta corroborassem o que ele já sabia.

– Sabe vida depois da morte? Essas coisas de alma, espírito, outro lado? Você acredita nisso? Tô perguntando porque, quando voltei do apagão, todo mundo só queria saber o que eu tinha visto, como era o outro lado. Se algum ser de luz veio me fazer companhia. Pode? O cara fica 48 horas congelado, sobrevive a uma morte clínica e neguinho só quer saber se ele viu a luz?

– E você viu?

– Não! Nada! *Niente!*

– Queria ter visto?

– Ih! Você acredita nessas paradas.

– Eu não disse isso e aqui o que importa é o que você acredita.

– É. Mas isso não vem ao caso. Eu quero é a sua opinião num negócio que eu vou fazer.

Ah, finalmente! O prólogo chegara ao fim.

– E o que é?

– Eu quero voltar na favela.

– Pra quê?

– Pra ver como é que é.

– Você não tem medo de que te reconheçam? – perguntei.

Claro que ele não tinha medo. Um homem que corre uma maratona por dia, vence a morte e mata bandidos perigosos jamais teria medo de dar um inocente passeio. Ou ele achava que, mesmo com a mídia do caso, nunca o reconheceriam, ou ele queria se expor desnecessariamente a mais uma ameaça de vida. O amigo médico, Fábio era o nome dele, ia participar de um evento na escola e ele queria ir junto. Para isso precisava do meu aval.

– Me parece, Breno, que, como você mesmo disse, foi treinado para não sentir ou pensar, e sim para acertar o alvo, cumprir as ordens do seu comandante, ser o melhor. Mas me pergunto: se não tivesse existido esse treinamento, como você seria? Obedecer regras de terceiros no seu trabalho eu posso compreender, mas na sua vida pessoal você não precisa disso. Pode muito bem fazer essa visita sem o Fábio ou qualquer outra pessoa. Aliás, você disse que vai fazer. Ou seja, já está decidido. E, mesmo que não estivesse, não me sinto apto a dizer o que você deve ou não fazer.

– Você tá achando que eu vim aqui pra receber uma ordem?

– Sim. Só que é uma ordem desnecessária.

Pela expressão de desapontamento, eu soube que tinha dado a resposta errada e perdido o posto de melhor psicólogo. Esse é o problema da idealização, a decepção que causa quando nos defrontamos com o fato de que o utópico tem esse nome justamente por não ser real. Se bem que, pensando melhor, não era idealização, mas frustração. Toda aquela preliminar, e eu não concordara com ele. Me olhando de soslaio, como quem diz “Que perda de tempo!”, ele se levantou e ostensivamente contou o dinheiro, jogou as notas na mesa de centro como quem paga uma aposta que não deveria ter perdido e se dirigiu para a porta. Mesmo com todo o desprezo que demonstrou, na saída se virou para mim e fez uma pergunta quase infantil. Perguntou se eu não ia desejar boa sorte. Foram segundos –

um tempo mínimo, mas suficiente para enxergar o menino medroso que ele era. Acabei desejando boa sorte, não porque ele havia pedido, e sim porque algo me dizia que ele precisaria.

Após a saída dele, devo confessar que torci para que não voltasse. Era preciso reconhecer o meu erro em aceitar novos pacientes. Se com os antigos minha fleuma desaparecera, com os novos não seria diferente. De repente teria sido por isso que o tal Breno me irritara tanto, por se manter fiel a um padrão mesmo depois de acontecimentos grandiosos. A teimosia em continuar com algo só porque nos afeiçoamos ao lema de sempre seguir em frente, de ser forte, de segurar a barra, não era de todo anônima para mim. E ele voltaria, nem que fosse apenas para mais uma sessão, para provar que conseguia lidar comigo. Aí eu teria que ser capaz de lidar com ele. Entre tantas minúcias importantes, Breno seria mais uma. Assim como Nina.



No dia seguinte ela veio pela primeira vez. Tinha os dois braços quebrados, uma mochila e pressa. Era bastante observadora e curiosa. Nunca tinha entrado num consultório de terapia e parecia surpresa com a minha sala. Com rapidez e muita objetividade, foi clara em dizer que estava ali porque precisava de uma avaliação minha. Estava andando de bicicleta e tinha sido atropelada. O acidente que lhe tinha causado as fraturas nos braços também havia acionado um seguro, e agora eles queriam provas, por parte dela, de que fora mesmo um acidente. Geralmente isso acontece quando paira a dúvida sobre uma possível tentativa de suicídio. Avaliar se alguém é suscetível a se suicidar é um processo complexo, mas Nina queria que eu fizesse a avaliação naquela consulta.

– Esse negócio de terapia não é comigo. Só tô aqui por causa do acidente. – Foi uma das primeiras frases dela.

Uma vez sentada diante de mim no sofá, ela falou pouco, porque achava dispensável ou porque tinha medo de dizer algo errado. Tudo o que eu precisava saber estava em um relatório que ela havia trazido. Para ler um relatório eu não preciso da presença do paciente. Então por que ela estava

ali?, me perguntei. Talvez curiosidade, ou algo maior, tivesse sido o mote da vinda de Nina. De repente ela poderia estar mesmo buscando ajuda, mas ainda não se apercebera disso.

– Está achando que eu sou doida? Eu não sou, tá?

– Eu não acho nada, Nina. Acabei de conhecer você.

– Ah! Tendi.

– Mas eu preciso saber mais. Por que você não me conta da sua vida? – a pergunta pareceu surpreendê-la.

Era como se Nina tivesse vindo até mim preparada para responder qualquer pergunta, contanto que não fosse sobre sua vida. Todos os seus esforços e defesas estavam concentrados no acidente. No acidente do qual ela afirmava não se lembrar.

Geralmente, a amnésia ou a ignorância podem vencer argumentos irrefutáveis: se você não se lembra de algo ou não o conhece, como falar sobre ele? Isso pode muito bem funcionar no cotidiano, numa conversa de bar, num almoço de domingo com a família, mas em terapia existe sempre a pergunta: será? A mente escolhe muito bem o que quer lembrar e o que quer esquecer. Muitas vezes pregando mentiras brancas, conta para si mesma verdades mentirosas apenas para aliviar a sua dor. Se formos examinar o nosso passado com acuidade, poderemos perceber que muitos daqueles fatos marcantes, que nos enchem de orgulho ao serem recontados ou cuja lembrança nos alivia em momentos difíceis, não aconteceram exatamente como diz nossa memória. Acho que isso, naquele momento, era o que ocorria com ela. Algo de importante tinha acontecido no dia daquele acidente. Algo tão importante que ela preferira esquecer.

Talvez ela estivesse pensando nisso quando se calou e desviou o olhar do meu rosto. Aproveitei a brecha para explicar que sem saber nada sobre ela ficaria muito difícil fazer uma avaliação coerente. Então, sem saída, ela acabou falando de si mesma. Foi um relato breve, curtíssimo.

Tinha 15 anos, era ginasta, já havia ganhado vários campeonatos e era uma esperança do esporte brasileiro. E era isso. Nada mais. Nada sobre sua vida pessoal, sua família, seus amigos, seus sonhos, seus amores. Era como se a Nina-jovem não existisse, apenas a Nina-atleta. Como se o esporte fosse a

única coisa importante para ela, fosse a essência de sua vida. Ou como se apenas no esporte ela fosse amada, admirada e respeitada e, por isso, esse fosse o único assunto digno de ser citado. Algo me dizia que ela evitava falar de sua família e de si mesma porque nessa parte de sua vida as coisas simplesmente não estavam funcionando. Juventude e desamparo adquirido eram situações que eu conhecia bem, não porque eu houvesse criado uma mentira boa na minha cabeça, mas porque eu simplesmente evitava lembrar. Nina trouxe muitas das minhas memórias à tona. Todo paciente apresenta, por menor que seja, um traço, uma pitada, um vislumbre de algo familiar ao terapeuta. Na idade dela, eu também me sentia com os dois braços quebrados e incapaz de fazer o que queria.

Minha insistência em saber mais e tentar fazê-la entender o porquê da necessidade de nos conhecermos só a irritou.

– Tá achando que eu sou o quê? Idiota? Pensa que eu não sei que ela te ligou? Eu sei, tá? Imagina se a minha mãe, a rainha das pentelhas, não ia se meter. Eu não devia ter vindo nessa bosta de terapia. Você já deve ter lido o relatório todo e tá tirando uma com a minha cara.

Diante da hipótese de eu haver conversado com a mãe dela, Nina foi em direção à porta. Eu a segui.

– Nina, espera. Por que seria um problema se sua mãe tivesse me ligado?

– Tá vendo? Ela se meteu de novo! Que inferno! Por que ela não me deixa em paz? – ela reagiu, irada, mas me pareceu uma ira aliviada por alguém se importar com ela.

– Eu não disse que ela ligou. Perguntei como uma hipótese. Eu não falei com a sua mãe.

– Tá bom. Vou fingir que acredito.

– De verdade, Nina. Não falei com sua mãe. Mas, se ela quisesse falar comigo, isso seria muito normal.

Nesse momento ela voltou para o sofá e sentou.

– Não tem nada de normal na minha mãe. Ela só quer me ferrar! Não me deixa fazer nada que eu gosto. Ela queria que eu fosse diferente. Eu não sou a filhinha que ela sonhou!

Respirando fundo, concluiu:

– Só o meu pai gosta de mim. Ele e o Leon, mais ninguém.

– Quem é Leon? – tive que perguntar.

Ela sorriu e mostrou um desenho no gesso. O traço era infantil e estava bem colorido. Com um sorriso ainda maior contou que Tati tinha feito o desenho.

– E quem é Tati? Treina com você?

– Não. Ela não gosta de ginástica, pra desgosto do Leon. Ela é filha dele.

– E vocês são amigas?

– Eu gosto dela. De vez eu quando eu dou uma de uma babá da Tati, quer dizer, de vez em quando sempre. Ela me adora – respondeu Nina, sorrindo.

Estranhei a proximidade de Nina com o treinador e sua filha, mas nem pude seguir com o meu pensamento. A vilã era a mãe; o pai e o tal Leon eram os heróis, prontos para resgatá-la da torre. Sempre me incomoda tanto a falta de amor quanto seu excesso. Aquela afirmação me soava como um autoconvencimento, mais como um desejo do que como uma realidade.

– Se não fosse o meu pai e o Leon, eu já tinha saído da ginástica faz tempo. Tem que ver como ela odeia aquilo. Parece que tem raiva porque eu sou boa em alguma coisa e ela não é boa em nada.

– Mas o que ela faz para você pensar que ela odeia tanto o seu esporte? – perguntei.

– Ela odeia! Nunca vai ao treino, nunca se preocupa se eu me machuquei, se eu tô bem. Nem nas competições ela vai. É um vodu! Ela queria que eu ficasse em casa, engordando, indo pra balada com um bando de otário ou metida no shopping que nem ela. Ela acha que o esporte é muito pesado e que tá me deformando. Porra! Ela fuma e vem falar do meu treino?

Me parecia que a mãe de Nina queria que ela fosse uma adolescente normal, o que não era nada absurdo. Mas, para Nina, além de absurdo isso era cruel. A competição entre mães e filhas é algo muito delicado e discutido. É uma mulher gerando outra mulher. É uma mulher amadurecendo enquanto outra envelhece. É uma mulher que teve uma mãe e que, com certeza, traz uma bagagem desse relacionamento sem fronteiras e visceral por excelência. São tantos sentimentos emaranhados nessa

comunhão que eu precisaria de tempo para visualizar se era inveja mesmo o que fazia sua mãe tentar impedir seu crescimento.

Podia ser uma atitude de Nina também. Era cedo demais para arriscar qualquer palpite. Naquele momento, o que me parecia era que a jovem se sentia como alguém que quer correr mas é puxada para trás por um peso onipresente, sem perceber que esse peso podia ser somente excesso de preocupação. Meu raciocínio fez Nina concluir que eu não estava sendo profissional. Eu nem olhei para o relatório. A primeira coisa que eu deveria ter feito, em vez de ficar com perguntas cretinas, era ter lido o relatório. Isso, sim, seria uma conduta apropriada para mim, não aquele questionário babaca. Para quem nunca tinha pisado no consultório de um psicólogo nem passado perto de nada próximo a terapia, ela tinha conclusões bem radicais. Se eu lesse em voz alta ou não, apenas por estar diante dela isso poderia constrangê-la. Mas ela estava irredutível. A avaliação era o seu gol, ela não estava ali para discutir ou contar sua vida.

– Por que você não lê logo essa merda de relatório?

Eu não respondi. Apenas a encarei com calma.

– Agora eu entendo por que todo mundo zoa a sua filha e fala que ela é doida – continuou.

– Não sabia que você conhecia a minha filha.

– Ela era do meu colégio. Não faz essa cara, não, que eu conheço ela e você conhece a minha mãe. Ou você nunca foi numa reunião de pais?

Diante da minha surpresa, Nina mudou o tom.

– Fica *tranquis* que ela não era da minha turma. Mas que todo mundo sabe que filho de psicólogo é tantã, todo mundo sabe. Ela ficou assim por culpa sua.

– Assim como?

– Estranha. Metida a alternativa, sempre com um papinho de autoconhecimento. A gente sabe muito bem qual é o autoconhecimento que ela gosta. Ela só ajuda naquele muquifo de centro de jovens para fazer merda. Sabia que ela tá ficando com um carinha baixo nível? Também, pra ir naquele lugar, só sendo drogado ou marginal.

Sem argumentos, o ataque foi o que sobrou para Nina, o que me levou a crer que a agressão, fosse física, verbal ou emocional, fazia parte de seu dia a dia. Então, para acalmá-la, decidi fazer o que ela me pedia. Enquanto eu lia o relatório, ela resolveu passear pela sala. Observou meus móveis, objetos, descobriu até coisas perdidas. Como eu havia notado no começo, ela era muito observadora. Parecia que julgava a pessoa pelo que estava em seu entorno, procurando pistas de sua personalidade, dicas de como se comportar, dos argumentos que deveria ter. Só que um gesto de Nina me chamou atenção.

– Sacanagem. Lá em cima ninguém vê. Você deve odiar eles – disse, referindo-se aos livros que estavam no topo da estante, espremidos até o teto.

– Odiar não é muito forte?

– Não. Pra esquecer assim.

Fiquei curioso para saber quais livros eu tinha colocado ali e se o comentário de repente teria algum fundamento, mas decidi que faria isso quando ela fosse embora. De repente, ela se apoiou em um dos móveis e, olhando através da janela, fez uma brincadeira jovial sobre os meus barcos. A casca podia ser quebrada. Não pude deixar de sorrir ao constatar isso. Assim como não pude deixar de me alegrar em ter aceitado essa paciente. Sentia que podia ajudá-la, e ter a possibilidade de auxiliar alguém de forma realmente válida não tinha preço para mim.

– Eu faço a sua avaliação, mas com uma condição: preciso de mais tempo – minha frase interrompeu sua investigação e ela, com passos rápidos, voltou para o sofá.

Era preciso que ela compreendesse e que firmasse o compromisso de vir mais uma ou duas vezes. Perguntei se ela poderia fazer isso por mim, afinal, se fizesse uma avaliação sem conhecê-la, só por aqueles poucos minutos de conversa, eu não estaria sendo muito profissional e ela estava buscando em mim, desde que tinha entrado na sala, um profissional criterioso. Com um olhar convencido, ela sussurrou um “sim” e eu propus um dever de casa. Cada um faria um relatório, com sua versão do que acreditava ser o correto. Estendendo os braços, ela disse que não conseguia escrever. Sugeri que

pedisse a alguém para ajudá-la. Com um lacônico “Vou tentar”, ela levantou e se foi. Como ela ainda não tinha conseguido sua avaliação, eu sabia que voltaria.



Naquela noite, depois do jantar, sentei à mesa da cozinha e fiquei observando Clarice desinfetar a pia. Desde quando ela tinha mania de limpeza? Eu achava que a conhecia bem, mas não me lembrava desse detalhe. A leveza do rosto sempre sereno se fora. Agora seus lábios pareciam uma linha feita com um pedaço de carvão. Volta e meia os dentes escapavam, mas só para morder a tal linha. Seus olhos me vigiavam, mesmo ela estando de costas para mim. E embora não pudesse vê-los, eu sentia a irritação neles. Nenhum som. Eu não podia suspirar que ela emitia um muxoxo de pura impaciência. Não cabíamos mais no mesmo cômodo. Eu belisquei um pedaço de pão e devo ter soltado um resmungo qualquer da vida – e isso detonou a discussão.

– Você vai ficar aí a noite toda? – reclamou Clarice.

– Qual o problema? E se eu quiser ficar aqui a noite toda?

– Faz o que você quiser – ela disse, batendo a porta do armário com força.

Se ela estava descontando a raiva que sentia de mim nos móveis, logo eu ia ter que remobiliar a casa.

– Dá pra você colocar o Caio pra dormir?

– Ainda tá cedo.

– Não! Não está! Se você soubesse a hora que ele acorda e o que ele faz durante o dia, saberia que já passou da hora.

– Ah! A ladainha do pai ausente vai começar. Você não tem outro argumento?

– Hoje é quarta. O que o Caio faz nas quartas? Responde!

– Escola... Natação e inglês – respondi, hesitante.

– Errado!

– Vai dizer que ele não teve escola hoje?

– Teve, mas não foi.

– Ah! Ficou doente de novo. Você vai deixar o nosso filho hipocondríaco, com essa sua neurose!

– Eu que sou a neurótica? Pra seu governo, ele não tá doente. – Depois de uma pausa, ela se virou para mim, cruzou os braços, encarando, quase chamando para a briga. – Eu fui na outra escola e ele foi muito bem.

– Você não fez isso! Eu já disse que não quero que ele vá pra uma escola de superdotados!

– Por quê? O único brilhante aqui só pode ser você? Você tá com inveja do seu filho, Theo?

– Clarice! Não me faz perder a paciência.

– E desde quando você tem paciência com a gente? Aposto que com os seus pacientes você tem de sobra.

– Não mete meus pacientes na conversa.

– Claro, eles são sagrados.

O desdém com que ela disse aquilo me causou enjoo. Era o meu trabalho, o trabalho que sustentava a nossa família. Mas, para Clarice, o que eu fazia era quase uma afronta. Continuando a quebrar os móveis para não quebrar a minha cara, ela empurrou as outras cadeiras da mesa, batendo em mim por tabela.

– Cadê a Malu? Ela já não devia estar em casa? – perguntei, numa tentativa idiota de mudar de assunto, como se pular de um filho para o outro fosse realmente surtir efeito. Além disso, ser informado sobre a vida dos meus filhos por uma paciente era perturbador. Se Nina tinha mentido ou não, eu precisava descobrir.

– Não sei. Você sabe? – Clarice perguntou, sarcástica, jogando o pano de prato a uns dois dedos da minha cara. Depois de uma das suas pausas dramáticas, ela foi saindo.

– E você? Ontem eu te procurei e... Aonde você foi? – Eu não queria ter perguntado sobre ela, mas escapou.

– Mais um mistério. Soluciona, Theo.

Se ela não tivesse evaporado pela porta, eu nem sei o que teria feito. A minha vontade era gritar com ela, entrar na mesma vibração de ódio. “Não é só você que está por um fio! Eu também! Você não me suporta. Assume isso

e vamos resolver essa situação de merda!”, era o que eu queria falar. Só que eu estava tão cansado que discutir era a última coisa que eu precisava. Tem gente que vive nesse círculo vicioso de estar sempre no volume máximo; se não existe uma briga, uma batalha verbal a ser vencida por dia, a pessoa se sente menosprezada. Nunca suportei casais que só dialogam no grito, é histérico, imaturo e improdutivo, mas se tornara a realidade do meu casamento.

Fiquei um bom tempo na cozinha, esperando Malu, mas não a vi chegar. O sentimento de nulidade e desistência me fez ir para a cama. Vesti o pijama e o meu reflexo no espelho lembrava o meu avô. Odiei aquele pijama de velho, assim como odiava as cortinas de babados que Clarice enfiava em qualquer lugar, até no boxe. Fui me deitar sem fazer o mínimo esforço para ser silencioso. Respeito é algo que se ganha. Deitei no meu lado frio e puxei o cobertor quase todo. Clarice estava, como sempre, fingindo que dormia. Até o teto me parecia antiquado, com aquele lustre brega de velinhas me encarando. Que mentira! Como ela ousava insinuar que eu não sabia nada sobre os meus filhos. Resolvi fazer um pequeno autoexame. Eu passava tempo de qualidade com os meus filhos, sim, senhora. Fiz um esforço para me lembrar desses momentos e, infelizmente, o que me vinha à mente eram apenas cenas rápidas, conversas monossilábicas pelo telefone, saudações rotineiras – “tudo bem”, “como foi a escola?”, “bom dia” – e ordens – “não chegue tarde”, “coma tudo”, “tire boas notas”. Realmente eu não fazia ideia de como era o dia a dia de Malu, Caio e Rafael. De Clarice, então, sem comentários. De repente, por estar com a vida pessoal tão esvaziada, a imagem de Júlia surgiu quando fechei os olhos.



De uma coisa não posso reclamar: tenho muitos pacientes. Também, depois de tantos anos, eu não poderia esperar menos. Se bem que conheço muitos colegas que não obtiveram sucesso com a prática. Por isso acredito que não devo ser um terapeuta tão ruim assim. Trabalho de segunda a sexta e posso atender oito pacientes num dia – em situações extremas, até dez.

Nunca fiz uma cotação das horas, com certeza ultrapasso a carga horária definida por lei. Mas quem está contando? O fato é que é muito cansativo, não tem nada de fácil. É preciso estar disponível para ouvir, não basta sentar diante da pessoa e soltar um “fale mais sobre isso” como muita gente pensa. Aliás, essa é uma piada de muito mau gosto, feita por gente que, seguramente, nunca fez terapia. Mesmo que eu fale pouco, preciso ouvir muito e com atenção. O terapeuta é um ouvinte presente. O que significa que sou um produto em demanda, afinal a grande lacuna da nossa sociedade faminta por expressão é justamente o ouvinte presente. Quem não quer falar, desopilar o fígado? O x da questão é encontrar outro indivíduo disposto a ser a válvula de escape. O simples ato de falar em voz alta o que incomoda silenciosamente já traz um novo entendimento. Absorver todas essas informações e lembrar detalhes que o paciente nunca imaginaria ter contado exige um nível inexplicável de concentração.

Acho que foi a consciência do dever que tornou tão árdua a tarefa de me vestir como o ouvinte presente naquele dia. E justo quando eu atenderia o casal. Era um inferno absoluto ter que encarar as mazelas de outra dupla dinâmica. Mesmo que eles me fossem insuportáveis, eu precisava focar e dar tudo de mim – mas, se eu pudesse pagar para me livrar deles, seria um dinheiro bem gasto.

Há muitos anos, quando estava começando a atender, aceitei um paciente que não queria fazer terapia. A família, sim, tinha esperanças de que o meu trabalho pudesse ajudá-lo. Angelo era o nome dele. Jovem, quase da mesma idade que eu na época; bonito, mas totalmente ausente. Ele me parecia ter uma fobia tão avassaladora que foi comendo sua vida de fora para dentro. Deixou de trabalhar, de estudar, de namorar, de sair com os amigos e, enclausurado em casa, parou de falar com a família. Eu queria entender o que havia acontecido para ele se fechar nessa concha e não demonstrar o mínimo sinal de querer sair. Nas primeiras sessões eu tentei conversar, brincar, propus jogos, até cantei, saindo do protocolo completamente. Me assustava ver emudecido daquela forma alguém que poderia ser eu. Mesmo assim nenhum sorriso, nenhum piscar, nenhuma cara feia, nada. Ele sentava diante de mim e ficava os 50 minutos em total e absoluto silêncio. Isso

aconteceu na primeira sessão, na segunda, na terceira, na sexta, na décima. Todos os meus recursos se esgotaram, e acho que foi na décima segunda sessão que eu me larguei na poltrona, simplesmente saí da postura de ouvinte e parei de estar ali, prestando atenção na respiração dele, parei de ter a ínfima esperança de que em algum momento ele falaria comigo. Quando desisti e deixei de olhar para o rosto dele, Angelo me olhou fixamente e me pediu com uma voz triste:

– Não desista de mim.

Talvez por isso eu não consiga deixar de atender e recorra às lembrança de Angelo todas as vezes que quero desistir.



João e Ana eram o bendito casal do fim do dia. Ele chegou na hora e ela, não. Quando trabalho com casais, eu faço um trato: as sessões só acontecem na presença de ambos ou, no caso de apenas um deles comparecer, o outro deve estar de acordo e saber tudo o que foi falado no encontro. Talvez por isso o atraso de Ana me causava certa alegria. Certa alegria, nada: eu estava torcendo para ela não aparecer.

João andava de um lado para outro, exasperado e falando sem parar. Ligou para casa, para o trabalho e até para mãe dela só por causa de 10 minutos. Deixou claro que se ela não chegasse não teria sessão, sozinho ele não tinha por que estar ali. Confesso que àquela altura eu estava mais ansioso do que ele sobre a presença de Ana. Quando as minhas preces estavam quase sendo ouvidas e João parecia prestes a ir embora, ela chegou. Tinha aquele ar blasé das pessoas bem criadas, bonitas e aparentemente sortudas. João era o outro lado da moeda – um lado enigmático que não deixava passar nada de seu passado, sua família ou criação. Ele parecia ser o que demonstrava: um ator sem dinheiro, emprego ou talento e com um explícito descaso pela burguesia. Fora a idade, que era muito próxima – os dois não chegavam aos 40 –, só sobrava em comum o cinismo que os divertia quando conseguiam estabelecer um diálogo. Se existia um vínculo real entre os dois era o sexo. Trependo eles combinavam, só que não dá para trepar 24 horas por dia.

Essa era a terceira semana deles na terapia, que duraria pouco segundo João, afinal era um problema pontual. Café-pequeno, uma ajudinha para fazer uma escolha. A escolha em questão era ter ou não outro filho. Após cinco anos de tratamentos diversos e ininterruptos para engravidar, eles não tinham conseguido. Com a desistência, até por conselhos médicos, o casal tocou a vida. Um ano depois, bum! Positivo! Aquilo era mais do que motivo de alegria para João, só que Ana estragou a festa quando assumiu que não queria a gravidez. Antes de seguir por um caminho sem volta, resolveram ir ao terapeuta.

O atraso de Ana, que não era o primeiro, me dizia que ela não queria estar ali e que, se não fosse pelo marido, já teria feito o aborto há muito tempo. Era ele quem estava na luta para salvar a criança. Assim que ela entrou, com seu jeitinho esnobe e sedutor, pedindo falsas desculpas pelo atraso, ele começou a atacá-la. Parecia um interrogatório de série policial de má qualidade. “Onde”, “como”, “com quem”, “a que horas”, “em que lugar”, “por quanto tempo”, “diz de novo”... Era um bombardeio incessante que só piorou quando ele notou que ela estava com uma roupa diferente da que saíra de casa.

- Você foi em casa?
- Não, né, João?
- Trocou de roupa onde?
- No trabalho.
- Não sabia que você tinha um guarda-roupa no trabalho.
- Eu não tenho.
- E de onde saiu essa porra de roupa que eu nunca vi?!
- É nova. Que saco! Não posso comprar nada pra mim?
- Claro que pode. O dinheiro é seu, né? Vem cá, você levou essa roupa pro trabalho? Se arrumou toda pra quê? Para ver o Theo? Tá de sacanagem comigo?
- Eu tive um problema com a minha outra roupa e comprei essa.
- Problema? Que problema? Rasgou? Fala pro Veloso tirar a sua roupa com calma. Assim não rasga.
- Vai à merda, João!

Veloso, se não me engano, era o chefe de Ana, um homem que ela fazia questão de elogiar e enaltecer só para irritar o marido.

– Ela tá mentindo. Essa mulher não consegue mais me enganar. Eu sei que ela tá mentindo, Theo! Fala, caralho! Onde você tava? Eu sei mas eu quero ouvir você falar! Fala!

Ana baixou os olhos e num suspiro assumiu que tinha ido a um médico se informar sobre o procedimento do aborto.

– Você me sufoca! Eu precisava de privacidade! Como é que eu vou me decidir com você dando piti no meu ouvido, fazendo um escândalo por qualquer coisa?!

– Você já marcou, né?

– E se tiver marcado?

– Sua filha da puta!

Antes que começasse o jorro de ofensas, intervim propondo que eles usassem o fato para tentar se entender, procurar ouvir as motivações de cada um. Sim, Ana mentia, mas, com um marido como João, quem não mentiria? Se ele não estivesse de acordo significava “não”. É muito fácil ser cúmplice assim, quando tudo corre como se deseja.

– Não! Não dá pra engolir você, Ana! – E, virando-se pra mim: – Não faz sentido ela querer abortar. Você não entende, Theo? Foram anos gastando o rico dinheirinho dela para fazer outro filho e, agora que a gente consegue, ela muda de ideia? Mudou por quê? Me explica que eu não tô entendendo!

João estava entendendo, mas preferia fingir que não.

O que havia mudado era o sentimento, a vontade de ser um casal, pelo menos da parte de Ana. Era tão óbvio que ela estava no limite, num patamar em que nem a supertrepada do João salvaria o casamento deles de ir pro brejo. A questão como sempre era mais profunda que o motivo de terem me procurado. Sintomas levam pessoas ao médico, mas o objetivo é tratar da causa. Todas aquelas brigas e acusações me eram tão familiares... A única diferença era que para eles eu via o problema e as soluções, e para mim e Clarice eu era apenas outro João.

– Eu não acho que esse filho seja uma boa ideia – foi João quem falou. – Se nascer, já vai nascer rejeitado, não tem terapia que conserte.

Ele se fazia de machão. Gostava de medir força, só para não mostrar o quanto era sentimental. Devia ser difícil interpretar esse papel, pois era uma performance para uma plateia exclusiva: Ana.

– Agora você entendeu o que eu estou querendo dizer – Ana concluiu.

Seu cansaço era tão impaciente, melancólico, que na sequência Ana enumerou uma série de motivos para não ser mãe. Cada um deles era como uma facada em João e, tal qual um animal ferido, ele atacou a mulher assim que ela terminou. Mentira, mentira! “Mentira” era a palavra de ordem. O que era mentira? Ela não quer ser mãe ou ela não quer mais? Infelizmente o amor não é uma via de mão dupla e, mesmo que um dia tenha sido, vai saber se uma obra ou se um engenheiro de tráfego não decidiu rearrumar a casa, mudando a mão por prazo indeterminado. Sempre achei inútil perguntar por que o amor termina. É egoísta, já que nós mesmos não somos eternos.

Fiquei na espera da calma. O que eu ia dizer necessitava de tolerância.

– Acredito que ter ou não outro filho não é o problema de vocês. O que eu percebo é que um não quer ouvir o outro.

A conclusão do meu raciocínio foi cortada por João. Aos berros, ele afirmava que tanto ele quanto a mulher não estavam ali para discutir a relação e que eu era um bosta de terapeuta por ficar insistindo nesse assunto. Eu já fui atacado por muitos pacientes, isso acontece, mas João estava à beira de me agredir fisicamente.

– Que merda! Não para de falar nisso! Eu não vou me divorciar da Ana! – Tal como o medo cristalizado em um cálculo renal, ele expôs o seu pavor e, por eliminação, a consciência do que estava acontecendo.

– Quando foi que vocês falaram de divórcio? – Ana me encarou, curiosa.

Eu não pude responder porque nesse instante ele me atacou com todas as forças, para que a sua agressão neutralizasse o assunto divórcio. Sem deixar Ana falar mais nada, ele mirou em mim como se eu fosse o alvo e disparou uma rajada de ofensas absurdas, me coagindo a fazer o que ele queria. Como eu estava tentando me controlar e não respondia, João se exasperou ainda mais. Os gritos ficavam mais altos à medida que a pressão aumentava progressivamente. Ele queria saber o que eu achava. Ele exigia que eu

dissesse o que eles tinham que fazer. Ele ordenava que fosse imediatamente. Ele me tirou do sério.

– Você quer mesmo saber o que eu acho? É isso que você quer? O que eu acho é que é melhor para essa criança não nascer! – devolvi o ataque.

A partir do momento em que alguém toma uma decisão parece que ela se torna realidade. O filminho com as cenas da clínica clandestina, do procedimento e do nada que se segue após o feto ter sido extirpado passou na mente dos dois.

João se levantou de repente, deixando a mão de Ana, que estava em seu colo, cair sobre o sofá como um fantoche sem dono. Ele parecia um guerreiro vencido, abatido diante das forças inimigas.

– Monstro – foi o que ele me disse antes de sair.

O olhar de Ana me atingiu, perguntando o que fazer, preocupada pela primeira vez com o marido. Sem esperar resposta, ela se levantou e saiu atrás dele. Para consolá-lo, mimá-lo ou apenas compensá-lo por ter sido um mau menino. Eu fiquei na mesma posição, como que impedido de respirar. Que merda de terapeuta eu sou! Como eu fui perder a paciência assim? Como deixei isso acontecer? De repente nem mais o meu consultório era imaculado. Eu mesmo havia fodido com tudo.



Lá estava eu de novo, diante da mesma casinha de dois andares, como se ela fosse feita de doce. Impressionante como a aparência nos engabela e condiciona a nossa percepção. A antiga sensação de aconchego me tomou assim que passei pelo portão. Desde o início eu era levado pela experiência alheia, admirava o saber de certas pessoas e queria estar com elas, sorvendo esse conhecimento.

Dora Aguiar foi o equivalente a uma pitonisa para mim, a ponte entre o reino mortal que eu era e o oráculo da mente humana. Só assisti suas aulas no final da faculdade; os melhores professores só ficam para aqueles que resistem aos períodos de mediocridade. Em sala de aula ela era impecável. Sem nenhuma soberba, desemaranhava a teia da terapia diante dos nossos

olhos embevecidos. Dos meus, quero dizer. Eu a havia colocado no pedestal. “Frígida” era seu apelido carinhoso. Intelectual certinho não trepa. Até parece. Mesmo pessoas brilhantes podem ser alvo de zombaria. Qualquer um pode ser alvo de maledicência, e com Dora não foi diferente. Talvez fosse a sua intransigência (“Dogmas são dogmas!”) e o lema “Paciente não é colega de boteco” que a faziam ser alvo de tanto falatório. Muito menos os alunos eram colegas de boteco. Saber alguma coisa da vida pessoal de Dora era mais difícil do que descobrir sobre a intimidade do presidente dos Estados Unidos. Reservada, tranquila, séria e infalível. Eu a adorava.

Embora não concordasse com algumas das suas convicções, eu sabia que cada terapeuta tem sua visão de mundo e a respeitava por ser tão fiel às suas. O resto da história é bastante óbvio: me formei e a segui. Ela foi minha terapeuta, supervisora, orientadora no mestrado... Era um prazer contar cada um dos meus casos e mostrar que o aluno progredira, se tornara um profissional que alcançava os pacientes e os ajudava efetivamente. Percebendo o meu desejo infantil de aprovação, ela repetia (no mesmo tom de voz que usava para qualquer comentário) que não existia plateia no consultório e a preocupação com um terceiro olhar não devia se sobrepor à preocupação com o paciente. Em suma, terapia não era Big Brother, mas mesmo assim eu me sentia sempre observado, um pensamento intrusivo que só se tornou prazeroso quando coloquei Dora, uma Dora imaginária, sentada ao fundo, atrás do paciente, me observando com o seu olhar contínuo e plácido. A cada consulta meu empenho era para que ela se orgulhasse de mim. Imagetivamente vê-la ali me agradava, e essa imagem ficou comigo muito tempo, até o dia em que me decepcionei com ela e perverti o mito da pitonisa infalível.

Como eu disse antes, queria muito ter tido uma vida acadêmica. Uma carta, um único pedaço de papel com dois parágrafos magros colocaram fim nisso. Era só uma indicação o que eu precisava, e eu tinha uma certeza plena de que Dora seria a minha maior defensora. Mas quando vi outro ocupar o cargo, descobri que sua carta era o que havia me afastado do que eu tanto queria.

Promissor, mas ainda despreparado para a função. Com mais experiência e desenvolvimento de suas próprias questões poderá vir a ser uma opção no futuro. Por ora o considero inapto para a função, eu li, pasmo, quando consegui colocar as mãos na carta. Isso aconteceu oito anos atrás. Nunca mais a procurei depois disso. Ela, sim, me procurou, simbolicamente, mas todas as vezes que seu fantasma surgia, sentado no fundo do meu consultório, eu o exorcizava como se fosse um demônio. Dali em diante também parei de fazer terapia ou supervisão, não dividiria mais a minha vida e meus pacientes com ninguém. Por que eu devia me curvar ao julgamento alheio? O que eles sabiam que eu não sabia? Eu me bastava.

Diante do resultado daquela semana – a declaração de Júlia e sua narração erótica esperando uma ereção da minha parte; o paciente atirador, insatisfeito com a minha prática, jogando dinheiro na minha cara como se eu fosse uma puta; Nina, a exigente, batendo o pé, “me avalie agora” –, o copo transbordou. Ter que explicar o porquê da necessidade de voltar, de manter o trabalho... Só três sessões! O que se faz em três sessões? E a minha total perda de controle com o casal... Eles foram os culpados pela minha recaída. Sóbrio por oito anos, eu estava prestes a encher a cara de novo.

Assim que João e Ana saíram, me apavorei. Mais de vinte anos de experiência e eu ainda não tinha aprendido a controlar minhas emoções. Só depois que desliguei o telefone é que percebi o quão patética e desesperada tinha sido a mensagem que deixei para Dora. Pena ou curiosidade, alguma coisa a fez retornar e marcar para o dia seguinte. Sem poder protelar mais, bati na porta.



O cabelo dela estava mais branco, mas ela parecia a mesma. Elegante, vestida com sobriedade e discrição. Gentilmente me fez entrar e indicou o sofá. Uma vez que você se senta do lado oposto e encara outra pessoa na função de liderança, a sua postura se modifica. Eu não pretendia deixar isso acontecer, mas, quando dei por mim, estava tal qual o paciente que eu fora anos atrás. Era odioso o sentimento de inferioridade que ela me causou.

– Como você está depois de tudo o que aconteceu? Deve ter sido muito penoso pra você – fui eu a começar a troca cordial de praxe.

– Você está se referindo ao Gabriel? – ela perguntou.

Assenti com um gesto de cabeça.

Ela baixou os olhos por um segundo, perturbada, mas logo se refez. Gabriel era marido de Dora. Um empresário sonhador e que gostava de viver a vida. Casaram-se tarde; os dois tinham mais de 40 e eram opostos, tão diferentes que a união era quase inacreditável. Eu mesmo me perguntava como uma mulher tão sóbria como Dora tinha se casado com um homem tão extrovertido e espontâneo como Gabriel. De repente era porque ele não entendia lufas de psicologia e não tinha a menor vontade de aprender – ou simplesmente foi amor. O caso é que, para Dora, existia Deus no céu e Gabriel na Terra. Ele seguramente gostava dela, só que numa porcentagem menor, o que era visível para todo mundo. Menos para ela.

– Eu não esperava que o Gabriel morresse antes de mim. Aliás, nosso trato era o oposto disso.

Era surpreendente ouvir algo pessoal de Dora. Quase me comovi e pensei: “Se era esse o trato, você não deveria tê-lo deixado beber como bebia.” Só pensei, não disse nada.

– Enfim, se você não está aqui por um assunto familiar, o que é que o fez me procurar depois de oito anos?

Assim que desliguei o telefone soube que ela iria preconceber mil motivos, assim como lembrar os meus anos de ausência a cada possibilidade.

Com essa pergunta, qualquer falsa intimidade acabou e a Dora-terapeuta assumiu o papel. Se ela queria brincar disso, eu ia fornecer o material. Será que achava que eu não sabia que ela estava aposentada, fora de forma, velha? Ela ia jogar a toalha. Num jorro, contei a minha semana, tudo o que tinha acontecido. Do atirador soberbo, do casal em crise, da menina obviamente sendo molestada por alguém... Falei das brigas com Clarice, de nosso distanciamento, das agressões verbais... E o que tinha ocupado a minha mente durante boa parte do tempo, eu soltei como um detalhe corriqueiro. Paciente com transferência tem de sobra, não era nada de mais.

– Ah, teve também uma paciente com transferência, aquela coisa de sempre. Acontece.

Ao contrário, Dora não acreditava que a transferência fosse algo comum que fizesse parte do processo. Para ela, uma vez que ocorresse a transferência, o paciente deveria ser encaminhado a outro terapeuta, como se isso resolvesse. Se o paciente idealiza dentro de um ambiente seguro com a figura neutra e solícita do psicólogo, o padrão vai se repetir até que seja tratado e entendido. De outro modo, o paciente vai ficar passando de mão em mão até desistir de se tratar.

Literalmente eu desabafei, descarreguei nela todas as mazelas e ela se mostrou confusa.

– Só um instante. Desculpe interrompê-lo, mas que atitude eu devo assumir? – Parem o mundo! Dora perguntando o que fazer? Enfim aquilo começou a ficar divertido. – Devo me portar como uma confidente? Essa visita é pessoal? Vamos bater papo ou devo analisar seus casos? Você quer retomar a terapia comigo? Não entendi.

– É claro que você não entendeu – foi uma resposta cínica, eu sei, mas a insolência com que ela me julgava imbecil não merecia outra coisa. – Ah, Dora, pelo amor de Deus. Você vê longe. Como é que não está entendendo o meu objetivo?

– São oito anos de ausência, Theo.

– Depois que você ferrou a minha vida, ainda queria que eu voltasse, que continuasse vindo aqui todas as semanas pedir a bênção? Relatar os meus casos implorando pela sua magnânima ajuda? *Ai, Dora, me diz: agora estou fazendo certo, eu melhorei, agora eu sou um terapeutazinho razoável?* Claro que não, Dora.

– Ferrei sua vida? Theo, se é isso o que você sente, talvez esse reencontro tenha sido um equívoco.

– Concordo! Finalmente você disse uma coisa que preste. Não existe possibilidade de diálogo entre nós – minhas palavras eram conclusivas.

No entanto, não saí do lugar. Ficamos um tempo em silêncio, embora eu ouvisse o barulho do cérebro de Dora trabalhando.

– Mas você pensou em mim e foi você quem me procurou. De repente você não quer realmente falar do que está acontecendo, mas quer ter a consciência limpa de ter tentando.

– Ah, Dora. Lá vem você com essa análise de autoajuda.

Ela odiava essa coisa de autoajuda. Ainda que eu tivesse premeditado, as ofensas não teriam saído tão boas. Mesmo assim ela manteve o olhar disponível para mim.

– Eu entendo seus motivos de ter se afastado, mas, como disse na época e repito agora, naquele momento você não estava preparado.

– Não! Eu era inapto! Eu tenho uma cópia da carta, acho que vou emoldurar para nunca mais ligar pra você.

Percebi o quanto meu discurso era desnecessário. Tinha ido até ali para ouvir uma palavra de conforto, um incentivo, e agora estava ressuscitando uma raiva antiga que só tornava o fato de ter procurado Dora ainda pior.

– Eu achei que você fosse aparecer ano passado, quando Gabriel se foi. Pelo menos no velório eu tinha esperanças de que você aparecesse.

– Você tem certeza disso? Não parece.

Ponto para mim, pensei. Mas logo Dora virou o placar.

– E essa moça?

– Que moça?

– Que desenvolveu a transferência. Quem é? É sua paciente há muito tempo?

– Ela é minha paciente há um ano.

– Desde quando você acha que isso vem acontecendo?

– Segundo ela desde o primeiro dia.

– Ah! Amor à primeira vista – ela falou, com aquele esboço de sorriso tão peculiar, ainda mais quando achava que estava no caminho certo.

– É. Disse que desde então eu me tornei o centro do mundo dela, que só pensa em mim, mas enfim... Eu vou lidar com isso. Eu preciso lidar com isso.

– Precisa ou quer? Theo, você sabe a minha opinião nesses casos. É preciso avaliar e cogitar se não é mais apropriado transferi-la.

– Se pra você os seus pacientes são descartáveis, pra mim eles não são.

– Mas você está no limite com eles. Se pudesse dispensava todos, porque todos são insuportáveis para você.

De fato, acho que não disse nada de positivo dos meus pacientes. Só reclamei e esbravejei. Era minha culpa ela ter observado tão bem. Eu havia deixado claro que não tinha mais paciência alguma e que se todos, todos eles, sumissem, seria a melhor coisa da vida. Embora fosse verdade, eu não queria dar esse gostinho a ela.

– Sabia que você não pode colocar palavras na boca do paciente? Isso é manipulação. Que feio, Dora. Os pacientes não são fantoches.

– Concordo. Eles são pessoas. Justamente por isso, porque nós lidamos com pessoas, precisamos ter muito cuidado com as nossas ações.

– Tá bom, Dora! Desisto! Não tem como conversar com você.

Eu devia estar muito fragilizado, completamente fora do eixo, ou nunca teria voltado a procurar Dora. Sem perder a pose, sem mexer um músculo do rosto, fora os essenciais, ela citou uma informação ridiculamente teórica de que terapeutas com questões na vida afetiva eram propensos a pacientes com transferência. Na cabeça pervertida dela, eu estava incentivando Júlia a gostar de mim. O ponto glorioso de Dora foi me perguntar quando eu tinha dormido com a paciente. Nossa! Ela achava mesmo que eu era um bosta de profissional. A meta de me acalmar e assumir que estava sem paciência nenhuma para ouvir os infortúnios alheios escorreu pelo ralo. Só 50 minutos para mim, para os meus dilemas, os mesmos que eu tinha colocado de lado mas que agora gritavam tão alto que estavam me ensurdecendo. Aquela mulher, que devia me conhecer melhor do que qualquer um, passara os últimos oito anos ensaiando a peça *Como infernizar Theo em uma sessão*, com um *gran finale*: a cena da comparação com o meu pai.

– Theo, com a sua trajetória e os comportamentos familiares que você vivenciou, é difícil não ficar influenciado. A figura paterna, mesmo que repudiada, é sempre um modelo.

– Eu não sou meu pai e ele não me deu exemplo algum. Ele caiu de amores por uma vagabunda.

– Paciente – ela interrompeu.

– Ok, paciente... E largou a família. Não vejo nada parecido com o que está acontecendo na minha vida agora – rebati, com ojeriza pelo gesto torpe de usar seu conhecimento sobre a minha vida para me rebaixar. – As pessoas vêm para a terapia para matar a mãe, e eu matei o meu pai. Por que você está desenterrando esse cadáver? Para quê, Dora? Para fortificar a sua tese absurda de que eu estou tendo um caso com uma paciente? Daqui a pouco você vai dizer que há um ano eu durmo com ela e estou minando o meu casamento para ficar livre e ser, de fato, o filho do meu pai. Só que, numa versão melhorada, eu, diferente dele, vou sair de vítima. Afinal, Clarice, de saco cheio de mim, vai arrumar um amante e me largar. Aí eu assumo esse amor inesperado e todo mundo vai até ficar feliz por mim.

– Você acha que Clarice tem um amante?

Eu não devia ter falado de Clarice, mas falei. Àquela altura também, sinceramente, o filtro já tinha ido para o espaço. E era fato: eu não sabia aonde Clarice ia, o que fazia, com quem, por que desligava o celular por horas, muito menos o motivo do asco que ela sentia de mim, até mesmo quando me fazia o favor da foda mensal. De qualquer maneira, eu não ia assumir para Dora as minhas desconfiças. Eu não tinha ido até ali para fazer terapia.

– Quer saber? Eu vou embora. Você não é mais a mesma.

– Não, não sou. Eu agora estou aposentada, viúva, diferente. Se você ainda quiser conversar, me procure. Eu estarei aqui.

– Você também, Dora. Se quiser me procurar e fazer terapia, você sabe onde é o meu consultório.

Não sei se o que me irritou foi o sorriso complacente ou a maneira como ela acertou na mosca as minhas suspeitas. Seja lá o que tenha sido, me impulsionou a sair sem olhar para trás. Não, Clarice não tinha me trocado por outro. Era só uma fase; eu podia lidar com aquilo.

DORA AGUIAR

Avaliação: Primeira sessão

Data: 05 de outubro de 2012

Paciente: Theo Cecatto - psicólogo e terapeuta. 56 anos

Theo foi meu paciente. Fez supervisão e terapia comigo. Havia oito anos que não retornava ao meu consultório. Ainda não consegui classificar o que veio fazer aqui - se supervisão ou terapia.

Ele me pareceu muito nervoso, agitado, ansioso e impaciente, no limite de uma explosão.

Avaliar possibilidade de burnout (ele se refugia na prática, aceitando até novos pacientes, embora já esteja com a agenda cheia).

Me parece ter problemas em casa, com a mulher e os filhos. Desconfia, mas não quer assumir que existe a possibilidade de a esposa ter um caso. Foge disso trabalhando.

Apresenta uma paciente com transferência erótica, mas acha normal. Assumiu ter ficado lisonjeado com a declaração da paciente. Acredito que ele já esteja envolvido, se não fisicamente - como ele fez questão de afirmar -, emocionalmente.

Paciente deve ser transferida para outro terapeuta.

O fechamento da consulta se deu com a conclusão dele de que não voltaria mais. Muita raiva. Veremos na próxima

sexta.

S E G U N D A S E M A N A . . .

“É logicamente impossível enganar o próximo como a si mesmo.”²

EDUARDO GIANNETTI

Não tinha sido a minha primeira crise. Volta e meia isso acontecia comigo, mas nos últimos anos tinha ficado mais frequente. Cada paciente sempre significava um mistério a ser desvendado; todos me surpreendiam e me ensinavam algo. Eles me moldaram, e ajudá-los me dava um prazer incomparável. O tédio chegou de repente. Se já estava se insinuando, foi de forma muito sorrateira. A sensação de déjà-vu cresceu como se eu não estivesse ciente de que, embora os problemas parecessem iguais, os seres humanos que os relatavam eram diferentes. Em alguns casos a solução e a sua causa eram tão absurdamente claras que eu precisava me segurar para não interromper o processo do paciente e mandar ele anotar o que devia fazer. Os casos de depressão, então... Eram campeões absolutos de bilheteria no meu consultório. Quase todo mundo tem, teve ou terá uma depressão, mas ninguém quer estar deprimido. Tinha paciente que preferia ser bipolar a ser rotulado como depressivo. Eu tinha vontade de sacudir todos eles e mandá-los parar de se autodestruir, de manter o círculo vicioso, de tomar os calmantes de outra pessoa, que, eu sabia muito bem, estavam escondidos no armário do banheiro. Saturado seria a palavra apropriada para me definir. Mesmo com esses momentos, sempre contornei minha impaciência e irritação, só que eu não estava mais conseguindo e não sabia por quê.

Ponderei sobre os anos que passaram. O que estava tão diferente assim? Rafael saiu de casa e foi morar na faculdade, Malu estava cada vez mais independente e Caio, bem, Caio ainda era uma criança. Quando eles eram

menores, o ritmo era frenético, com cada um querendo fazer uma coisa. Alimentar três filhos com idades e paladares diferentes era uma aventura. Levar para a escola, levar ao médico, comprar isso, comprar aquilo, festinha do amiguinho do futebol, do amiguinho da escola, do inglês. Por muito anos meus fins de semana eram um verdadeiro tour de force, e depois que inventaram essa merda de bufê infantil, então, virou um caos. Mas a vida acontecia sem precisar de preparação – até porque não tínhamos esse tempo. Eu ria naquela época. Tinha mais tempo e também mais pacientes – mais desculpas para não estar presente. Senti falta da desordem dos brinquedos espalhados, das risadas. Até das brigas de Rafael e Malu eu senti falta. Das noites em claro, porque enquanto um vomitava com febre, o outro queria ouvir uma história. O maldito tambor que Rafael carregava para todo lugar, fazendo um barulho infernal, nem parecia tão ruim diante do silêncio da casa.

Não eram nem dez horas da manhã e eu já estava sozinho. Em outros tempos isso seria o sábado perfeito, mas naquele dia, depois daquela semana, me senti abandonado. Nem um bilhete Clarice deixou. Constatei que nem me dar satisfações era mais importante para ela. E pensar que antes ela não fazia nada sem me dizer; ou melhor, fazia tudo para me agradar. Como Caio e Malu também não estavam em casa, senti um certo alívio. Se bem que seria muita cara de pau me cornear num fim de semana. Fins de semana são sagrados, é para a família, qualquer adúltero sabe disso. Opa! Eu já estava assumindo as insinuações de Dora, e isso não era uma opção viável. Clarice nunca me trairia. Mentalmente pronunciei o mantra “É só uma fase, vai passar”.

Com a desculpa de pensar em outra coisa, pensei em Júlia. Repassei mentalmente as sessões dela tentando achar indícios desse sentimento; devem ter existido, com certeza, só que escaparam do meu olhar. Porém, ela poderia estar mentindo e ter inventado aquilo na segunda mesmo. Mas para quê? Com que objetivo você se declararia para seu terapeuta sem acreditar no que diz? Existia a possibilidade de ela estar mesmo encantada comigo.

– Nossa! Se Clarice a visse, perceberia que eu não sou tão desprovido de atrativos como ela pensa – falei comigo mesmo, satisfeito no meu orgulho

masculino. – Ou isso é uma tentativa torta de terminar a terapia? – pensei, lembrando do comentário sobre André. Ele também era psicólogo e nós tínhamos as nossas regrinhas, como ela bem disse.

Era isto: Júlia devia saber que seria transferida para um colega. Queria se livrar de mim, assim como eu queria me livrar de todos os outros pacientes.

Às três da tarde desisti de esperar. Na adolescência eu adorava cozinhar – também, eu não tinha outra opção. Apesar de ser até divertido desvendar as receitas como se fossem questões de física, eu fechava todas as persianas da casa. Para quem era considerado estranho, ser visto com o avental da mãe batendo um bolo seria a morte social. Depois do advento “Clarice” eu nunca mais havia tocado em uma panela. O estrogonofe congelado foi a escolha, mas ao mastigar aquele chiclete, quente por fora e frio por dentro, perdi o apetite.

Impressionante como a programação de sábado é um lixo. Zapear em busca de algo decente se torna uma batalha interior. Você quer se convencer de que não paga um pacote premium à toa e no fim acaba no canal de esportes, mesmo sendo um homem atípico que não gosta de futebol. Depois de ouvir informações inúteis sobre as próximas rodadas do Brasileirão, apaguei no sofá. Onze da noite e nem um telefonema, nada. Desliguei o maldito rúgbi – desde quando brasileiro gosta de rúgbi? – e ponderei se eu deveria ligar. Não. Ela saiu com os meus filhos sem me avisar. Ela que se desse o trabalho de me comunicar em que buraco eles estavam. Ninguém tinha morrido, ou eu saberia. Isso era unicamente provocação. Desisti do banho e, do jeito que acordei, me meti embaixo das cobertas.

Às quatro e meia da tarde do domingo eles chegaram. Pelo olhar de censura da minha filha senti que deveria ter ligado. Merda! Será que aconteceu alguma coisa? Caio passou por mim como se eu nem estivesse ali, e aquilo não era bom. Os olhos de Clarice estavam vermelhos. Ela havia chorado, constatei, ainda mais irritado. Me isolaram, fugiram de mim e eu ainda teria que encarar a choradeira de Clarice.

– E aí? Onde foi que vocês se esconderam?

Minha pergunta sorridente não surtiu efeito. Ninguém riu.

– Eu levei as crianças para a casa da minha mãe. Era aniversário dela – Clarice falou com a boca torta de raiva.

Bem, ela não podia me culpar por esquecer o aniversário da sogra. Isso era pedir demais de qualquer homem.

– Feliz, Theo? Livre da gente um fim de semana inteiro. – E, com sua típica pausa dramática, deu o tiro de misericórdia: – Caio e Malu juravam que você ia ligar.



Aquilo estava entalado na minha garganta. Desde o dia anterior eu sabia que não devia ter me calado como um marginal flagrado, mas odiava discutir diante das crianças. Se os pais soubessem o mal que isso faz, nem levantariam a voz diante dos filhos. Ela preparou uma armadilha e eu caí. Foi uma situação tão inusitada que fiquei sem ação, o que me irritava, porque confirmava a teoria de que eu me acostumara a só reagir dentro do meu discurso, pelo menos no âmbito familiar. Se era guerra de silêncio o que ela queria, era isso que ela ia ter. Se não fosse pela maldita privada entupida, eu não teria falado com Clarice.

Meu consultório tem um banheiro, um lavabo privativo para os pacientes não entrarem na minha casa. Sempre verifico o estado dele antes de começar o dia. Naquela manhã não foi diferente, só que usei a privada e, quando dei descarga, a água subiu como um chafariz. Tive que fechar o registro antes que aquela água de fossa inundasse tudo. Passar um dia inteiro com o banheiro inutilizável era o fim.

– Clarice! Vem cá! – gritei.

Instantes depois ela apareceu na porta, embrulhada num roupão que mais parecia um pano de chão e que eu odiava.

– O que foi? Que gritaria é essa?

– Essa merda entupiu.

O olhar dela ao descobrir o motivo de tê-la chamado era de incredulidade, como se estivesse esperando um pedido de desculpas ou uma declaração de

amor. Provavelmente por isso ela nem respondeu, só cruzou os braços e me encarou.

– Você tem que chamar um bombeiro hidráulico! – decretei.

– Eu?

– É. Você. Eu tenho paciente agora, não posso fazer isso. Manda ele vir já.

– Pra hoje? Sei não... – Ela continuou parada.

– Vai, Clarice! Anda! – Eu a dispensei e ela não gostou nada daquilo.

Deixou bem claro que não era minha escrava e que eu não tinha o direito de falar com ela daquele jeito. Uma verdadeira cena. Tudo bem, desentupir um vaso não era lá muito romântico, eu sei, mas a reação agressiva também não fazia o menor sentido. Aliás, nenhuma das últimas reações de Clarice tinha um traço de lógica. O pior era o olhar de censura, como se eu soubesse de algo que não sabia e, apesar disso, preferisse ignorar o fato e ela indiretamente.

Júlia chegou minutos depois. Eu ainda não tinha me recomposto, mas só de vê-la me senti aliviado. Ela voltou para a terapia. Como se os dias anteriores tivessem sido ótimos, eu a cumprimentei como de costume. Era importante que ela percebesse que nada havia mudado e, apesar da confissão da semana anterior, nosso vínculo terapêutico permanecia intacto e íntegro. De forma bem similar, se portou como se absolutamente nada tivesse acontecido. Condizente com a sua conduta, Júlia iniciou a sessão relatando como tinha sido sua semana, as atividades rotineiras, o excesso de trabalho, e como Débora e Alexandre, amigos de André, eram acolhedores.

– Nunca te falei deles? Nossa! Tô com a cabeça nas nuvens mesmo. Viviam chamando a gente pra sair, ir em casa. André falava tanto que eu tinha que conhecer, mas eu achava que eles eram chatos e ficava evitando. Daí, ontem eu decidi fazer essa social – ela falou com um ar descansado, ainda que estivesse com o uniforme de hospital que eu considero medonho. – A Débora acabou de ter filho. Assim, tem uns seis meses. O bebê é a coisa mais linda. De boca fechada, claro. Quando chora dá vontade de sair correndo – ela riu com aquela esguelha de nojo em que se podiam ler as legendas “filho, nem pensar” e prosseguiu. – Teve uma hora que eu procurei o André, porque o Alexandre não parava de falar como era útil ter uma panela de

arroz, e eu já tava achando o papo cozinha demais pra minha cabeça. Você sabe que eu não frito um ovo, né? Então fui procurar o André. Impressionante como o quarto do bebê era o único cômodo arrumado da casa. A Débora, que segundo o André era a mais gata da faculdade, parecia um trapo. Na boa, ela devia pintar o cabelo e ir numa dermatologista, tem laser pra aquele tipo de mancha.

– Se ela está amamentando, não pode fazer nada disso – observei, certo de que, como médica, Júlia sabia disso melhor do que eu. Ou deveria saber.

– Claro, Theo, mas o menino já tem seis meses. Já dá para parar de amamentar. Ah! Mas isso é problema dela. Eu entrei no quarto e o André, que é o famoso sem-jeito-mandou-recado, estava segurando o bebê, ninando ele pra dormir como se fosse o pai do moleque. Quando viu que eu estava na porta, ele abriu um sorriso de bobo, me chamando, assim com a mão, para ver a carinha do bebê. Eu cheguei pertinho e, bem, dormindo ele parecia mesmo um anjo, mas a cara do André era de adoração. Com um braço ele segurava a criança e com o outro ele me abraçou. A gente parecia a versão moderna da sagrada família.

Ela parecia estar se divertindo muito em me contar que o namorado tinha talento para a paternidade, enquanto ela seria uma ótima patroa para todas as babás. Como quem fica cada vez mais confortável, Júlia tirou o casaco e soltou o cabelo, num gesto estudado e displicente. Se bem que o olhar de baixo para cima e a voz rouca, que me perturbavam tanto, estavam mais discretos naquele dia. Depois se ajeitou lentamente, como se qualquer movimento seu fosse inócuo, e me encarou com um sorriso pleno, típico de quem sabe muito bem o poder que exerce. Nesse instante, soltou um suspiro que terminou em outro sorriso, só que mais tímido, quase envergonhado.

– Eu aceitei – falou, soando como uma adolescente num primeiro encontro.

– Aceitou o quê?

– Casar. Eu vou me casar com o André.

Fiquei aturdido. Eu não podia digerir o que tinha ouvido. Era tão inesperado e inconsistente. Que linha de raciocínio essa mulher seguia, para se declarar para mim numa semana e casar com outro na seguinte? Depois

de respirar algumas vezes e me certificar de que a minha expressão não havia se alterado – coisa que só a prática nos dá, essa imobilidade facial diante dos maiores absurdos –, decidi que era hora de intervir e acabar com a brincadeira.

– Casamento é um passo muito sério.

– Eu sei, Theo. Já sou grandinha. O que foi? Não gostou da notícia?

– Não. Quer dizer, estou tentando entender a notícia. Na nossa última sessão isso nem era uma possibilidade. O que era iminente era um rompimento. Por que você mudou tanto de ideia?

A minha pergunta era genuína. Até como homem eu estava intrigado pelo volátil comportamento feminino. Se eu não entendesse aquilo, ia me tornar um ermitão ou um daqueles velhos lunáticos que acham que as mulheres não devem ser entendidas, e sim amadas, o que era uma saída piegas para o X gigantesco que eram os desejos velados delas. Sem uma resposta, eu estava fadado a ser esse pobre coitado que não conseguia desvendar nem a mulher com quem viveu durante quase uma vida, nem a outra que acabara de chegar.

– Eu aceitei porque você não me quis.

Enfim uma resposta – e mais otimista do que eu esperava. Do ponto de vista da terapia, claro, pelo menos existia alguma explicação, embora fosse sem cabimento dentro da nossa realidade – ela era minha paciente, eu era seu terapeuta, e qualquer relação íntima entre nós nunca aconteceria. Foi justamente isso o que eu quis deixar claro mais uma vez, só que Júlia simplesmente não acreditava em mim, em nada do que eu dizia, o que me preocupou e me fez sentir culpa, mesmo sabendo que não fizera nada para incentivá-la. Não conscientemente.

– Vai dizer que você nunca fantasiou a meu respeito? Olha, Theo, eu posso não ser a pessoa mais observadora do planeta, mas, como qualquer mulher, eu sei muito bem quando tem um cara a fim de mim. De repente você nunca achou que pudesse rolar, mas isso não significa que não sinta o mesmo que eu sinto.

– Júlia, isso pode ser uma fuga. Para não casar com o André, você acha que está apaixonada por mim.

– Acho? Sinceramente, Theo, eu tenho mais de 15 anos. Para de me tratar como uma pirralha.

– Desculpa, Júlia. Não quis te ofender. Mas você nunca demonstrou o desejo de se casar com o André.

– Mas eu vou casar com o André – ela me cortou e não devolveu a palavra.

– A não ser que você me faça mudar de ideia. Tá na sua mão.

Ela me desafiou e se encaminhou para o banheiro. Por um segundo fiquei no ar, mas a imagem da privada entupida e nojenta surgiu e eu levantei, indo atrás dela. Que vergonha se ela entrasse e se deparasse com aquilo. Ia achar que eu era um relaxado. Pedi desculpas e disse que ela não poderia usar o banheiro. Sem titubear, ela se dirigiu para a porta de ligação entre o consultório e a minha casa.

– Eu vou lá dentro, tudo bem?

Não, de forma alguma. Não estava nada bem. Imagina se eu ia deixar um paciente entrar em casa, esbarrar com os meus filhos, os objetos pessoais, a nossa intimidade. Clarice enlouqueceria. Não sei por que a boca comprimida de Clarice pipocou na minha mente juntamente com seu roupão desbotado e as olheiras. Embora ela até estivesse se arrumando mais no últimos tempos, não tinha mais 30 anos e estava em casa, no andar de baixo. Com certeza elas iriam se cruzar, e Clarice, com a fama de anfitriã solícita que levou anos para consolidar, iria oferecer um cafezinho. Quando eu me aproximasse, não perderia a chance de mostrar que dentro de casa quem manda é ela.

– Prefiro que os pacientes não entrem – balbuciei, ridículo.

– Você não quer a gente se veja. Eu e a sua mulher. Não é? – ela disse, recuando dois passos e me avaliando, com aquele seu olhar perscrutador.

Voltei para a segurança da minha poltrona, até porque assim ficaria de costas para ela. Afirmei que não era isso, de forma alguma. Eram apenas algumas regras que eu gostava de seguir. Júlia sabia que eu estava mentindo e que se ela fosse qualquer outro paciente já teria ido ao banheiro. Convencida justamente do oposto da verdade, ela sorriu e soltou uma bomba.

– Se você não quisesse dormir comigo tanto quanto eu quero dormir com você, não teria feito isso.

– Júlia, você está enganada.

– Não. Isso é tesão, Theo. Assume. – Aproximando-se perigosamente de mim, a ponto de eu sentir o calor do seu hálito, ela perguntou, imperativa: – Você me quer?

– Não – rebati sem pensar, mas feliz pelo meu controle.

Decepcionada, ela pegou o casaco, a bolsa e saiu batendo a porta, sem olhar para trás.



Acordei no dia seguinte com o sintoma dos apaixonados, de adormecer pensando no objeto de amor e acordar com o mesmo pensamento. Claro que no momento em questão a identificação do padrão juvenil não me ocorreu. Era como uma moléstia silenciosa que só somatiza o corpo quando a cura é inviável. Dizia para mim mesmo que a ininterrupção daquele pensamento era por questões puramente terapêuticas. Era meu dever estar ali para Júlia, ainda mais diante de sua resistência e das fantasias sobre a reciprocidade de seu sentimento. Num caso de transferência, não se pode castrar o paciente; deve-se apoiá-lo e, sem censura, fazê-lo entender que a terapia é um lugar seguro, que o terapeuta sabe como manejar e compreender o que se passa. Nossa última sessão não tinha sido das melhores. Eu não havia sido o melhor. Deveria ter administrado a situação de outra forma, não agindo como um idiota e deixando ela pensar que eu também estava interessado. Qualquer atitude minha seria suspeita. O jeito era esperar a próxima segunda – e ainda faltavam seis dias.

Para minha surpresa, o atirador de elite pedante voltou. E sorridente. Tudo indicava que sua excursão ao local do crime tinha sido um sucesso. Ileso e sem um arranhão, ele retornou para o aconchego de sua casa e ainda pediu uma pizza. O discurso continuava o mesmo: zero culpa. Ele entrou e saiu sem sentir nada, e essa lacuna era seu único desapontamento. Segundo seu raciocínio, diante de todas aquelas pessoas, no meio daquele evento, com os

parentes do garoto morto, Breno esperava se comover, e a falta dessa sensação – que parecia ser desconhecida para ele – o frustrou.

– Foi o treinamento. O sistema é foda, deu um jeito em mim mesmo.

– Como assim?

– Ah! O condicionamento que a gente recebe é pra não sentir, é pra agir – ele dissociava o sentimento da ação, colocava o sentir num patamar abstrato, como se chorar não fosse também um ato físico.

No caso de Breno, ele fora treinado para não exteriorizar o que se passava dentro dele, o que era bem diferente de ser incapaz de sentir. Se eu contasse que aquele privilégio não era exclusivo dele, estaria arriscando a minha pele, afinal, em se tratando de Breno tudo era único. Mas essa insensibilidade diante da dor alheia e suas precariedades proliferava mais a cada dia e transformava seus portadores em seres também insensíveis a si mesmos.

– Sabe, Breno, isso que você considera “sentir nada” é um sentimento. De repente não era o que você estava esperando, mas isso não significa que nada tenha acontecido dentro de você. Possivelmente aconteceu, e até mais do que você imagina, do contrário você não teria ficado tão decepcionado consigo mesmo.

– Não viaja! Eu, decepcionado comigo? De jeito nenhum. E se eu acho que não senti nada é porque eu não senti. Agora o nada virou sentimento? Nada é nada.

Pacientes assim me parecem bombas prontas para explodir, cheios de sentimentos evitados, que vão fermentando até que um dia a couraça não detém a erupção e bum! Quando me preparava para tentar aprofundar esse assunto – até porque no caso dele me parecia essencial trazer à tona esse distanciamento ilusório –, Breno me cortou, como se todo o acontecimento fosse irrelevante, posto e morto. Sua volta ao consultório se devia a outra questão, como se existisse uma agenda a ser seguida e a cada sessão ele fosse arrumar uma parte de sua vida.

Naquele dia ele queria falar da mulher. Ele era casado e pai de um filho. A mulher, como eu já esperava, era a melhor, a mais instruída, a mais bem-vestida, a mais bonita, a mais capaz. Ele estava casado com a Mulher Maravilha. Casar com uma super-heroína fazia dele mesmo um super-herói

e, fora um pequeno ponto fraco, essas incríveis criaturas não possuem falhas. Só que justamente após a visita à escola e a falsa impressão de que era imune a emoções, ele voltou para casa e descobriu que a mulher não era assim tão perfeita. Embora ele não enxergasse nenhuma ligação entre a visita e a constatação, era interessante que percebesse a imperfeição nela mas não assumisse a sua própria. O relato começava com ele observando a mulher dormir. Ele nunca havia feito isso em mais de dez anos de casamento e me perguntou se eu já fizera.

– Não, nunca fiz isso.

– Faz! Você vai ficar chocado! – ele falou, me dando a pista de que ficara chocado com o que vira.

Àquela altura eu me perguntava o que teria sido tão horrendo. A mulher perfeita rangia. Como alguém que tiritava de frio, em sono profundo Milena batia os dentes emitindo um grunhido e, repetindo as palavras dele, “era uma coisa do capeta”.

– Cara, essa mulher não fala, ela sussurra; Milena flutua, não anda, nem suar ela sua. O cocô dela é cheiroso. Chulé, cecê, mau hálito: ela não tem nada disso. Você tem que ver como ela é. Pode passar um terremoto que o cabelo dela não sai do lugar. Tudo é muito ali, certinho. Tem hora pra tudo. Até pra foder tem escala. Todo sábado, depois que o nosso filho vai dormir, é hora de foder, mas existe uma sequência para cada sábado: papai e mamãe no primeiro sábado do mês, de quatro no segundo, de ladinho no terceiro e por cima no último. Você tem que ver. Em mês de cinco semanas, ela fica puta. Isso acaba com a programação dela.

Chegava a ser engraçado o que ele dizia, mas também era triste ouvir que as pessoas podem se acostumar com tudo. Ainda mais se não fossem espontâneas. Ele prosseguiu:

– Foi aí que eu entendi a parada toda, Theo. A Milena é uma farsa. Que perfeita que nada! Ela é toda torta, se controla o tempo todo, mas dormindo não consegue; aí o monstrinho que tá lá dentro sai.

– Essa é a conclusão a que você chegou? – perguntei.

– É. Mas também me toquei que acabou. Meu casamento acabou. Vou me separar. Por isso eu tô aqui, pra ouvir a sua opinião.

Realmente Breno sempre conseguia se superar no quesito “surpreender o terapeuta”. Por mais que dissesse que era uma fase, que passaria, que todos os casamentos são assim, com altos e baixos, e que não devia se precipitar, ele estava irredutível. Como antes, estava de decisão tomada, e me contar era só uma maneira de procurar uma última confirmação. A vida era curta para se perder tempo com o que não funciona mais, ele dizia. A minha sugestão de terapia de casal foi descartada imediatamente: por que ficar discutindo e gastando dinheiro para concluir o inevitável? Se o casal vai para a terapia é porque a coisa já desandou... Ele não ia perder esse tempo.

Num ponto eu tinha que tirar o chapéu para Breno: ele era bom em tomar decisões, mesmo que não fossem as mais acertadas, e nisso eu o invejei um pouco.

Ele repetiu o gesto da contagem do dinheiro que tanto me irritava, só que dessa vez eu merecia, ele disse, satisfeito com o atendimento:

– Tá valendo o dindin, hein, doutor?

Depois riu e foi embora, mais leve do que entrou. Peguei o bolo de notas – é, ele gostava de dar bem trocado – e pensei: “Que merda. Ganhei um paciente.”



Naquela noite fiquei até muito tarde pensando nesses dois pacientes, Júlia e Breno. Por que, diante de todos os outros, eles sobressaíam? Naquela época eu tinha alguns casos muito complicados. Agenor, que aos 35 anos nunca tinha feito sexo e achava que era o precursor da nova humanidade, em que a procriação seria feita apenas em laboratório, numa versão menos picante de *Admirável mundo novo*. Clara, que perdera os três filhos num acidente e não conseguia se recuperar. Maurício, o autossabotador, que era brilhante mas deixava todo mundo fazê-lo de capacho... Além de Eduarda, que aos 6 anos era capaz de cometer atos crudelíssimos, desesperando os pais, que não entendiam o porquê. Isso sem considerar os outros. Cada paciente era tão rico de vivências que me intrigava a recorrência de meus pensamentos com relação a Júlia e Breno.

No caso dela eu travava uma luta interna: em um lado do campo de batalha, eu não queria perdê-la, mas, do outro, eu sabia que deveria ser assim. Já Breno me despertava uma identificação que parecia impossível, afinal eu o desprezava, mas o desprezo em si era indicativo do reflexo que eu via nele, um reflexo de alguém mais ativo e corajoso do que eu.

Talvez por isso eu tenha ido dormir extremamente tarde, para não dar a Clarice nenhuma chance de estar acordada. Era ridículo: eu ali, na penumbra, seguindo o conselho de um paciente. Mas foi o que fiz. Puxei um banquinho que ficava no banheiro e me sentei bem ao lado de Clarice. Deixei a luz do corredor acesa para ter alguma claridade, mas não o suficiente para acordá-la, e esperei. Dormindo, seu rosto parecia ainda mais como um traçado tosco. A boca permanecia travada, como se alguém tivesse colado um lábio no outro. Os olhos também eram dois riscos, comprimidos, e a testa exibia um profundo vinco vertical, que começava entre os olhos e ia afinando até desaparecer na raiz dos cabelos. Ela parecia uma máscara trágica, constatei, indiferente. De repente ela se mexeu bruscamente e abriu a boca, inspirando vigorosamente, como alguém que emerge depois de um longo mergulho. Ao buscar ar, seu rosto se abriu e ela lentamente abaixou as cobertas. A cabeça afundou no travesseiro, pendendo para o meu lado, e eu percebi um pequeno brilho no canto do olho, um brilho que rolou suave, úmido e caiu no travesseiro.

Levantei e apaguei a luz do corredor.



Evitei Clarice de manhã. Tinha medo que ela percebesse que eu violara a sua intimidade e descobrira que a raiva era tristeza. Com a chuva que caía naquele dia, era razoável que ela ficasse em casa. O céu de São Paulo era uma cúpula de cimento e por isso decidi, mesmo com os atrasos e faltas que sempre ocorrem em dias como aquele, não sair do consultório. Mesmo com a volta de Nina, a ginasta que se acidentou, e a minha necessidade da ajuda de Clarice, falei o mínimo possível com ela.

– O que quebrou desta vez? – ela resmungou assim que me viu entrar na sala.

– Nada – respondi, e ela levantou os olhos, desconfiada.

– Então, o que é que você quer? Eu não fiz comida. Vou almoçar fora.

– Com quem?

– Uma amiga. Você não conhece – ela jogou no ar, me fazendo respirar fundo. Eu conhecia todas as amigas dela.

– Eu preciso que você me ajude com uma paciente.

– Eu? – Ela devia estar curiosa, já que eu nunca lhe apresentava meus pacientes ou falava sobre eles. Pedir ajuda era algo inédito.

– Nina chegou encharcada da chuva e eu peguei umas roupas da Malu para ela trocar, mas ela está com os dois braços quebrados.

Pela primeira vez em muito tempo trocamos um olhar de concordância e cumplicidade e ela me seguiu até o consultório.

Enquanto Nina trocava de roupa com Clarice, refleti sobre sua chegada. Ela entrou no consultório ensopada e me preocupei imediatamente. No estado em que se encontrava, pegar uma pneumonia não seria uma boa ideia. Ofereci algumas roupas da Malu, e a maneira como ela pediu que a ajudasse me alertou.

– Não grila, não. Tá todo mundo me vendo pelada. Nem a calcinha eu coloco sozinha. Pode tirar a minha roupa, de boa.

Parecia um pedido, mas não era.

Nina não queria que eu a visse sem roupa e não devia gostar da exposição de sua nudez, mas outros poderiam estar se beneficiando da sua deficiência momentânea para violar essa intimidade. A torpeza do ser humano engloba a exploração dos mais fracos, isso não me espantava, mas a postura de Nina, de licenciosidade – no duplo sentido de obediência e indecência –, me deixou com a pulga atrás da orelha. Diante da fachada independente e firme, ela era uma menina que ainda queria confiar, acreditar que existiam pessoas dignas de sua confiança. Concluindo: alguém tinha abusado de sua boa-fé e isso não era recente, do contrário ela não consentiria. A menina havia me testado, assim como deve ter testado o pai, a mãe e o treinador. Eu teria que entrar em um assunto delicado... Ela me pediu isso; ela estava implorando

para que eu descobrisse a verdade e, mesmo antes de começar a sessão, já me dera duas pistas.

Além do pedido incomum, pouco antes de Nina chegar o telefone tinha tocado. Quando atendi ninguém respondeu, mas era uma chamada dela. Eu pude ouvir claramente que ela discutia com um homem da mesma forma que uma amante faria. Como se um encontro houvesse sido desmarcado porque tinha aparecido um evento familiar e ele não podia deixar a esposa sozinha. Era uma discussão inflamada e o homem não parava de se desculpar. Nina recusava as escusas agressivamente. Quando ela retornou do banheiro, sem Clarice e já com roupas secas, eu toquei no assunto.

– Não acredito que você ficou ouvindo! Você tem muita cara de pau! Devia ter desligado! – esbravejou ela, embora eu não acreditasse nem por um segundo naquela raiva. – Se eu tivesse mesmo fazendo terapia contigo, ia embora agora!

– Se você estivesse fazendo terapia comigo, eu perguntaria por que você me ligou de propósito. O que você quer que eu descubra?

– Chama a Clarice de volta. Eu preciso dela pra trocar de roupa – ela falou depois de pensar uns instantes. Vendo que eu não me mexi, ela prosseguiu: – A Clarice dá de dez em você, ela que devia ser terapeuta. Pelo menos ela fala na cara e não fica de joguinho.

A resposta dela me fez pensar que raios Clarice tinha dito para ela no banheiro.

– Ela bem que podia pintar no treino e mandar a real pra aquelas vadias.

– Mandar a real? Interessante. Por que você precisa de outra pessoa pra falar o que te incomoda? – indaguei.

Ela soltou um suspiro de impaciência, como se a pergunta fosse o cúmulo da boçalidade. Logo em seguida desandou a falar que as outras ginastas eram umas vagabundas que viviam se oferecendo para Leon, o treinador. Que o ambiente esportivo, diferentemente do que se prega, não tem nada de fraterno e que, quando ela sofreu o acidente, as colegas foram visitá-la como urubus em torno da carniça.

– Deve ter sido difícil saber que as colegas de equipe torcem pelo seu fracasso – comentei.

– Normal. Eu também faço a mesma coisa – ela respondeu.

A chuva, que já estava pesada, se tornou torrencial, fazendo os vidros do consultório tremerem com o vento e o aguaceiro. Volta e meia a sala se iluminava com um raio, para logo depois estremecer com um trovão. Nina parecia estar contando o tempo de intervalo entre um e outro. Ficou assim uns bons minutos, até que me contou: a discussão tinha sido entre ela e Leon. Ele a havia trazido. Dera carona por simples e mera coincidência. Aparentemente toda a equipe iria para um treinamento fora da cidade e, mesmo incapaz de participar, ele dissera a Nina que ela iria também, mas depois mudou de ideia. Na verdade, Helena, a mulher de Leon, mudara de ideia. Não apenas sobre a viagem, mas igualmente sobre o fato de Nina ser babá da filha deles. Isso só acontecera porque Helena estivera viajando, e, assim que ela voltou, os laços entre Leon e Nina tinham que ser cortados. Ainda que estivesse claro para mim a manipulação à qual Nina fora submetida, ela defendia o tal treinador – se alguém tinha culpa da discussão e de não ir ao treino, era ela. Até o fato de ser afastada da filha dele bruscamente era plausível. Não havia mais necessidade: a mãe voltara para casa, a família estava reunida e inclusive iam todos na tal viagem. Me parecia tão simples, tão suburbanamente cristalino... A dona do estabelecimento voltou e colocou ordem na casa. Nina tinha sido apenas uma estepe de mil e uma utilidades pro calhorda. Não estranhava ela querer acreditar que a culpa era dela e que tudo era muito normal – machucava menos.

– Você gostava de cuidar da Tati? – perguntei.

Ela me contou tudo o que fazia com a menina. Pelo relato, ela era uma segunda mãe e cuidava mais da garota do que o pai, a ponto de acudir as crises de asma da Tati em plena madrugada. E foi nesse ponto, sabendo que tinha falado demais, que Nina parou. Ela me olhou com raiva, como se eu tivesse arrancado um segredo perigosíssimo dela.

– Que merda que você tá fazendo? Que babaquice é essa? Eu já disse que eu não tô aqui pra fazer terapia! Terapia é coisa de maluco!

– Nina, você sabe que isso que acabou de dizer não é verdade. Nós estávamos conversando e eu acho que não é de mim que você está com raiva agora.

– Nem começa com o papo furado. Conversando, nada. Você tava me enrolando, querendo fazer terapia comigo.

– E se estivesse? Qual é o problema? Por que esse medo todo de fazer terapia?

– Quem disse que eu tô com medo? Eu só quero a merda da avaliação. Você já fez?

Eu me senti a Sherazade, inventando um conto por noite para ganhar tempo. Estava claro que ela tinha medo, medo que eu descobrisse o que tinha acontecido, o que tinham feito a ela, mas ao mesmo tempo queria que isso acontecesse. Só que antes precisava se assegurar de que eu era de confiança, não como as colegas traíçoeras da equipe de ginástica. Tentei explicar isso com a maior calma possível, mas ela só queria saber da avaliação. Quanto mais tempo permanecesse ali, mais eu teria chances de desvendá-la. Para provar que eu não pretendia enganá-la, li um pedaço da avaliação que começara a fazer, e Nina se surpreendeu com os adjetivos. Ela não recebia elogios com a frequência que desejava. Da parte da mãe eram quase inexistentes, e esse foi um dos motivos para que ela não fizesse a sua versão da avaliação.

Segundo Nina, a mãe não tinha nada de bom para dizer sobre ela e acreditava em tudo o que o relatório dizia.

– Eu não quero voltar pra casa, mas não tenho nenhum outro lugar pra ir.

– E o seu pai?

– Não tô falando com o meu pai – respondeu ela, e eu registrei, é claro: o superpai, fotógrafo descolado, artista premiado e uma das poucas pessoas no universo que a defendia e a amava incondicionalmente estava riscado da lista.

A mãe, que era a bruxa má do Oeste e estava pagando cada sessão, ainda era uma alternativa, ruim, mas concreta. Esse pai devia ser uma grande decepção para ela. Não porque não dera dinheiro para a viagem com a equipe, deixando que ela ficasse à mercê dos favores de Leon. Não era isso, era algo que eu ainda tinha que descobrir. Enquanto falava dos motivos do pai, condenando-o ao mesmo tempo que o absolvía, eu compreendi algo do nosso primeiro encontro. Só que ainda não era a hora de trazer isso à tona.

O que tinha acontecido no começo da sessão era mais importante naquele momento, e eu não podia deixá-la ir embora achando que eu não havia entendido o recado.

– Nina, você entendeu por que chamei a Clarice? Te ajudar seria uma invasão à sua privacidade. Se abusaram da sua confiança no passado, isso não vai acontecer aqui. Este é um espaço seguro.

Como se aquilo fosse um encantamento, ela se desarmou e me contou o que lembrava do acidente – ou melhor, do pós-acidente. Do silêncio, da sensação de estar como num filme, em *slow motion*, e da total plenitude que era esse instante fora do tempo. Da curiosidade saciada ao entrar na ambulância e da triste constatação das fraturas. Quando Clarice entrou, Nina sorriu, e as duas ficaram bastante tempo no banheiro. Quando ela foi embora, espiei pela janela, e a casualidade da carona se repetiu – ou nem havia existido, e o treinador canalha estivera o tempo todo esperando-a lá fora.

Depois da saída de um paciente, geralmente descanso, faço um break, mas dessa vez temia esquecer a minha anotação mental. Então fui direto para a estante. Retirei todos os livros que estavam no topo e, no meio de todo aquele pó, lá estava o que eu procurava. Um livro negro, de fotografias, que eu ganhara de um paciente anos atrás. *Corpo e luz*, do fotógrafo Michel Vidal. O sobrenome não podia ser coincidência. Nu artístico não era o meu tipo de fotografia, e o trabalho todo tinha um ar “ninfeta” que me desagradava – apesar de vez por outra eu citar o *Lolita*, de Nabokov, não por gosto pessoal, mas pelo conflito. Eu não entendia esse tipo de inclinação. Folheando as páginas pude me colocar no lugar de Nina, mas era só uma pista, mais um pedaço do quebra-cabeça que ela era. Pedir que eu trocasse sua roupa foi o seu jeito de dizer, assim como Angelo, “não desista de mim”.



Quando o último paciente foi embora, já eram oito da noite. Ter que colocar as coisas no lugar não me dava mais do que 15 minutos de isenção. Passando disso, Clarice batia na porta duas vezes, avisando que o jantar

estava pronto. Trinta minutos passaram e nenhuma batida. Nem aquele roçar de passos furtivos que ela nunca assumia como seus. Se eu enfartasse, com sorte seria encontrado no dia seguinte pelo primeiro paciente e, enquanto pensava no choque do pobre coitado ao se deparar comigo caído no chão, ouvi o burburinho e as risadas. Nunca pensei que seria proscrito na minha própria casa, enxotado do convívio daqueles que costumavam adorar a minha presença. Então, subitamente tomado pelo que me sobrava de brio, abri a porta e segui o som. Malu, Caio e Clarice estavam sentados à mesa e, pelo aspecto dos pratos, já tinham comido. Quando entrei, eles se calaram. O que era engraçado deixou de ser. Malu olhou para a mãe; Caio também.

– O que foi? Eu achei que o seu pai estivesse com um paciente – ela mentiu descaradamente.

– Uma sessão de última hora – também menti.

– Eu não vi ninguém sair – observou Malu, olhando para nós dois, e eu encarei Clarice, passando a batata quente para ela. Se a escolha é mentir, pelo menos minta direito.

– Eu vou pegar a sobremesa – foi a reação dela, escapando para a cozinha.

Diante do olhar dos meus filhos, também senti a necessidade de fugir dali e fui atrás de Clarice. Ela estava na cozinha, desenformando um pudim. Lembrei que Clarice tinha qualidades – e cozinhar era uma delas. Ela derramou o resto da calda sobre o pudim e chupou as pontas dos dedos sujos de caramelo. Vê-la despreocupada estava tão longe de mim... Eu não podia alcançá-la. Quando se virou e me viu encostado na geladeira, quase derrubou o pudim no chão.

– Cruzes, Theo! Parece um fantasma.

– Desculpe.

– Você quer jantar? É só esquentar.

– Eu não estou com fome – falei, sentando à mesa.

– Você tá abatido. Não quer nem um pedaço de pudim? – e, antes que eu respondesse, me serviu uma grossa fatia. Quando ela soltou o prato na mesa, eu segurei sua mão. Era tão pequena.

– O que é isso, Theo? – não respondi e continuei segurando a mão dela.

Seria tão mais simples se eu pudesse conversar com ela. Só que eu não sabia o que dizer. Ela apertou a minha mão com força, numa tentativa de me fazer falar. Senti um nó na garganta. Ela sempre me recriminou tanto por falar demais, pelo meu ar professoral, que o silêncio acabou sendo o assunto.

– Fala, por favor.

Como Clarice era antiquada, sempre esperando o homem tomar a iniciativa. Embora a meiguice da voz dela e a brandura do pedido tivessem me deixado mais calmo, eu estava confuso. Será que ela ainda me amava, ainda esperava alguma coisa de mim? Nossa convivência tinha se tornado tão hostil que essa possibilidade era um passado remoto. Quis falar qualquer coisa que interrompesse aquele constrangimento e acabei falando exatamente o que não devia.

– Por que você e a Nina demoraram tanto no banheiro? – perguntei. Clarice arrancou sua mão com violência e, no instante seguinte, já estávamos de volta à realidade.

– É só isso que você quer saber?

– Não precisa responder.

– Eu não tenho problema nenhum em responder. Você é que não sabe perguntar!

Lá estava ela, de novo com ódio de mim. Eu era um imbecil mesmo. A pergunta deveria ter sido outra: “Qual o nome do amiguinho que foi almoçar com você?” Era isso que ela tinha que responder, mas acusá-la de infidelidade era o equivalente a expor as minhas inseguranças. Se não tivessem fundamento, ela poderia ficar ou vaidosa ou com mais raiva ainda de mim. Por fim, murmurei:

– Desculpe, Clarice. Deixa pra lá – e encerrei o assunto me levantando.

– Ela só me abraçou – falou, e eu parei. – Só isso. Me abraçou e ficou um tempão assim. Não precisa ser psicólogo pra ver que essa menina está morrendo por um pouco de atenção.

– Um abraço? – Nina tinha mesmo gostado de Clarice.

– É, Theo. Um abraço. Só um abraço. – Ela estendeu discretamente os braços, como se fosse isso que eu deveria fazer, abraçá-la. Paralisei mais uma vez e ela revirou os olhos, pegou o pudim e foi para a sala.



Notável como um erro pode se transformar em acerto. Após o circo de horrores que tinha sido a última e, para mim, derradeira sessão de Ana e João, lá estavam eles, sentados diante de mim como um casal de pombinhos recém-casados. A probabilidade do fim, da morte do que conheciam e o que isso significaria de repente foi a deixa para a aparente trégua. Segundo os dois, não haviam discutido sobre o aborto ou qualquer outra coisa durante a semana que se passara. Ana faltou à consulta médica e decidiu pensar mais um pouco – se bem que estava com a intuição de que seria uma menina.

– Se for menina, é perfeito. Aí a gente vai ter um casal. – Até aquela sessão, eu nunca tinha visto João de bom humor, ele ficava bem mais simpático.

– O Dani também vai adorar uma irmã, e isso não vai atrapalhar a minha carreira em nada. Vai ser só uma pausa. – Ana também estava gentil. De verdade.

– Então, vocês estão decididos? – perguntei.

Ela ainda vacilava, mas estava propensa a ter o bebê.

– Esta é a nossa última sessão – João comunicou com prazer, embora Ana polidamente afirmasse que eles queriam a minha opinião antes.

Por mim, tudo aquilo era um alívio. Nenhuma revanche pela minha atitude, a possibilidade do bebê e, claro, a saída dos dois. E bem no meio do meu pensamento feliz, Ana viu o sangue. Ela estava sangrando tanto que sua calça e o meu sofá ficaram tintos. Os dois perderam a voz. João a levantou com cuidado e os dois saíram sem nenhuma palavra. Eu mesmo fiquei sem ação. Discute-se muito o assunto “aborto” no meu consultório, mas eu nunca havia presenciado nenhum.

A mancha de sangue era enorme. Cerca de meia hora depois, Ricardo chegaria, e ele era um paciente muito apegado ao ambiente, a regras e padrões. Se ele visse a mancha, nunca mais sentaria no meu sofá.

– Clarice! – gritei, condicionado a sempre gritar por ela. Gritei mais umas duas vezes e ela entrou no consultório, me flagrando de joelhos diante do sofá. Minha voz parecia a de uma criança que tivesse quebrado um brinquedo e exigia que a mãe o consertasse imediatamente. De um jeito

materno, ela me afastou, examinou a mancha e saiu. Voltou logo depois com um produto qualquer nas mãos e em instantes a mancha sumiu. Só ficou um borrão líquido.

Expliquei o que havia acontecido e ela se mostrou consternada por Ana. Começou a fazer perguntas sobre o casal e eu me esquivei, como de costume. Ela insistiu, querendo detalhes. Ver Clarice sentada ali, no sofá dos pacientes, querendo saber da vida deles me perturbava. Era um desrespeito seu desejo de estar em todos os lugares da minha vida. Casamento é uma junção, não uma fusão; não existe cara-metade. Ninguém é meia pessoa. Toda essa mística de “feitos um para o outro” era mais uma desculpa medíocre para justificar a bengala que é responsabilizar o outro pela sua felicidade. Inventei uma desculpa para sair de lá sem discutir, só que Clarice não conseguia mais não discutir.

– Eu não tenho nenhuma doença contagiosa, Theo. Pode ficar tranquilo, não vou passar nada pros seus pacientes.

– Clarice, eu só falei pra gente tomar um café, só isso.

– Tem café aqui.

– Pensei em fazer um fresquinho.

– Você não gosta de café. – Ela estava certa, eu não gostava de café e também não gostava dela ali.

Levantei e fui para a porta.

– Vamos? – pedi com gentileza. Mas ela cruzou os braços, impassível.

Mudei de assunto e falei de Dora – ainda não tinha contado sobre ela. Clarice ficou surpresa. Ela, melhor do que ninguém, sabia do meu ressentimento e de tudo o que acontecera.

– O que você foi fazer lá?

– Falar. Eu tinha que conversar com alguém.

– Claro. E eu sou ninguém. – Ela me olhou magoada.

– Para com o show, Clarice! Era uma conversa de terapeuta pra terapeuta.

– Eu não tinha mais saco pra justificar tudo.

– Nem aqui você tem paciência comigo – Clarice reclamou.

– Como assim aqui?

– Aqui. Isto aqui é o seu santuário, aqui você tem toda a paciência do mundo, toda a vitalidade. Sabia que você rejuvenesce uns dez anos quando passa daquela porta?

– Menos, Clarice. O deboche não combina com você – retruquei.

– Nada combina comigo, né, Theo? Mas também... Quem se importa? Você? Eu não significo nada pra você faz tempo. Os nossos filhos, então... O seu mundo se resume aos seus pacientes problemáticos que te veneram. Você já pensou que, se eles não fossem tão perturbados, nem olhariam pra sua cara? – Cada palavra de Clarice era cheia de cinismo, de acusações. Eu não aguentava mais ter que discutir com ela todos os dias.

– Não começa com a ladainha, Clarice. Pelo amor de Deus! Será que todo dia vai ser esse inferno?

– Ah! Conversar com a sua mulher é um inferno?

– Não. Mas a gente não conversa, briga. Me parece que essa é a forma que você escolheu para se comunicar comigo.

– *Me parece?* É sério que você vai falar comigo como se eu fosse um paciente seu? Eu sou sua mulher. Me respeite!

– Clarice, daqui a pouco o Ricardo vai chegar, tá quase na hora da sessão dele. Eu estou trabalhando! Será que você não vê?

– Impressionante. Olha você. Todo preocupado com o paciente. Eu e os seus filhos que se danem.

– Para de falar que eu não dou atenção pros nossos filhos. Eles sabem muito bem que podem contar comigo a qualquer momento!

– E quando foi a última vez que algum deles te procurou? – A pergunta dela era um tapa na cara, porque nada me veio à mente. Foi embaraçoso ouvi-la contar tudo que estava acontecendo na vida do Caio, da Malu e do Rafael, de quanto eles eram unidos e amigos, enquanto eu estava tratando dos meus pacientes.

– Eu não fazia ideia da situação. Prometo que vou resolver o mais rápido possível. É só uma fase, Clarice, eu posso lidar com isso. – Eu sei, a minha resposta parecia meio burocrática, mas o que ela queria que eu dissesse? Por que ela ainda estava sentada no meu sofá, com os braços cruzados e me olhando com desprezo? Sai! Vai embora!

– Eu tenho um amante – ela falou, sem ter ouvido meus pensamentos.
– Como?
– Um amante, Theo. Sabe o que é isso?
– Para de brincadeira, Clarice!
– Eu não estou brincando.
– Quem é o filho da puta? Fala!
– Você não conhece. – Pela resposta eu sabia que era a “amiga” do almoço, almoço porra nenhuma. – Ele é mais jovem que você. – Merda, merda e merda! Devia ser um moleque cheio de energia e tarado por coroas.

– Como é que isso aconteceu?

– Você devia saber.

– Há quanto tempo? Onde? Quantas vezes? Fala, Clarice!

– Um ano, num flat no Itaim, pelo menos uma vez por semana.

Enquanto eu suava para trepar com ela uma vez por mês, ela dava para um merda mais de uma vez por semana! Era inacreditável.

– O que ele fez com você?

– O que você não faz comigo. Tudo – ela respondeu, fazendo um filme pornô passar na minha cabeça: ela de quatro, gritando como uma cadela no cio, ao mesmo tempo que o garotão metia para valer.

E continuou:

– Geralmente é de tarde. Eu encontro ele e depois passo pra pegar o Caio na escola – ela tinha o descaramento de assumir que mal acabava de foder e ia à escola do nosso filho, como se fosse uma santa mulher de família, encher o meu Caio de beijos com aquela boca suja.

À medida que as imagens dela com outro homem borbulhavam na minha cabeça, eu explodi:

– Se você queria o divórcio, você conseguiu, Clarice! Tá livre de mim! Livre! – esbravejei.

Pronto. Foda-se o mundo! Acabou!

– Eu não quero me livrar de você. Meu Deus, Theo. Você não entendeu nada?

Graças ao destino, assim que ela acabou de falar, Ricardo bateu à porta. Ela me encarou como se ainda esperasse alguma coisa. Que situação

desesperadora.

– Se não é isso, o que é que você quer?

Àquela altura eu não sabia mesmo o que ela queria.

A resposta dela me deixou ainda mais perdido.

– Eu quero o que você quiser. Tá na sua mão.

Ricardo bateu outra vez e ela saiu silenciosamente. Passei as mãos pelo cabelo, tentei controlar minha respiração e o deixei entrar. Ricardo era um homem jovem, bem-apessoado, que não conseguia tomar decisões. Sentado diante dele, ouvindo-o falar da namorada, eu pensava que o amante poderia ter a mesma idade que ele. Forte, novo, viril. Tudo que naquele momento eu estava longe de ser.



– Você estava certa. A Clarice está me traindo – contei para Dora assim que entrei no consultório dela.

Eu também estava me traindo por estar ali de novo, mas com quem eu deveria falar? Com minha filha? Com o Rafael, que era o mais velho? Com os amigos? Nem pensar. Não podia expor a minha vida assim, e, por mais que existissem os laços da amizade, eu sabia que no fundo eles ficariam com pena de mim, o corno. Ao mesmo tempo que era constrangedor assumir que a macaca velha mais uma vez estava certa, era um conforto poder colocar aquilo para fora.

Dora estava surpresa. O vilão sempre fora eu. Me ver como vítima era novidade. Ainda que eu soubesse que o papel de mártir não era adequado a um terapeuta e que toda a questão era bem mais complexa do que o meu orgulho ferido, não retornei a Dora como um profissional. Naquele dia só o homem entrou naquela sala, um homem traído. Eu queria atenção, queria o olhar benevolente, queria despertar o remorso em Dora. Ela me acusou injustamente, defendendo Clarice, insinuando que eu estava minando o meu casamento, mas a doce e inocente protegida dela é que era uma dissimulada.

Por sua expressão, eu tinha alcançado o meu objetivo. Ela parecia consternada – e constrangida, eu arriscaria – diante do meu relato. Eu

menti. As cenas pornográficas foram narradas somente no meu imaginário, mas ela não sabia disso. Então, transformando meus pensamentos em palavras de Clarice, detalhei, de forma masoquista, como minha nobre esposa me humilhara contando como trepava com o amante.

– Foi tão grotesco, Dora, ela explicando como ele a chupava, como demorava e como era bom dar pra ele sem parar. E falava com tanta vulgaridade, como uma puta. Eu nunca percebi esse lado dela. – E nem poderia. Aquilo tudo era uma invenção.

A verdade era que Clarice tinha estado estranha por muito tempo. Apresentara todos os sinais de ter um caso, tentou chamar a minha atenção, mesmo que de maneira torta, e eu não quis ver. Confrontar no âmbito pessoal não era a minha especialidade. De repente era por isso que, desde que Clarice me contara do amante, eu estava tomando calmantes. Logo eu, que acredito na terapia e não em medicamentos. E em menos de 10 minutos de sessão, peguei um comprimido e enfiei na boca ostensivamente. Dora estranhou o gesto, ainda mais quando eu disse o que era, e também estranhou essa minúcia toda. Não combinava com Clarice me falar aquilo, daquele jeito. Esta era a desvantagem: elas se conheciam. De qualquer forma, eu não ia voltar atrás e consertar nada. Que Dora pensasse em Clarice como a piranha que ela era. Eu poderia ter esperado tudo, menos traição. Clarice, que vivia para mim, para a nossa família, que sempre adorou ser o meu suporte, que fazia questão de zelar por mim... Como ela, logo ela, tinha me trocado por um cara qualquer? Eu não estava com ciúmes dela, mas da afeição dela, de não ser mais o foco exclusivo de toda aquela devoção.

– Você vai ter que falar com Clarice sobre isso.

– Mas eu falei. Disse que, se ela queria o divórcio, tinha conseguido. E sabe o que ela falou? Que não queria se divorciar de mim, só me cornear, isso, sim.

– Theo, ela disse que não quer se divorciar e...?

– E que o que ela queria estava na minha mão. “No final, você decide.” Que porra de resposta é essa? Então, se eu decidir que quero que ela tenha dois amantes, ela vai arranjar outro?

- Não acredito que seja isso o que ela quis dizer.
- E o que isso significa?
- Pode ser uma pergunta. Se você estiver disposto a lutar pela relação, ela também estará.
- Assumir infidelidade não me parece muito uma tentativa de ajeitar as coisas.
- Não?

Respirei fundo. Sabia muito bem o caminho que Dora estava pegando. Vivo do outro lado também, na poltrona, e não no sofá. Sei que alguns gestos são só para chamar atenção, para promover uma mudança. Mas Clarice não era minha paciente, era minha mulher.

- Esses últimos dias foram insuportáveis – mudei de assunto. – Não só pelo que está acontecendo em casa, mas a gente ouve cada coisa no consultório, não é, Dora? Esse papel de neutralidade e aceitação dá às pessoas o direito de falar os maiores disparates pra gente. Eu sei, não são nossas mazelas, mas isso fica em nós, isso contamina o nosso ânimo.

- O que mais aconteceu esta semana? – ela perguntou.
- O atirador metido a besta voltou. Ele me contou que descobriu que a mulher range os dentes enquanto dorme e por isso vai terminar o casamento.
- Não deve ser só por isso, Theo.
- Tá, tá, eu sei, mas ele decidiu descartar tudo em dois palitos. E a ginasta... Estou quase certo de que ela foi molestada. E, pra premiar a semana, aquele casal, aquele do marido que quase me bateu quando eu falei que era melhor não ter filho nenhum. Bem, eles voltaram pra contar que de repente teriam o bebê e a Ana começou a sangrar, na minha frente. Eles foram pro hospital, mas depois, quando liguei, fiquei sabendo que ela tinha abortado.
- Que situação horrível!
- Nem me fale. Aquele João é tão recalcado. Isso aí. É o que ele é: invejoso. Não alcança nada na vida e se incomoda com quem consegue. Se bobear, ele me processa.
- Seria perda de tempo.

– Não sei. Eu não sei de nada. Talvez eu mereça. Essa minha impaciência. Você estava certa. Eu quero me ver livre deles, de todos eles. Ontem eu estava tão preocupado em dispensar os dois, em sumir do mapa, que... – Dora me olhou fixamente, esperando o final. – Eu não sou metade do terapeuta que fui. Não consigo me focar. Pode ter sido esta semana, mas isso não pode continuar.

Era estranho falar a verdade para ela, mas ir até ali cheio de defesas era até ridículo da minha parte. Eu estava preocupado, a minha vida pessoal tinha desmoronado. Se eu perdesse o prumo no trabalho, o que me restaria?

– E o que aconteceu com a Judith? Com foi a sessão dela? – Dora perguntou.

– Eu não tenho paciente com esse nome.

– A moça com transferência.

– Ah! Júlia. Foi tranquila.

– Tranquila? Interessante. O momento sereno da sua semana foi justo ela.

– Nem começa, Dora. A Júlia ficou noiva, vai casar. Não tem mais dilema nenhum.

– Entendo.

Aquele tom de voz de Dora significava “Mente mais, e eu finjo que acredito”. Não resisti e contei o episódio do banheiro. O que ela faria no meu lugar? Deixaria o paciente entrar em casa ou não? Eu estava curioso em saber qual seria a atitude dela. Em vez de me responder, como se minha dúvida fosse irrelevante, ela perguntou o que eu senti na hora.

– Medo. Eu sabia que Clarice tava em casa.

– Medo de Clarice ver Júlia ou o contrário?

– Acho que os dois. Mas na hora foi mais de Júlia ver Clarice.

– Por quê?

– Porque se Clarice me tratasse mal diante da Júlia eu ia me sentir diminuído. E se ela começasse a discutir comigo? – respondi, sabendo que a minha explicação tinha outra parte, que ficava clara para mim naquele momento, mas que eu não poderia assumir. Eu tive medo de que, vendo Clarice, Júlia a considerasse uma adversária fraca e me atacasse de maneira que eu não tivesse forças para resistir.

– Ela contou o porquê da decisão de se casar?

Eu achei que tinha escapado do assunto “Júlia”, mas respondendo àquela pergunta eu sabia que estava condenado a ouvir todo o discurso de Dora. Eu poderia ter mentido, só que mesmo cansado e perdido eu valorizava muito aquele espaço, a terapia, para ser leviano. Foi assim que Dora ficou sabendo que Júlia decidira casar porque eu não queria nada com ela e que, depois de ter revelado isso, havia voltado a se declarar e a dizer que tinha absoluta certeza de que a atração era recíproca: assim como ela queria dormir comigo, eu também queria dormir com ela.

Minha cabeça latejava e, por mais que empurrasse meus pés contra o chão, as minhas pernas fibrilavam de maneira desconfortável. Peguei outro comprimido. O olhar de Dora era de censura. O meu gesto era típico do paciente que quer dizer: “Olha pra mim! Não tá vendo como eu estou sofrendo?” Envergonhado, guardei o comprimido.

– Theo, todo o quadro que você me descreveu é muito delicado, e acredito que essa fadiga no trabalho seja um reflexo dessa turbulência na sua vida pessoal. Você está vivendo uma crise no seu casamento. As questões de Clarice já são pressão mais do que suficiente. Não é saudável se sobrecarregar, por isso você não pode lidar com as demandas das duas.

– Que duas? – perguntei.

– Clarice e Júlia. Olha, eu sei qual é a sua opinião sobre o assunto, mas me sinto no dever de repetir que pode ser necessário encaminhar Júlia para outro terapeuta, ou pelo menos cogitar a possibilidade.

– O terapeuta dela sou eu, e não você. Dispensio o seu comentário. Da minha paciente cuido eu.

Sinceramente, eu não ia regredir a ponto de voltar a seguir todos os conselhos de Dora. E nesse assunto ela não tinha moral alguma para querer bancar a sabida. Se ela conhecia o meu passado, eu também conhecia o dela. Anos atrás eu indiquei um paciente para Dora, Jorge, um grande amigo meu. Ele se apaixonou por ela e eu tenho certeza de que ela também se apaixonou por ele. Só que ela fugiu, largou todos os pacientes – inclusive Jorge – sem nem dizer adeus e ficou um ano fora. Jorge nunca se recuperou e depois morreu de câncer.

– Eu não vou fugir. Eu não sou você, entendeu? Eu não vou jogar um paciente fora, como se ele representasse um perigo, por causa de uma transferência. É dever do terapeuta trabalhar isso, lidar com a situação. Eu vou lidar com a Júlia.

Dora não disse nada. Eu também não. Ficamos assim um tempo. Até que, ponderando cada palavra, ela repetiu o conselho de transferir Júlia. Exausto, falei o que eu gostaria de ouvir de um paciente:

– Pode ser. Preciso pensar um pouco. Agora eu vou embora.

– A sessão não terminou e eu queria te fazer uma última pergunta. Seria importante se você fosse honesto, não comigo, mas com você mesmo. Em relação a Júlia, quais são seus sentimentos? – Aquela pergunta me tomou alguns instantes.

Tive que pensar, mas foi inútil. Eu não sabia definir. Então me desviei, assim, *en passant*. Afirmei novamente que não era o meu pai e que não toleraria insinuações como aquela. Júlia era só uma paciente.

DORA AGUIAR

Avaliação: Segunda sessão

Data: 12 de outubro de 2012

Paciente: Theo Cecatto - psicólogo e terapeuta. 56 anos

Apesar de ter afirmado que não voltaria, Theo veio para a sessão. Continua ansioso e muito nervoso. Pela maneira defensiva como revidou boa parte da sessão, está com medo. Sob calmantes.

A impaciência e o cansaço com os pacientes aumentaram. Se referiu ao atirador, à ginasta e ao casal.

Descobriu que a esposa tem um caso. Segundo ele, ela contou deliberadamente. Me parece que ela queria despertar ciúmes nele, provocá-lo, mas ele viu a situação como um pedido de divórcio. Acredito que esse seja seu desejo, mas ele não quer ser responsável pelo término.

A paciente com transferência erótica retornou. Está noiva. O noivado foi pra provocar Theo, porque ele não a quis. Me parece que essa Júlia e Clarice têm muito em comum. Querem atingir Theo com os mesmos métodos, por isso não sei ao certo se a angústia dele é por causa da esposa ou da paciente.

Repito: a paciente deve ser transferida para outro terapeuta. Theo não aceita a possibilidade.

Não me respondeu o que sente pela paciente Júlia.

T E R C E I R A S E M A N A . . .

“Quem já não se sacrificou alguma vez – pela própria reputação?”³

FRIEDRICH NIETZSCHE

Outra noite insone. Eu parecia um pirralho que tinha acabado de descobrir como um desenho era incrível e por isso queria vê-lo mil vezes. Já estava no meu quarto filme do James Bond, com o Sean Connery, claro – além dele só tolerava o Timothy Dalton. A versão atual, então... Ian Fleming, onde quer que esteja, deve estar bem puto com os músculos de mais e charme de menos em que transformaram a criação dele. Achei que ver o ícone masculino de gerações, que sabia lidar com as mulheres como ninguém, faria bem para a minha autoestima. Só um personagem de ficção podia ser como ele, isso devia me desobrigar de qualquer sentimento de culpa por não ser nem um milésimo tão corajoso e galante. No entanto, não fez efeito. Pelo contrário, fiquei me sentindo o completo anti-herói; além de não salvar o mundo, eu ainda afugentava todas as representantes do sexo oposto, mesmo as que se diziam apaixonadas por mim.

Desliguei a TV e fui para o meu consultório. Desde que Clarice contara de seu romance, se tornara impossível dormir com ela. De uma forma incontrolável, eu via o outro homem na cama, ali, no meio de nós. Se ela antes me acusava de indiferença, não podia acusar mais. Eu percebia cada gesto seu com desprezo, mas notava tudo. Algumas descobertas me deram mais nojo do que outras. A lingerie vulgar na gaveta dela me fez pensar em quanto eu tinha desembolsado por aquele pedaço de pano e se o filho da puta do amante tinha gostado. Adoraria dizer que tinha sido a confissão de Clarice que detonara a minha fuga, mas não seria justo afirmar isso sem

saber o que tinha detonado a dela. Por mais que a odiasse naquele momento – e eu odiava –, não podia me isentar da minha parcela de culpa. Existia a possibilidade de a traição ser uma resposta ao meu descaso. Como um adulto maduro, eu podia entender isso, mas não queria. Eu era a vítima. Por maior que tenha sido meu erro, o de Clarice ganhou batido.

Mesmo assim me sentia miserável e pensava que era o fim. Eu era um fracasso absoluto e, definitivamente, não sabia lidar com os meus problemas. Acabei generalizando de forma negativa, mas às vezes a autocomiseração é tão consoladora que, embora fizesse um esforço para compreender por que aquele sentimento me fazia pensar de forma tão catastrófica, minha conclusão era a mesma: eu tinha fracassado. Aconselhar, ajudar, entender o outro era uma zona de conforto tão grande... Eu não sabia estar do outro lado. Nessa posição eu era o meu pior paciente. Os comentários de Dora só corroboravam a minha incompetência. Até assumir o que eu sentia por Júlia era penoso.

Eu estava tão preocupado em ser o bom terapeuta que conseguia lidar com tudo, com o fato de que era muito mais do que lisonja e vaidade o que eu sentia ao ouvi-la dizer que queria transar comigo e que me adorava. Os anos de conveniência e rotina afetiva fizeram de mim não um homem assexuado, mas sim contido, acostumado com a mecanização do ato, com o voyeurismo invejoso do ímpeto juvenil e, o pior, convencido de que a paixão era passado. Se eu fosse um paciente meu, eu me diria: “Você é um deprimido funcional, Theo. Trabalha, tem família, acorda todo dia e segue sua rotina. Até comparece vez por outra em eventos sociais, mas o gosto pela vida se foi há tempos.” Estar perto de Júlia era uma promessa de retomar esse ânimo perdido, como se só ela – e nenhuma outra mulher – fosse o antídoto para a minha vida pasteurizada. Ao mesmo tempo sentia que se bebesse demais dessa droga poderia morrer, insuflado tão subitamente pela vida que eu não aguentaria. Quando ela se declarou, eu queria ter levantado do sofá, arrancado as roupas dela e comido Júlia de todas as maneiras possíveis. Eu fantasiava com isso, com aquele momento que deixei escapar. Como se repassá-lo em minha mente pudesse ressuscitar a oportunidade... Não existia um dia em que eu não a despisse mentalmente, e cada vez de uma

forma. Na minha fantasia, nós já éramos amantes muito íntimos; cada ponto, pressão, gesto e som eram conhecidos e decodificados entre nós dois.

Eu nunca assumiria isso para Dora. Tinha medo de falar em voz alta e, como num encantamento, trazer esse delírio para a realidade. De tudo o que eu tinha feito na vida, a terapia tinha sido o que sobrou – eu não podia perder isso. Se achava que estava sendo um mau terapeuta e Dora, Clarice e o mundo apostavam na minha derrota, eu ia provar que todos estavam errados. Testaria a minha crença com Júlia; ela seria a prova definitiva de que eu era um excelente terapeuta. Eu não iria transferi-la. Afinal, eu era um homem, não um animal irracional. Podia controlar os meus impulsos. Eu ia lidar com ela.



Naquela noite fui dormir pleno de convicções, no comando do meu barco, com o controle da minha vida. “Eu posso, eu sou e eu faço!”, afirmei em voz alta, sentindo-me o próprio Anthony Robbins. Logo depois percebi quão ridículo eu era e me meti embaixo das cobertas, dando graças a Deus por ninguém ter visto aquela cena patética. Mesmo sob calmantes, acordei duas horas depois, com uma dor aguda nos testículos. Tive que entrar em casa para procurar um analgésico e, enquanto revirava as gavetas atrás de qualquer coisa que pudesse minimizar aquela dor, pensava na ironia da minha situação.

No tempo da faculdade, tive vários colegas que achavam que tudo era corpo, tudo era físico: emoções são físicas e o corpo diz tudo o que pode ser falado de alguém. Para eles essa coisa de traumas, infância, criação... nada disso se comparava com o estado do corpo no momento. Alguns eram tão paranoicos que tinham explicação até para uma espinha na testa. Toda e qualquer manifestação física era um sinal, era o corpo falando. Eu achava tudo uma enorme baboseira. Certo, existiam algumas teorias apresentáveis, mas isso de ler uma pessoa pelo corpo e pelas doenças que teve me parecia uma grande e imprecisa perda de tempo. Só que, diante de tudo o que estava à minha volta e dentro de mim, fisdadas no saco, logo ali, no centro da

masculinidade, me fizeram rever meus conceitos. Se estivesse me tratando com um desses colegas, o que será que ele diria? Minhas divagações acabaram no momento em que a dor se tornou quase insuportável. Chamar Clarice não era uma opção, até porque a vagabunda da mãe dos meus filhos, depois que me contou do casinho, decidiu que não me devia mais nenhum respeito e não estava em casa às quatro da manhã. Ir para uma emergência não era o meu sonho de consumo. Então me entupi de dipirona e, com um saco de gelo no meio das pernas, finalmente consegui dormir.



Em um ano de terapia, Júlia nunca atrasou, nunca. Atrasos sempre dizem alguma coisa. A não ser que tenha ocorrido uma tragédia natural, como um terremoto, tsunami ou furacão, quando o paciente quer, ele chega na hora. Se isso não acontece é porque a terapia deixou de ser prioridade ou se tornou incômoda; enfim, é o início do afastamento. Para quem passou o fim de semana inteiro sitiado naquela sala, lutando entre ceder e administrar bravamente a situação, andando de pernas abertas porque as bolas pareciam queimadas e o mínimo toque era lancinante, cada minuto me angustiava. Sem Júlia eu nunca poderia provar que era capaz. Esse foi meu pensamento racional. Meu corpo, por outro lado, experimentava, além da dor, uma espécie de vácuo na pontinha do esterno, bem no que chamam de plexo solar, o chakra da autoexpressão. Repito, nunca fui holístico ou algo do gênero, mas se o desequilíbrio desse ponto traz ansiedade, posse e inferioridade, eu também não podia desconsiderar essa linha. Aliás, naquele momento eu não estava em condições de desconsiderar nenhuma linha. Entre ligar ou não ligar – sendo que eu nunca ligo se um paciente não aparece, não no horário em que ele deveria estar ali –, ela chegou.

Estava esbaforida como se tivesse corrido quilômetros, repetia que precisava se acalmar e que eu não acreditaria no que tinha acontecido. Então contou a história de um cachorro que se acidentara ao atravessar a rua e que ela quis socorrer, mas o táxi onde estava não podia parar por causa do trânsito e, assim, ela veio angustiada com o sofrimento do animal. Tudo

muito bonito, mas não tinha nada a ver com o atraso. Ela tinha visto a cena da janela do carro, e toda a discussão com o taxista e sua pena do animal tinham acontecido no trajeto até a terapia. Mesmo que o cachorro tivesse morrido, ela não estava atrasada por causa dele. Júlia falava que era uma desculpa perfeita, ou seja, ela veio preparada para me dar uma desculpa, porque sabia que o atraso era proposital. Diante da culpa implicitamente assumida por ela, decidi explorar a raiva que ela sentia de mim e mostrar como o atraso era uma demonstração disso, de seu desejo de acabar com uma situação infrutífera. Mesmo na defensiva, ela teve que assumir que me abandonar era uma opção que havia surgido. Eu devia deixar para lá, mas acabei explicitando ainda mais a minha preocupação com o que tinha acontecido naquele dia e nos anteriores.

– Jura que você vai falar disso? Desencana, Theo. Tá tudo bem claro pra mim. Eu te amo, você não me ama. Eu quero dar pra você, você não quer me comer. Ok, entendi. Não vou forçar a barra – ela disse, como se aquilo fosse um papo trivial, coisa de comadres.

Imediatamente me irritei por ela estar desistindo assim, tão rápido, de mim.

– Júlia, eu sei que você tinha outras expectativas e na sessão passada eu afastei essas possibilidades.

– Matou, você quer dizer? Theo, você acabou comigo. Eu e a parede somos iguais pra você. Não é?

A pergunta era tão cínica que a minha vontade foi de voar para cima dela e mostrar a “parede”, mas me apavorei. Depois de um ano com um paciente você tem informações que não pode negligenciar. Todo o histórico de Júlia era complicado e um tanto similar ao meu. Assim como eu, ela perdera um dos pais na juventude e o outro caíra em um ostracismo absoluto. No caso dela, a mãe morreu e o pai se fechou para o mundo, deixando-a sozinha. Enquanto eu precisei lidar com a minha mãe depois que meu pai saiu de casa, ela fugiu e foi para a casa de uns amigos do pai, um casal que vivia em Paraty. Embora nunca tenha se aprofundado nisso, eu sabia que Júlia tinha projetado na figura de Beto, o amigo do pai, um salvador. Para minha decepção, isso poderia estar ocorrendo de novo, e em vez de ser o objeto de

desejo e amor dela, eu seria outra tábua de salvação para a vida que ela não queria mas estava acontecendo. Por mais que a desejasse, não tinha como descartar essa possibilidade, e, se minha teoria estivesse certa, lidar corretamente com Júlia seria o ápice da minha carreira. Milhões de hipóteses passavam pela minha mente. Eu estava confuso, cansado e com medo de errar. Talvez por isso tenha deixado o fantasma de Dora entrar na sala e sentar ao fundo, atrás de Júlia, influenciando-me com aquele olhar crítico a ponto de me impelir a dizer que deveríamos considerar o fim da nossa terapia e sua transferência para um colega.

– Como? Qual é o seu problema comigo, Theo? Eu venho aqui há um ano, nunca faltei a uma sessão, hoje foi a primeira vez que atrasei. Por isso, só porque pensei em não vir hoje mas vim, você quer passar a bola para um colega?

– Não, Júlia. Não é isso.

– Theo, eu já disse. Entendi. Você não tem obrigação nenhuma de gostar de mim como eu gosto de você. Não tô pedindo nada!

– Eu não estou falando disso.

– Está falando do quê? Sabe de uma coisa? Eu não devia ter vindo mesmo – ela respondeu antes de rebater todas as minhas colocações sobre o tédio e a carência dela.

De repente ela começou a falar do noivo:

– Você realmente desperta sentimentos em mim que eu nunca achei que poderia ter.

– Que sentimentos, Júlia?

– Agora mesmo me bateu uma vontade de ver o André. Queria que ele estivesse aqui. Queria estar com alguém que gosta de mim.

Se Júlia se ouvisse saberia que não podia se casar com André. Ela não gostava dele, e sim do que ele sentia por ela: amor, esse sentimento que tanto desejava e que era incapaz de sentir por si mesma. Ao mesmo tempo que queria o amor, quando acontecia com ela, o sentimento se tornava ridículo e, mesmo assim, ela o desejava. Para quem estava noiva – e logo de um homem como André, o apaixonado e dedicado André –, Júlia só conseguia ver a alegria do noivo com desdém, como se o sentimento dele fosse apenas

orgulho e ela, um troféu. Impressionante a capacidade que ela tinha de não aceitar que era merecedora de amor.

– É impressão minha ou você estava esperando um vacilo meu pra vir com esse papo furado de acabar com a minha terapia? – voltou ela ao assunto e eu tive que responder, mas não como homem, e sim como terapeuta.

– E você quer fazer terapia? É por isso que você tem vindo aqui há um ano? Pra se autoconhecer ou por mim? Se é por mim, então temos um problema e devemos pensar se não é mais prudente encaminhar você para outra pessoa.

– Quer confete? Quer que eu te diga que a terapia é uma desculpa pra manter contato com você?

– Não, Júlia. Eu só gostaria que você entendesse que eu não posso ser o motivo, *você* é o motivo. E você não quer fazer terapia. Você não me vê como um terapeuta, mas como um homem, um homem que te despreza, que não corresponde ao seu amor. E isso me desqualifica como seu terapeuta.

– Ah, tá bom! Agora você não tem capacidade de me atender? Fala sério, Theo. Pra mim isso significa outra coisa. Se eu fosse outro paciente, tava tudo bem, mas como sou eu, e você, mesmo negando, sente o mesmo por mim, você quer acabar com tudo. Acertei? – disse ela me encarando.

Já arrependido por ter tocado no assunto e sem conseguir encará-la, desviei o olhar para o meu pulso.

– Deu a nossa hora? – perguntou ela.

– Sim – respondi, aliviado por aquela sessão estar no fim e por ter uma semana para pensar em como consertar a merda que tinha acabado de fazer.

Foi aí que ela me pediu para ficar mais um tempo, para acabarmos aquela conversa, mas eu neguei, alegando que estava de saída e tinha um compromisso. E tinha mesmo, uma consulta, afinal aquela maldita dor não passava. É claro que não revelei isso a ela, se bem que sendo médica ela poderia me ajudar. Mas só de imaginar Júlia examinando meus testículos, eu soube que não seria apropriado. Querendo fugir do olhar carregado de censura que ela me dirigia por não ceder mais nenhum minuto, me levantei com a desculpa idiota de pegar um recibo, e, nesse momento, sem me dizer

uma palavra, ela se levantou e foi embora. A raiva dela deixou um rastro que tomou conta do consultório e eu me senti mal. Minha vontade era deitar no sofá e não levantar mais. Se não fosse a dor, juro que não teria saído de casa.



Durante toda a consulta com o urologista eu estive tenso, mesmo com o final feliz e o diagnóstico inesperado mas benigno. Eu queria sumir dali. Não era câncer, meu pau não ia apodrecer e cair, meu saco não ficaria flácido a ponto de chegar aos meus joelhos, mas a imagem de Júlia, como médica, me examinando e julgando o tamanho do meu pênis era um pensamento intrusivo e aterrador. Estava frio – que fique claro – e eu estava com dor. Se o meu amigo se retraiu uns centímetros, isso era mais do que aceitável. Tentei relaxar, Júlia não estava ali. Era só eu e o médico. E daí se ele achasse o meu pênis pequeno? Mesmo sabendo que era uma preocupação irracional, fiquei apreensivo quando ele me mandou abaixar as calças. Enquanto examinava meus testículos, ele não parecia impressionado, nem para mais nem para menos. Já eu queria morrer só de pensar que o contato mais íntimo que havia conseguido nos últimos tempos tinha sido com um coroa bigodudo de quase 70 anos. Por fim o doutor me disse que eu aparentava ter algo chamado orquialgia idiopática. Diante desse nome, imediatamente pensei em DST, apesar de minhas relações com Clarice terem sido esporádicas no último ano. O médico me tranquilizou. Não era uma doença venérea, a tal orquialgia era uma dor indefinida de cunho emocional. Ou seja, que conveniente somatizar logo ali! Além disso, era uma patologia muito comum em homens jovens que se masturbavam demais. Apesar de falar que não era o meu caso – algumas vezes por semana não podia ser considerado muito –, me senti um punheteiro de 15 anos. O pobre do médico ainda quis me aconselhar amigavelmente:

– Relaxe, Theo. Não ponha tanta pressão e expectativa no ato sexual.

Que ato sexual? Se eu continuasse daquele jeito, poderia pedir aposentadoria por invalidez.

– Ah! E diminua as masturbações – ele sugeriu de maneira condescendente.

Enfim, com minha masculinidade indo literalmente para o saco, voltei para casa com uma receita de anti-inflamatório, analgésico e gelo.



No dia seguinte eu estava dopado – em todos os sentidos – pela medicação, o que explica minha omissão ao ver Clarice chegar às cinco da manhã como uma adolescente voltando da balada e minha omissão número dois em não ligar para Júlia depois daquela sessão infeliz. Como um prêmio de consolação ao oposto, Breno chegou na hora e com um presente para mim.

Ele estava se sentindo em casa, comprando eletrodomésticos e já escolhendo o melhor lugar para colocar a aquisição. Uma máquina de café, coisa fina, cara, mas que ele comprou por uma pechincha. Além de não gostar de café, me senti desvalorizado pelo presente de liquidação e recusei. Ele ficou surpreso. Que falta de gentileza a minha... E desenrolou todo um debate sobre a bendita máquina de café. Ele negociou mesmo comigo. Se eu não quisesse como presente, ele me vendia a máquina; eu inclusive poderia descontar a dívida das sessões dele. Ele devia me ver como um idiota, para, além de comprar o que eu não queria, ainda pagar a prazo. Se bobeasse, ele me cobraria juros e mora.

– Experimenta, pelo menos. Seus pacientes vão adorar. Isso vai melhorar a relação de vocês. E tem vários sabores de café, do mais forte e encorpado ao mais suave. Um espetáculo.

– Entendo, Breno, mas numa situação como essa você poderia ter averiguado. Verificado se eu gostaria de ter uma máquina dessas no consultório. Devia ter feito isso antes de comprar.

– Desculpe. Quem quer faz, não pergunta antes.

– Mas você tem vindo aqui justamente para me perguntar o que fazer.

– Questões importantes, Theo! Pô, vai encrascar por causa disso? Como seu paciente, eu gosto de tomar um cafezinho decente aqui. Aceita, vai? – ele falou, como se me conhecesse há séculos.

Mas não foi a intimidade que me incomodou. Ele já se considerava um paciente. Nunca me arrependi tanto da minha teimosia. De todos os três casos que eu havia aceitado sem poder, só Nina realmente me preocupava. Breno e aquele casal neurótico podiam ir pras cucuias. Quando dei por mim, ele já tinha ligado a máquina e estava preparando um café.

– Te agradeço imensamente, Breno, mas, por favor, eu não quero. Então para a máquina. Não faz café nenhum. Por favor, guarda isso.

– Caramba, Theo! Como você é intransigente! Tá bom, eu desligo. Você é meu terapeuta, não vou discutir contigo, mas café pra mim é essencial. Ainda mais pra botar os podres pra fora. Como é que eu vou fazer isso tomando essa bosta de café que você faz?

“Você é meu terapeuta.” A frase ecoou na minha cabeça. Era a segunda vez que ele afirmava sua adesão à terapia. Agora era sentar na minha poltrona e tentar dar o melhor de mim.

– Seguinte: enquanto eu estiver por aqui, a máquina fica. Se eu for embora, eu levo. Que que você acha? – propôs.

Eu fiquei de pensar, mas para Breno aquilo tinha sido um sim. Novamente me vi quase tendo que desenhar para ele que ficar de pensar não significava aceitar, e que ele precisava esperar a minha decisão. Breno me olhou longamente, como se eu fosse um dos seus alvos. Era bem desconfortável estar na mira dele, seu olhar era ininterrupto. Breno não piscava. Nem parecia respirar. Era perturbador.

– Já sei por que você tá cheio de bronca. É por causa do outro paciente.

– Que outro paciente?

– O que eu conheci.

– Ah! Você conheceu outro paciente meu. Agora, antes da sua sessão?

– Não. Eu surtei ontem e vim no dia errado.

– Você veio aqui ontem? – perguntei.

Quando ele confirmou, gelei por dentro. Não, eu nem ia cogitar que ele tivesse conhecido logo Júlia. Se bem que isso não seria o fim do mundo, mas eu não queria dividi-la com mais ninguém. Na terapia, Júlia era só minha.

– Júlia. Foi ela que eu conheci – ele respondeu, abrindo um sorriso maroto.

Depois veio com uma conversa sobre ética, que achava que era errado ter conhecido outro paciente. Se ele descobrisse coisas sobre ela, coisas que eu não soubesse, e me contasse, seria uma situação constrangedora. Expliquei que eu não podia falar de nenhum outro paciente para ele, mas que ele podia me falar o que quisesse, sobre quem bem entendesse, inclusive Júlia. A deixa, claro, foi uma tentativa de matar a minha curiosidade em saber como tinha sido o tal encontro. Ele me olhou, na dúvida.

– Você pode até falar se está acontecendo alguma coisa entre vocês. Ou outra coisa qualquer, o que você quiser falar – agi como um terapeuta fuleiro, manipulando o paciente para meu próprio benefício.

– É que conhecer Júlia não foi bem uma coincidência – ele disse.

Para Breno, aquela situação inusitada se deveu ao fato de ambos serem meus pacientes. Aproveitando que ele me dava a terceira afirmação do dia, mudei o assunto, até porque, no fundo, eu sabia que, dependendo do que ouvisse, poderia me trair.

– É a terceira vez que você se refere a si como paciente. Muito bem. Nossa terapia finalmente é oficial.

Ele me olhou como se não tivesse entendido.

Prossegui expondo todas as teorias sobre a identificação dele com Júlia, os dois ali pelo mesmo motivo, a máquina e o que ela representava, seu desejo de estar à vontade no meu consultório; em suma, que ele queria fazer terapia. Depois de me dar outro daqueles olhares contínuos, Breno concordou comigo.

– Tá. É isso mesmo. Quando entrei aqui a primeira vez, eu não levei fé, mas tenho que reconhecer que isso aqui tá sendo útil. É sério. Você não sabe como me ajudou na última sessão.

– Como eu te ajudei?

– Ah! Me deu certeza. Eu saí daqui sem dúvida nenhuma.

– Dúvida do quê, Breno?

– Do meu casamento, Theo.

– Você conversou com a sua mulher?

– Não. Quer dizer, não foi bem uma conversa, foi mais um comunicado. Eu cheguei em casa e disse para a Milena que queria me separar, que o

casamento acabou – ele falou, com a maior naturalidade. Como se terminar um casamento fosse fácil.

– Qual foi a reação dela?

– Ela nem tchuns. Tava fazendo comida e continuou. Ainda me disse que sabia que isso ia acontecer. Bem, ela me conhece e não é estúpida. Viu antes.

– Não te magoa o fato de ela não ter reagido de forma diferente?

– Como assim diferente? Você diz ter feito um escândalo, chorado, se jogado no chão pedindo para eu ficar? Não, de jeito nenhum. Não é do feitio dela fazer essas coisas.

– Tudo bem, pode não ser do feitio dela, mas você não esperava nem que ela resistisse à ideia? Você está mesmo feliz com o resultado?

– Claro que eu tô feliz. Por que deveria estar diferente?

– Você poderia estar decepcionado. No fundo, seu gesto de colocar um ponto-final no casamento poderia significar outra coisa. Você poderia estar tentando chamar a atenção da Milena.

– Igual gente que pula a cerca e deixa a mulher descobrir pra ver se ela fica com ciúme?

– Parecido – respondi, pensando em Clarice, é claro. Comentar a vida alheia é muito mais fácil do que viver a nossa.

– Pode relaxar que eu sabia o que estava fazendo. A resposta da Milena foi o que eu esperava. Ela é muito senhora de si. Na boa, ela é incrível.

E, de repente, como num passe de mágica, toda a negatividade de Milena, o controle, a farsa que ela era evaporaram. Breno era só elogios. Como Milena era inteligente, como era capaz, brilhante, que mulher maravilhosa. De novo no topo do pódio, de novo a Mulher Maravilha que ele só conseguiu reconhecer plenamente quando agiu como Super-Homem e se separou dela. Sem ela, ele era mais ele, readquiria os seus poderes – e ela também. De uma forma indireta, a mensagem era clara: juntos se enfraqueciam e separados eram fortes.

“Será que se eu me separar de Clarice vou voltar a vê-la com outros olhos?”, me perguntei mentalmente, embora acreditasse que depois da traição eu nunca mais a veria como antes. O caminho seria não ponderar nada, e sim escapar o mais rápido possível da zona de conforto que era um casamento

depois de muitos anos? Por mais enfadonho, burocrático e frustrante que fosse, uma relação estabelecida poupa muitas ações que seriam imprescindíveis se você estivesse sozinho. Esse conforto de não precisar mais se esforçar, cultivar a própria personalidade e continuar em evolução pode ser um fator decisivo para muitos casais que preferem manter o matrimônio. Ouvindo Breno eu pensava se seria decisivo o suficiente para mim e se eu teria a mesma coragem que ele.

– Seu filho já sabe? – perguntei.

– Não, mas vou contar. Eu tenho certeza que o Vitor vai entender muito bem. Ele puxou a minha mãe e a Milena. É inteligente pra cacete. Não é porque é meu filho, mas o moleque é especial. – Breno falava do filho com admiração e respeito pelo seu jeito de ser. Um respeito que tinha sido conquistado.

Segundo Breno, ele quis muito mudar o filho, queria que ele fosse como os outros meninos que não viviam para estudar e gostavam de jogar bola. Mas, por fim, vendo que ele era mesmo introspectivo, estudioso e sensível, se convenceu de que o filho era feliz assim e que era isso o que importava.

– O problema não era o Vitor. Era eu. Eu é que não tava entendendo. Ainda bem que caiu a minha ficha. Senão imagina... Eu querendo que ele fosse o que não é. Isso pira qualquer um.

É lógico que quando os pacientes falam dos filhos eu acabo pensando nos meus. E foi a segunda vez durante a consulta que eu o invejei. Era fato: ele me incomodava. Se Caio fosse filho dele, provavelmente Breno o colocaria numa escola para superdotados e daria a maior força para ele entrar na faculdade aos 13 anos. Essa característica de aceitar as pessoas pelo que eram, ressaltar suas qualidades, era bem definida em Breno, como se isso fosse muito importante para ele, justamente porque não era a sua história. Esse respeito por todos que abraçavam a sua própria natureza me dizia que, apesar de toda a marra, ele não conseguia ser ele mesmo. Pelo menos até aquele momento. Assim como também não conseguia aceitar qualidades refinadas, como sensibilidade, pureza, genialidade e delicadeza. Se o filho possuía essas características, não era por causa de sua herança genética.

Mesmo sendo o melhor, não era suficiente para justificar um filho como Vitor.

– Theo, não adianta, você não vai me convencer. Tá na cara que o meu filho puxou o lado feminino da família – ele rebateu, convencido do que falava.

– Por quê? O lado masculino não tem essas qualidades?

– Não. Meu pai, por exemplo, o cara mais egoísta do mundo. Sempre se fazendo de vítima. Primeiro ele, segundo ele e terceiro ele. Traiu a minha mãe a torto e a direito. Ele nem disfarçava. Respeito zero. E a minha mãe era incrível. Linda, sensível, com um talento... Ela podia ter tocado nos maiores palcos do mundo, mas abandonou tudo para lavar as cuecas do Seu Antônio, e ele nunca agradeceu.

Era isto: ele preferia abandonar o barco a trair. A memória da mãe o impedia de agir como o pai. E quanto mais falava de quão humana era sua mãe, de como era virtuosa, mais eu me convencia de que ele devia ter muito dela sem perceber. Breno cristalizou tanto uma imagem equivocada de si mesmo que, quando tentei enveredar por esse caminho, ele me barrou.

– Milena, meu pai, meu isso, meu aquilo. Por que esse assunto? Quero falar de outra coisa. Quero saber da Júlia.

Com tantos assuntos, ele tinha que voltar àquele. Se por um lado eu estava curioso, por outro eu tinha medo de falar sobre ela. Tentei levar a conversa novamente para Milena, mas ele farejou a minha resistência e começou a me questionar. Queria saber se existia algum problema em falar da Júlia, se eu não queria, por que não queria, se tinha alguma coisa oculta, enfim, me recusar daria margem a muitas interpretações. Sem escolha, pedi que me contasse como a conheceria. Pelo relato, assim que ela saiu, encontrou com ele no portão com a caixa na mão. Júlia lhe avisou que eu tinha saído e, no meio da conversa, descobriram que aquele não era o horário e muito menos o dia dele. Ela aceitou uma carona e, no carro, contou a odisséia do cachorro. Por fim, a conversa se estendeu e pararam para tomar um café. Àquela altura eu já estava tentando dirigir toda a minha atenção para um ponto seguro e me manter ali, mas posso jurar que ouvi claramente ele dizer que foram para a casa dela, e todo o esquema de proteção ruiu.

– Eu não falei que a gente foi para a casa dela. Tá maluco? A gente parou num bar, eu, hein, Theo. Você tá estranho hoje. Tomou o remedinho? – Breno ainda debochou da minha cara e eu tive que manter a calma. Quando estava quase retomando o controle, o celular dele tocou.

– Você não vai acreditar, Theo! É a Júlia. Essa não morre tão cedo. – Ele segurou o riso e atendeu.

Foi um festival de “minha linda”, “querida”, uma melação nauseante e proposital. Júlia sabia que era o horário dele e mesmo assim ligou. Até perguntou como eu estava, e ele, achando tudo muito divertido, contou que eu estava na frente dele, ouvindo tudo. Não sei se a minha expressão séria foi o que o fez terminar a conversa ou se ela deu algum motivo para que ele se apressasse, mas assim que Breno desligou, me perguntou se ainda tínhamos tempo.

– Um pouco. Pode falar.

– Bem, agora eu sou um cara separado, mas tava fora do mercado há um tempão. Sabe como é, né, Theo? A gente fica meio fora de forma e eu não tô a fim de sair de uma roubada para entrar em outra.

– Do que você está falando, Breno?

– Do Papai Noel! Pô! Não tá me ouvindo? Quero saber se a Júlia é bacana. Sei lá. Ela também é sua paciente. Vai que é uma doida varrida. E aí? Posso mandar bala nela? – Ele estava ansioso para saber se era uma boa ideia comer a Júlia e perguntava isso para mim, logo para mim.

Meu controle ficou por um triz.

– Fala, Theo! E aí? Dá pra encarar?

– Eu não posso te responder isso.

– Depois de um ano ouvindo a mulher, você não pode me adiantar nada?

– Não, Breno. De jeito nenhum – respondi, no limite da minha paciência. – Nosso tempo acabou – falei, me levantando, louco para que ele fosse embora.

Desapontado pela minha falta de solidariedade masculina, Breno se dirigiu para a porta e, com o pé na rua, me deu uma dica: se eu oferecesse um café para Júlia, que caprichasse na espuma.



Outra noite sem dormir. Dessa vez a dor era em outro lugar e de natureza bem distinta da anterior. Minha mente não parava de criar imagens dos dois juntos. Eu não podia fechar os olhos, e lá estavam Júlia e Breno em plena ação, libidinosos e satisfeitos, agradecendo ao destino por terem o mesmo terapeuta, o cupido que os uniu. Acabei vendo mais uma leva de filmes e flagrei Clarice chegando novamente de madrugada, bêbada como um gambá. Ela não me viu. Eu estava voltando da cozinha quando ouvi o barulho de chave na porta. Me esgueirei pelo corredor como um criminoso em vez de confrontá-la. Já havia quase uma semana que ela tinha me contado tudo e eu, nada. Absolutamente nada. O que eu estava esperando? Não sei, mas simplesmente não conseguia olhar para a cara dela, estar no mesmo ambiente... Até pensar em Clarice era doloroso. “Tá na sua mão”: a última frase que ela me disse não me saía da cabeça. Então eu tinha que tomar uma atitude? Ela não precisava fazer nada, a pobrezinha? Era o cúmulo da dependência, tomar uma atitude drástica e depois colocar a responsabilidade do ato e do seu futuro nas mãos de outra pessoa. Ela decidiu ter um amante. Por mais que eu tenha dado todos os motivos, a decisão foi dela, e não minha. O que ela queria de mim?

Algo me dizia que aquelas noitadas eram uma fuga ou uma preparação para algo muito pior. Na dúvida, fechei com a segunda opção. Aquilo era um teste de nervos, sim. Clarice queria minar o meu controle para que, num momento de lucidez (pelo ponto de vista dela, que fique claro), eu implorasse para ela largar o amante e voltar a me amar. Dificilmente isso aconteceria e, se ela estava esperando o babaca – leia-se, eu – pedir paz, ela estava esperando à toa. O orgulho não é um pecado capital somente por convenção, e sim por ser um sentimento que consegue impedir toda e qualquer ação de apaziguamento.



Novamente me refugiei no consultório. Se eu tinha estado impaciente e desmazelado com meus pacientes, naquela quarta-feira eu não existia.

Minha sorte é que alguns chegam precisando tanto falar que basta ouvir para que isso pareça o suficiente. Me odiei muito naquele dia, porque odiava estar alheado dos pacientes. Eles não mereciam isso de mim, eu devia ser melhor por eles.

Quando Nina estava para chegar, eu sabia que precisaria estar 100% presente naquela sala. Era uma obrigação que eu devia cumprir. Só que a minha cabeça estava longe, distante, vagando entre Clarice trepando com o amante, que na minha mente era jovem e forte, e Júlia, num banheiro fétido de bar, trepando com Breno. Todos trepavam alegremente dentro da minha cabeça.

Por fim, Nina chegou. Quando abri a porta, ela estava com um desses colares ortopédicos, além dos dois braços quebrados. Sua cara não era das melhores e lógico que eu perguntei o que havia acontecido.

– Fui dormir bem e acordei torta. O médico falou pra eu usar uma semana. Já tô na merda mesmo, então uma semana parecendo a múmia não faz diferença – ela respondeu, como se realmente não fizesse diferença, mas era óbvio que fazia.

Meu medo era que na próxima semana ela aparecesse de cadeira de rodas. Me pareceu que ela queria se machucar a ponto de ficar imóvel – e assim ser incapaz de fazer coisa pior. Para uma jovem que respirava esporte, que dominava o corpo e seus movimentos, Nina estava se machucando em demasia, e não era um acaso. Cada lesão era um pedido: “Não me deixem ir longe demais.”

– Número três! Hoje é a nossa terceira sessão. Acabou, né? – ela falou e, antes que eu pudesse rebater, me empurrou a mochila e pediu que eu a abrisse. Depois me pediu que pegasse um embrulho que estava lá dentro.

– Pra você.

Assim que eu desembulhei, toda a minha abstração, meus pensamentos intrusivos, Clarice, Júlia, Breno, todos foram embora. O presente era um barco, um veleiro de madeira, delicado e muito bem-feito. Nunca tinha ganhado um barco antes. Embora os colecionadores e todos que entram no consultório percebam essa minha paixão, ninguém jamais me deu um barco, nem meus filhos, meus amigos, minha família. Era como se, mesmo

ostentando o desejo de ir para o mar, ninguém me levasse a sério. O gesto de Nina me tocou.

– Muito obrigado, Nina. É lindo – respondi, provocando nela um sorriso.

Ela parecia feliz e até tranquila, mas não era só isso: parecia que a doçura era um sinal de afeto e de pena por ser nosso último encontro.

– Por que que o paciente tem mais espaço? Um sofá todo para uma pessoa e essa poltroninha pra você. Não parece muito confortável.

– Mas é. E o sofá pode comportar mais pessoas.

– Você atende mais de uma pessoa por sessão?

– Às vezes, sim. Casais, terapia familiar...

– Você falou que é confortável, né? Quero experimentar. Posso? – indagou, apontando para onde eu estava sentando.

Me levantei e trocamos de lugar.

– É. Não é ruim, não. Só parece. – Nina se aconchegou na cadeira e logo depois ficou em uma posição que logo reconheci como minha. – Me fale mais, Theo. Sua semana foi corrida? Você me parece exausto – ela me imitou, engrossando a voz.

– Exausto é exagero, mas, sim, estou cansado – respondi. – Gostou de me ver como eu vejo você?

– E você gostou de me ver como eu vejo você? – ela respondeu, ainda me imitando.

– Sim.

– E como eu vejo você? – Essa talvez tenha sido a pergunta mais importante que Nina fizera até aquele momento.

– Como alguém que pode me ajudar se eu aceitar a terapia e for sincera – falei, como se fosse ela, e a pose à la Theo que ela mantinha até o momento desmontou.

A brincadeira “perdeu a graça” no bom sentido. Nina pediu para voltar ao seu lugar, de onde me veria como essa pessoa auxiliadora se fosse capaz de confiar em mim.

– Eu só vim aqui pra avaliação – ela repetiu pela enésima vez.

Logo depois ponderou que, com o pescoço daquele jeito, a perícia do seguro seria adiada, informando-me indiretamente que teríamos mais

tempo. Sutilmente indiquei que havia mencionado três *ou mais* sessões e que me parecia que ela estava com medo de não poder voltar ao consultório, o que para mim era um desejo de prosseguir e fazer terapia.

– Sobre esse lance de aceitar a terapia, fazer a bagaça... Como é que funciona se eu quiser?

– Se você quiser, funciona de acordo com você. Com o seu tempo, com o assunto que quiser falar.

– E a avaliação? Como é que fica?

– A questão não é a avaliação. É você.

Ela pensou uns instantes e pude perceber que o desenho da sereia desaparecera do gesso. Perguntei por que ela havia apagado o desenho e ela deu de ombros.

– Não importa. Agora... Se eu decidir que vamos fazer terapia, e aí? O que acontece?

– Bem, nós podemos começar com qualquer assunto que interesse a você. Pode ser sobre o Leon, por exemplo – respondi.

Fugindo de falar do treinador, ela me contou como comprou o barco, onde e quantos anos tinha na ocasião. Deixou escapar que os pais ainda eram casados, mas que logo depois se separaram e o pai foi embora para os Estados Unidos. Apesar de ter 9 anos na época, ela se lembrava bem do dia em que os pais haviam comunicado a separação e de como tinha sido – ou *não* tinha sido, afinal nenhum dos dois fora capaz de dizer com todas as letras o que estava acontecendo. O que me impressionava era o amortecimento com que ela narrava tudo aquilo, como se não tivesse acontecido com ela. Pelo que Nina disse, o pai, além de não conversar sobre o porquê da separação, nem como seria dali para a frente, fez as malas de noite e deitou no sofá. Essa imagem dele, na sala, apenas cochilando antes de partir, e de Nina, com seu cobertor colorido cobrindo as malas, numa tentativa infantil de impedi-lo, me invadiu.

Todo o meu discurso para Dora, de que adoraria me trancar no consultório e não receber mais ninguém, era mentira. Trancado ali eu ainda seria acessível pela casa, pela Clarice, pelos meus filhos. Trancar todos ali e sumir, isso, sim, estava mais de acordo com o meu desejo. Um desejo

covarde de sair à francesa para não lidar com o desgaste que uma separação, ainda mais com filhos, traz. Eu entendia Michel, o pai de Nina, mas ao mesmo tempo que me identificava com ele, o recriminava. Fugir era um ato tão abjeto e tão perdido. Deixar um problema sem resposta não resolvia o problema. No caso de Nina, o problema se tornou uma bola de neve que rolou sobre ela. A mãe entrou em depressão e o pai sumiu. A ausência dos dois a fez se defender e se revoltar, mas somente contra a mãe. Longe, o pai se tornou uma vítima e uma idealização.

– O Leon e a Helena eram vizinhos da gente, sabe? E com a minha mãe daquele jeito e o meu pai fora, eu ficava um tempão por lá – ela prosseguiu no mesmo tom casual.

Segundo Nina, os vizinhos se tornaram a família dela desde cedo, mesmo antes da separação, pois, a cada briga dos pais, ela corria para a casa de Leon e Helena. Eles eram muito carinhosos, levavam-na ao médico quando ela passava mal, cuidavam dela. Leon, inclusive, foi quem descobriu seu enorme potencial para a ginástica. Como eles se tornaram sua nova família, ela sempre cuidara de Tati e até se mudara com eles quando o treinador foi dirigir o tal centro de ginástica. Tudo era tão distanciado que nem parecia que a história era dela, mas a de alguém que ela tivesse conhecido em algum lugar.

No centro, Leon e Helena a convidaram para morar com eles. Deram-lhe um quarto só para ela. Tudo aparentemente muito nobre, mas eu não conseguia deixar de julgar – “Onde estavam os pais dessa menina que deixaram isso acontecer?”. Além de ter sido abandonada em vida, Nina se resignou a esse destino. Eu precisava apontar que nada daquilo era comum como ela relatava, muito menos “legal”. Ela deve ter sofrido imensamente e, sem opção, aceitara viver na família alheia como uma órfã agradecida.

– Se você vai ficar com essa coisa de peninha, pode parar! Eu não preciso de pena de ninguém, entendeu? – Rebateu Nina, furiosa com o meu comentário de quão difícil deve ter sido para ela lidar com tudo aquilo. – Eu não tô reclamando! Eu nunca reclamo de nada. Odeio essa gente que fica chorando o tempo todo.

– Como a sua mãe? – perguntei.

– É. Que nem ela. Por isso que meu pai foi embora. Não dá pra aturar o chororô da dona Isabel 24 horas por dia – falou.

Se Nina não demonstrou fragilidade para não afugentar o pai assim como a mãe fizera, onde ele estava? Por que ela não tinha ido morar com ele, em vez de com os vizinhos? Como sempre, ela se desculpou por ele. A culpa ou a responsabilidade nunca eram do pai. A mãe o tinha levado a abandonar a família, a nova esposa não havia deixado que ele ficasse com a filha por perto, o erro era sempre de um terceiro. Doeu vê-la defender o pai, dizendo que ele até queria que ela tivesse um quartinho na casa dele, mas que desistira.

– Não era só por causa do quarto, tá legal? A vaca da mulher dele me odiava e não queria que eu morasse lá, porque ela já tinha filhos e eu ia tirar o espaço deles. Eu não queria criar problemas pro meu pai e daí desisti. Fui eu quem não quis mais! – Ela praticamente gritou comigo e eu pensei: “Que filho da puta fica com uma mulher que não gosta da sua filha?”

Por mais que tentasse evitar essas arbitragens silenciosas, o relato me revoltava. De repente, a minha indignação com tudo o que estava acontecendo comigo se alimentou da dor de Nina e eu tive que me empenhar para não dizer o que pensava e, assim, queimar etapas preciosas do processo dela ou coisa pior. Mas se pudesse, teria dito que a desistência dela não foi de morar com o pai, mas de esperar que ele tomasse alguma atitude. Felizmente consegui me manter calado.

Diante do meu silêncio, Nina continuou advogando o pai, disse que ele havia brigado com a esposa por causa dela e até se separara da mulher. O que, claro, era culpa dela. Ela provocara a desarmonia entre o casal.

– Por que você acha que a culpa é sua?

– Porque é! Eu fiz eles se separarem. Eu estraguei o casamento do meu pai. E o casamento do Leon e da Helena também. Cara! Eu sou mesmo um azar! Se eu ficar aqui é bem capaz de você se separar da Clarice.

– Nina, me ouça, não faz sentido nenhum você assumir essa culpa – tentei explicar, mas ela estava convencida de que era uma destruidora de lares.

No caso do treinador e da esposa, sua versão era simples assim: Helena, que a conhecia desde pequena e a acolhera em sua casa, teve que viajar por

meses e confiou em Nina para cuidar da filha. Nesse período, Nina acabou dormindo com Leon, o marido de Helena. Tinha sido uma vez só e ela nem lembrava direito. Sem me encarar, contou lentamente que sempre dormia na cama dele, mas que nunca tinha acontecido nada. Até que, numa noite, ela estava dormindo, ele a despertou e aconteceu.

– Achei que ia ser diferente – ela comentou vagamente.

– Diferente como?

– Ah... Que ia ser emocionante. Todo mundo fala tanto.

– Falam o quê?

– Que é lindo, gostoso.

– E não foi?

– Não. Quer dizer, se foi eu não sei. Era como se a minha cabeça estivesse em outro lugar. Eu nem lembro direito – ela respondeu, ainda lentamente, como se revivesse a letargia. Por fim, me deu uma rápida olhada, para verificar se eu a julgava.

Como me mantive impassível apesar do turbilhão interior, ela prosseguiu. Contou que no dia seguinte ele havia brigado com ela em público e que ela lhe respondera à altura. À noite, na casa dele, o treinador a chamou para conversar e ela tentou fazer sexo com ele novamente, mas Leon não quis. Estava preocupado com a carreira de Nina, que essa relação poderia prejudicá-la e que, por isso, eles não podiam repetir o erro. Então, quando Helena voltou, pediu que ela se afastasse da filha, porque a menina tinha se afeiçoado muito a Nina e isso também não era bom. Nesse ponto Nina começou a chorar.

– O que você fez quando ela pediu que se afastasse? – perguntei.

– Você acredita que eu pedi desculpa pra ela?

– E por que você fez isso?

– Ela também me perguntou o porquê das desculpas, mas eu não consegui explicar, daí eu comecei a contar um monte de coisa da Tati, do que a gente tinha feito, e ela falou pra eu não continuar. – Nina parou engolindo um soluço. – Pra eu não continuar porque não era importante, eu não era importante pra Tati.

Pelo que pude entender, Helena havia deixado claro para Nina que a filha nem se lembraria dela, que Nina seria esquecida. Vendo aquela menina chorar na minha frente eu quase explodi.

“A verdade é outra”, tive vontade de falar. “Nina, o que aconteceu foi que uma mulher adulta confiou em uma menina de menos de 15 anos, carente e traumatizada pela separação dos pais, para cuidar da filha, enquanto ela ia fazer um curso fora. E o marido dessa indefesa mulher, o *magnânimo* Leon, manteve essa menina dentro de casa, sendo babá da filha dele e a seduzindo a ponto de fazê-la dormir com ele na mesma cama, mas como *amigos*. Enfim, quanto todos começaram a comentar sobre os dois, ele percebeu que a situação estava insustentável e que não alcançaria seu objetivo. Sendo assim, transou com a adolescente enquanto ela dormia, o que mais me parece um estupro do que uma transa. Quando um paciente diz para mim que não sentiu nada, que nem estava no lugar, eu entendo que essa pessoa fugiu para não ter que vivenciar uma experiência negativa, coisa muito comum quando o estupro é cometido por alguém próximo e querido. E a conversa de que não era bom para a carreira... Não era bom para a carreira dele, afinal, se descobrissem que o treinador andava comendo as mocinhas, não ia pegar bem. Então, quando a mulher dele voltou, ela percebeu o que aconteceu, dispensou a menina e ainda disse que ela seria facilmente esquecida. Essa jovem foi manipulada de tal forma que ainda saiu se achando culpada e pedindo desculpas. E essa jovem é você.”

Claro que eu não disse nada, só pensei. Era uma conclusão cruel demais para que ela suportasse e, no meu estado de ânimo, o melhor era me manter o mais neutro possível. Tudo que eu dissesse naquele dia poderia ser um erro. Resolvi parar de divagar e continuar a sessão.

– E depois disso. O que aconteceu?

– Depois eu me afastei geral, mas senti que tinha alguma coisa esquisita. Pela cara do Leon, ele não tava bem. Daí rolou um papo de que a Tati tava doente e por isso que ele não tava dormindo. Mas eu nem perguntava nada. Fiquei na minha. Só fui na festa de aniversário da Tati porque me chamaram.

– Quem chamou?

– A Helena e o Leon.

– E por que você foi?

– Porque eu tava com saudade da Tati.

– E como foi a festa?

– Foi horrível. A Tati ficou feliz de me ver, mas ela tava abatida, sabe? E todo mundo ficava falando “Olha quem tá aqui, a Nina!”, uma babaquice. Parecia que só estavam me aturando pra ver se a Tati melhorava. Me deu uma agonia e eu não queria mais ficar ali. Daí resolvi ir embora e a Helena viu e veio falar comigo, me levar na porta, essas coisas.

– E o que ela disse?

– Nada. Me deu uma bolsinha, dessas coloridas, de presente.

– E o que era o presente?

Nina me olhou e respondeu que o presente era um par de luvas. Contou do frio que sentia nas mãos e de como Helena deve ter pensado que era um presente útil. Embora sua boca resgatasse Helena de qualquer atitude mesquinha, seus olhos pesados e cheios d’água exibiam a mágoa por aquele reles e ordinário presente. Como ela não devia estar me contando aquilo apenas por contar, tive que perguntar se tudo aquilo acontecera na noite do acidente. Nina assentiu com a cabeça. Eu segui com as perguntas, o que Helena falara quando se despediram, o que havia acontecido quando ela saiu da casa, se alguém mais a vira sair, mas ela não se lembrava de nada. Entre a casa e ambulância existia um vácuo.

– E aí? Vai colocar na avaliação que eu tentei me matar? Depois de tudo que você ouviu, eu aposto que sim! – Nina mudou drasticamente o tom de voz, voltando para a atitude defensiva.

– Não, Nina, e acho que não é hora de falar disso.

– Mas eu quero falar! Não é para falar só do que eu quiser? Então eu quero saber como é que vai sair a sua avaliação depois de hoje. Pode falar!

– Nina, é precipitado falar do meu parecer agora – respondi, lembrando que, como ela mesma disse, a perícia seria postergada, não precisávamos ter pressa.

– Ah! Vai pro inferno! Tá tirando uma com a minha cara? Fala!

Diante do meu silêncio, Nina se levantou e foi ao banheiro. Assim que ela fechou a porta, curvei o corpo para a frente, cansado pelo esforço de me controlar diante dela. Peguei o barco que ela trouxera, um souvenir de quando ela tinha a própria família, e que agora era meu. Agora eu poderia ser uma nova família, eu e Clarice, até que algo desse errado e ela tivesse que buscar outros substitutos. Foi aí que ouvi um barulho vindo do banheiro e corri para lá. Quando abri a porta, tinha um vaso quebrado no chão. Ela me encarou já pedindo desculpas e voltou para o sofá. Parecia mais calma. No entanto, insistia em saber o que eu diria na avaliação. Recitei um parecer vago, mas que deixava claro que o acidente não fora intencional da parte dela. Nina não ficou satisfeita. Ela insistia em saber mais, porque o que ela queria saber não tinha nada a ver com a avaliação. Sem poder mais guardar o temor que eu sentia desde que a conhecera, e que havia aumentado quando ela entrou no consultório naquele dia, ponderei as palavras o máximo que pude e falei o que pensava.

– Você não quer saber da avaliação, não é, Nina? Você continua se sentindo como antes. Triste, sozinha. O vaso, você não quebrou ele por um descuido. Foi pra me mostrar que pode fazer coisas que pareçam com um acidente, mas que não são.

– Eu sabia! Você acha que eu sou uma suicida.

– Eu não acho. O que eu sinto é que você está com medo, medo de continuar com os acidentes até que um dia seja tarde demais.

Depois que eu me coloquei, ela parou definitivamente de olhar para mim. Mesmo diante de um terapeuta e podendo conversar com ele cara a cara, quando o assunto é difícil e a verdade aparece, muitos evitam o contato visual. Nina evitou o olhar várias vezes naquele dia e, ainda sem olhar para mim, se levantou e balbuciou um “Tenho que ir”. Eu a levei até a porta e, mesmo na despedida, seus olhos permaneceram grudados no chão.

Uma vez sozinho, não pensei duas vezes. Liguei para a mãe dela e deixei um recado. Nós precisávamos conversar antes que outro vaso se quebrasse.



A coisa estava pior do que eu imaginava. Meu disfarce de pai feliz e marido atencioso não durou uma semana. Principalmente pela falta de colaboração de Clarice, diga-se de passagem. Na verdade, como eu havia pensado, as saídas noturnas eram propositais. Clarice queria mostrar como seria a vida sem ela – em todos os sentidos. Quando Caio me acordou no sofá do consultório, a uma da manhã, eu quis morrer.

– Pai, posso dormir com você?

– Claro, filho. Mas o que foi? Teve um sonho ruim?

– Não, mas eu não gosto de dormir sozinho em casa.

Diante do rostinho sonolento do meu filho percebi que minha mulher não tinha chegado. Tive vontade de esganar Clarice e colocá-la porta afora com a roupa do corpo, mas demonstrar minha raiva ou mesmo agir conforme minha vontade seria uma escolha infeliz, não para mim, mas para meus filhos, sobretudo para Caio. Agarrado no meu colo, escolheu dormir no quarto dele, e não no meu e de Clarice. Me dirigi à porta com o cartaz “gênio trabalhando” e pensei no que aquele retrocesso significava. Dono de uma imaginação para lá de fértil, Caio via todo tipo de coisa nas sombras do quarto. Foram anos de trabalho para fazê-lo dormir sozinho – e agora tudo se perdera. Deitei ao seu lado e ele, com seu pijama de naves espaciais, se aconchegou ansioso a mim, dispensando o livro de Júlio Verne que fazia as vezes de urso de pelúcia. Senti seus dedinhos gorduchos se enroscarem nos meus cabelos, do mesmo jeito que fazia com Clarice. Depois de fazer uns três anéis, Caio soltou um suspiro e finalmente relaxou os longos cílios, caindo no sono. Eu não dormi.

De manhã, enquanto fazia café e dava desculpas aceitáveis por Clarice, não o deixei perceber como eu estava irado com a displicência dela. Até que me deparei com a minha própria, quando coloquei um prato de panquecas na frente de Caio e ele me disse que não comia panquecas.

– Mas você adora, rapaz – afirmei, dono da verdade. Aos 3 anos ele chorava por panquecas.

– Não gosto mais.

– Desde quando você não gosta de panquecas?

– Pô, pai! Há um tempão – respondeu, ofendido por eu não ter percebido que seu paladar mudara.

Ofereci um cereal, que ele aceitou, mas não quis com leite puro, e sim com leite achocolatado. Coisa que para mim também era novidade. Observei Caio comer e comecei a perguntar da escola. Ele me olhou desconfiado e não respondeu. Quando insisti, ele apenas disse que era fácil demais e continuou comendo o cereal encharcado de chocolate. Por sorte eu não tinha nenhum paciente muito cedo – aliás, só atendo antes das nove se for imprescindível. No começo da minha prática, eu chegava a atender às sete da manhã. Agora, depois de todos esses anos, eu me isentava de madrugar.

Dez minutos antes do primeiro paciente, Clarice ainda não estava lá. Só quando o segundo paciente saiu é que cogitei a possibilidade de ter acontecido alguma coisa. Entrei em casa chamando por ela, e nada. Decidi que era mais do que hora de descobrir o paradeiro da donzela. O som da chamada foi sobreposto pelo toque alto do celular. Só então percebi a bolsa de Clarice tocando no sofá. Fui até o quarto e lá estava a bela adormecida, dormindo profundamente.

– Acorda! – gritei, puxando o lençol e as pernas dela até que Clarice caísse no chão. – Tá cansada de me botar chifre? Precisa dormir de dia? Por quê? Vai sair hoje de novo, sua vagabunda?

Já de pé, Clarice me enfrentou:

– Vou sim, e daí?

– Você vai sair agora e para sempre! – eu disse, agarrando-a pelos cabelos e a jogando pela janela. Seu corpo se espatifou no jardim como um saco de batatas. Ajeitei o cabelo e voltei para o consultório.

Pelo menos na minha imaginação, extravasei o furor de liquidar Clarice.

Na vida real, fui para o quarto e lá estava a bela adormecida. Me aproximei, ridiculamente silencioso, e olhei para o rosto dela. Ao contrário da noite em que eu a havia observado, naquela manhã ela estava tão tranquila, jovem e feliz – como se estivesse tendo um sonho bom – que obviamente não era comigo. Aquele sono dos justos me assustou e eu voltei pé ante pé, cobrindo as minhas próprias pegadas, e fechei a porta sem fazer nenhum ruído.

Depois, com a mente esvaziada, voltei para o consultório e me sentei na minha poltrona. Esperar o tempo passar sentado demora muito.



Calculei que depois da última sessão o casal deixaria de vir, mas Ana apareceu no horário. Nem é preciso dizer que não gostei e perguntei logo por João. Ana não sabia do marido e queria conversar comigo sozinha. Tive que explicar novamente o nosso combinado. Terapia de casal só com o casal ou com o consentimento do outro, caso ele não pudesse vir.

– Mas ele não vai voltar. Jurou de pé junto que não entra mais aqui.

– E você contou pra ele que vinha – afirmei, torcendo para que ele soubesse.

– Eu? De jeito nenhum. O João acha que o mundo gira em torno dele e que tudo acontece por causa dele. Só que, como ele é masoquista, todas as desgraças é que são propositais. Eu e você somos inimigos dele.

– Por que você acha isso?

Acendendo um cigarro, intencionalmente, diante de mim, ela me respondeu:

– Porque todo mundo que pense diferente dele está contra ele. Ele tá morrendo de raiva de mim porque eu devia estar sofrendo muito por causa do bebê.

– E você não está?

– Nem um pouco – ela respondeu, ignorando uma chamada no celular. – Eu devia estar me sentindo mal? Porque eu não consigo ficar triste... Eu estou feliz! Tinha tempo que eu não me sentia tão bem assim. Não é monstruoso assumir isso depois do que aconteceu?

Respondi que não tinha nada de mais. Cada pessoa reage como tem que reagir. Essas convenções emocionais são castradoras e inúteis, porque sentir é involuntário, não se decide o que se sente. Ana se sentia bem, estava aliviada com o aborto – até porque era o que ela sempre quis que acontecesse. O que a incomodava era justamente esse bem-estar. Ela queria

que eu a ajudasse a se sentir culpada, mas isso era, basicamente, contra meus princípios.

– Eu não sou normal, pode falar. Só uma mulher insensível ficaria como eu estou – ela disse.

Condizente com o padrão de comportamento dela, quando eu discordei de seu julgamento ela começou a me alfinetar, procurando briga.

– Faz falta discutir com alguém? – perguntei, numa tentativa de expor que existia um círculo vicioso de confrontação na rotina dela.

Sem me responder, ela apagou o cigarro e logo depois seu celular tocou novamente. De seu jeitinho esnobe, ela olhou de soslaio para o visor e desligou. Era João de novo. Por que ele corria atrás dela? Porque Ana gostava. E ele gostava de viver seguindo Ana? Não. Então por que ele aturava isso? Porque era o joguinho deles. Eles tinham outros joguinhos? Sim. Quais eram? Adoravam ofensas recíprocas. O tempo todo? Não – existiam as folgas para trepar. Brigar e trepar, brigar e trepar. Sem essa montanha-russa, Ana e João não existiam.

– Ele deve achar que você está aqui.

– Não. – Ela riu. – Ele deve achar que eu estou dando pro meu chefe.

– E você está?

– Theo! Que indiscrição a sua. Mas tudo bem, eu respondo. Não. Porque eu não quero. O Veloso me acha uma mulher bem sedutora.

– Mas você é casada.

– E por causa disso estou morta? Vai dizer que você também não me acha charmosa? – A pergunta, seguida de uma cruzada de pernas fatal, era um convite. Outro homem poderia ter ficado constrangido diante da cara de pau dela, mas não era pra valer, fazia parte do joguinho de Ana e João.

– Agora você vai me usar para provocar o João? Eu não sou seu chefe e flertar comigo não vai dar em nada – observei. – É por isso que o João tem medo de te deixar sozinha.

– Medo? – Ela revirou os olhos, envaidecida.

Nada melhor do que o medo para manter alguém sob seu comando, conjecturei. Nisso ela percebeu que estava sentada quase no mesmo lugar da sessão anterior e, num impulso, examinou o sofá. Sem achar nenhum

vestígio da mancha, seu semblante mudou completamente. Ela estava certa de que ainda estaria lá, e não escondeu a decepção ao perceber que limpar o sangue tinha sido mais fácil do que ela imaginara. Falsamente divertida, fez questão de contar que imaginara uma cena doméstica entre mim e a minha esposa limpando o sofá. Sempre uma terceira pessoa. Ana precisava estar acompanhada sempre de dois, sempre uma tríade para complicar a dupla e deixar João eternamente na dúvida. Mulheres. Vai entender. Flertam, seduzem e até dormem com outros homens para manter aqueles que já estão com elas. Clarice e Ana faziam o par perfeito.

– Você me parece triste por não encontrar a mancha. – Decidi voltar ao que interessava.

– Estou arrasada. Era tudo o que eu queria na vida. – O deboche lhe caía bem, e Ana fazia uso do artifício regularmente.

O deboche pode ser uma forma de defesa muito eficaz, mas, naquele momento, não me convencia. Ela ficou perturbada por ver que podia ser facilmente varrida, esquecida. Claro que me ouvir dizer que ela tinha medo de não ser vista ou apreciada, medo de ser apagada como a mancha, provocou ainda mais deboche.

– Você tá azedo hoje. Mal-humorado – comentou, para logo depois arrematar friamente: – Theo, era só uma mancha.

– Ou era uma esperança?

– Esperança de quê?

– De ficar triste e arrasada como todos esperavam que você ficasse. No fundo, ver a mancha poderia ser a única chance de se comover com a sua perda. Uma autorização para a tristeza.

– Nossa! Quanta elucubração por causa de uma mancha.

– Uma mancha que pode representar muitas coisas. Sua dor, sua recusa a ter outro filho, sua revolta diante da insistência de João, das convenções.

Minha calma me surpreendeu de forma agradável. Paz finalmente. Eu estava presente na sessão, sem a enxurrada de julgamentos e de críticas que se apossaram de mim na sessão de Nina. Fiquei até feliz por ela ter vindo sozinha. No silêncio que se fez, ela pegou a caixa de lenços e enxugou as lágrimas. Tudo aconteceu sem uma pitada de drama, o que teria sido

improvável com a presença de João. Mas ele surgiu na janela no momento em que Ana ia me dizer alguma coisa. Ela se calou, encarando-o, incrédula. Até eu estava pasmo com o olhar de João. Se ele pudesse se ver, guardaria a expressão para o dia que tivesse a sorte de interpretar Otelo. A aparição fantasmagórica dele se afastou da janela e, pela sombra, vi que se encaminhava para a porta. Era o fim do meu sossego.

O tom de voz áspero e indignado negava em absoluto o que ele disse assim que se sentou no sofá:

– Por favor, não parem por minha causa. Façam de conta que eu nem estou ouvindo.

Cruzei as pernas e esperei pelo pingue-pongue verbal que aconteceu logo depois:

- Veio fazer o que aqui?
- E você?
- Eu precisava falar. Sozinha!
- Então, por que a gente começou essa merda de terapia de casal?
- Você tá me vigiando?
- Preciso?
- Você precisa é de um psiquiatra.
- Já tô no terapeuta. É um começo.
- Qual é a sua, João?
- Qual é a sua, Ana?
- Vai à merda!
- Vai você!
- Inferno! Você só veio aqui pra me azucrinar!
- Não. Eu vim porque terapia de casal é pra marido e mulher.
- Então vou ter que me divorciar de você para poder ter um pouco de privacidade?
- Ah! Você quer se divorciar de mim!
- Eu quero que você pare de me seguir.
- E eu quero que você pare de me sacanear!
- Eu? Te sacanear? Quando que eu te sacaneei?

– Hoje, agora. Vindo aqui sozinha. Sem você eu não falo nada pro Theo, eu respeito o nosso trato!

Quando eles pararam para respirar, pensei comigo: “Como eles conseguem viver assim?” Eu mesmo respondi: “A prática leva à perfeição.” E seguiram para o segundo round:

– Até parece que você entende alguma coisa de respeito.

– Nossa! Que bafo de cigarro!

– É! Tô fumando, sim. Vai controlar isso também?

– Se você quer se matar...

– Não aguento mais esse interrogatório!

– Tá com culpa no cartório?

– Babaca!

– Tá com culpa. Me conta o que você aprontou.

– Cala a boca, João!

Ele calou. Ela também.

Dava para ouvir o tique-taque do meu relógio, um puro momento pós-bomba, quando todos os sons se extinguem. Vitorioso, João se aboletou no sofá e me encarou, rindo. No jogo *Irritação máxima*, ele passou de fase.

– Beleza, Theo? E aí? Como é que vai a família?

– Tudo bem.

– Tava bom o papinho sem o babaca?

– De quem você está falando?

– Putz! Você acha que eu sou um babaca.

– Não acho.

– Qual era a fofoca? Tavam falando do quê? Não precisa responder. Eu sei essa. Tavam falando de nada. Porque o seu trabalho é o melhor do mundo. É só sentar aí e falar uma merda de vez em quando.

– Se é assim, você veio aqui para ouvir as minhas merdas?

Era uma delícia aquela serenidade. Nem a agressividade de João me atingia. Há muito tempo não me sentia em forma e ciente de que nada ali era pessoal – não para mim. Os disparos eram entre eles e prosseguiram mais uns minutos quando o assunto dinheiro entrou na mesa. É meu, é seu,

todo seu – aquela ladainha que eu já conhecia. Interrompê-los era um dever meu, do contrário não parariam.

– João, qual o problema de a Ana estar aqui sem você?

– O problema é esse. Como é que ela volta ao lugar onde perdeu o filho? – Era assim que ele via a terapia.

– Você tem medo de que ela perca outro?

– Quer saber, eu não estou aqui. Podem falar à vontade.

– Se você não vai participar, por que está aqui?

– Pela Ana.

O efeito da declaração foi uma sonora risada da parte dela. Pelo visto, eu não ia conseguir dizer nada naquela sessão. Eu era apenas um ouvinte da batalha. Já que ele veio para supervisionar o que era dito, Ana decidiu que, enquanto ele estivesse ali, não falaria mais nada. Para João, isso foi uma declaração de que Ana escondia segredos dele. Ir à terapia era o de menos, com certeza tinha coisa muito pior.

– E você ainda quer que eu te conte tudo? Pelo amor de Deus, João. Você desconfia até do ar que eu respiro.

– Não seria porque você deixa espaço pra isso? Quando você esconde coisas do João, você o deixa inseguro. Você faz ele ser assim.

Mal acabei de falar e João já me olhava com outros olhos. Além de ser verdade, era um comentário que o deixaria menos propenso a me atacar e tornaria o restante da sessão mais fácil. No fundo, ele conhecia Ana muito bem, bem o suficiente para perguntar se ela tinha flertado comigo. Ana respondeu por mim, negando – mas afirmando pela dubiedade das palavras. Ela adorava provocar esse homem, era um teste eterno do quanto ele a amava. Por trás da fachada blasé e superior, ela era muito mais insegura do que João e necessitava de afirmações de afeto, mesmo que distorcidas, o tempo todo.

– Que merda! Você deu mole pro terapeuta! Coisa mais ridícula. Tá a perigo, hein? – O deboche não era exclusividade dela.

– E se ela tiver me cantado? – comentei.

– Nenhuma novidade.

– Então a Ana tem o hábito de fazer isso?

- Bingo! – ele realmente comemorou.
- Com ciúme do Theo também? – Ana reagiu.
- Dele? Não. O problema não é ele, é você com essa sua mania. Essa mulher é um perigo.

Aparentemente, Ana era um perigo porque se descontrolava e seduzia outros homens ou encenava essa constante volúpia. João, mesmo tendo dito que era uma mania, se incomodava, temia que a ameaça se concretizasse. E assim ela conseguia o que queria: a prova do afeto.

- Totalmente descontrolada. É assim que você está – João acusou Ana.
- Ela sempre foi assim? – perguntei a João, percebendo que era muito desconfortável para ela ser excluída do triângulo.

De qualquer forma eu precisava só de mais um ponto para concluir o que vinha na minha cabeça. Ela não fora sempre assim. Estava assim. Enquanto o filho deles era pequeno, tudo bem; enquanto estava tentando engravidar, melhor ainda; mas quando isso acabou, acabou o controle de João sobre ela. Ter outro filho era o estratagema para mantê-la – e o plano falhou. A gravidez inesperada era um conforto que não tinha durado muito tempo. No lado oposto, não ter outro filho era readquirir a liberdade. Presumi que existisse amor entre eles, no entanto, muito amor também pode significar muita dor, ainda mais se surgir uma fagulha de incerteza.

Percebendo que o marido ia despejar os detalhes da sua tendência a conquistadora, entre outras qualidades controversas, Ana decidiu ir embora, o que detonou o terceiro round.

- Eu vou embora!
- Vai fugir?
- Vou! De você! Theo, eu vou te pagar logo.
- Por quê? Não vai voltar mais aqui?
- Para! Merda! Cadê a carteira?
- Vai saber onde você deixou.
- Theo, eu te pago depois.
- Aonde você vai?
- Não interessa!
- Você vai pra casa?

– Não!
– E o nosso filho?
– Ele tem pai!
– Mas você está sem a carteira.
– Tá preocupado por quê? Quer dinheiro?
– Ana! Volta aqui!
– Pra quê? Pra você ficar me difamando? *Essa mulher é um perigo!* Que merda é essa?

– Merda é você não estar nem aí pro filho que a gente perdeu!
– Não estou mesmo! Foi uma bênção não ter outro filho seu!

E isso foi o ápice da tragédia. Ana fugindo e João gritando a pleno pulmões que estava triste, que queria muito outro filho com ela. Sem ter nada a me dizer, ele puxou a carteira e me pagou, como um último ato de masculinidade. A terapia de casal tinha sido excepcional para destruir o casamento dele. Como um detonador de divórcios, eu era o melhor.

– Sabe, João, na sessão você disse que só estava aqui pela Ana. É só aqui? Ou você tem estado em todos os lugares só por ela? E você? Onde você quer estar? – perguntei, desejando genuinamente que ele entendesse o que eu estava dizendo.

– Pelo dinheiro que você recebe, era você que tinha que me responder.

Pela janela observei João se afastar apressado, tentando alcançar Ana. Por alguma razão inexplicável, permaneci tranquilo. Era praxe, eu deveria me sentir daquele jeito sempre. Eu não era o único terapeuta do mundo que tinha uma vida pessoal de merda e conseguia atender satisfatoriamente os pacientes. Se eles soubessem metade dos nossos dramas, trocariam de lugar. As últimas semanas é que tinham sido uma exceção à regra, ponderei, feliz de estar novamente no meu habitat natural. Um jazz era perfeito para celebrar o momento. Tirei os sapatos e me deitei no sofá, satisfeito com o fim do dia de trabalho.



Há dois anos comprei aquele vestido para Clarice. Eu nunca fui bom de datas e compensava isso dando presentes sem motivo. Ela nunca usou. Apesar de achar bonito, era provocante demais para ela. Por isso, ao vê-la entrar com o vestido preto, levemente justo sem ser colante e cujo decote valorizava seu colo, eu me surpreendi. De salto alto, ela se aproximou com passinhos de gueixa e um olhar tímido.

– Pelo jazz, deduzi que você estava sem pacientes.– Sua voz açucarada me deu o que pensar.

Será que ela tinha vindo pedir uma trégua e assumir a burrada? A roupa e a maquiagem eram pistas das intenções. Ela queria me seduzir e fazer as pazes. Isso. Provavelmente largou o amante, que talvez nunca tenha existido, pensei. Decidi que não ia facilitar para ela e continuei deitado no sofá.

– Vamos jantar o quê? – perguntei, indiferente ao visual sexy. Ela que se esforçasse.

– Não fiz comida. Eu vou sair.

Aquilo não era resposta, era uma afronta, que aumentou quando ela sugeriu que eu desse uma olhada nos panfletos de delivery que ficavam ao lado da geladeira. Questionada sobre aonde ia, mentiu, dizendo que ia ajudar uma amiga que estava reformando a casa. Desde quando uma mulher coloca um vestido como aquele, pinta a cara e se ensopa de perfume para escolher azulejos com outra mulher? “Subestime a minha inteligência, mas não tanto, querida”, ruminei, sentindo a serenidade recém-conquistada se esvaír. Depois de uma semana de esbórnica, ela vinha me avisar tardiamente que ia sair?

– Você já saiu demais esta semana, não acha?

– Não – ela falou, cheia de satisfação.

– É. Você perdeu completamente a compostura. E os seus filhos? Ele é mais importante?

– Não interessa. E os meus filhos vão ficar com o pai. Tenho certeza de que vão adorar a novidade. – Mesmo errada, ela não perdia a chance de me depreciar.

– Entendo. Você só vai foder a noite inteira com outro homem para unir a família. Que nobreza, Clarice!

Minha resposta a fez travar o rosto todo, como de costume. Entre dentes, ela sibilou que o amante era assunto só dela. “Como um hobby”, eu pensei. Clarice estava cultivando sua individualidade: enquanto eu colecionava barcos, ela colecionava trepadas. Melhor impossível.

Mudando o andar para um estilo mais felino, ela se aproximou e sentou na minha poltrona. Aquele era o momento. Estávamos sozinhos e cara a cara, mas eu segui deitado no sofá, de olhos fechados, fugindo de olhar para ela, fugindo do confronto inevitável, adiando a minha vida e perdendo outra oportunidade, assim como perdera com Júlia. Ao contrário de mim, Clarice não queria perder tempo e avisou que ia ficar uns dias fora, mas que já tinha arrumado tudo. Rafael não ia aparecer mesmo, estava em provas na faculdade. Malu ia para a casa de uma amiga e Caio, para a casa da mãe dela.

– Onde vai ser a lua de mel? – Sentei-me, fuzilando Clarice com os olhos.

Ela ia para Roma! O mesmo lugar onde eu a pedira em casamento, onde passamos a nossa lua de mel, nosso lugar favorito no mundo.

– Parabéns! Se você queria se vingar de mim, conseguiu! *Roma!*

A essa altura, já estava gritando. Sem levantar o tom de voz, daquela forma contida e arfante que ela assumia todas as vezes que era contrariada, Clarice me disse que não tinha sido planejado, mas que “ele” tinha que fazer um negócio na cidade e a convidara. Era tão surreal que só consegui sugerir, assim como ela havia feito com o delivery, que Clarice pegasse os contatos dos nossos restaurantes favoritos da cidade e já os reservasse.

– Se você quer me deixar com remorso, nem continua. Eu estou ótima.

Se ela fosse uma estranha, até teria me convencido. Mas era mentira. O olhar traiu Clarice. Ela estava puta da vida. No mínimo esperava que eu fizesse um barraco ou lhe desse uma surra. Eu não era homem de bater em mulher. Podia até cogitar – quem nunca considerou a hipótese? –, mas eu era um covarde. Era isso. Diante de uma situação como aquela, eu me acovardei e o máximo que Clarice tirou de mim foi um atrapalhado “Some da minha frente!”. Como provocação final, não se moveu. Sustentou o olhar até ganhar. Olhando para o chão, só pude ouvir seu andar altivo se afastando de mim.



– Hora de esclarecer para Dora! – Tive que dizer. Afinal, só podia ser proposital a falta de entendimento dela, e Dora merecia cada palavra de cinismo que eu dissesse.

Embora eu tivesse voltado por livre e espontânea vontade, sempre que me sentava à sua frente era inundado pelo arrependimento. Não devia estar ali, soube assim que cheguei, e fugi para o banheiro. Sentado na borda da banheira, me senti ridículo e aceitei que era mais forte do que eu, o Universo estava pregando peças e a cada semana me impelia a voltar.

O assunto deveria ser Clarice. Por mais que a imagem de Júlia me perseguisse, ela não era minha mulher e não estava me traindo. A bagagem que adquiri no casamento não tolerava a traição de Clarice, mesmo que similar à de Júlia. Uma era “a” paciente que, para o meu infortúnio, nunca tinha feito sexo comigo. Se me provocava ou não, era parte do processo terapêutico. Mas Clarice, que nunca fizera terapia e desprezava o meu trabalho, ela eu não perdoaria nunca.

A ambiguidade das minhas ações era responsável pelo meu estado. A falta de ousadia também. Quem não teria reagido de alguma maneira, de qualquer forma menos lamentável do que o meu inerte orgulho? Clarice ia para Roma e eu fui chorar na terapia. A vergonha me impediu de tocar no assunto, era material de tese para Dora. “A falta de ação é uma ação”, ela diria, deduzindo que eu, além de provocar o adultério da esposa, protelava o diálogo na esperança de Clarice, esgotada, me mandar à merda.

– Segui a sua orientação e perdi a paciente.

Foi a frase de abertura e o motivo da pseudo falta de entendimento dela. Era incompreensível para Dora que ela falhasse e, assim que expus minha sessão com Júlia, o seu atraso e o que significava, a sugestão de encaminhá-la para outra pessoa e, claro, sua reação inusitada, Dora não entendeu. Coitada.

– Mas como foi que você falou isso pra ela?

Claro que a culpa era minha e da minha inabilidade profissional. Tive que explicar tim-tim por tim-tim o que havia sido dito até Júlia chegar à

conclusão de que minha iniciativa era puro teatro – eu a amava tanto que ia transferi-la para outro terapeuta e ficar livre para ela. Negar não tinha adiantado nada. Para Júlia, eu já tinha vivido essa situação inúmeras vezes, afinal ela não podia ser a primeira paciente que se apaixonava por mim. Eu sabia exatamente o que fazer. Se me recusava, era devido ao que sentia por ela.

– Foi maravilhoso, Dora. Júlia distorceu tudo. Quando falei que ela não estava na terapia por ela, você precisava ver. Aí, sim, ela teve certeza de que meus motivos eram pessoais. Não era melhor para ela. Era melhor para mim.

– Ah... Então você colocou a questão na mão da paciente?

– Eu segui o seu conselho idiota!

– Porque quis. Eu não o obriguei. É impressionante como você fica nervoso quando se fala dessa moça.

– Eu não estou nervoso.

– Não parece. Theo, eu fiz uma sugestão na semana passada e você teve um ataque. Aí você faz o que eu sugeri e logo depois briga comigo pelo resultado. Isso está muito confuso. Parece que você não sabe o que quer.

– Eu sei muito bem. Assumo que meu erro foi achar que a sua solução simplória era uma boa ideia.

– A culpa é minha?

– É – respondi, sem esconder minha irritação.

– Essa raiva toda não é de mim. Por que você não assume que está com raiva de si mesmo? Theo, é óbvio que você não está sabendo conduzir a situação. Existe uma contratransferência. Você está atraído pela paciente. Assuma isso de uma vez!

– Se vai te fazer feliz ouvir, eu assumo, Dora. Me sinto atraído pela Júlia. Penso em como seria transar com ela. Imagino ela nua. É. Eu faço tudo isso, o que não quer dizer que eu vá atacar a paciente como um tarado – pronto, falei. Depois do chifre, eu torcia para que o meu temor se tornasse realidade e Júlia, minha amante. – É igual a um beijo, Dora. Não deixa de ser um ensaio da penetração, mas não implica o coito. – Era adorável a cara de

ofendida que Dora fazia. Parecia uma virgem. – Eu sei muito bem até onde posso ir. Posso beijar sem comer, Dora.

– Eu entendi, Theo, não precisa ser vulgar. – Quanto pudor! Chegava a ser cômico, pensei. Já que aquela era a minha sessão, era hora de devolver e descarregar em Dora, até aquele controle virtuoso dela acabar.

– Sabia que eu passei o último fim de semana com uma dor absurda no saco? – falei propositalmente, só para ver seus olhos saltarem do rosto. – Perdão, digo, nos testículos. Tive que ir ao médico, logo depois da sessão com Júlia.

– E como foi?

– Nada de mais. Excesso de... Você sabe... – Dessa vez ela tentou não arregalar os olhos, o que resultou numa careta ridícula. – Acredita que a minha única preocupação era que o médico não me achasse bem-dotado, que achasse meu pênis pequeno? Fiquei o exame todo pensando nisso. – Omiti o detalhe de que minha preocupação verdadeira era com o que Júlia pensaria. – E aí, Dora? Não vai dizer que eu estou nervoso porque Júlia me deixa inseguro quanto à minha masculinidade?

– Não.

– Vamos lá, Dora! Você pode! Veja que material eu entreguei de bandeja. Testículos, potência, Júlia, fantasias. Até um estudante de primeiro período faz a conexão.

– Você está só querendo me irritar.

– Escandalizar seria mais apropriado – confessei.

– Ou incitar. Possivelmente para descobrir o que me provoca, assim como você fez com Júlia.

– Dora...

– Ou você não sabe o que a desperta?

– Sei. E tão bem que poderia manipulá-la. Só que não é minha intenção, e você é testemunha. Todas as semanas estou aqui para assegurar que nada aconteceu.

– Ótimo. Já que sou sua apólice, devo dizer que Júlia, a esta altura, também deve saber muito bem o que desperta você. E a melhor manipulação é a que passa despercebida.

A partir daí Dora desenrolou um rosário de alternativas. Sobre como Júlia sabia da minha atração e como isso era perigoso, como eu estava lidando desastrosamente com a situação e como se sentia tolhida em agir, já que tudo que ela dizia me enervava. Por mais que fosse necessário, ela não podia tocar no nome da Júlia.

– É só isso que você quer? Não seja por isso. Vou falar mais sobre a Júlia – retruquei e falei de Breno e de como os dois tinham se conhecido na frente do meu consultório. E que ele se interessara por Júlia e ela, só para me atingir, ia sair com ele, se já não tivessem saído. Ignorei o sorrisinho eu-te-disse-eu-te-avisei e relatei a chamada que Breno havia recebido no meio da sessão, de Júlia. Ela queria que eu soubesse que estavam se falando, queria que eu sentisse ciúme. Eu não estava inventando. Era a mais pura verdade. Depois da minha sugestão de terminar a terapia, revidar com outro homem tinha sido a reação de Júlia. Um passo em falso e ela ia se envolver com o Breno só para me provocar.

– Quem disse que é para provocar você? E o noivo dela? Ela é só sua paciente, Theo. Para que tanto ciúme? Ela nem está traindo você. – A sentença de Dora me fez desviar o olhar e, de repente, tive uma urgência de ir ao banheiro.

– Duas vezes numa sessão? Hoje está difícil mesmo. – Observação óbvia, mas que me deixou irado. Como diria Freud, às vezes um charuto é só um charuto. Eu só ia mijar, não estava fugindo de nada, se bem que no banheiro me sentei novamente na borda banheira e deixei o tempo passar. Quando voltei, ela queria saber como Júlia me via e quase mandei Dora ligar para a minha paciente e perguntar. Sem saída, disse o que me veio a mente: Júlia devia me achar seguro, protetor, uma figura de autoridade que a atraía e alimentava sua carência, apaixonado por ela mas sem coragem, e, claro, atraente.

– E você? Como ela é pra você?

Descrevi Júlia como a paciente que era, observadora, cínica, carente, com um transtorno histérico e fixação em sexo. Resposta errada. Dora queria chafurdar, e a pergunta não havia sido para o Theo terapeuta, e sim para o Theo homem.

– Trinta e cinco anos, inteligente, objetiva, magra, com um belo corpo, olhos verdes, cabelos castanhos, muito bonita, atraente – respondi, e Dora quis mais detalhes.

Falei da morte da mãe dela e de como, na época, ela projetara na figura do amigo do pai esse salvador que iria resgatá-la da vida infeliz que tinha. E pela maneira como ela queria largar tudo para ficar comigo, ficava claro que ela estava repetindo o padrão, e o salvador agora era eu. Como sempre, Dora quis inverter a situação e me fazer parecer um terapeuta de merda. Ela insinuou que quem queria largar tudo e fugir não era Júlia, mas eu. Novamente sendo injusta comigo. Só que eu não engoli o insulto.

– Para seu governo, é Clarice que está abandonando o barco. Semana que ela vem vai para Roma com o amante, uma pequena viagem de lazer. Me avisou como se fosse a coisa mais trivial do mundo.

– E o que você disse a ela?

– Eu desejei boa viagem. O que você acha, Dora? Eu mandei ela ir pra Roma, pro inferno, pra puta que pariu, e não voltar. Sabia que esta semana Clarice não dormiu um dia sequer em casa? Ah! Minto! Teve um dia. Ela chegou de madrugada, tão bêbada que trocava as pernas. Sem falar nas roupas. Está se vestindo como uma putinha que passou da validade. Tomara que o avião deles caia.

Aproveitei que Dora tinha ficado muda e contei da noite em que Caio me acordara com medo, querendo dormir comigo, um temor que ele não sentia havia anos e que, graças à minha adorada esposa, estava de volta. Malu e Rafael estavam ausentes, e só podia ser por isso. As malas da dondoca já estavam prontas e ela fizera questão de me comunicar que não tinha um pingão de remorso. Ou seja, o que eu podia fazer? Pedir um souvenir? Ela partia no começo da outra semana e ponto final.

– Mas isso pode ser conveniente – Dora disse, insinuando que seria conveniente para mim, já que a situação com Júlia não estava resolvida.

Ou seja, eu era o causador de tudo. Eu era brilhante! Tinha conseguido manipular Clarice a ponto de levá-la a me trair – e ainda me deixar sozinho com Júlia. Era tudo tão premeditado que fazia de mim um psicopata. Se eu

havia querido chocar Dora durante a sessão, foi ela quem me chocou, com a insinuação.

– Eu quero isso? Como você tem coragem de insinuar uma coisa dessas?

– Eu estou curiosa. Você veio aqui para falar de seus pacientes. Logo no começo me contou que estava impaciente, irritado, querendo sumir e se livrar de todos. Depois começou a falar de Clarice, de Júlia. Tudo tão desordenado. Eu não entendo. Por que você está aqui? O que você quer, Theo? Me parece que você quer mesmo é se livrar de tudo, do casamento, dos pacientes. Percebeu como você me contou um pouco de cada um deles? Deu detalhes de mais, como se estivesse me preparando para recebê-los.

– Não viaja, Dora! Você é minha supervisora! Eu tenho que falar dos pacientes.

– Sou? Ainda estou confusa e não sei o que estamos fazendo, se é terapia ou supervisão. Enfim, Clarice fala que vai viajar com outro homem e você a manda ir e não voltar. Afirma que não há nada que você possa fazer. Ou não há nada que você queira fazer?

– Seja clara, Dora.

– Serei. Me parece que você ainda não sabe, é algo muito profundo, inconsciente, mas significa libertação. Racionalmente, mesmo discordando de mim, você sabe que é um erro se envolver com uma paciente, mas talvez seja isso que você deseja, só que não quer assumir por causa do seu pai.

– Lá vem você de novo, desenterrando o passado. De jeito nenhum, Dora. Eu não sou o meu pai. – E eu não era o Breno, que pautava suas ações pelo sofrimento da mãe.

– Se você diz... Mas eu sinto que você quer ficar com Júlia, mas da maneira correta, e por isso a sua mente encontrou um subterfúgio pra te isentar de qualquer ônus. Você não quer salvar seu casamento nem reconquistar Clarice. É a Júlia? Ela é o que você quer?

Olhando para as pontas dos meus sapatos, me senti como Nina, em flagrante. Sem conseguir olhar para Dora, fui embora e, dessa vez, nada me faria voltar.

Avaliação: Terceira sessão

Data: 19 de outubro de 2012

Paciente: Theo Cecatto - psicólogo e terapeuta. 56 anos

Me parece que não está aqui para supervisão nem terapia. Está criando uma rede de segurança, fomentando bases para realizar o desejo de ficar com a paciente Júlia. Como pensei na primeira consulta, está agindo dubiamente só para tranquilizar a consciência depois.

Está em contratransferência e não assume.

Pelo seu relato, a esposa está cada vez mais agressiva, tentando chamar sua atenção, e ele se recusa a reagir. Ela vai viajar com o amante e Theo não impediu; pelo contrário, sugeriu que ela não voltasse. Também se recusa a assumir o paralelo com o pai, que largou a mulher por uma paciente. Para não fazer o mesmo, está tentando manipular a situação. Autoengano.

Como ele já sugeriu encaminhar Júlia, até para me provar que não daria certo, ele deveria terminar a terapia dela antes que seja tarde demais, ainda mais agora com outro paciente envolvido (Breno).

Respondeu que se sente atraído por Júlia, mas que pode lidar com o sentimento. No entanto, não me respondeu se quer ficar com a paciente.

IMP: teve que fugir 2x para o banheiro e, na resposta acima, não me encarou.

Q U A R T A S E M A N A . . .

"O sujeito se imagina falando do ser amado com uma pessoa rival, e essa imagem nele desenvolve, estranhamente, um encanto de cumplicidade."⁴

ROLAND BARTHES

Nunca imaginei me ver em tal situação, despido da armadura e de peito aberto diante de Dora. Aquela sexta amanheceu como todas as últimas, num susto seguido pelo despertar lerdo e a xícara de chá preto para não voltar a dormir. Meus pacientes do dia até me divertiram, se bem que esse era o propósito. Pacientes de sexta-feira eram sempre os mais tranquilos. Odiava me desgastar em excesso antes do fim de semana. Quando cheguei para a sessão, estava leve, alegre até. Pensava em dar uma festinha, aproveitar que Clarice tinha viajado com o merda do amante e que as crianças não estavam em casa. Depois de 18 anos dividindo espaço, a solidão imposta foi bem-vinda, como um ensaio de solteirice e um prenúncio da vida pós-casamento. De forma previsível, examinei antigas pretendentes e cogitei resgatar velhos flertes. Qual homem não checa a agenda de vez em quando? Nem eu mesmo sabia o motivo real. Digo, eu não o abraçava como real, mas era para isso que estava na Dora. Estar sozinho não era o motivo da minha comemoração, e sim a possibilidade de acabar com a solidão.

Para não assumir que estava contente com as férias familiares, criei todo um discurso de que a semana tinha sido infernal, por isso queria me mimar e, depois de anos, ia cozinhar só pra mim. Risoto de camarão foi o prato escolhido. Clarice odiava qualquer tipo de risoto e era alérgica a frutos do mar, o que tornava a escolha perfeita. Tive a ideia indo para a sessão de

Dora, portanto, chegar lá com uma sacola de camarões não havia sido planejado. Pedir que guardasse a sacola em sua geladeira, muito menos – se bem que o susto que Dora levou com o meu pedido valeu a pena. Era abuso, sim, só que eu não era um paciente comum, eu tinha anos de casa.

Dora aturou tudo. Os camarões, as mentiras e a falha imperdoável com Nina. Apesar de não ter intenção de falar da sessão dela, quando dei por mim já estava dando com a língua nos dentes e me justificando, dizendo que o incidente havia sido proposital.

– Ela queria ser vista nessa situação e socorrida a tempo, entende? Não dá para classificar o ato como uma tentativa de suicídio. Foi displicência minha, mas a culpa foi da Clarice – eu disse, me achando coberto de razão.

Afinal, por causa da Clarice e do seu egoísmo é que eu me mudara para o consultório e levava meus remédios para o banheiro.

Ignorando minhas alegações de defesa, Dora deu aquele olhar de “fale tudo”, e só me restou contar que aquela semana tinha sido a primeira vez que vira Nina sem o gesso. Ela chegou arrumada, com maquiagem, de salto alto e tudo. Parecia mais velha, mais adulta. Só parecia. Estava numa festa e fora direto para a terapia. Essa capacidade dos jovens de virarem a noite, eu nunca tive, nem na idade dela. Assim que se sentou, Nina tirou os sapatos de salto e os mostrou para mim. Eram de um rosa forte, quase magenta; bonitos, embora não fosse o estilo dela e, segundo Nina, se não fosse por minha causa, ela não estaria com eles.

– É, Theo, você foi ligar para a minha mãe, deu nisso.

– Num par de sapatos?

– Engraçadinho. Bem que achei bizarro, ela cheia de graça, toda fofa, me levando pro shopping. O que foi que você disse? Que a suicida tava com o pé na cova e que era melhor ela dar um último passeio?

– Nina, eu tinha que falar com a sua mãe, até pra ela saber do seu progresso. Eu não falei nada de suicídio. Só fiquei apreensivo por você. Preocupação.

– Dane-se. No fim das contas me dei bem. Ganhei essa roupa aqui e umas outras coisinhas que eu queria. Tá, tudo bem. Tive que entubar o sapato Barbie e a dona Isabel bancando a mamãe, mas fazer o quê?

– Por que “bancando a mamãe”? Ela não age como sua mãe?
– Já te falei. Ela age que nem uma pentelha. – Exibindo o sapato: – Olha que coisa ridícula!

– Ridícula, mas você está usando.
– Pode ligar, eu espero. Passa o relatório do que eu ando fazendo pra ela.
– Eu não comento sobre o que você faz.
– De boa. Liga lá. Aproveita e conta que ontem eu enchi a lata de tequila e dormi fora. Vai. Liga!

– Nina, já te expliquei por que liguei pra ela. Preocupação.
Assim que falei isso, Nina abriu os braços de forma bem dramática e zombou de mim, da mãe e de todos que pareciam preocupados com ela. Com exceção do pai. Ela não comentou nada sobre ele. Em seguida ficou de pé e fez questão de mostrar que a imobilização não a afetara quase nada e que, assim que voltou a treinar, já tinha mostrado a todo mundo que estava de volta e com toda a força. O único problema é que, para exemplificar o quanto estava bem, Nina deu um mortal em cima do meu sofá e eu quase enfartei.

– Felizmente, ela não caiu. Foi impressionante. Ela é muito talentosa. Se eu pudesse, iria a uma competição para torcer por ela – eu disse a Dora.

– Interessante o seu desejo de ampará-la fora das sessões, justamente quando seus filhos estão fora de casa e longe de você – comentou, com sua cara de sabichona.

Mas estava certa. Sem meus filhos em casa, Nina preenchia um pouco desse vazio, ainda mais naquele dia em que ela estava particularmente feliz.

– Theo, você perdeu a cara de bunda delas depois do meu solo. Foi lindo! Mandei todo mundo se foder geral! – Nina disse, rindo, para logo parar, curvando-se para a frente num gemido.

Provavelmente o movimento a fizera enjoar. As tequilas tinham sido reais, e não uma mentirinha para perturbar a mãe. Só que assim que demonstrei preocupação, Nina se recompôs.

– Nessa última semana você conseguiu recordar mais alguma coisa do acidente? – perguntei, atraindo seu olhar pra mim.

Depois de avaliar, Nina não me respondeu e comentou da festa. De como perdera a noção do tempo e das tequilas que tinha tomado. Aparentemente, um rapaz estava com a garrafa e, quando a esvaziaram, ele a levou para um dos quartos da casa.

– Eu tava muito doida. Nunca mais bebo assim.

– E o que aconteceu?

– Nada. Quer dizer, foi estranho, a gente começou a... Você sabe. E aí ele parou e me empurrou. Falou que eu parecia morta, que eu...

– Você...?

– Ah! Que parecia que ele tava me estuprando. Sabe? Que eu tava sem reação, como se estivesse paralisada por medo.

– E você estava?

– Eu tava bêbada – ela desconversou, mas eu registrei o comentário do rapaz e automaticamente o liguei à noite em que Leon havia feito sexo com ela. “Treinador filho da puta”, pensei.

Dora interrompeu meu relato para me ensinar o básico:

– Theo, você está ciente de que essa conclusão deve ser da paciente. Tem certeza de que não deixou nada transparecer?

– Tenho, Dora. Eu não sou tão primário assim – respondi, seco, mas sem perder o humor.

Enfim, Nina não fazia ideia do que eu achava do treinador dela e continuou falando sobre o que tinha acontecido na festa:

– Daí eu fui pra outro quarto, mas não consegui dormir. Eu fechava o olho e vinha um monte de coisa do acidente.

– Que coisas?

Nina não sabia. Só sabia que saiu da casa e foi para um ponto de ônibus perto do local do acidente e, mesmo assim, nenhuma lembrança, só uma grande falta de ar. Embora eu soubesse que era uma resistência em reviver a dor, senti que aquele era o momento de tentar fazê-la falar. Lentamente, como quem se lembra de um sonho, Nina contou que saíra da festa de aniversário da Tati decidida a ir para casa. Pegou a bicicleta de Leon, mas o selim a machucava. Tentou ajeitar o banco, não conseguiu e de repente uma

luz forte a atingiu. Cega, se viu no meio da rua. O carro parou e ela podia ter voltado, mas queria se machucar. Ela provocara o acidente.

– Eu queria morrer.

Finalmente Nina levantou os olhos, cheia de certezas, e não adiantava tentar conversar, muito menos dizer que a memória podia pregar peças e que era preciso examinar com calma cada detalhe. Ela insistia em afirmar que tinha tentado se matar. Calmamente, eu repeti palavra por palavra do que ela dissera, para ver se algo mais surgia. Apenas a falta de ar voltou à sua memória. A falta de ar que só parou depois do acidente, como se o impacto da entrega fosse um respiro, um alento. Então ela falou que havia matado alguém, uma mulher, nesse acidente, mas não sabia quem era.

Inusitadamente, me lembrei da casa da minha infância e de como ficou vazia sem meu pai e silenciosa com o torpor contínuo de minha mãe. De como eu me sentava sozinho na grande mesa de jantar e comia abandonado, esquecido de todos. Da saudade que eu sentia da mesa cheia, dos pratos, das risadas e até das discussões. Nina não era diferente de mim nem do restante da humanidade, que, num momento crítico, acaba sempre chamando pela mãe ou pelo pai. Ela ficou tanto tempo fora de casa, longe da família, que, quando o mundo de mentira que a acolhera ruiu, ela procurou por eles da pior maneira possível – mas procurou. E aquilo se chamava saudade.

– Você tá bem doido! Que saudade que nada! Porra! Fala alguma coisa que preste. Eu matei quem? Fala? Quem foi que morreu?

“Uma parte de você seria uma possibilidade”, cogitei responder, mas eu não podia despertar sua consciência assim. Sem resposta, Nina fugiu para o banheiro e se escondeu lá por alguns minutos. Voltou cínica e armada, como sempre fazia ao se sentir invadida: tronco contraído, braços cruzados e cabeça rigidamente erguida. Debochou de mim, desmerecendo qualquer comentário meu. Fiquei calado enquanto ela extravasava sua raiva – não de mim, mas de tudo o que eu a havia feito contar. Me arrependi muito de ter insistido no acidente, devia ter sido mais cauteloso, mas a impaciência tem tantas facetas que, enquanto eu tentava contornar minha imprudência, não percebi que a voz de Nina se tornava cada vez mais pastosa e a postura de batalha do seu corpo derretia. Querendo ganhar sua cumplicidade, falei que,

assim como ela, eu também já havia pensado em morrer. “Eu e o mundo o inteiro”, pensei, mas não importava quão verdadeira era a minha história, só precisava parecer crível. E foi nesse tempo, no tempo em que eu estava correndo contra o relógio, querendo um resultado positivo antes da hora, que Nina olhou para o nada e balbuciou:

– E os horários das modelos?

A frase saiu como em um transe e logo depois ela desmaiou.

– E o que você fez? – Dora perguntou.

– Eu saí gritando pela Clarice que nem um louco. Depois é que lembrei que ela não estava em casa.

– Você ficou acostumado com ela.

– Mal. Bem mal-acostumado, diga-se de passagem. Enfim, levei Nina para o hospital e liguei para a mãe. Fizeram uma lavagem e ela está bem. – O tom confiante era um engodo, metade do meu remorso se devia à imagem de Nina inerte.

– Fico feliz de ouvir isso. Deve ter sido muito difícil.

– É. Eu me preocupo com Nina. O comentário do rapaz da festa não me sai da cabeça.

– Você acha que... – antes que Dora terminasse a pergunta eu a interrompi:

– Tenho cada vez mais certeza.

– E o que mais aconteceu nessa semana?

Eu poderia ter respondido de tantas formas... Que além de pensar em Júlia todos os dias, ainda tinha sido corno manso o suficiente para verificar as notícias sobre o tempo na Itália – fazia sol, sem previsão de chuvas, tempo perfeito para uma viagem, infelizmente. Além disso, minha impaciência se mantivera na média usual, insuportável, mas paradoxalmente sob controle. Nem mesmo o casal me tirou do sério naquela semana. Sendo muito franco, tive pena dos dois.



Ambos chegaram no horário, embora não estivessem juntos. Pareciam obrigados a estar ali comigo. Impressionante o tanto que as pessoas se

submetem e sofrem por não darem ouvidos aos seus sentimentos. Falo isso por mim também – e por todos os que perdem horas, dias, anos preciosos driblando a verdade. Não havia mais bebê, logo o problema deveria estar encerrado, afinal, segundo João, a razão da terapia era pontual, apenas para resolver essa questão. Como o problema não existia mais, eles deveriam ter evaporado. Porém, como tinha visto desde o começo, o dilema não era ter ou não outro filho, mas o relacionamento dos dois. Numa coisa João acertara: nossos encontros pioraram o já não maravilhoso casamento deles, o que, do meu ponto de vista, não era negativo. Afinal, não se limpa uma casa sem tirar os móveis do lugar. “Distanciados” seria o termo adequado para esse casal. Tudo o que os atraía no passado naquele momento se transformara em repulsa. A pergunta era: por quê?

Passados dez minutos de alfinetadas e mesquinhas porque atendi a chamada de Isabel, mãe de Nina, eles se uniram para, literalmente, me sacanear. A cumplicidade surgiu da indiferença, e eles riram. Apesar do senso de humor maldoso e pequeno, Ana e João ainda riam juntos. Isso era notável e me atizou a curiosidade. Tendo em vista que o objetivo inicial não era terapia de casal, eles nunca me contaram em que circunstâncias haviam se conhecido. O único fato sabido era que Ana estava casada na época. “Num matrimônio morno, igual a mim”, pensei me imaginando com Júlia, dez anos depois, diante de algum terapeuta discutindo a relação.

João já era ator e estava em cartaz com uma peça. O marido de Ana o conhecia e por isso foram ao teatro assisti-lo. No dia seguinte, Ana voltou sozinha. Ele ia prosseguir, mas Ana o interrompeu e, de acordo com sua tendência sedutora, narrou como tinha sido o primeiro encontro, como João a levava para fora do teatro e mandara que ela subisse em sua moto, do medo que havia sentido na garupa dele, ainda mais quando chegaram a um lugar ermo e escuro. João controlava o riso, o que me pareceu vaidade por vê-la se lembrar com tantos detalhes de um primeiro encontro. Minha impressão se confirmou quando Ana contou que tinha ficado nua diante da moto, iluminada apenas pelo farol, e o que acontecera depois.

– Aí ele me apoiou na moto e me comeu muito. Nossa... Como ele me comeu.

Ana fechou a história inclinada para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos e os olhos cravados em mim. O riso, até então preso, se fez ouvir, e João riu largamente. Ana mentia muito bem. Era convincente a forma com que ela acreditava em cada palavra. A encenação toda era para brincar com o marido, transformando-os em protagonistas de um filme que ele gostava. Ainda sorrindo, João contou a versão real.

– O marido dela era um coxinha, advogado. Daí ela me viu na peça e um dia depois voltou. Sozinha e toda dada. Acabei chamando ela pra beber alguma coisa e, depois que a gente encheu a cara, acabou transando no carro mesmo. Em suma, romântico pra cacete. – A última frase de João acabou com a cumplicidade e eles voltaram a se atacar.

– Esse é o problema de ficar com um ator. A gente confunde o personagem com a pessoa.

– É. Eu sou um merda mesmo. Não sei pra que você largou o seu marido incrível pra ficar comigo.

– Eu também não sei. Ah! Fiquei grávida do Dani. Foi isso.

Me ajeitei na poltrona prevendo o bate-boca que ocorreu a seguir. Como eu já tinha identificado, para Ana o filho representava a perda da liberdade e, para João, uma família – e esses conceitos se repetiram no tratamento de fertilização e na segunda gravidez. Apesar de sedutor e sensual, o início do relacionamento era uma prova de que Ana era capaz de trair. E sem remorso. Uma vez que João se tornara o marido, o encanto passou a ser uma ameaça e, com medo de perdê-la, ele tentava cercear sua independência. E quanto mais se aplicava em mantê-la submissa, mais a liberdade se tornava um desejo irrefreável para ela.

Diante do casal, suspirei aliviado. Do meu lado, não me sentia como nenhum dos dois, ainda que me identificasse levemente com Ana. Quanto mais Clarice bombardeava a minha dignidade, mais forte era minha ânsia de ser livre e, tal qual a paciente, eu não assumia isso, embora por razões opostas. No fundo, Ana queria testar João ao extremo para se fundir nele; já eu me testava na esperança de poder me desligar de Clarice.

Apesar de não ter comentado nada do que havia pensado na sessão de Ana e João, Dora, como sempre dona da verdade, me interrompeu:

– Desculpe, Theo, mas você percebe como esse casal está em uma situação bem próxima à sua? – era incrível como ela subestimava a minha capacidade, mas eu estava de bem comigo naquele dia e não seria Dora que mudaria isso.

– Dora, sinceramente, se for assim, terapeutas casados não deviam atender casais. Menos – cortei o assunto e segui.

Fiz uma pergunta a João, muito mais para ver a reação de Ana:

– O que mudou, João? Você não se sente mais atraído pela Ana? – Ele a olhou de soslaio diante da minha pergunta.

– Claro que me sinto. – Seus olhos a examinaram, saudosos. – Ela que não me quer mais. Agora só tem olhos pro chefinho dela.

O riso de Ana foi nervoso e bem mentiroso, o que machucou João. Por um segundo senti o baque da indiferença dela em relação a ele, a mesma indiferença que eu dedicava a Clarice. Estar inquietamente controlado não me impedia de fazer conexões a todo instante com a minha vida. Naquela semana consegui a façanha de traçar paralelos absurdos com os relatos de cada paciente, como que verificando a humanidade do meu presente e buscando amparo nas justificativas alheias. Como sempre, refugiando-me na vida dos outros.

– Ai, meu pai! Ele vai começar com essa merda de que eu tô a fim do Veloso! Saco! Muda o disco, João!

– Muda o disco? Não fala isso que entrega a sua idade.

– Vai se foder! É um inferno essa sua obsessão pelo meu chefe. – Não era obsessão. Nas poucas sessões que tivemos, ela não perdera nenhuma oportunidade de exaltar o Veloso.

– Vai dizer que você não quer nada com ele?

– Não, não quero! Deixa de ser neurótico, João!

Impossível. Ele não era neurótico e muito menos cego. Ana gostava do poder. Tanto gostava que tinha se apaixonado por João porque o conheceu em cima de um palco, interpretando um personagem soberano. Era o calcanhar de aquiles dela e doía levar um chute ali. Confrontada com seu ponto fraco, Ana humilhou João igualmente na sua fraqueza. A intimidade provoca tanto o bem quanto o mal. Durante tempos de paz, entregamos ao

outro nosso melhor e nosso pior também. Em tempos de guerra, o conhecimento mais hediondo é que será lembrado.

– Atorzinho de merda. É isso que você é! Vive de bico, de cachê-teste e nunca pega nem comercial de pneu! Faz nada da vida, fica naquela porra de praça Roosevelt, se enchendo de cerveja e discutindo projetos que nunca acontecem. E ainda tem a pachorra de falar do Veloso? Fica na sua, que, se ele fosse como você, eu não estaria a fim dele!

– Como? Se ele fosse como eu você não estaria a fim dele?

A frase final se tornou uma odisséia, e a inconfundível discussão, marca registrada de Ana e João, enveredou para um desfecho triste e constrangedor. Flagrada, ela negou. Por mais que João insistisse, ela se recusava a repetir a declaração incontestável e ainda o acusava de loucura. Tirando o celular do bolso, João repetiu a frase gravada de Ana.

“E ainda tem a pachorra de falar do Veloso? Fica na sua, que, se ele fosse como você, eu não estaria a fim dele!” ... “pachorra de falar do Veloso! Fica na sua, que, se ele fosse como você, eu não estaria a fim dele!” ... “Veloso! Fica na sua, que, se ele fosse como você, eu não estaria a fim dele!” ... “Fica na sua, que, se ele fosse como você, eu não estaria a fim dele!” ... “eu não estaria a fim dele!” ... “eu não estaria a fim dele!”

... “não estaria a fim dele!”

... “não estaria a fim dele!”

... “dele!”

... “dele!”

Embora João não demonstrasse desconforto por assumir que gravava muito do que Ana dizia, do meu ponto de vista foi uma vitória amarga. Ela não estava em condições de perceber o porquê do gesto. Nada tinha a ver com controle ou dominação. Era só para entender o que tinha acontecido com o casamento dos dois, para compreender em que ponto se haviam soltado um do outro... E tudo isso por um simples motivo: João tinha a esperança de consertar o que se quebrara. Tive pena dele. Ana era como um animal selvagem em cativeiro, a fuga era mera consequência. Sozinho comigo, João me perguntou se eu achava que Ana ainda o amava. “Ah! A empatia não”, pensei, querendo barrar a ligação com o paciente, mas já era

tarde demais. Eu era testemunha ocular e cúmplice. Antes de responder, eu o vi sentado em um canto escuro, ouvindo inúmeras vezes as gravações das atrocidades de Ana, num autoflagelo despidoradamente apaixonado, e a identificação com ele foi inevitável.

– Sim. Acho que vocês ainda se amam – respondi.

Todo esse gran finale passou pela minha cabeça como um filme acelerado e nem comentei com Dora sobre o que dissera a João. Ela provavelmente teria um piti e diria que eu estava conduzindo o paciente a ter certezas, e não a uma conscientização, e que eu deveria terminar a terapia deles também. Felizmente tudo estava correndo de acordo com o meu inconsciente. Clarice tinha outro homem, meus filhos estavam distanciados de mim e minha postura perante a paciente ainda era impecável. Não seria o veneno de Dora que me abalaria. E ela notou meu bom humor. Realmente, eu estava feliz a ponto de elogiá-la e convidá-la para experimentar o meu risoto. Ao me dizer que adorava risoto, ela me deu liberdade para sugerir, descaradamente, que ela fizesse parte do meu conluio para seduzir uma antiga conhecida em comum. Tudo muito divertido, só que Dora estava trabalhando, e não jogando conversa fora como eu, e logo identificou que, no fundo, minha postura galante era só para colocá-la no meu lugar, sentindo o que eu sentia quando Júlia me cortejava.

– Dora, por favor, você sabe muito bem como é. Confesso, é bom ser paquerado por uma mulher tão atraente. Eu fantasio, e daí? Que terapeuta nunca fantasiou?

– Fantasiar não é um problema, mas fantasiar com a Júlia é.

– Esses seus dogmas antiquados ainda vão te matar. Por que com a Júlia é um problema? Ela não é um paciente com transferência!

– Não é?

– Não. Ela é uma mulher que gosta de mim, só isso.

– Theo, isso não é verdade.

– Sabe o Jorge?

– Você vai voltar nesse assunto?

– Depois que te conheceu e ficou louco por você, ele me procurou e perguntou se era verdade essa história de que o terapeuta nunca podia ir pra

cama com um paciente.

– O que você disse?

– Dora... Eu disse que, no seu caso, sim. Mas nem todo mundo pensa como você. Por exemplo, se a Júlia sai da terapia, depois de um tempo nós poderíamos ficar juntos.

– De jeito nenhum, Theo. É uma questão de ética!

– Pra você!

– Se você não gosta do meu jeito, não precisa ficar aqui. Procure alguém que não pense como eu.

Chegamos na fronteira. Para Dora, nem em outra encarnação um terapeuta podia dormir com o paciente. Era quase uma heresia.

– E um paciente pode dormir com outro? – perguntei, sem esperar réplica e já contando que Breno e Júlia haviam dormido juntos.

Eu devia provocar isso nas mulheres, afinal era claro que tinha sido por minha causa.

– E você acha mesmo que ela fez isso por você?

– E por qual outro motivo? Fez para me deixar enciumado, pra me provocar.

– Te provocar? Theo, volte para a realidade. Você é só o terapeuta dela, não é marido. E, pelo que sei, ela está noiva, não está? Ela pode ter feito isso por causa dele.

Se Júlia realmente ainda estivesse noiva, Dora estaria certa. Mas não. Naquela semana, durante a sessão, ela me contara do rompimento. Era por mim, e só por mim, que ela tinha se envolvido com Breno. Como Dora teimava em acreditar, me vi impelido a relatar as sessões dos dois.



Breno tinha dormido com ela, mas, segundo Júlia, ele não gostava de sexo. Enquanto ela narrava a noite – não tão tórrida quanto havia desejado –, eu fui tomado por uma invasão sucessiva de cenas, parte que excluí do meu relato à macaca velha. Para que contar o quanto tinha sido doloroso para mim pensar na nudez imaginária de Júlia, tão íntima para mim, sendo

dividida com Breno? Que só de pensar naquelas mãos assassinas passeando pelo corpo dela, mergulhando em Júlia, na minha Júlia, eu sentia ânsias de vômito? Que descobrir a forma vulgar como ela se oferecera e Breno a comera, como um sanduíche barato, era revoltante? Dora não precisava saber como me senti ao imaginar os dois, na casa de Júlia, na cama dela, entre os lençóis impregnados com seu cheiro.

– Theo? Oi! Terra chamando Theo! – Júlia brincou. – Você ouviu o que eu falei?

– Sim, claro. Continue.

– Vai por mim. Esse aí não gosta da coisa. Tinha que ver. Ficou de sarrinho comigo, e nada. Parecia um moleque que nunca transou. Daí eu tive que agilizar, senão nada ia acontecer.

– E o que você fez?

– Abri a calça dele e comecei a fazer um boquete.

Ela riu e descreveu tudo o que tinha feito com o pau de Breno. Se foi verdade, eu não sei. Me parecia que o que ela queria, de fato, era dizer: “Tá vendo como eu sou boa de cama?”

Eu não disse nada, e ela prosseguiu:

– Eu nunca vi um homem tão esquisito. Pô, o cara é um atirador. Pensei que a coisa ia ser mais violenta, sabe? Que nada. Parecia que eu era de cristal... Cheio de dedos e sem nenhuma iniciativa, parecia um macaco de imitação. Eu chupei ele, aí ele me chupou; eu mordei o pescoço dele, aí ele mordeu o meu; eu gemia, ele gemia. Ai... Chato! Parecia que ele nunca tinha dormido com ninguém.

– Ele nunca tinha dormido com você. De repente foi isso.

– De repente nada. Já falei que ele não é chegado. Eu tenho certeza. Ele falou lá da mulher, ex-mulher dele, que ficou casado dez anos e, nesse tempo todo, nunca pulou a cerca, nunca dormiu com outra pessoa. Estranho.

– Por que estranho? Ele ser fiel?

– Também. O cara pode amar a mulher dele, mas isso não significa que ele não vai comer por fora de vez em quando. Até porque ele disse que em casa o sexo era esporádico. Desculpa, Theo, o cara não gosta de uma sacanagem.

– E depois? – perguntei, cansado de ouvir que Breno era um péssimo amante. Apesar de a performance de merda dele me deixar feliz, eu estava irritado com Júlia e comigo.

– Quando ele finalmente me comeu, eu só não dormi porque não deu tempo. Foi pá-pum. Dois minutinhos e acabou o homem. E, durante a coisa toda, ele parecia que tava fazendo um exercício. Se apoiou nos cotovelos e nos pés. Juro! Só encostou o pinto em mim, mais nada. Nem olhou para a minha cara. E quando acabou, saiu correndo pro banheiro. – Com uma careta debochada, ela gesticulou os braços, animada. – Presta atenção, que agora vem a melhor parte. No banheiro, ele jogou a camisinha fora e lavou o pau na pia, falando comigo. Superfino.



– Ela fez questão de ser minuciosa. – Dora sorriu, contente com a irritação da minha voz. – Parece que ficou decepcionada com ele.

– Isso porque você ainda não ouviu a versão do Breno sobre a história.

– E qual foi a versão dele?

– Ele chegou adiantado, veio com uma desculpa de que tinham barrado ele no trabalho. Ele está de licença por causa de tudo o que aconteceu, mas, sinceramente, não era desculpa. Ele podia ter dado uma volta, feito uma horinha, mas não, foi correndo para lá. Ele queria me contar que tinha dormido com ela. Minto. Queria ver se as versões batiam. Ele tinha certeza de que ela já tinha me contado.

– E então? As versões coincidem? – Dora questionou.

– Reafirmaram o que eu já pensava. Foi ela quem convidou ele para jantar, preparou a casa, se vestiu de forma provocante e até cozinhou. Para o Breno foi tudo uma encenação para transar. Como ele disse mesmo? Preparação pro acasalamento. Mas ele não ficou muito à vontade, se lembrou da esposa e acabou falando demais sobre ela. Me disse que era tão óbvio que a Júlia só queria sexo que ficou meio perdido e quis agilizar, só que acabou fazendo um comentário infeliz.

– Que comentário?

– Que vinho, para homem, era uma merda, brochava. E eles estavam tomando vinho.

– Mas esse comentário não impediu nada.

– Não. Mas Breno não entrou em detalhes. Só disse que tinha sido rápido e vergonhoso pra ele. Fiquei com a impressão de que ele estava desconfortável com ela no comando e, por isso, ficou falando da ex-mulher. Para atingir a Júlia. Aliás, esse é um padrão de comportamento dele. Nós chegamos a discutir isso. Sempre que se sente ameaçado, Breno tenta diminuir o outro para se impor.

– Me parece que não foi nada promissor. Como ele se sentiu com a sua observação?

– Como *ela* se sentiu é muito mais relevante. Você não acha, Dora?



Ouvi as risadas de Júlia, as mesmas que ela dera no consultório quando acabou de me contar sua aventura erótica com Breno. Ela parecia estar no paraíso diante da minha mudez.

– E aí? Não vai falar nada?

– O que você quer que eu fale?

– Não vai perguntar como foi pra mim?

– Achei que isso já estava claro.

– Tudo bem. Ele também não perguntou. Falou da ex de novo. Ele não tava nem aí se eu tinha gostado.

– E como você se sentiu com isso?

– Desamparada. Solitária – Júlia respondeu, triste.

– E depois?

– Ah! Depois eu me virei sozinha e gozei.

– Como assim?

– Me masturbei, Theo!

– Com ele ali?

– É.

– Ele ficou olhando?

– Acho que sim. Eu me masturbei nele. – Ela voltou a rir. – Desceu uma pombagira em mim. Ah! O cara chega, dá umazinha meia-boca, lava o pinto na minha pia e eu nada? Achei um absurdo. Daí, ele deitou na cama, e ele é bem bonito pelado. Puta corpo. Não sei, mas ele deitado ali me deu tesão, aí sentei na perna dele e me masturbei. – Outra risada.

– Foi engraçado? – perguntei.

– Não. É que isso é tão vexatório. Desculpa, Theo.

– Tudo bem, estou aqui pra te ouvir.

– Bem, eu lá colada na perna do Breno e ele nem se mexeu. Acho que ele ficou em choque. Ou foi falta de prática mesmo. De repente outro homem teria outra reação – disse ela. Isso olhando bem pra mim. – Enfim, eu desliguei dele, mas foi tão triste. Me senti assim... vazia, tão vazia que eu comecei a chorar e... Fiz tudo pra ele não ver, mas não sei se ele viu. O mais estranho foi quando eu gozei. Depois daquilo tudo, eu tinha certeza que ia ser uma gozada de merda, mas não. Foi a melhor da minha vida. Como é que pode?

Júlia me encarou. Por segundos eu não sabia o que dizer. Me senti como o Breno, em choque. Não era para a Júlia estar fazendo aquilo. Eu não previ outros homens, só o bolha do André bastava. Como não respondi, ela continuou dizendo que ouvir relatos como o dela era algo corriqueiro para mim. Com a minha experiência, eu devia estar mais do que habituado a ouvir os maiores absurdos. O cômico foi que Breno fez o mesmo comentário no dia seguinte – se bem que ele me assegurou de que nada do que contaria era excitante. Coitado. Júlia nua era mais do que excitante e, se estava preocupado em servir de material imaginário para as minhas masturbações, se preocupou em vão. Eu o eliminei da história, fiz uma versão nova somente comigo e Júlia – afinal, era eu quem deveria ter estado no lugar dele.

Enfim, o relevante é que depois de Júlia ter esfregado Breno na minha cara, eu me traí e assumi o quanto tudo aquilo me surpreendia. Para piorar, ainda briguei, bem de leve, mas briguei, com ela por ter dormido com Breno. Ele era meu paciente.

– Você não pode ir pra cama com um paciente meu.

Assim que falei, percebi o ato falho: ela também era minha paciente.



– Fico feliz de você ter lembrado esse fato antes que a sessão dela acabasse.
– Sempre Dora e seus comentários infelizes.

– Você não entende, não é? Dizer que a Júlia é minha paciente é só uma questão de formalidade. – Eu pude ver as sobrancelhas de Dora irem parar no meio da testa quando eu disse aquilo, mas não me importei. – Ela não quer ser, não se vê assim. O Breno é que se transformou. Ele me agradeceu, assim, no meio da sessão. Disse que a terapia está ajudando ele.

– Algum motivo especial?

– Com certeza porque eu falei das escolhas dele, da maneira como ele está querendo passar por essa fase. Como sempre, querendo se impor e minimizar o resto. Tudo é externo e brusco. Me parece que ele é guiado por rompantes, como se uma ação sem conscientização resolvesse tudo. O casamento não está bem; vamos acabar com ele. Vamos desafiar a morte, vamos enfrentar os riscos, vamos isso, vamos aquilo. Eu disse para ele parar um pouco. Não é fácil atravessar crises, é um processo de autoconhecimento que deve ser abraçado.

– Que pena que você não se ouve.

– Dora! Eu não sou o Breno. Não estou passando por cima de nada.

– Mas você me contou da impaciência e da pressa com os pacientes. Essa semana mesmo com a Nina, você assumiu que a pressionou demais.

– Posso voltar ao assunto? – Ela assentiu, com seu suspiro de resignação enjoado. – O importante foi que ele me contou que, depois de terem transado, Júlia se masturbou na perna dele, como se ele não estivesse presente, e até chorou. A mesma história dela, só que pra ele era óbvio que ela estava com a cabeça em outro homem. “Ela está louca por outro cara”, foi o que ele me disse. Então, na segunda, ela me conta tudo isso, sabendo que ele viria no dia seguinte para me dar o recado completo, e você ainda acha que foi por causa do ex-noivo?

– Theo, você entende que Júlia é uma mulher carente, manipuladora e que está fazendo tudo isso só para te desestabilizar, para tirar de você uma prova de afeto. Ela não te quer. Se você der um passo em direção a ela, com certeza essa fantasia vai acabar e ainda vai se voltar contra você. Eu estou muito preocupada, você está se deixando levar pelo jogo dela. Você está alimentando esse sentimento.

– A transferência é algo normal!

– Me diga uma coisa: por que a Júlia está em terapia? – Me calei diante da pergunta, a própria Júlia não sabia, tinha me procurado só para agradar André. – Está vendo só? Você nem se lembra mais.

Bingo. Levei um chute no *meu* calcanhar de aquiles. Mais uma vez acusado de incompetente, reprovado no crivo da todo-poderosa. Como se já não bastasse o que fizera comigo oito anos atrás, Dora precisava me boicotar de novo. Nunca bom, apto ou pleno o suficiente. Recitei novamente, palavra por palavra, a cartinha dela, só que fiz questão de usar o texto na íntegra. É. Eu tinha decorado todos os absurdos que ela tinha escrito sobre mim, assim como as insinuações perversas sobre meu trauma familiar. Numa carta, ela me expôs como um idiota que não sabia o seu lugar. Pajeá-la e admirá-la: essas eram as minhas funções. Qualquer iniciativa de crescer e mostrar minha capacidade havia sido tolhida, eu não era digno de ser comparado à grande Dora. Por mais que eu soubesse que não estava ali para lavar roupa suja, nunca digeri a rasteira que levei, e naquele momento pouco me importava se ela me achava um recalçado, com uma autoestima tão baixa que não suportava a rejeição, nem em forma de memória. Se era isso que pensava de mim, ela ainda não sabia de nada.

– Pois fique sabendo que, graças ao seu golpe baixo, eu cresci. E muito. Obrigado, Dora, muito obrigado. Pra sua informação, eu me tornei um terapeuta extraordinário, melhor do que você! E sabe por quê? Porque sou capaz de sentir, de me colocar no lugar do outro, coisa que você nunca aprendeu. – Eu podia ter parado por ali, mas não parei. – Eu não sei identificar uma transferência erótica? Pelo amor de Deus! Você me agride só de sugerir a hipótese! Pareço tão estúpido assim?

O show acabou. Dora permaneceu com os olhos em mim, acho que esperando mais. Como me mantive calado, ela, com a sua prudência analítica, apenas me perguntou o porquê de estar ali. Sendo ela tão ignóbil e castradora, estava curiosa em saber o que me motivara a voltar. Não pude responder. Até aquele momento, de verdade, eu não sabia. Querer, poder e dever. Eu queria Júlia, eu podia me aproveitar dela, eu não devia fazer isso.

– Eu te idolatrava, você era o modelo de perfeição para mim e durante anos fiz tudo, tudo para ser o melhor, para te agradar, para te orgulhar, e você me eliminou na primeira ameaça. Só que não era uma ameaça, Dora. Eu não queria usurpar nada de você. Só queria provar que era capaz. – Ela fez menção de falar alguma coisa, mas eu não permiti. – Você me obrigou a te matar e, por isso, vai ter que me ouvir!

Dora, sem esboçar nenhuma reação, esperou eu despejar tudo. Era necessário. Eu já tinha feito preliminares demais e, principalmente, subestimei o poder do que faço e do que acredito. Achei que dominasse a terapia, mas, no meio de tudo aquilo, me vi sendo dominado por ela. Essa força transformadora que fez um homem como Breno me perguntar, de todo coração, se eu realmente podia ajudá-lo, não podia ser menosprezada. Se ele tinha sido capaz de mostrar fragilidade e, apesar de toda a minha conduta comprometida, ainda me agradecer, eu devia ser sincero comigo mesmo.



– Eu transei com Breno pra te espezinhar? – Júlia tentou disfarçar, mas, pelo falsete da voz, vi que estava mentindo.

Ela se recuperou rápido e, depois de rir da minha suposição e pretensão, acabou assumindo que não precisava desse tipo de ardil para assumir que me amava.

– Te amo, Theo. Muito – a doçura da voz me aqueceu e eu desmontei. – Disso você já sabe, não vou repetir.

Agradei silenciosamente. Se Júlia dissesse novamente que me amava, eu não respeitaria o protocolo. Decidi explorar o choro dela quando estava com

Breno. Ao mesmo tempo queria que ela lesse as entrelinhas e entendesse que eu a queria. Só que ao ouvir que só tinha ido para cama com Breno porque não havia conseguido comigo, e que ele fora apenas um jogador reserva, ela não gostou. Me chamou de arrogante, olhando para mim como se eu não fosse aquilo tudo. Começamos uma queda de braço. Derrotada, ela mudou de assunto. Completamente. Falou da mãe e de um bolo de chocolate, e de repente soltou, como quem não quer nada, a informação de que ia encontrar Breno assim que acabasse a sessão. Ele devia chegar a qualquer momento. Sim, marcar no meu consultório era para que eu tivesse certeza de que ela não estava blefando.

– E o André? – perguntei, pensando em mim.

Foi então que ela contou do término. Depois da nossa última sessão ela entendeu que não podia casar com ele. Para sua surpresa, André, que sempre tinha sido tão apaixonado, tão subserviente, não lutou por ela e até agradeceu aos céus pelo rompimento.

– Ele foi rude. Um escroto. Disse que estava livre de mim, como se eu fosse uma maldição.

Como um idiota, comentei que André provavelmente estava machucado, e Júlia se enfureceu:

– Qual é, Theo? A sessão é pra mim. Aliás, você podia começar a poupar o nosso tempo.

– Como assim?

– Parando de inventar desculpas ridículas, como aquela de me transferir para um colega.

– Júlia, eu só queria discutir o assunto.

– Nossa! Você mente tão mal que me dá vergonha alheia. Seria tão mais fácil se você assumisse. “Sabe, Júlia, eu também tenho sentimentos por você e por isso vamos encerrar a terapia”, mas não! Tinha que inventar aquela bobagem em vez de me contar e conversar comigo.

– E depois? Continuaríamos a terapia ou eu ficaria livre para me relacionar com você?

– Eu não disse isso.

– E o que você disse?

– Eu disse que seria muito melhor se você fosse sincero. Você acha mesmo, Theo, que eu estou com uma transferência? Que isso é uma fantasia? Pareço uma garota apaixonada pelo ídolo de rock, achando que ele é o príncipe encantado e que seremos felizes para sempre? Faça-me o favor! Eu gosto de você por você. Não é um Theo imaginário que eu amo. É o Theo real, severo, exigente e sozinho, como eu. Esse é o Theo que eu amo.

– Pela segunda vez ela chorou – contei a Dora.

Assim como contei da primeira vez que isso havia acontecido. Claro, omiti que ela chorava porque não sabia se, juntos, seríamos perfeitos, mas pelo menos era uma esperança de alívio. Essa conclusão era minha.

Também não contei o que se seguiu. Para que dizer que Júlia sentia ódio de si mesma? Impressionante como ela sempre me surpreendia. Se odiar é uma declaração tão forte que não pode ser uma sensação permanente. Pode ocorrer em momentos de erro, culpa, mas a vida toda era muito tempo. Era o equivalente a ter vivido sem ser. Não podia aceitar aquele ódio dela.

– Por que você nunca falou disso antes? – questionei.

– O melhor fica para o fim – ela disse, resignada, e eu me apavorei, como sempre acontecia quando as palavras “Júlia” e “fim” apareciam juntas. Era um sinal, mas eu ia ignorar. Por que enveredar por aquele caminho?

– Por que esse ódio de você mesma?

– Vai dizer que você também não se odeia? – ela respondeu, sorrindo por acertar em cheio.

Eu também estava vivendo sem ser. E antes que pudesse me deter, me vi contando que me odiava quando sentia culpa. Falei da minha adolescência, da minha mãe, de sua depressão indefesa e da minha inabilidade em salvá-la. Nunca havia contado essa parte da minha vida para um paciente e, assim que acabei, me perguntei por que justo para ela. O pensamento veio rápido: Júlia era o motivo de eu querer abandonar tudo. Ela me despertava a culpa, a mesma que eu sentia quando queria abandonar minha mãe doente e viver.

– Eu tenho que ir. O Breno já deve ter chegado. – Ela se levantou, indo para a porta.

Antes de ir quis quitar as sessões que ainda não pagara, mas eu não aceitei e pedi que ela me pagasse depois. Pela segunda vez um ato de desligamento,

que ignorei. Esperava que ela entendesse a minha recusa. “Agora não. Só mais um pouco, e tudo isso vai acabar”, pensei, olhando nos olhos dela através da janela, enquanto Breno a abraçava e cheirava seus cabelos.



– Ela ficou abraçada a ele, olhando pra mim, e eu fiquei na janela, sem poder fazer nada.

Apesar de se manter na mesma posição, algo havia mudado em Dora. Consternada. Ela estava de fato consternada.

– Por que você não me respondeu? – Eu a olhei, confuso. – Sobre o porquê de ter vindo justo aqui.

De repente senti aquela clareza me possuindo, de finalmente entender, a certeza que eu até então não tinha. Subiu pela minha garganta sem que eu pudesse segurar. Se Dora, que representava todos os dogmas, toda a ética, a castração encarnada, não conseguisse deter o animal em mim, ninguém conseguiria.

– Por que você quer que eu te detenha? – a pergunta de Dora me dividiu em três: no meu eu-querer, no meu eu-poder e no meu eu-dever. Não sei qual deles respondeu.

– Porque pode ser só uma transferência, e eu posso estar errado. Não me deixe ultrapassar os limites, não me deixe usar meu poder como terapeuta da forma errada.

A expressão de Dora diante de minha catarse era admirável. Como ela era boa no que fazia. Realmente, ainda estava em plena forma. A partir do momento em que fui sincero, ela voltou a ser aquela entidade acolhedora que nunca se deixava manipular. Precisa e sagaz. Durante a semana fui cercado pelo remorso e naquela sexta também. Acusei Dora de tantas maneiras, agredi, resisti, menosprezei tudo o que ela fizera por mim e, mesmo assim, ela não me dispensou. Atônito, eu a vi se inclinar em minha direção e jurar que não me abandonaria, que estaria sempre pronta a me ajudar, sem julgamentos, sem censuras, sem passado, apenas ela.

– Se depender de mim, você nunca fará nada de que possa se arrepender.

Naquele momento eu soube. O teste nunca tinha sido tratar Júlia. Recuperá-la nunca foi o objetivo. Muito menos provar a todos que eu era o terapeuta biônico e destemido que manejava todo e qualquer tipo de caso. Queria apenas atestar a minha vontade, comprovar a fatalidade do sentimento por Júlia e, por isso, foi imprescindível retornar ao meu censor, ajoelhar aos pés da pitonisa Dora e aguardar a sentença do meu destino. Eu não podia errar, mas também não podia mais negar o que me ultrapassava. Cansado de tanto conjecturar e encenar uma mentira, me rendi:

– Amo, amo, mil vezes amo. Eu quero a Júlia só pra mim. Quero fazer amor com ela, trepar com ela, quero tudo com ela. Ela não sai da minha cabeça, o dia todo é só nela que eu penso. Eu preciso dela. Não me olha assim, Dora. Não me olha assim. Eu sei que é grotesco um homem da minha idade amar uma mulher desse jeito, uma mulher tão mais jovem que ele, mas eu amo. E eu vou ficar com ela, custe o que custar. Não me importa mais o preço que vou ter que pagar.

Como uma represa que, uma vez aberta, não se pode fechar, fiquei ali, murmurando que amava Júlia. Nunca imaginei me ver em tal situação, despido da armadura e de peito aberto diante de Dora. Sem ação, ela me olhou e assumiu que não sabia o que dizer. Era preciso pensar. Concordei com um gesto automático de cabeça e ela se levantou, indo para a cozinha pegar as minhas compras.

Sozinho, naquela sala tão conhecida do meu passado, a frase final da sessão de Breno martelou nos meus ouvidos:

– Agora eu quero é dar o troco e foder a Júlia, até a dondoca jogar a toalha.

Nossa compatibilidade só vinha das analogias dos desejos. Em termos de honestidade no querer, ele me superava. Eu tinha que dar o braço a torcer. Mesmo assim, sabia que Breno me aceitara e a sua confiança me humilhava, porque eu não podia devolver com a mesma honestidade e dizer que o outro homem era eu. Estava além de mim. Eu não sabia mais o que era verdade e o que era mentira. Eu queria mesmo ser impedido? Ou era outro truque que se sobrepunha à minha vontade? Estava tudo correndo como o meu inconsciente queria. Mas e se ele me surpreendesse e se deixasse convencer por Dora? Aquilo não era uma fase, concluí.

Assim que saí, joguei os camarões na primeira lixeira. Não sentia mais fome.

Avaliação: Quarta sessão

Data: 26 de outubro de 2012

Paciente: Theo Cecatto - psicólogo e terapeuta. 56 anos

Sessão tensa, mas finalmente Theo assumiu suas emoções e a contratransferência com a paciente. É mais sério do que eu pensava. Ele disse que a ama e está completamente apaixonado por ela.

Como a paciente se envolveu com outro paciente dele, com certeza isso está afetando a conduta dele em relação aos dois.

Os dois pacientes devem ser encaminhados para outro terapeuta.

A mulher dele viajou com o amante e os filhos estão fora. Theo tentou disfarçar a alegria em se ver livre da família, mas está claro que ele quer isso.

O fato mais importante é a função que ele designou para mim. Theo quer que eu o impeça de cometer um erro e abusar do seu poder como terapeuta. O que indica que ele não está no controle de suas emoções e que segue se autoenganando e colocando nas minhas mãos uma responsabilidade que é dele.

Como existe um grande recalque em relação à minha postura no passado, Theo pode inconscientemente me achar devedora e me colocou como censora justamente para que o pague com um aval para infringir a ética.

Fiquei de pensar, mas na próxima sessão vou deixar claro que ele deve parar de atender os dois pacientes imediatamente.

Q U I N T A S E M A N A . . .

“Tendo cruzado o limiar, o herói caminha por uma paisagem onírica povoada por formas curiosamente fluidas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de provas.”⁵

JOSEPH CAMPBELL

De forma vegetativa. Foi assim que passei aquele fim de semana. O apetite foi para o bealéu, a solidão alegre virou piada velha, os mil planos de reencontrar amigos e dar um up na vida social se converteram em preguiça mórbida. Nunca pensei que àquela altura da vida iria me surpreender comigo mesmo e de forma tão devastadora. Apaixonado, totalmente entregue a um amor platônico. E por uma paciente! A confrontação de nós mesmos e de nossas precariedades é sempre um evento. Ninguém acredita ser tão fraco ou tão ruim. Logo, se deparar com a prova irrefutável de que você não é metade do que imaginava ser sempre gera aquela vergonha, a vergonha de não se conhecer como deveria. No meu caso, eu não sabia se a vergonha era maior pelo fato de a catarse e a apropriação dos sentimentos terem acontecido diante de Dora. Colocá-la como a única possibilidade de salvaguardar minha dignidade era entregar um poder imenso em suas mãos. De repente eu achava que ela me devia alguma coisa – achava, não; eu tinha certeza, e por isso a escolhi. Um novo terapeuta nunca iria me conhecer a tempo de poder intervir com propriedade, e tempo era algo que eu não tinha mais. Somente Dora possuía a força, o conhecimento e, claro, minha aversão.

Durante metade do sábado eu me acalmei, seguro de que essa linha de pensamento era a certa, mas, logo depois do almoço que não aconteceu,

comecei a ruminar outras possibilidades. E se fosse real a vontade de ser impedido? E se eu tivesse procurado Dora não como uma revanche ou acerto de contas, mas sim porque no fundo eu soubesse que ela tinha acertado no julgamento que fez de mim oito anos atrás e que seria a única a me ajudar de fato, justamente por conhecer esse meu lado teimoso e arrogante? Cinco minutos depois de chegar a essa conclusão eu voltava a andar de um lado para outro, resmungando mais hipóteses: “Júlia me ama”, “Júlia não me ama”, “Eu não a amo, só quero dormir com ela”, “É, era puramente físico”, “Não, é amor de verdade”, “Não é amor de verdade!”

Na segunda de manhã acordei massacrado. Meu corpo inteiro doía, todos os músculos... Meu pescoço estava tão rígido que precisei colocar uma bolsa de água quente. Só não tomei um relaxante muscular porque não podia me dar ao luxo, ou melhor, não queria me dar ao luxo de dormir o dia todo. Ainda mais que segunda era dia de Júlia, e depois da minha declaração de sexta e daquele fim de semana infernal, vê-la tornou-se uma exigência emocional. Diante dela eu estava certo de que uma epifania me esclareceria a confusão dos meus pensamentos e tudo voltaria novamente aos devidos lugares.

Pela primeira vez em muito tempo fiz café. Por mais que adorasse chá, eu precisava beber algo mais forte. Logo o cheiro tomou conta da casa de tal forma que deduzi que nem café eu sabia mais fazer. Dito e feito, estava intragável de tão forte. Mesmo assim tomei dois goles. Precisava acordar. Foi quando Malu chegou. Trazia uma mochila nas costas e cara de quem tinha virado a noite.

– Quem é vivo sempre aparece! – brinquei, mas eu estava mesmo era puto com ela. Ficou a semana toda fora e nem atendeu minhas chamadas.

– Fazendo café? Você? – Malu riu e se aproximou. Pegou minha xícara e experimentou, para logo cuspir de uma forma muito parecida com a de Breno.

– É, eu sei. Ficou uma merda. Vou jogar fora.

– Menos, pai. É só ferver mais água e misturar.

Enquanto Malu fervia água, me sentei e fiquei observando. Ela estava diferente, parecia mais adulta e mais segura. Malu sempre foi muito precoce

e tinha um talento nato para ouvir as pessoas. Daria uma ótima terapeuta, embora Clarice odiasse a ideia de ver a única filha cada vez mais parecida comigo. Dos três, Malu era a mais próxima a mim. Desde pequena se acostumara a conversar tudo comigo, e ficar naquela cozinha em silêncio era um tanto constrangedor. De onde tinha saído essa moderação? Desde quando nós não conversávamos mais? De costas para mim, Malu parecia aquele convidado deslocado que não sabe o que fazer numa festa e fica se mexendo para lá e para cá, numa tentativa de mostrar alguma coisa. Vacilei entre ser direto e perguntar o que estava acontecendo e ser sutil, insinuando que ela parecia preocupada. O hábito me fez escolher a segunda opção.

– Parece que alguém está agitada.

Ela parou imediatamente.

– E alguém, fora de forma. Demorou muito pra perguntar. – Dito isso, ela se virou: – Para de enrolar, pai, e fala logo. – A objetividade de Malu sempre me desconcertava.

– Aconteceu alguma coisa? Você parece incomodada. – Ela riu do que eu disse.

– Comigo não aconteceu nada. E com você? Tá acontecendo alguma coisa?

– Não que eu saiba.

– Ou você preferiu não saber?

– Você está me analisando?

– Estou? Nossa! A criação realmente molda a personalidade de uma pessoa.

– É alguma coisa lá no centro? Esses jovens que você ajuda... Está acontecendo alguma coisa?

– Está perguntando por quê?

– Você se envolveu com alguém lá? Malu, eu não acho uma boa ideia. São jovens desajustados.

– Desajustados? Como é que você sabe? Já foi lá? Na boa, pai, você tá bem mais desajustado que muitos deles – e virou novamente para o fogão.

Maldição! Ela sabia! Minha filha sabia e devia me achar um bosta de homem. E eu era, porque fiquei arrumando os guardanapos em vez de responder. Ela voltou a resmungar como uma velha, abrindo e fechando os

armários, até que de repente se virou para mim e disse que estava feliz por Clarice voltar naquela semana. Pego de surpresa, apenas concordei com um débil gesto de cabeça.

– Não está feliz que a mamãe vai voltar? – ela perguntou.

– Sim. Claro.

– Pai, se você dependesse de mentir para viver, estaria na merda – ela observou muito bem.

Se bem que eu me considerava um comedido razoável e com relativa capacidade para mentir se necessário. Mas Malu era minha filha. Diante dos filhos, muitos dos nossos superpoderes simplesmente não funcionam.

Pela expressão dela, eu sabia que toda a ceninha era para falar sobre o assunto. Definitivamente, eu não precisava começar a semana tendo que me passar por marido naïve, que não fazia ideia de que a mulher estava viajando com o amante. O apito da chaleira me salvou. Misturei a água ao café e dei um beijo rápido na testa de Malu, com a desculpa de ter que trabalhar.



Faltavam poucos minutos para Júlia chegar e eu não sabia o que dizer, o que era patético. Afinal, não precisava dizer nada. Poderia levar aquela sessão como muitas outras: só me sentar e deixar o paciente descarregar a bateria. “Sessões de descarrego”, é como as chamo carinhosamente quando só o paciente fala sem parar. Muito boas para desopilar o fígado, mas somente depois que o paciente se esgota é que posso, de fato, intervir. Com Júlia, a parte do descarrego nunca ocorreu. Esperar que ela falasse por mim era uma perspectiva besta.

Não ter o que dizer para o paciente acontece muito mais do que se pensa. Geralmente quando me sento na poltrona, esse mutismo acaba e o terapeuta surge. Podem chamar isso de condicionamento ou costume, não me importa o que seja. O fato é que sempre me salva. Achei que seria assim, que mesmo diante de Júlia, uma vez que estivesse no meu lugar, eu saberia o que dizer. Mas não. O olhar cansado e sua postura preocupada me davam vontade de abraçá-la e confortá-la, só que, assim que Júlia me encarou, eu não disse

nada. A qualidade do olhar passou de cansaço para imperturbabilidade. Com os cotovelos apoiados nos joelhos, sua figura era de quem espera por uma resposta. Não tinha nada de amigável naquele olhar, era só demanda. Quando dei por mim, estava dizendo a ela que gostaria de começar nossa sessão discutindo justamente o término da terapia comigo.

Depois de passar um fim de semana de merda, feliz por ter dito a alguém que a queria e, ao mesmo tempo, miserável por isso, minha reação instintiva foi de descartá-la. Enquanto eu falava, me perguntava o porquê. Era para ficar livre para ela? Mas se fosse, por que eu não seguia o conselho de Júlia e era sincero? Ou tudo aquilo era por saber que o melhor era me afastar e tratá-la como a paciente que era? A briga entre o querer e o dever me aturdiram de tal forma que eu já não sabia como agir diante dela, então era melhor mesmo acabar com aquilo, independentemente da razão. Mesmo tentando me convencer, eu sabia que minha atitude significava algo, em geral o que de fato importa não pode ser retido, por mais que se pondere. Quando chega o momento de decisão, vamos tentar seguir o que em nós é mais correto. Parecia que agir como terapeuta dela ainda era o mais correto para mim.

– Desculpa, Theo, mas a gente não vai conversar sobre nada – ela disse.

– Por que não? – perguntei honestamente, pensando que era outra resistência de Júlia.

– Porque essa palhaçada acaba hoje. *Eu* estou encerrando minha terapia com você. Acabou – ela sentenciou e ainda teve a coragem de insinuar que eu estava feliz com a decisão.

A minha decepção aos olhos de Júlia parecia alívio e, segundo ela, eu poderia comemorar como quisesse, já não importava.

– Depois do que aconteceu comigo, se quiser abrir um champanhe, vai em frente.

– O que aconteceu com você? – perguntei.

Júlia me contou sobre seu trabalho e sobre como a semana tinha sido extremamente difícil, das ressuscitações que aconteceram e, principalmente, de uma adolescente que passara pelo centro cirúrgico. Era uma operação estética, mas mesmo assim delicada, e que a jovem esperava para fazer havia

anos. Júlia estava acompanhando um anestesista mais experiente e tudo corria bem. Tão bem que o outro médico saiu e a deixou sozinha, tomando conta da paciente. No fim da cirurgia, Júlia a levou para a sala de recuperação e, de repente, a jovem ficou roxa e sem ar. A sorte foi que o outro anestesista voltou, empurrou Júlia para longe da paciente e a salvou. Mais alguns minutos e ela estaria morta. Júlia não sabia o que havia acontecido e se sentia a pior profissional do mundo. Tentei argumentar que esse tipo de situação acontecia e que ela não devia ser cruel consigo mesma. Sem perceber nada, segui analisando Júlia e dizendo que ela devia ter se identificado com a fragilidade da paciente e lembrado de coisas da própria juventude, de assuntos que ela não revela nem para si mesma e coisas do gênero.

– Tá bom, Theo! Me lembrei da minha adolescência de merda. Do meu pai deprimido depois da morte da minha mãe, mas e daí? Passou! Se a terapia serve pra isso, eu não quero. Chega de cutucar a ferida. Você acha que a menina morrendo me lembrou do quê? De que eu queria que o meu pai morresse também? Eu queria, sim. Se era para ele ficar daquele jeito então era melhor morrer.

– Foi nessa época que você foi para Paraty, não é? – Se aquela seria a nossa última sessão, essa era minha última oportunidade de falar sobre o assunto. O assunto que Júlia sempre evitava.

– Foi. E daí? Vai falar de novo sobre meu apego ao Beto e à mulher dele? Chega, né, Theo?

– Por que você nunca quer falar disso?

– Falar do quê?

– De como foi se separar deles e nunca mais vê-los.

– Quem disse que eu nunca mais vi o Beto? – ela respondeu, atrevida.

Sem parar, relatou que uns meses depois o amigo do pai tinha vindo a São Paulo e se hospedara na casa deles. E que ele era divertido e a levava a várias galerias. Foi a primeira vez que ela foi a uma bienal e tudo era muito novo e excitante. Finalmente vida na casa, já que o pai mal falava. Em suma: a presença de Beto foi um respiro maravilhoso. Do seu jeito nem-ligo-tô-nem-aí, ela contou que seduziu o homem e que ele fez sexo com ela. Que

tudo começou quando o pai foi ao banco e eles ficaram sozinhos. Ela ria e dizia que parecia muito com uma cena de Lolita. Novamente o livro de Nabokov. Contou que ela apoiou os pés no colo dele e de repente sentiu uma ereção. A maneira como ela descreveu o que sentiu quando percebeu que o tal Beto estava excitado foi a sentença de Júlia, pelo menos no meu ponto de vista. O aparente poder sobre alguém a havia fascinado e acredito que reviver essa sensação era o que a movia até aquele momento. Se sentir especial por dar prazer fez dela uma escrava disso, sem perceber que o poder estava no outro, que a subjugava e obtinha dela o que queria.

– Nossa! Você não sabe, mas o tempo que ele ficou com a gente foi uma loucura. Era só o meu pai ir para o trabalho que a gente ia para o quarto. Não teve um dia que a gente não transou – ela riu, mas eu não achava graça alguma em uma menina de 15 anos transar com um homem de 40 anos, ainda mais sendo esse homem amigo da família.

Era obsceno para mim, embora explicasse muito sobre ela. Quando me pediu desculpas, da forma mais debochada possível, por ter mentindo para mim sobre sua primeira vez e deixou claro que o primeiro homem de sua vida tinha sido o Beto, eu comecei a ficar muito irritado. No entanto, minha raiva atingiu o pico quando ela o defendeu, “Coitado dele, tinha sido seduzido por ela”. “Coitado é o caralho!”, tive o ímpeto de dizer. Fora a defesa equivocada, Júlia ainda via tudo de forma muito corriqueira, numa banalização completa de si mesma.

– Relaxa, Theo, foi superbacana. Ele foi carinhoso e era muito legal. Eu não tive nenhum grilo com essa coisa de perder a virgindade. Normal.

– Você acha normal um homem que podia ser seu pai abusar de você? – Ela franziu o rosto, surpresa. – Sim, Júlia, esse Beto abusou de você, se aproveitou da sua ingenuidade e da fase por que você estava passando. E você ainda defende ele? E o seu pai? Onde estava?

– Como assim?

– Você dormia com o Beto e ele não percebeu?

– Eu não dormia. Eu ia lá no quarto dele, a gente transava e depois eu ia pro meu quarto.

– Mas onde estava seu pai?

– Dormindo no quarto dele!

Se minha atitude era correta ou não, aquela era a última sessão, então eu ia dizer exatamente o que pensava. De salvador esse Beto nunca teve nada. A falsa salvação foi só para se aproveitar, e o pai, que devia protegê-la, estava dormindo.

– Ele não tinha condições de cuidar de mim! Eu já falei.

– Claro, ele estava muito deprimido com a morte da sua mãe. Por favor, Júlia ele era o adulto responsável, ele tinha que ter tomado conta de você e não dormido! Você tinha 15 anos, não era seu dever cuidar dele! Seu pai errou!

– Tá bom, Theo. E daí? O que adianta falar disso agora?

– Adianta que você ainda pode ter essa conversa com ele e contar o que aconteceu, o que o amiguinho dele fez.

Lógico que ela resistiu e quis falar do meu pai. Mas meu pai nunca foi meu assunto favorito. O ponto era que Júlia acreditara que tinha a obrigação de ser adulta antes do tempo, e sua iniciação sexual distorcida afetou toda a sua vida amorosa. O comportamento de se dar como se não valesse nada vinha de algum lugar. Ela precisava esclarecer isso e assumir que a ausência do pai a havia machucado. Diante da minha insistência, ela disse que ia pensar e levantou para beber água. Aproveitou a presença da maldita máquina de café do Breno para dizer que eles tinham terminado.

– E aí? Ficou feliz com a notícia?

– Por quê? Deveria? – perguntei.

Sua resposta foi muito diferente do que eu esperava. Júlia se aproximou de mim, chegando tão perto que eu pude sentir o calor do seu corpo. Não havia como desviar daquele olhar. Até na hora em que Júlia me disse baixinho que quase havia matado a menina na cirurgia por minha causa, eu não consegui desviar o olhar. Eu podia ver o meu reflexo nos olhos dela e ela podia ver o seu reflexo nos meus.

– Eu errei. Um erro estúpido que quase matou a menina. E sabe por quê? Porque eu estava tentando entender como você podia querer ficar livre de mim. Em vez de prestar atenção na vida dela, eu estava tentando arrumar

um jeito de não te perder. Não posso mais, Theo. Amar você só me faz mal. Não posso mais.

“Eu não quero te fazer mal. Eu quero te amar, cuidar de você. Eu te amo tanto, Júlia”, pensei, me segurando para não beijá-la e impedir aquela separação. Só que, como sempre, eu só pensei. Por fim, Júlia se afastou, pegou sua bolsa e foi em direção à porta. Eu a segui em silêncio, abri a porta e, antes de sair de vez, ela se virou para mim e me abraçou com força. Por uns segundos não consegui devolver o abraço, com medo de não conseguir me soltar dela, mas era impossível impedir um movimento involuntário. Ficamos assim um bom tempo, numa situação perfeita, para eu finalmente ser franco. Ela ia embora e eu não conseguia falar nada. Quando eu finalmente fui capaz de respirar, cheirei os cabelos de Júlia, como se o seu cheiro fosse me alimentar para o resto da vida. “É agora!”, pensei, mas quando as palavras chegaram à minha boca, ela se afastou apressada e sem olhar para trás.



Eu gostava de caminhar. Quando era mais jovem costumava dar longas caminhadas. Por vezes até corria, não por esporte, e sim porque a inquietação dentro de mim era tamanha que apenas caminhar não me acalmava. Eu precisava correr até a exaustão, como se a angústia pudesse ser expelida com o suor. Naquela noite, quando meu último paciente foi embora e me vi mais uma vez sozinho em casa, eu saí.

Na rua é que me dei conta do quanto meu trabalho é uma clausura e de como me habituei ao isolamento. O ato de se isolar era um grande indicativo de depressão, o que poderia ser o meu caso. Foda-se! Eu estava deprimido! Fazer o quê? Era o mal da humanidade. Logo, logo os homens vão ser meros zumbis batendo o cartão de ponto no trabalho. Eu não seria poupado. Meu nome significa “Deus”, mas estou longe disso e, quanto mais eu pensava na cena grotesca com Dora, mais eu me odiava. Toda aquela exposição e Júlia tinha ido embora, meu casamento estava uma merda e minha mulher me

corneava em praça pública. O pior é que eu não tinha feito nada. Deixei acontecer, achando que no fim me daria bem. Os omissos nunca se dão bem.

Alguém chamou por mim.

– Dr. Theo!

Hugo atravessou a rua desajeitadamente e correu em minha direção. Que merda! Se eu estava perto do bar do Hugo, eu estava bem longe de casa. Ele era um daqueles caras simplórios mas alegres, se achava um caso típico de sucesso por ter o bar. Quando ele descobriu que eu era terapeuta, passou a fazer questão de me chamar de doutor, ainda mais na frente de outros clientes, como se ter um bar frequentado pela classe médica denotasse um algo a mais. Assim que me alcançou, percebi que ele tremia e logo perguntei sobre sua medicação.

– Mas é claro, Dr. Theo. Tomo religiosamente, mas é uma doença infeliz – ele respondeu, sorrindo. A esclerose múltipla tinha sido descoberta logo depois da morte da mulher. Mesmo assim ele não se abatera. Esfregando as mãos com satisfação, me perguntou se eu ia entrar para tomar alguma coisa. Achei melhor declinar, só faltava ficar bêbado. Menti e disse que tinha que voltar para casa porque Clarice estava me esperando. Nisso, os olhos de Hugo se encheram de lágrimas e ele desatou a chorar. De repente eu estava abraçado a ele, dando tapinhas em suas costas, o que foi um grande erro – não se abraça uma pessoa emocionada, isso só vai fazê-la chorar ainda mais. Dito e feito, depois de uns 15 minutos soluçando no meu ouvido, ele se afastou e assoou o nariz num lenço, o mesmo que minutos depois passou na testa.

– Desculpa, doutor. É que não ter ninguém esperando a gente é tão ruim... Eu podia chegar com o sol raiando que a minha patroa tava lá, perguntando como tinha sido o movimento. Às vezes eu tava cansado e até me irritava, mas hoje eu sinto falta. – Como ele fez um biquinho, juro que fez, decidi agir antes que ele começasse a choradeira de novo.

– Hugo, preste atenção no que eu vou dizer. Você foi um ótimo marido, sua mulher te amava e foi muito feliz. Não fique triste e nem se culpe por nada. Entendeu? – Ele balançou a cabeça de forma tão positiva e séria que mais lembrava uma criança. Depois olhei no relógio e repeti a mentira. Ele pediu

pra eu esperar e saiu correndo para o bar. Não deu cinco minutos e voltou com um embrulho.

– São coxinhas de galinha, do jeito que a dona Clarice gosta.

– Não precisa, Hugo.

– Precisa, sim. Um agrado é sempre bom. Elas gostam – ele aconselhou, com uma piscadinha e uma cotovelada amigável. Agradei e me afastei o mais rápido que pude com a quentinha de coxinhas debaixo do braço.



Como aquela terça era o dia previsto para a volta de Clarice, deduzi que seria péssima, mas existia a possibilidade de nem nos falarmos. No entanto, era claro que eu havia subestimado os ímpetos de Clarice e, sendo assim, tudo podia acontecer. Talvez por isso e pelo fato de Júlia ter me abandonado, me vi checando as chegadas de Roma. O ato representava um reflexo ridículo, uma tentativa de recuperar o que ainda era meu, já que o ideal tinha escapado pela janela. Minha inércia ultrapassara todos os limites, mas ela nunca suspeitaria dos motivos, e contar com o papel de mártir aliviava a inverdade daquela saudade repentina de Clarice.

Elemento surpresa. É. Foi isso que aconteceu. Totalmente inesperado. Me pegaram na curva de tal forma que eu não consegui esboçar uma reação, nem mentalmente. Apenas quando Breno chegou antes do horário e entrou praticamente sem pedir licença é que atentei para o dia e a hora. O pulha foi direto fazer seu cafezinho e ainda teve a caradura de me mandar ficar à vontade. “Vai pro inferno, seu assassino metido a besta! Isso aqui não é a casa da sogra pra você chegar a hora que quiser, seu merda!” Teria sido um prazer falar todas essas coisas para ele, mas àquela altura eu não estava com a mínima paciência para brigar, o que provavelmente já aconteceria quando Clarice chegasse.

Vesti a persona do terapeuta competente e sentei na minha boa e confiável poltrona. Breno parecia agitado e cheio de novidades que eu não fazia questão de ouvir.

– O lance com a Júlia terminou – contou, como se eu não soubesse.

Desapontado pela minha falta de surpresa ou qualquer outra reação, prosseguiu da maneira mais escrota. Terminou com ela, mas fechou com chave de ouro. A última trepada tinha sido de arrepiar: ele castigou, fez tudo e mais alguma coisa. E eu ainda tinha sentido empatia por aquele filho da puta, pensei, me arrependendo de ter me arrependido por não ser sincero com ele. Era impressionante o que ele fazia para tentar me tirar do sério. Sempre desafiando para checar os limites, para me confrontar e ver até onde eu ia.

– Tasquei um azulzinho pra dentro. O negócio é bom mesmo. Fiquei que nem carro novo: bateu, pegou. O bicho fica trincado, doutor. Você devia experimentar, se é que já não é freguês. – O desgraçado ainda insinuou que eu era brocha e não parou por aí. – Dei uma canseira na boneca. Ela não podia encostar em mim que a parada subia. E quanto mais eu gozava, mais demorava pra gozar de novo. Descadeirei a Júlia. Depois do papai aqui, ela vai ficar uns seis meses sem conseguir dar – e riu, feliz com a façanha.

O abalo em ouvir o que ele tinha feito com Júlia deve ter me denunciado. Por mais que treinemos para não esboçar reações, eu devo ter me traído. Se bem que não foi isso que disparou as insinuações que se seguiram. Com certeza, Breno chegou no consultório sabendo exatamente o que ia falar:

– Doutor, me conta aí, vai. Você e a Júlia. Já aconteceu, né?
– Aconteceu o quê?
– Qual é, doutor? Vocês tiveram um trelelê. Tá na cara.
– O que é um trelelê? – me fingi de burro, mas com o coração na boca.
– Um cacho, um enrolo, um embrulho. Você já fez um bate-estaca ali, já deu uma gratinada naquela lasanha. Pode falar, doutor. De homem pra homem. Vai, se abre comigo.

Fez-se um silêncio constrangedor depois das insinuações chulas de Breno. O medo explodia diante de mim como fogos de artifício. Nunca, em toda a minha carreira, eu tinha passado por situação semelhante. Ser flagrado assim, com essa transparência e esse desdém confiante, quase me fez sucumbir à vontade de levantar e ir embora, só que isso significaria assinar embaixo e dar a vitória para o calhorda. A primeira coisa que me veio à mente foi revidar, dizendo que ele estava tentando me incluir na relação dos

dois para, hipoteticamente, dizer que ambos disputavam a mesma mulher. Só que ela o escolhera e por isso ele era melhor do que eu. Claro que a minha saída covarde não o deixou deslumbrado, muito pelo contrário. Breno exalava segurança, o que me deixou ainda mais alarmado, cogitando que ele soubesse mais do que deveria. Ter Dora e ele como confidentes era o inferno – sem a poesia de Dante. Júlia não poderia ter contado nada a ele. Ou poderia? Mulheres rejeitadas são capazes de atrocidades inimagináveis, concluí, mas, sendo homem, decidi que negaria até a morte qualquer outra indireta.

– Ah, não entendi. Eu quero disputar com você, doutor? Me explica, por favor.

Eu não respondi e ele disse:

– Pelo preço que você cobra, eu quero uma resposta. – Argumentei que ele sempre usava o dinheiro para confrontar e fugir do assunto. – Tá vendo? A gente não pode falar de você nunca! Está com medo do quê, doutor? – rebateu ele, chamando-me pela enésima vez de doutor, e não por motivos nobres. Era apenas para me espezinhar e me fazer perder o controle.

– Do que eu teria medo? – argumentei com ele.

E Breno acertou na mosca quando respondeu que eu tinha medo de ser visto como um fraco e que, por isso, fazia pose de superpoderoso, para que os malucos que eu tratava pudessem me idolatrar. Se alguns deles descobrissem que eu não sou o Mickey e cago e mijo como todo mundo, isso seria uma decepção. Eu não pude responder. A vergonha não me deixou falar nada. Logo ele me decifrou... E no momento em que pensei isso, pude ver que Breno se controlava para não comemorar o gol na minha cara. Minha sorte foi que, entre a vergonha e o ultraje, fiz algo, algo que até hoje não sei o que foi e, por isso, nunca poderia repetir, mas esse gesto foi identificado por Breno como um reflexo do próprio pai. Ter expressado a semelhança me fez ter um assunto sobre o qual falar e, assim, evitar colocar a minha pessoa como protagonista da sessão.

– Fodeu! Agora vai começar a ladainha de que eu preciso falar sobre o meu pai – ele disse, e logo em seguida debulhou uma lista de qualidades e elogios sobre o pai, o mesmo pai que ele havia enchido de defeitos, chamando de

frio, adúltero e assassino, de repente se transformou em um deus, exatamente como ele fez com a esposa. Sem querer, o patife me deu a faca e o queijo e, com isso, pude rebater que crescer sob o espectro de uma figura tão inalcançável e superior deve ter sido muito castrador e frustrante, afinal, como se comparar à perfeição? Como Breno sabia que era impossível se igualar, só lhe sobrava confrontar o pai e, sendo assim, desafiar qualquer figura de poder – o que constituía um padrão de comportamento tão arraigado que ele não conseguia mais se conter.

– Bravo! Muito bom, doutor! Adorei o show! Falou difícil, hein? Mas quer saber? Meu pai é bom pra cacete, então nem gasta o seu latim querendo falar mal dele, não.

Se ele achou que eu estava falando difícil para não dizer nada, nem sabia do que eu era capaz.

– Veja como sua personalidade adquirida não assimilou o recalque latente que existe em relação à figura paterna. Sem externar e analisar esses sentimentos, você está fadado a sempre julgar seu pai de forma dualista e rasa, categorizando-o como bom ou ruim. Com isso a heterogeneidade dos vínculos entre vocês fica comprometida. Percebe? – Obviamente, essa baboseira e minha tática impensada falharam. Breno reagiu com ainda mais violência, a ponto de eu esperar a hora em que ele levantaria e me daria um tapa na boca por falar mal do papai querido. Me controlei e tentei de verdade explicar a ele, na linguagem mais simples que encontrei, o que queria dizer. No entanto, Breno não queria ouvir. Era como se tivéssemos regredido para as sessões descarrego e o objetivo ali fosse jogar o lixo fora – leia-se, em mim.

– Meu pai é forte como um rocha! Dobra a língua pra falar dele!

– Entendo. Mas veja, Breno, a rocha é forte e protetora, mas também pode machucar. Ainda mais se você bate de encontro a ela. Você não acha? – perguntei, com a intenção sincera de poder abrir um diálogo sobre seu pai. Usando a minha técnica biônica de responder com outra pergunta, ele me questionou justamente naquilo em que eu não poderia responder.

– Eu matei uma criança. Na favela, lembra? Então. Vai dizer que você não me acha um monstro? Que você não acha a minha falta de remorso um

absurdo? Pode falar, eu sei que você fala pra todo mundo que eu sou um assassino. Eu quero saber o que você acha de mim!

Foi minha vez de não responder. Apesar de estar abismado com a clarividência repentina do Breno, eu sabia que volta e meia um paciente cobra esse tipo de coisa. Primeiro eles não querem saber nada de você. Estão com tantos problemas que colocar a máscara de oxigênio primeiro neles é a única coisa que importa. Num segundo momento eles se sentem em desvantagem com o terapeuta, por ele saber tanto e eles não saberem nada. Quando a curiosidade e o desejo de intimidade evoluem para uma patologia, eles ficam obcecados em descobrir o que pensamos e como os vemos para poderem seguir o padrão que seria aceitável do nosso ponto de vista. Me parecia que Breno estava no terceiro estágio. Meu silêncio só serviu para enfurecê-lo mais e, por um momento, achei que ele fosse me mandar para o inferno e depois sairia do meu consultório para todo o sempre. Mas ele expressou com todas as letras que eu era uma farsa, um mentiroso covarde. Ele me contava a vida e eu mentia para ele descaradamente.

– E você ainda enche a burra de dinheiro enganando as pessoas. Que maravilha de emprego, hein, doutor? Eu tenho certeza que você adora ouvir as misérias dos seus pacientes só pra depois rir e contar vantagem. Minha vida é show, graças às merdas dos outros.

– Novamente, Breno, me parece que seu comportamento é fruto de ter vivido com um modelo tão inalcançável quanto o seu pai. Ele te sufocou, sufocou sua sensibilidade e só sobrou a força, essa mesma força que você está usando pra me atacar, como se eu fosse o seu pai. Eu te entendo e é pra isso que estou aqui, pra ouvir tudo o que você quiser falar, mesmo que seja ofensivo.

Eu sempre odiei quando Clarice batia na porta, ainda mais no meio de uma sessão. Daquela, então, foi a morte, e a prova de sua presença me distraiu. Breno percebeu meu medo de que ele a visse e descobrisse meus podres. Para piorar, ele voltou a falar de Júlia, de como ela me adorava sem nem me conhecer de verdade.

– E o que é que você quer saber sobre mim? – caí na asneira de perguntar.

– O que eu precisava saber eu já sei. Você não é nada do que parece. Está na cara que você tem um bagulho com a Júlia. Que papelão, doutor. Uma paciente que podia ser sua filha. E você ainda fica se dando o trabalho de negar.

– Breno, por que isso? Por que você quer tanto me tirar do sério?

– Eu? Te tirar do sério? Eu só quero a verdade. Assume logo que tá de quatro pela Júlia!

Uma acareação era tudo o que eu não precisava – e muito menos sobre Júlia. O pior era que eu tinha que manter a postura de terapeuta ou as conclusões daquele verme se tornariam uma bola de neve. E tudo isso porque a Júlia só falava de mim e ele, com ciúme, deduziu mais do que devia. Tentei discutir, que sua fixação por Júlia era decorrente do fato de ela ser minha paciente. Não colou, claro. Afinal, ele não tinha comido a Júlia para me irritar.

Ele gargalhou, com aquela cara que bem podia passar por inocente, deslizando as mãos pelos cabelos que ainda não tinham nem um fio branco. Um riso forte, sincero, típico da prepotência dos jovens que se iludem achando que nunca vão envelhecer – ou que vão envelhecer melhor do que os outros.

– Eu estou falando sério, Breno. Existe a grande possibilidade de as suas atitudes serem apenas para me provocar, para tentar tirar de mim alguma reação nova, alguma resposta que você esperou a vida inteira dos outros e não teve. E não é uma réplica qualquer, é um retorno de alguém que finalmente conseguiu te ver como você é, coisa que obviamente nem seu pai superpoderoso ou sua Mulher Maravilha conseguiram. – Isso, cheguei ao cerne da questão. Se ele pensava mesmo que eu era um psicólogo obtuso e preguiçoso, era hora de mostrar serviço. Na verdade eu devia ter dito que ele havia sido tão condicionado e moldado pela tirania do papai que nunca se tinha expressado de verdade. O Breno real estava ansioso para sair da casca, mas, como sempre, precisava da autorização de outra pessoa.

– Falou bonito de novo. Sabe que pode ser isso mesmo? Sei lá, de repente eu só quero mesmo provocar as pessoas – ele ponderou, para logo depois bater palmas e saltar como se tivesse descoberto a pólvora. – É isso, doutor!

Foi por isso que a sua mulher foi pra Roma com o amante e ficou lá trepando uma semana inteira. Pra me dar uma resposta! Você é bom mesmo. Puxa, mas ela não precisava ter ficado naquele muquifo de quinta na piazza Navona, podia ter ido pra um buraco melhor.

O baque das palavras de Breno me tiraram o ar. Ele sabia mais do que eu sobre a minha mulher. Ser manipulado por um paciente acontece, todo terapeuta já passou por isso, mas geralmente eles querem controlar fatos da própria vida, e não da sua. O ar de satisfação dele me fez vencer a humilhação de estar ali no papel de corno, e eu dirigi meu olhar para Breno, para ver se aquilo era tudo o que ele sabia e se havia falado só por crueldade e vontade de me abater. O que eu vi foi contentamento, a mesma sensação que ele devia ter quando matava um marginal, a sensação de justiça.

– Doutor... Essas minhas fontes são infalíveis. Me deram o serviço todo. Você se faz de todo-poderoso, mas é um merda que leva chifre da patroa a torto e a direito, que deixa a filha servir de pano de prato naquela pocilga de centro de jovens e que é tão bem resolvido com o papai que colocou o velho pra apodrecer em vida num lugar que não dá nem pra chamar de asilo.

“Respira, Theo, respira”, repeti silenciosamente, tentando me convencer de que não estava sendo afetado por nada daquilo. E daí se esse psicopata investigou a minha vida? Isso não mudava nada. Embora a minha cabeça se esforçasse para manter a lucidez, um nó na boca do estômago me empurrou para a frente e eu me curvei, sentindo um erupção amarga subir até a boca, como um vômito nauseante.

– Ih! Tá passando mal, doutor? Fica assim, não. Porque o pior é que, além de tudo isso, tem a Julinha, a médica maluca pra dar pra você. E que você quer comer! Porque você, meu caro doutor, tá louquinho por aquela vaca! Aquela vadia de merda!

Minhas mãos, que até então estavam fechadas para não taparem os meus ouvidos, voaram para o pescoço dele. Nunca fui tão rápido e ágil como naquele momento. Parecia um animal acuado sobre Breno, estrangulando ele, cuspiendo na cara dele, expelindo todo o fel que ele gerava em mim. Novamente o olhar que poderia passar por inocente me encarou amedrontado, e eu desmontei. Perdi. Perdi completamente. Me afastei

tropeçando nos móveis, tremendo dos pés a cabeça, sentindo um choro na ponta dos olhos. Eu ataquei um paciente! Puta que pariu!

Breno se recompôs e se levantou com os olhos em mim, preparado para qualquer outro ataque. Seu silêncio significava vingança e o meu, vergonha. Eu perdi e ele ganhou.



Atender outro paciente me pareceu impossível depois da saída de Breno. O próximo seria inevitável, mas os outros, não. Automaticamente comecei a ligar para todos os que estavam marcados e desmarcar. “Aconteceu um imprevisto e infelizmente não poderemos nos ver hoje”, eu dizia. “Não. Nada de grave.” Enquanto ninguém soubesse que eu tentei estrangular um paciente, não era grave, mas depois seria fim de carreira. Quando Clarice abriu a porta, com aquela cara de Madalena arrependida, me subiu um calafrio de nojo. Outro ataque, com certeza. Realmente, aquele era o dia do bombardeio. Mas ela veio com aqueles passinhos de gueixa e com a voz ainda mais açucarada e enjoativa que de costume.

– Cheguei – ela disse, como se eu fosse cego e não tivesse percebido a presença dela.

Resmunguei um grunhido incompreensível e continuei com as ligações, esperando que ela notasse que eu não estava no melhor humor e saísse da minha frente. Ela ficou e esperou calmamente eu acabar de cancelar o dia.

– Aconteceu alguma coisa? – Foi a pergunta dela.

“Aconteceu, eu quis matar um paciente enquanto você estava fodendo em Roma!”, eu quis dizer, mas isso seria iniciar mais um desgaste. Ela insistiu e, por fim, confessei que a última sessão tinha sido horrível e que eu não iria mais atender naquele dia.

Estendendo uma sacola de free shop para mim, ela abriu um sorriso e falou:

– Trouxe aquele licor que você gosta.

Que bonito, ela trouxe um souvenir da suruba, quase me emocionei! “Enfia isso no rabo e some daqui, Clarice”, era o que eu devia ter dito. Engraçado

como o meu superego só funcionava quando não devia, e lá estava eu recusando polidamente a lembrancinha e dizendo que era muito desrespeitoso me dar qualquer coisa depois de ter ficado uma semana me traindo. Lógico que a carinha de santa e a vozinha quase tatibitati sumiram e a carranca de Clarice voltou para a garatuja tradicional.

– Você quer falar sobre a minha viagem? O meu caso? Ótimo! Acho que já está na hora.

– Na hora do quê? Você quer me contar como ele te comeu ou como era a vista da piazza Navona? E nem começa a achar nada. Eu não contratei um detetive para te seguir. Parece que a sua infidelidade já caiu na boca do povo.

– Quem te contou?

– Um paciente.

– O quê?

– Chega! Me deixa em paz, Clarice. Eu não quero conversar! Sai daqui, por favor! – gritei, exasperado pelo atrevimento dela de voltar como se nada tivesse acontecido e eu que fosse o lobo mau daquela palhaçada.

Ofendidíssima, ela bateu o pé e me lembrou de que nenhum de nós dois tinha idade para fazer cena. E não tínhamos mesmo. Havíamos perdido a melhor parte das nossas vidas naquela relação disfuncional, pensei comigo, e foi quando ela se superou, deixando na minha mão novamente a opção do diálogo. Tudo eu! Ela não conseguia fazer nada sozinha? Só me chifrar? Ela que se danasse, praguejei. No entanto, antes de sair, ela me deu um olhar do tipo me-perdoa-eu-não-sabia-o-que-estava-fazendo e me disse que na segunda noite tinha ido para outro hotel e que o tórrido caso acabara.

– Eu agredi o paciente. O último. Não sei o que me deu – confessei, sabendo hoje que não foi para revidar e mostrar que os meus problemas eram maiores, nem foi para diminuí-la, e sim para comovê-la.

Tanto foi que logo em seguida contei choroso que o paciente havia falado do meu pai e dela, do caso que ela tinha e que, por isso – e não pela Júlia, claro –, acabei me descontrolando. Era o mesmo que afirmar: “Está vendo como estou sofrendo por sua causa? Por que você está fazendo isso comigo? Eu não mereço.” E ela acreditou. Sentida, se aproximou de mim e me abraçou com saudade, com vergonha.

– Me perdoa, meu amor. Me perdoa – Clarice sussurrou no meu ouvido, provando que dela eu ainda ganhava.

Alguns segundos depois nos afastamos e, para minha surpresa, ela sugeriu ir na Dora comigo. Ela queria mesmo fazer as pazes e salvar o nosso casamento. Só que Dora sabia demais, era um risco ir até lá com Clarice; mas ela era ética, não falaria de mim nem das sessões anteriores sem minha permissão. O pior é que, se eu recusasse, ficaria claro que quem queria a separação era eu. Por mais que eu quisesse me ver livre dela, uma parte de mim estava tão acostumada... E sem Júlia, por que me daria o trabalho de enfrentar um divórcio? De repente Clarice ainda era uma opção, não a melhor, mas, com certeza, depois da cagada que ela tinha feito, pelo menos no sexo eu teria um upgrade. Íamos trepar muito mais e, como toda mulher culpada, ela ia fazer tudo para me agradar. Sexo, mesmo com Clarice, ainda valia a pena.

– Me deixa pensar um pouco? – perguntei, e ela assentiu, toda compreensiva, se precipitando para me abraçar de novo, exatamente como eu previ. Mas nessa hora o outro paciente chegou e ela saiu.



Confesso que o resto da semana passou por mim. Não registrei quase nada, estava no piloto automático. Minha sorte era que meus pacientes estavam em terapia há tempos e nenhum deles trouxe nenhuma crise para discutir comigo. Breno não deu sinal de vida e eu torcia para que ele percebesse que, apesar do meu erro, tinha sido sua provocação que gerara aquele desastre. Medo, raiva e resignação, era só isso que eu sentia, apenas porque era inevitável não sentir. Na terça-feira à tarde, tomei um calmante e dormi. Quando acordei, tomei outro e dormi, e assim por diante, até chegar a quarta. Doía ficar desperto e nunca tinha estado tão cansado.

Sem os pacientes novos, aquela semana teria sido a mais morna da minha carreira – e a mais triste também. Eu estava no limite com a minha vida, com as minhas questões e não com os pacientes. Eles só eram a minha válvula de escape, uma congruência perversamente inversa, nos quais eu

descarregava minha inabilidade pessoal, usando seus dilemas para evitar ocupar a minha mente com impasses que eram só meus. Usei tanto essa rota de fuga que ela se esgotou e por isso atender Nina e aquele casal dos infernos, João e Ana, exigiu de mim uma força que eu já não tinha.



Depois de tomar meus comprimidos e assumir que queria se matar no acidente, Nina voltou com a mãe. Isabel era muito diferente do que eu tinha imaginado. Esperava uma mulher desleixada, apática e sem visão, mas ela era bonita, bem-arrumada, extremamente preocupada com a saúde da filha e, como era de se esperar, nervosa. Era aquele tipo de mulher devorada pela ansiedade de quem vive o pesadelo de ver seus medos concretizados. Ela não queria que Nina voltasse aos treinos; queria, sim, que eu a impedisse. Apesar de ser plausível, não pude considerar a hipótese. O esporte era a única alegria dela. Tentei explicar para Isabel que privá-la disso não seria benéfico. Durante esse tempo, o que registrei foi a extrema agressividade de Nina com a mãe, as ofensas, o desprezo. Não era de estranhar que a mulher estivesse com os nervos à flor da pele. Em meio à hostilidade, uma frase foi bastante significativa: o pai não contribuía com nada. Desde o divórcio, a mãe sustentava a filha sozinha, e esse comportamento não combinava com a descrição de pai fantástico que Nina tinha feito para mim.

Depois da saída de Isabel, a ira de Nina se voltou contra mim. Afinal, depois da mãe, eu parecia ser o único que queria salvá-la. No entanto, como expliquei a ela, eu só poderia fazer isso no consultório. Minha presença estava restrita à terapia, e fora dali tudo poderia acontecer. Era isso o que ela queria? Eu perguntei já sabendo que a resposta era “não”. Nina desejava algo que erroneamente deduzia ser a morte. E quando respondeu o que era a morte para ela, eu estava certo de que ela queria apenas ser amada e, como o típico gesto infantil da manha lhe havia sido negado, ela o traduziu para as tentativas agressivas de se ferir.

– Não ter que aturar gente idiota, que fala merda, tipo a minha mãe. Ah! Sei lá. Acho que morrer é igual a cair na cama e não ter hora para acordar.

Deve ser isso.

Fugir do que é insuportável é um desejo tão comum e falho, afinal a fuga não muda o status quo. Nina já sabia disso, no entanto, não conhecia outra forma de lidar com o que estava vivendo, e afirmava que, se ficasse irritada, tentaria se matar de novo. Me parecia que os pensamentos suicidas eram velhos, provavelmente devem ter começado antes mesmo do divórcio dos pais, pelos mesmos motivos que fizeram os dois se separarem. Mas só emergiram naquele momento. Durante a conversa, Nina, por mais que permanecesse agressiva, fez questão de dizer o que queria mesmo com a morte, e não era o extermínio da sua vida, mas de uma parte específica de si mesma – a parte fraca, a parte que sofria e que permitia que outros a fizessem sofrer continuamente. Quem não quer eliminar a banda podre da maçã? Eu também queria, era humano o desejo de matar em nós o que não conseguimos transcender, hábitos que consideramos nocivos, vivências dolorosas, medos, inseguranças, vergonhas. Só que infelizmente esse tipo de limpeza emocional não era factível, pois tudo isso fazia parte do todo que ela era, que eu sou e que todos somos. Fugir era o caminho mais fácil e também o pior.

– Nina, eu preciso que você se comprometa comigo.

– Com o quê?

– Você gosta de vir à terapia?

– Saco!

– Eu fiz uma pergunta.

– Gosto. E daí?

– Se você gosta e quer continuar vindo, eu vou deixar claro que só vamos continuar se você parar de tentar se machucar. Se isso acontecer novamente, acabou. Você não poderá voltar aqui. Eu não vou te atender. Ficou claro?

Pode parecer cruel a postura de retirar a ajuda em caso de recaída, mas esse não era o meu objetivo. Com isso eu estava querendo dizer: “Não tente, porque numa próxima vez você não terá ajuda. A não ser que você queira mesmo morrer, eu não acho uma boa ideia continuar com as tentativas.”

Fez-se um silêncio entre nós e, por fim, Nina esboçou algo que poderia ser lido como um sim. De repente me vi falando o quanto havia me afeiçoado

por ela, o que era verdade e precisava ser dito para o processo terapêutico de Nina. Alguns pacientes não precisam afirmar sua valia através do terapeuta, outros, sim, por isso era vital que ela entendesse que eu só tratava de pessoas pelas quais sentisse um mínimo de cumplicidade e afeição. Mal terminei a explicação e percebi que seu rosto se iluminara de uma forma cúmplice que me lembrou Breno. Embora eu também estivesse em fuga, barrando qualquer lembrança do que tinha acontecido no dia anterior, percebi que também me afeiçoara a Breno, e até mais, porque ele conseguia me ver de uma forma que Nina nunca conseguiria.

Só que Nina se habituou a não gostar de si mesma. Por diversas vezes se referia a si mesma como má, e o verbo “amar” só foi conjugado uma vez – e para o treinador de merda, pedófilo filho da puta.

– Nem para o seu pai? – perguntei.

– Eu não preciso falar que amo o meu pai. Ele sabe.

Tinha me esquecido de que o pai de Nina sabia tudo. Esse daí, se sabia alguma coisa, era como decepcionar a própria filha e de tal forma que ela vivia em negação, fantasiando um pai ideal que não existia. Como Leon abusou de seus sentimentos tal como o pai, ela também o via de forma distorcida. Já a pobre da mãe, cujo amor era óbvio, Nina rechaçava. Isso ficou claro quando, no meio da sessão, Isabel voltou com a desculpa de me pagar, mas na verdade queria discutir mais uma vez a volta da filha aos treinos. A mãe não conseguia alcançar o porquê da minha permissão, atitude que irritou Nina profundamente. Foi uma cena triste, ver aquela mãe tentando se manter firme, com a única filha a ofendendo de todos os jeitos possíveis. O pináculo da agressão foi quando Nina afirmou que Isabel não era nada para ela e que, se quisesse se matar, treinar, ou até mesmo foder com o Leon no hospital, ela o faria. A revelação impensada do caso com o treinador chocou Isabel e, como eu esperava, ela proibiu terminantemente os treinos e ainda jurou que ia esclarecer com o treinador o que estava acontecendo.

– Se você fizer isso, eu vou embora e vou morar com o meu pai.

– Com o seu pai? A única vez que você tentou morar com ele, ele te botou pra fora. Lembra? – falou Isabel e, virando-se para mim, prosseguiu: – Ele

nem sabe que ela foi pro hospital, que tentou se matar. Tem pelo menos uns dois meses que ele não dá sinal de vida. Ele caga e anda pra ela! – E aos prantos concluiu que se fizesse o mesmo, de repente a filha poderia gostar dela.

Assim que a mãe saiu, Nina não conseguiu me encarar, mas assumiu que mentira tanto sobre o pai quanto sobre Leon. No começo da sessão, quando falou do pai-maravilha, disse que ele viera correndo do exterior para vê-la e havia chegado no hospital desesperado, ou seja, tudo o que ela queria que tivesse acontecido. Quando falou de Leon, foi apenas para agredir a mãe. Esse Leon estava me irritando e, depois de tudo o que havia ocorrido comigo naquela semana e que poderia acontecer se Breno decidisse se vingar de mim, eu deixei bem claro para Nina que, se o treinador a assediasse novamente, eu o denunciaria para a polícia. Ela se apavorou e jurou que havia mentido, o que me pareceu verdade, ainda mais porque o que Nina desejava com toda aquela rebeldia era chegar na mãe, a única pessoa que ainda estava ao seu lado, aguentando toda a sua animosidade, seu ódio e sua dor.

– Mesmo que você não goste das atitudes da sua mãe, ela é humana, e humanos erram. Só que mesmo errando ela está lutando por você, querendo o seu bem. Você percebe como a trata, Nina? Se ela te tratasse da mesma maneira, você ainda falaria com ela? – Nina meneou a cabeça. – Mas ela continua falando, cuidando e se esforçando pra te entender e te ajudar. Isso, sim, é que é amor, Nina.

Nesse momento ela levantou os olhos pra mim, olhos desarmados e arrependidos. Somente a certeza do amor é que permitia Nina tripudiar e vilipendiar a mãe. Quando fechei a porta após sua saída, observei-a pela janela. Isabel a esperava do lado de fora, fumando um cigarro atrás do outro – ou eram os cigarros que a fumavam? Enfim, bengalas podem se tornar parte do corpo de quem as usa por muito tempo. E vendo o abraço engasgado das duas, pensei: “Como abusamos de quem nos ama. Como a convicção do amor nos incita a magoar o outro, porque nele o perdão existe antes do erro.” Mesmo sendo Nina quem deveria pedir perdão, era Isabel

que a olhava com remorso e, vendo-a assim, me lembrei de Clarice e entendi Nina perfeitamente.



Mesmo com a volta de Clarice e o término do seu affaire, continuei dormindo no consultório. Voltar para o quarto e para os pijamas com cheiro de naftalina era engolir a seco que minha vida não passava de uma patética sucessão de erros. Além disso, Júlia ainda estava em mim e sua presença era um retrocesso. Na minha idade, voltar a ter sentimentos de adolescente não poderia ser considerado uma evolução. Passar horas no dilema ligar-ou-não-ligar era vergonhoso para mim. Como terapeuta, eu não deveria ligar, a terapia acabara, mas como homem eu queria sair correndo atrás dela.

A porta do consultório se abriu e, exibindo uma camisola de seda imaculadamente nova, Clarice entrou. Trazia uma xícara de chá. O decote me fez pensar em quanto tempo eu não fazia sexo e em como isso me poderia ser útil naquele momento. Adivinhando meus pensamentos, Clarice perguntou se iríamos juntos falar com Dora. Ela estava tão disponível, sinceramente desejando uma trégua, que acabei concordando. Ela se inclinou para me beijar e, por um segundo, me animei, achando que após tanto tempo o beijo de Clarice estaria com um gosto diferente e novo. Por mais que fosse bom, era o mesmo sabor de antes, o que me fez perder o interesse. Por um dia eu queria provar o desconhecido, mesmo que inferior. Ela saiu deixando a porta aberta, num sinal verde ridículo. Por mais que precisasse dar uma, tive preguiça. Sabia o começo, o meio e o fim do sexo com Clarice. As posições, os gemidos, o cheiro, tudo era velho. Para valorizar o tradicional, eu precisava chafurdar um pouco no moderno. Pelo menos uma mulher antes de voltar para a cama com ela. Não era pedir muito. Só uma. E se essa uma fosse Júlia, eu nem precisaria voltar. Sabendo que Júlia não estava mais ao meu alcance, levantei e fechei a porta.



Toda reviravolta tem um lado positivo. Uma semana antes eu havia assumido meu amor pela paciente e logo depois a perdera; o outro paciente que me enchera de culpa agora me enchia de raiva; a liberdade tão próxima voltou umas vinte casas e a vida fechou o atalho, se bifurcando. Eu poderia escolher seguir a trilha maçante de permanecer passivo ou o caminho de, pelo menos em alguns pontos, ser um tantinho ativo.

Estava ruminando essa questão quando Ana e João chegaram. Como sempre destrutivos, o que facilitou a escolha. Como terapeuta, não sou obrigado a aceitar todos os pacientes que batem à minha porta. Errei gravemente em ter aceitado os dois, eu sabia. No entanto, não queria mais tolerar o comportamento deles. Gritos, insultos, tabefes e baixaria que ficassem do lado de fora do meu consultório. O próximo descontrole e eu mandaria os dois para a rua.

Como era bom poder falar a verdade e esclarecer para o outro seu limite. Com eles, os pacientes, essa transparência era viável. Infelizmente só com eles. Mesmo assim, acredito que esse tenha sido o único momento razoável daquela semana. Além de passivo e omissos, eu também era polido demais, condescendente em excesso. Era hora do basta. Eles obviamente ficaram pasmos quando eu comuniquei a nova ordem. João parecia decepcionado, já Ana, indignada. Como eu imaginava, por baixo da casca João era mais sensível do que a esposa.

– Só pode ser sacanagem! – ela disse, olhando para o marido. – O mundo odeia a gente. Nem pagando as pessoas nos suportam.

– Não é isso, Ana. Eu apenas não vou admitir violência aqui dentro. Que vocês se engalfinhem em casa, tudo bem, mas aqui, não – sentenciei, sentindo-me poderoso. Agora, sim, poderíamos de fato começar a terapia.

Aquela definitivamente não era a minha semana. O casal-problema apareceu para seguir com as sessões de descarrego. Ao menos era o que eu pensava. No entanto, parecia que Ana só queria me comunicar um fato. Juro que pensei em divórcio, não seria nada inesperado, mas uma baixa mais do que aceitável, para não dizer bem-vinda. Só que a novidade era uma ameaça de morte. João havia ameaçado Ana.

– Como assim? – perguntei.

– Ameaçando, ora! – ela respondeu.

João permaneceu em silêncio e eu pedi para saber como isso havia acontecido. Segundo ela, tinha sido no começo da semana. Ana estava na casa da mãe com o filho. João passou por lá para ver o menino e eles foram para o quarto discutir o cronograma de Daniel. A conversa virou uma discussão. No embate verbal Ana foi mais fria, o que deve ter levado João a perder a cabeça e agarrar a esposa da maneira mais selvagem possível. Como Ana adorava sexo/agressividade, acabou cedendo, e eles treparam ali mesmo, enquanto o filho assistia ao Discovery Kids na sala ao lado. E foi no meio, minto, no clímax do coito que o atrito se deu.

– Aí, Theo, ele gozou como um animal e despencou em cima de mim, com todo o peso. De uma maneira que não dava para mexer um músculo. E sabe o que ele fez? Falou pra mim, bem no meu ouvido, que era melhor eu continuar com ele, porque se eu fosse embora ou arrumasse outro homem, eu podia me considerar uma mulher morta. Se ele não ficasse comigo, ninguém ficaria.

– Você acha mesmo que eu quero te matar, Ana? – João perguntou, e ela respondeu que sim.

Ele riu do absurdo que era a possibilidade de matar a esposa, mas Ana estava séria. Eu não ri, mas, como João, achava absurdo Ana acreditar na ameaça. Uma ameaça feita logo depois de um processo exaustivo de embate e de terem transado como dois loucos me parecia muito mais uma torpe declaração de amor e adoração do que ameaça de morte – além de ser incompatível com o perfil de João. Pelo histórico, crises de ciúme, sexo violento com direito a agressões físicas faziam parte da união dos dois. Por que dessa vez seria diferente?

– Você acha que eu estou inventando, Theo?

– Não. Mas não acho que você esteja com medo, não me parece que a ameaça te abalou.

– Como assim? – ela perguntou.

Respondi que o descaso com que ela havia relatado toda a situação não combinava com o medo da morte, até porque eu não acreditava que o João a mataria. Apesar de toda a guerra verbal, ameaças de morte nunca tinham

acontecido, embora João afirmasse que nem sabia o que o levara a dizer o que disse. Quando deu por si, já tinha dito. Ela, como insinuei, não ficou com medo, e sim com asco de João, o que era interessante, visto que todas as provocações de Ana eram para testar o amor do marido. Que prova maior do que a declaração absoluta do desespero dele?

– Pelo que vocês me trouxeram, me parece que João tinha intenção de falar outra coisa para você, Ana.

– Ah é? O quê?

– Que não consegue viver longe de você, que a vida não tem sentido e que se vocês se separarem, ele vai morrer, porque se ele não pode ser seu, não será de ninguém. Nenhuma mulher é como você e ele nunca conseguirá amar outra pessoa como te ama.

Fiquei feliz com a minha resposta, me parecia claro que ele a amava tanto que perdê-la significava a morte. Só que Ana era tão insegura que não acreditava no amor dele. Ele era corajoso, era provável que eu nunca tivesse colhões para dizer o que ele disse, justamente por medo de reações como a de Ana. Ela, sim, era tão perturbada que enxergava fragilidade em vez de sinceridade. Diante da certeza que ela tanto queria, Ana recuou. Naquele momento foi impossível não pensar em Júlia. Será que Dora estava certa? Se ela não tivesse ido embora e eu sucumbisse, Júlia se transformaria em outra Ana?

– Você tá bem louco, hein, Theo? Eu, insegura?

– Bem, você me disse que foi uma adolescente gordinha, como o seu filho é. De repente esse sentimento de inadequação persistiu e você continua precisando se afirmar. Percebe o quanto você diminui João? O quanto o fato de ele ser um ator desempregado é moeda de troca pra você? E ele vestiu o personagem pra te agradar.

– É. Eu tô casada há dez anos com um desempregado, trabalhando que nem uma cadela, só pra me autoafirmar.

– Por que não? – perguntei, e Ana baixou o olhar, mas eu senti que João se iluminou. De forma triste mas clara ele percebeu o quanto se submetia para que ela fosse feliz.

– Dane-se você, Theo. Eu não tô aqui para discutir a minha infância, e sim porque eu quero me separar e quero que você nos acompanhe. Eu não quero ter problemas, muito menos que o meu filho sofra.

A declaração de Ana foi como um soco na boca do estômago de João. Em sua expressão pude ler não apenas a surpresa, mas também o desgosto. Até para se separar Ana gostava de um triângulo, e por isso o choque de João era maior. Afinal, ficar sabendo das intenções dela ao mesmo tempo que eu era ser igualado a mim. Talvez por isso ele tenha sido claro em dizer que não facilitaria nada e que o filho nunca ficaria com ela. Antes que o duelo ficasse mais intenso, resolvi intervir.

– Mesmo quando a opção do divórcio surge, isso não significa um fim de fato.

– Ah, não? E significa o quê?

Respondendo a João, contei de um casal amigo que tinha procurado terapia no processo de separação, justamente para evitar mais desgaste. Era um relacionamento de muitos anos que recentemente havia sido balançando por uma traição, só que, no fundo, eles não queriam se separar. Imediatamente eles projetaram em mim e Clarice a figura do casal e perguntaram se eu estava me separando. Gostaria de poder ter dito que “ainda não”, até porque depois do ato falho de me colocar como exemplo e expor algo tão íntimo, eu merecia ser questionado de modo invasivo. Neguei, claro. No entanto, eles estavam certos de que eu tinha falado do meu casamento e que havia sido traído.

– Isso não vem ao caso. Não importa de quem estou falando. O que importa é que entendo a situação em que vocês estão.

– Ah! Então é você mesmo – Ana deduziu e eu pensei mais uma vez: “Ainda não.”

Afinal, o meu exemplo foi uma projeção. Já que concordei em ir à Dora com Clarice, precisava ter uma razão. Se Clarice queria salvar a relação, identifiquei que, do meu lado, eu queria não me estressar na separação. Depois de tantos anos eu ainda me surpreendia com os mecanismos intrincados da mente e com as voltas que damos em nós mesmos.

– Só que não adianta contar os seus poderes, porque eu já me decidi. Eu quero o divórcio – Ana disse, negando-se a dar mais explicações.

Ainda que tivesse quase certeza de que a debilidade de João detonara essa iniciativa, era o segundo divórcio que acontecia diante de mim em menos de dois meses. Logo me senti impelido a investigar o pulo do gato. Quando me flagrei com tais pensamentos, soube que estava me tornando inapto para atender metade dos meus pacientes. Júlia, por motivos óbvios, Breno, idem, e o casal porque eu estava vivendo um situação muito similar, o que logo me desqualificava para a função. “Maldita Dora!”, pensei, lembrando seu comentário sobre o casal na última sexta, no dia em que fui sincero demais. Enfim, eu poderia ter aproveitado o comentário infeliz sobre meu casamento para dignamente encerrar a terapia deles, mas não o fiz.

Em vez disso, sugeri que eles fossem sinceros pelos menos uma vez. A maioria dos conflitos, por mais distintos e discrepantes que possam ser, só persistem pela falta de diálogo. A arrogância de pressupor que o outro sabe de algo que não foi dito só gera um duelo de cegos. Alguns colegas poderiam discordar de mim sobre o timing da abordagem, mas era palpável que entre aqueles dois havia amor – distorcido, perturbado, mas amor. No entanto, estavam tão ocupados em se resguardar e contra-atacar que nem cogitaram a hipótese de verbalizar seus sentimentos. Não me parecia uma fuga, eles não se esquivavam de falar para evitar o fim; simplesmente acreditavam que o outro já soubesse o que era preciso saber.

– Ana, eu quero aproveitar o que o Theo acabou de dizer para te falar uma coisa – João sussurrou para Ana, que recuou amedrontada.

– Para, João! Nem começa. Eu não quero ouvir! – foi a resposta dela.

Só que João não cedeu e fez uma das mais sinceras declarações de amor que eu ouvi em toda a minha carreira. Basicamente colocou o coração numa bandeja e o entregou para Ana. De potencial assassino para louco de amor, constatei. E involuntariamente reescrevi a frase mentalmente, de adúltera convicta para arrependida devotada. Quantas vezes Clarice quis conversar e eu fugi? Perpetuei uma crise por evitar a solução simples de expor o que era o problema para mim. A colocação do dilema com todos os seus porquês

era um caminho para a solução. Um caminho que abri para Ana e João, mas mantinha fechado para mim.



Lá estavam as duas de papo como duas comadres, falando de decoração, corte de cabelo, projetos, receitas, entre outros assuntos sem nenhuma importância para o propósito da sessão. Antes de ir, eu havia jurado a mim mesmo que não me exaltaria e tentaria falar o mínimo possível. Se alguém deveria falar, que fosse Clarice. O desejo de ir comigo partira dela e a traição também. Mas, pelo visto, aquela sessão não seria nem de descarrego. Estava mais para o que eu chamo de sessão cafezinho. O paciente típico desse tipo de sessão, nunca fez terapia, não tem ideia de como começar ou está constrangido. Então, sem saber o que fazer, ele vê no terapeuta o mais novo *best friend* e desanda a falar sobre trivialidades. Faz parte. Só que, quando começaram a falar do tempo, eu quebrei a promessa e perguntei quando íamos começar a sessão. Dora me lançou o olhar “não se meta” e deu as explicações básicas para Clarice, o que me deixou desconfortável. Afinal, eu era um terapeuta, e minha esposa parecia desconhecer o universo de uma tal forma que ponderei o quanto fora severo na postura de nunca falar do meu trabalho com ela.

Depois de propor três sessões iniciais, Dora quis saber, como se eu não tivesse dito, por que havíamos decidido ir até ela como um casal. Atitude ridícula... Como se eu fosse mentir em algo tão banal. Senti que Dora daria preferência para Clarice e que, se bobeasse, eu seria crucificado pelas duas. Por isso decidi informar a minha digníssima esposa que Dora já sabia de sua excursão amorosa. Com a voz séria, prossegui relatando que, ao voltar da viagem, Clarice me informara do término de sua relação extraconjugal. Tínhamos tentado conversar, o que não surtiu efeito, e essa era a razão de estarmos ali.

– Ninguém está aqui pra condenar. A terapia de casal não é para isso, mas eu não consigo dialogar com ela. Eu estou com muita raiva do que ela fez e

não dá, por mais que eu me esforce, eu não consigo perdoar – falei, enquanto Clarice ao meu lado se contorcia como se estivesse com gases.

– Mas você conseguiu expressar seus sentimentos em relação ao ocorrido? Falou para Clarice o que a atitude dela provocou em você? – Dora me perguntou, até então numa postura exemplar e neutra, para o meu alívio.

Me vi respondendo como meus pacientes, repetindo o erro deles:

– Não preciso falar. Ela sabe. – Dora me encarou como a professora que foi um dia e eu entendi que dera a resposta errada. – Me senti humilhado. Ela me machucou muito. Me deixou com muito ódio. – E, virando-me para Clarice, disse: – Eu estou irado com você. Por tudo. Por ter me contado como se fosse a coisa mais natural do mundo, por ter ido para Roma com outro homem. Você não faz ideia do meu sofrimento, do ciúme, da dor que me causou, Clarice. Acho que é por isso que eu não consigo falar com você, te perdoar. É uma ferida muito grande... – Dei uma pausa nesse momento e, respirando fundo, concluí: – Pode ser que a ferida nunca cure.

Ótimo! Dei a deixa de que uma reconciliação seria tarefa árdua. Até que a sessão parecia promissora.

Lógico que Clarice rebateu. Como sempre, o grande nó era que eu não conseguia falar com ela.

– Com todo esse ressentimento e mágoa, eu não consigo mesmo – respondi. Se bem que eu mal falava com Clarice havia mais de um ano, o que inutilizava a minha desculpa.

No entanto, ela se calou. Culpa é um sentimento muito complacente. Só que quando Dora retomou a palavra, me senti como Ana devia ter se sentido um dia antes. Assim como ela havia falado da ameaça de morte de forma banal, sem a carga emocional que se espera de algo assim, Dora apontou que eu falara de ódio, dor, sofrimento e mágoa da mesma forma. Teoricamente, meu discurso estava lindo, mas eu esqueci de carregar nas tintas. Sendo assim, reagi dramaticamente e afirmei que por dentro eu era puro colapso. Se o momento exigisse uma trilha sonora seria “Meu mundo caiu”. Dora não pareceu convencida. Só que eu tinha uma jogada na manga e não era uma jogada qualquer: era um Royal Straight Flush. Disse que a traição de Clarice me desnorteara de tal forma que eu ataquei um paciente.

Ele havia descoberto a traição e jogou na minha cara o que minha mulher fazia. Isso me fez atacá-lo e perder a razão.

– Fiquei cego quando ele disse que sabia que Clarice estava em Roma com o amante. Foi horrível.

Nossa! Até eu estava com pena de mim. O que eu não esperava era que Clarice, que assumidamente não gosta de falar de seus sentimentos, fosse tão sincera e declarasse o quanto estava desconfortável. Com a vozinha de gueixa aviltada, ela começou o seu chororô, de que sabia que eu a culparia por tudo de errado, da minha indiferença, meu desprezo e blá-blá-blá.

– Nada é mais importante pra você do que os seus pacientes. Eu não significo nada, nossos filhos não significam nada.

Ai, meu Deus! Era sempre a mesma ladainha. E inesperadamente Clarice se virou para Dora e confidenciou como o meu jeito prepotente de sempre saber tudo e subestimar sua inteligência a transformara em uma mulher insegura e desconfiada, com medo de abrir a boca e levar uma bronca. Ela tinha a cara de pau de me pintar como um demônio e o pior era enxergar a empatia de Dora por Clarice.

– E você conseguiria explicar ao Theo por que decidiu ter um romance? O que te levou a fazer isso? – Dora perguntou, séria, mas de uma forma doce, quase maternal, o que me irritou.

Numa terapia de casal, por mais que o terapeuta prefira um dos dois, isso não pode ser demonstrado. Sentindo o apoio tácito de Dora, Clarice retrucou que não existia explicação. Ela me traíra porque aconteceu, havia sido uma ação instintiva, franca e sincera. Qualidades que Clarice tinha ao se casar comigo mas que eu, como o senhor das trevas, tolhi. Honestamente, parece brega e é, mas a frase “só fazem com você o que você deixa” era perfeita para dar o troco a Clarice. Eu a culpava de tudo e ela me culpava de tudo. Ótimo – estávamos quites. Quase enveredei por esse caminho, só que eu não estava ali para brigar, mas para conciliar. Logo, mantendo a conduta de marido zeloso, perguntei a Clarice o que ela desejava, que estava disposto a fazer qualquer coisa que ela me pedisse se isso fosse nos ajudar.

– E você acha que eu acredito nesse seu teatrinho, Theo? – Clarice me perguntou e, sem esperar resposta, afirmou que eu estava encenando. Pelo

canto do olho vi que Dora erguia uma das sobrancelhas, gesto que significava desconfiança. Era só o que faltava! Dora tocada pela lenga-lenga de Clarice. Provavelmente esse estado competitivo fora o causador do meu deslize. Racionalizei. Dora era cascuda, identificava muito bem a franqueza em um paciente, não seria eu que a enganaria. Então, buscando ser o mais sincero possível, declarei que um dos motivos de perguntar o que Clarice desejava, ali na terapia, era justamente para que Dora pudesse ser testemunha do quanto eu estava empenhado. Não acredito que eu disse isso. Onde eu estava com a cabeça? Nem meio segundo depois que proferi aquela barbaridade, Dora me pegou.

– Por que você precisa de testemunhas para dizer a Clarice que quer salvar o seu casamento?

“Porque eu sou um idiota” teria sido a resposta perfeita. No entanto, não respondi nada. Parecia um ladrão pego em flagrante com a galinha na mão. A partir daí a sessão passou a ser uma materialização de todos os meus medos. Reclamei, esbravejei e acusei Dora de estar sendo leviana e manipuladora, mas a postura dela era correta, eu teria feito o mesmo se não fosse o paciente. Era óbvio que eu estava ali para comunicar algo a Clarice, algo que não conseguia falar em casa. Muitos casais fazem isso: procuram a terapia com a desculpa de reconciliação e de repente assumem que querem mesmo é se separar. No meu caso, antes de assumir o desejo de separação, eu teria que assumir o motivo.

– Do que vocês estão falando? O Theo só aceitou vir aqui comigo porque ele quer me contar uma coisa? Que coisa? O que que é? – Clarice acordou.

Cruzei meu olhar com o de Dora. A macaca velha estava se divertindo e esperando minha confissão. Como me arrependi de ter aberto meu coração para ela e assumido que amava Júlia. Se eu soubesse que Júlia me abandonaria dias depois, nunca teria dito aquilo.

Sem saída, me inclinei e, evitando olhar para qualquer uma das duas, contei sobre Júlia. No entanto, falei apenas que ela era uma paciente em transferência e que isso era muito comum durante o processo terapêutico.

– Você já teve algum paciente com isso? – Clarice disparou para Dora, que assentiu, para meu alívio.

Só que a paz não durou nada e, sem me deixar continuar, Clarice completou as lacunas. Para ela, eu estava comendo a paciente escondido e adorando o fato de ela ter arrumado um amante. Por mais que eu afirmasse que não tinha dormido com a paciente, só o fato de querer era o suficiente.

– Aposto que era uma mulherzinha perturbada, com traumas de infância. Sabe, Dora, o Theo é louco por mulher fraca e carente, ele adora cuidar das oprimidas, faz ele se sentir superior. – O fel de Clarice foi como música para os ouvidos de Dora. – Parabéns! Bem que o Theo falava que você era incrível. Quer dizer, antes daquela confusão. Depois ele te xingava mesmo. Mas você faz jus à fama. – Clarice massageou o ego de Dora e se virou para mim: – Por isso que você me deixou vir, né? Pra Dora te ajudar a me contar.

– Não sei. De repente foi. Mas o que importa é que eu estou aqui para tentar recuperar o nosso casamento. Eu realmente quero que a gente volte a ser como antes. Vamos encerrar essa conversa e falar do que interessa?

– Me parece que tudo o que está sendo dito interessa, Theo. Aliás, acredito que seria muito benéfico se você contasse para Clarice como se sente em relação à sua paciente. – Dora soltou a guilhotina sem piedade. – Clarice foi muito clara em relação ao caso dela. Agora é sua vez.

Ela tinha coragem de me igualar a Clarice.

– Clarice trepou com outro homem; eu fantasiei. Pode acreditar: é bem diferente – rebati.

– Não é, não. É pior. Tá na cara que você se apaixonou. – Era insuportável a manha de Clarice.

– E daí? Agora eu sou culpado por sentir? Dá um tempo, Clarice. Não vem querendo dar uma de vítima, porque quem dormiu com outra pessoa foi você. E esse assunto acabou. A paciente saiu da terapia. Segunda foi o último dia.

Pronto. Depois dessa, as duas iam ter que engolir a língua.

Clarice, no entanto, paralisou, como se estivesse em choque ou processando uma informação muito complicada. Dora tentou intervir e ela, bruscamente, fez um gesto de silêncio. Eu e Dora nos olhamos, ambos curiosos.

– Porco! Você é um porco nojento! Seu animal! – Clarice grunhiu do nada.
– Segunda era o dia dela. Então era por isso que você só queria transar nas segundas. Punheta pra que, se tem a babaca da Clarice?

– Isso não é verdade – respondi, tentando lembrar se só procurara Clarice nesses dias. É. Existia essa possibilidade mesmo. Merda!

– É verdade, sim! Tem pelo menos um ano que, quando acontece, é só nas segundas. Há um ano ela é sua paciente, né? Seu porco! Eu te traí pra chamar a sua atenção e me arrependi, mas você, você se apaixonou e me usou como uma puta porque não podia comer a princesa desequilibrada! Eu quero saber o nome dessa vagabunda. Fala!

– Eu não posso fazer isso, Clarice.

– Fala! – o grito de Clarice foi gutural, imperativo.

Murmurei “Júlia”. Murmurei tudo, que não tinha ido para a cama com ela, mas que ficara louco de vontade. Que significou muito, mas era passado e o que eu queria era salvar nosso casamento. Se a última parte era verdade, nem eu sabia, mas era só o que eu tinha para salvar. Clarice não respondeu. Apenas olhou para mim como se eu fosse um estranho. “Como é que nossa vida ficou desse jeito?”, pensei comigo. Como eu não avaliei a gravidade dos meus próprios atos? Ser a eterna vítima era tão confortável, mas a máscara caiu – inclusive para mim. Eu também não me reconheci.

– Theo, eu espero que você entenda a reação de Clarice. Para ela, essa sessão pode parecer uma armadilha. Ela estava cheia de culpa e de repente descobriu seu envolvimento, mesmo platônico, por outra mulher. Me parece que os dois se afastaram do propósito de estarem juntos. Em vez de começarmos uma competição para descobrir quem magoou mais, o importante é tentar entender por que essas situações e sentimentos aconteceram. Acredito que esse deva ser o nosso objetivo inicial. – A voz de Dora soou distante.

Esgotado, acabei falando de horários e valores, acertando burocracia com Dora, enquanto Clarice permaneceu muda e, diante da nossa conversa tão ordinária, ainda mais perdida. Enquanto eu assinava um cheque, ela se levantou automaticamente, como uma sonâmbula, e saiu. Dora me encarou

sem nenhuma emoção e maquinalmente lhe entreguei o cheque. Logo em seguida, me levantei e fui atrás de Clarice.

DORA AGUIAR

Avaliação: Quinta sessão

Data: 02 de novembro de 2012

Pacientes: Theo Cecatto - psicólogo e terapeuta. 56 anos

Clarice Cecatto - assistente social. 46 anos

Paciente veio com a esposa. Segundo ele, Clarice pediu para acompanhá-lo após contar que havia terminado com o amante. Como não era o objetivo inicial, deixei claro que faríamos uma experiência de três sessões. Não sei se chegaremos lá.

Como eu esperava, ela chegou cheia de culpa e Theo, com um discurso de homem aviltado. Não me convenceu. Parecia ensaiado e bem pensado. Quando apontei isso, ele exagerou mais um pouco e relatou que atacara um paciente. Aparentemente o paciente sabia do caso de Clarice e quis fazer uma acareação com Theo. Não tenho certeza disso. Existe a possibilidade de o paciente ter dito algo mais forte e que Theo tenha preferido não expor.

Ele contou que sua paciente Júlia abandonou a terapia na última segunda e, portanto, o problema da contratransferência acabou. A confissão só foi feita porque o conduzi a contar da paciente, fato que Clarice desconhecia. Na minha visão, Theo não queria contar e perder sua posição favorável.

A revelação abalou muito a esposa, como se o fato de Theo se apaixonar, mesmo platonicamente, fosse pior do que qualquer relação sexual.

Lembrar de abordar: qual paciente ele atacou??
Júlia realmente saiu da terapia??

S E X T A S E M A N A . . .

“Para que a terapia resulte, é preciso que o terapeuta seja, durante a relação, uma pessoa unificada, integrada ou congruente. O que quero dizer com isto é que ele deve ser na relação exatamente aquilo que é – não uma fachada, um papel ou uma ficção.”⁶

CARL ROGERS

Clarice devia estar feliz. Depois de tudo, saiu ileso e ainda com alguns pontos de vantagem. Do meu lado, de sofrimento ganhei o status de vilão, e nem podia reclamar. Meu erro era maior do que o dela. Digamos que a traição de Clarice era um subproduto do meu deslize.

A volta para casa foi um filme mudo sem direito a pianista. Parecia que ela estava em transe, o que me deixou profundamente irritado. Embora fosse do feitio dela fazer drama, seu silêncio indicava que ela estava com a cabeça a mil, relembrando amargamente o último ano e marcando todos os indícios da minha traição ideológica. Eu e minha boca grande. Se não tivesse dito nada, Dora morreria sem a certeza e Clarice seguiria na ignorância, o que manteria minha reputação intacta.

Entramos em casa e ela foi direto para o quarto. Parado no meio da sala, reparei nos brinquedos de Caio espalhados pelo chão. Ele estava naquela fase da desordem, e se o nosso casamento acabasse mesmo, seria a última fase dele que eu presenciaria. Recolhi os brinquedos e desabei no sofá, me perguntando se era isso mesmo o que eu queria. Sair daquela casa, de perto da mulher que era mãe dos meus filhos e deles, por consequência, teria o efeito desejado? E qual era esse efeito que eu tanto buscava? Rejuvenescimento? Amor? Hedonismo? Me afundei no sofá, perplexo por não saber o que era. Desde que meu pai saiu de casa para morar com outra

mulher, eu o detestei. Como ele trocou nossa família por uma reles mulher nunca entrou na minha cabeça e, de repente, me via no mesmo lugar. E, por esse ponto de vista, eu e meu irmão nunca tivemos nada a ver com o fato. Minha mãe, sim. O que os unia se desgastou. Eu sabia disso, mas Caio entenderia? Pela primeira vez ponderei a consequência da separação, como uma preparação para o futuro. Mesmo com tais pensamentos, eu não tinha certeza de nada, o que me fez concluir que tudo fora por Júlia, por uma aventura. E eu nem tinha percebido.

Se ao menos eu pudesse fazer um test drive antes de me decidir, ficaria mais tranquilo. Se bem que manter o suportável apenas por preguiça de realmente se conhecer era um desejo bem medíocre, até pra mim. Todos os anos afastado da terapia como paciente geraram em mim a soberba de saber e, assim, não precisar da análise constante. Com isso, parei de me trabalhar como pessoa, estava congelado no mesmo estágio de quando larguei Dora. Recalcado, revoltado e ansioso por provar que era superior e que merecia algo melhor. Esse desejo contaminou a minha vida de um modo que eu parecia o funcionário preguiçoso que só está na firma enquanto não encontra emprego melhor.

De todos os erros, o maior tinha sido parar de fazer terapia, de me analisar, ainda mais eu, que trabalho com isso. Nunca poderia ter me permitido essa licença. Havia muito tempo que eu não sabia o que queria. Eu apenas pressupunha. Só que não seria em uma noite que iria refletir por mais de oito anos, pensei, já adiando para logo depois reconsiderar. Não dava mais tempo para adiar. Se eu queria terminar o casamento com Clarice, era hora de assumir; se desejava ficar com Júlia, era hora de tentar. Não dava mais para deixar para o dia seguinte.

No sábado de manhã Rafael me acordou. Ele era meu filho mais velho e estava na Rural. No começo da faculdade, vinha todos os fins de semana, mas depois do terceiro período as visitas ficaram cada vez mais esparsas. Ele ria, achando que era a primeira vez que eu dormia no consultório.

– Ih! Dona Clarice te botou pra fora da cama? O que que você fez?

– Eu é que saí para deixá-la com saudades – menti já de pé, abraçando-o.

Rafael estava mais alto do que eu. Era um homem bonito, observei. “Daqui a pouco Caio estará assim.” O pensamento me encheu de medo. Me vi uns 15 anos depois, sendo acordado por Caio ali mesmo, no sofá do consultório. Não me pareceu um futuro promissor. Nesse momento Caio e Malu invadiram a sala e pularam em cima do irmão mais velho. Foi uma farrá. Havia muito tempo que não ouvia Caio rir daquele jeito. Eles era lindos e eram meus. Alguma coisa de bom sempre resulta, pensei, mais aliviado. Então me virei e deparei com Clarice na porta, ela também os observava e, pelo olhar bobo, devia estar pensando a mesma coisa que eu. Quando seu olhar cruzou com o meu, pude perceber a mensagem: vale a pena preservar nossa família. Me odiei por discordar.



Ela me ligou no domingo à noite. Por sorte estava de volta ao consultório. Com a presença de Rafael, Clarice me pediu para dormir no nosso quarto. Foi uma das situações mais estranhas que vivi. Era tudo tão familiar e ainda assim parecia uma viagem no tempo. Quando deitamos, me senti uma visita que, por falta de lugar, divide a cama com um parente longínquo. Sem intimidade, os dois ficam duros na mesma posição, evitando se encostar. Clarice acabou caindo no sono antes de mim. Sua respiração era forte e profunda, mas não chegava a ser um ronco. Olhei para ela e pensei em como eu queria abandoná-la, mas como era difícil. Ela era parte dos meus bens, era minha mulher, eu não precisava mais amá-la, só cuidar dela deveria ser suficiente. Claro que eu sabia que não era.

O domingo foi como nos velhos tempos. A presença de Rafael tinha o poder de unir todos em volta da mesa, rindo e falando. Era engraçado constatar como os filhos passam a ser inspetores dos pais. Rafael, por ser o mais velho, chegou para colocar ordem. Dava pra perceber pelos olhares entre ele, Malu e Caio. Quando ele foi embora, a casa se aquietou. Malu se trancou no quarto, Caio ficou vendo um filme com a mãe e eu voltei para o consultório. Não sabia dizer se estava cansado por ter dormido tenso ou por ter bancado o papai feliz durante todo o fim de semana. Existem coisas que

não dá para disfarçar, não era justo comigo nem com os meus filhos. Na verdade, não era justo com ninguém.

Já me preparava para dormir quando Júlia ligou. Nem preciso dizer o tamanho do susto que levei. “Ela sentiu minha falta”, me ocorreu, mas o motivo da chamada não era saudade. O pai de Júlia tinha sofrido um enfarto e estava hospitalizado. Seu quadro não era nada promissor e ela me pediu para atendê-la. Precisava falar com alguém. Como eu poderia negar?



Primeiro veio a voz de Júlia. Ela falava com alguém ao celular, do lado de fora do consultório, mas foi o suficiente para me encher de vida. Depois do telefonema no domingo, eu praticamente não havia dormido. Parecia que o destino ia me dar uma segunda chance, uma oportunidade de ser franco e sincero com a mulher que não saía da minha cabeça. Aliás, eu sentia que era uma segunda chance em termos gerais. Não se restringia só a ela. Se eu tivesse sido sincero com os pacientes – Breno e o casal, por exemplo –, o quanto eu não teria evitado de estresse? O mesmo com Clarice: em vez de ficar bancando o marido traído, se tivesse aberto o jogo, pelo menos ainda seríamos amigos. Principalmente comigo... Eu não vinha sendo honesto comigo havia um bom tempo.

Fazia só uma semana, mas pareciam meses desde a última vez que a vira. Apesar de abatida, continuava linda. Entrou e sentou diretamente no sofá. Agradeceu com uma certa reserva e isso me doeu. Uma semana e me transformei em um estranho. Esse seu gesto me fez refrear a vontade de abrir o verbo e contar tudo de cara. Sondando o terreno, perguntei sobre o estado do pai e como tudo havia acontecido.

– Ainda na UTI – ela respondeu, e seguiu afirmando que o enfarto do pai era culpa única e exclusivamente dela.

– Por que você diz isso? – perguntei, e ela me olhou daquela forma devastadora tão sua e contou que seguira o meu conselho.

Na hora eu não atinei de que conselho ela falava, mas logo me lembrei do caso de Beto. Segundo Júlia, o pai havia assumido que desconfiava do amigo

e de que houvesse acontecido algo entre a filha e ele, mas não se estendeu. Tinha sido uma conversa estranha, constrangedora, e nem dois dias depois ele enfartou. Não havia dúvida, para ela, de que o ataque fora em decorrência da revelação e não adiantava tentar convencê-la. Júlia se culpava e não parava de repetir que nunca deveria ter dito nada.

– Por que eu fui te ouvir? Por quê? – ela perguntou, e eu me senti muito incompetente, embora soubesse que meu conselho fora positivo e para o bem dela. – Eu sei por que contei tudo para ele. Porque você sugeriu, pra te deixar orgulhoso de mim. Sou uma idiota, você não acha?

– De forma alguma, Júlia. Você seguiu meu conselho porque também deve ter achado que era hora e que seria bom – tentei confortá-la.

– Então, você não me acha uma idiota?

– De forma alguma – respondi. Ela abriu um sorriso triste. Disse que pensou que eu não fosse atendê-la e que já teria outra pessoa no seu horário. Derretido, confessei que sempre iria atendê-la e ela riu, achando muita graça.

– Falando assim até parece que você sentiu saudade de mim. – Ela me encarou, esperançosa, e se eu deixasse aquela oportunidade escapar, me arrependeria para sempre e por vários motivos. Primeiro, porque realmente estava apaixonado por ela; segundo, por ser um desafio que eu precisava enfrentar; e terceiro, porque seria a única maneira de verificar a realidade dos sentimentos de Júlia.

Então eu disse, com todas as letras, que sentira sua falta, que pensava nela o tempo todo e que gostava dela tanto quanto ela gostava de mim.

– Você tá tirando uma comigo? Não brinca com isso, Theo. É sério? – Ela parecia não acreditar. Respondi que era muito, muito sério. Júlia olhou à sua volta, perdida, processando minha declaração até que, abruptamente, me perguntou se aquilo era um teste. Por mais que também fosse, eu não podia confessar e neguei. Pronto. Estava feito. Foi mais fácil do que pensei e acredito que Júlia também pensou isso. Tanto pensou que me perguntou o que iria acontecer, se era só isso e podíamos ficar juntos.

– Acho que sim – respondi.

Durante um tempo, ela olhou para o chão e me lembro de pensar, alarmado, que o encanto havia se quebrado e Júlia perdera o interesse, mas ela se afastou para um dos lados do sofá, deixando um espaço para mim. Com uma voz que mais parecia um murmúrio, me chamou para perto dela. Respirei fundo, pensando se era apropriado me aproximar assim, dentro do meu consultório, mas logo notei como era patética a minha preocupação, coisas muito piores já haviam acontecido naquele consultório. E, assim, me levantei e sentei ao seu lado.

Ficamos em silêncio e Júlia fez algo inesperado: virou o rosto e puxou as pernas contra o peito, colocando os pés no sofá, como uma criança com medo. Logo depois, disse que não era para ser daquele jeito, e eu soube que metade de tudo nela era fantasia. Júlia provavelmente imaginara uma situação diferente, extremamente romântica e que não correspondia em nada à realidade. Para mim, no entanto, era o paraíso poder estar tão perto dela. A vontade de beijá-la e arrancar suas roupas, transar com ela ali no sofá, exatamente como ela imaginou, era quase incontrolável. Só que eu precisava ser honesto e, por mais que adorasse viver aquela fantasia, sabia que não seria de verdade. Júlia, antes de precisar de mim como homem, precisava de mim como terapeuta.

Me vi contando novamente trechos da minha vida para Júlia. Para ela, isso me fazia soar natural e quase familiar. Lembrei-me de um incidente muito peculiar da minha juventude. Devia ter uns 13 anos e era apaixonado pela professora de química. Lourdes era o nome dela. Alta, magra, assim como Júlia, mas com uns cabelos encaracolados de um ruivo brilhante – como eu sonhava enroscar meus dedos naquele cabelo! –, olhos muito grandes e verdes, cercados por sardas quase infantis. Na época, eu a achava a mulher mais linda do mundo e fiquei tão cego que escrevia uma poema atrás do outro – cada um pior do que outro. Quando entramos no segundo semestre, surtei, com medo do ano acabar e de a professora Lourdes nem desconfiar do meu amor. Então comecei a entregar meus poemas de baixa qualidade para ela, o que não surtiu efeito. Ela seguiu me tratando como mais um aluno da sétima série. Até que um dia, depois de uma aula no laboratório, eu não saí e ficamos sozinhos. Declarei todo o meu amor num fôlego só, mas

pronto para fugir, porque com certeza ela me colocaria porta afora. Num gesto intempestivo, a professora Lourdes apagou a luz e se aproximou de mim muito séria. Eu devia estar me borrando todo, mas me mantive firme. Então ela me mandou beijá-la e eu fiquei paralisado, olhando para cima – afinal, ela era mais alta do que eu – e pensando que seria vergonhoso ter que ficar na ponta dos pés. Só que nem se eu quisesse a alcançaria. Minhas pernas não se mexiam. Como ela continuou me olhando, foi me dando um pânico imenso e, quando finalmente fui capaz de mexer as pernas, corri para bem longe.

– E se você tivesse tido coragem? Já pensou? – Júlia perguntou, mais relaxada.

– Sim, claro, mas aconteceu o que devia acontecer, e até hoje agradeço à professora Lourdes.

– Por quê?

– Por ter me dado a chance de ver que a realidade pode ser bem diferente da ilusão – respondi, atraindo seu olhar e percebendo que minha gratidão pela professora estava muito perto do que Júlia estava sentindo por mim naquele momento.

Apesar da gratidão ser classificada como um sentimento mais do que nobre, quem ama odeia ser reconhecido pelo ser amado. É preferível o ódio à gratidão, constatei decepcionado. Era um teste. Júlia testava a integridade dos homens com uma abordagem sexual, e não era de se estranhar que todos tenham fracassado. O esquema sedutor era uma emboscada para o homem e para ela, novamente o mesmo equívoco de supor que o outro entende nosso subtexto. É muito mais simples ler por cima – e mais falho também. No entanto, o que mais me abismava era que uma vez que o homem errava a resposta, Júlia, mesmo contrariada, seguia com a encenação, numa honestidade distorcida. Ela se mantinha fiel às expectativas do outro, mesmo que o outro tivesse decepcionado as suas, como se fosse obrigada a ir até o fim porque esse comportamento era esperado dela.

Exatamente como eu deduzira, tudo se devia à sua iniciação sexual deturpada. Mantendo-se na mesma posição defensiva, ela me contou outra

versão da sua primeira vez com Beto. Todo o discurso de como ele havia sido cuidadoso, delicado e amoroso nada mais fora que mais uma mentira que Júlia se acostumou a contar para si mesma. Ele estava bem interessado em comer a filha adolescente do amigo e queria ver tudo com os mínimos detalhes. Se pudesse, eu tenho certeza de que ele teria fotografado e filmado cada segundo só para depois exibir a foda para os amigos de boteco. Luzes acesas, linguagem chula e a repetição de que ele sempre soube que Júlia estava pronta para se tornar mulher, afirmando a cada minuto como estava envaidecido dela, manipulando-a sem disfarce nenhum. Quanto mais excitado Beto ficava, mais sujo e depravado se tornava o ato, a ponto de ela ter nojo e querer fugir. Só que Beto estava tão orgulhoso com sua “maturidade”, que Júlia se submeteu a tudo até o fim.

– Percebe o quanto você foi uma vítima? – perguntei, e ela assentiu, chorando. – Por mais que eu te ame, não posso ser outro Beto. Apesar de desejar ser protegida, você se submeteu a uma experiência indesejada. Você queria amor e recebeu sexo, e é por isso que até hoje essa é a sua moeda. – Tentei explicar que todos esses fatores eram motivos para que eu tivesse cautela, do contrário me transformaria em outro Beto. Naquele momento, decidi que nem tudo estava perdido e que, se Júlia resolvesse essa questão, nós poderíamos dar certo. Voltei para minha poltrona, sob os protestos dela.

– Mas eu te amo, eu te quero tanto, Theo. Fica aqui. Esquece o que eu contei do Beto. Não deixa isso estragar tudo. – Como eu não respondi, ela prosseguiu, já se martirizando: – Droga! Acabei com tudo! Agora você tem certeza de que sou mais uma perturbada e não quer mais.

– Não é nada disso, Júlia. Eu continuo te querendo, mas não posso errar com você. – E era verdade. Com aquele histórico, se a agarrasse e me transformasse em mais um, eu a perderia. Era um teste muito difícil, um enigma, praticamente, e sem direito a segunda chance. Mesmo diante da possibilidade ínfima de sucesso, não me abati. De repente me iluminei, inundado pela certeza de que com aquilo eu conseguia lidar.

Quando seu irmão ligou avisando que a febre do pai havia passado, um peso saiu de cima de Júlia. Com calma, iríamos com calma, eu disse. Ela

sorriu, um sorriso novo, diferente de todos os outros. Talvez esse fosse o sorriso da verdadeira Júlia.



No mínimo interessante – foi a minha conclusão sobre o comportamento de Clarice durante a semana. Era como se nada, nada em absoluto tivesse acontecido. Estávamos com o placar empatado e entre jogos. Fiquei no meu consultório e ela, em casa. Segui minha rotina e Clarice parecia fazer o mesmo. A verdade agiu como um estabilizador de humor: sabíamos da adversidade, mas ninguém ousava cutucar a onça com vara curta. Podia ser só uma trégua efêmera, de qualquer forma era bem-vinda.

Decidi fazer da aparente paz um momento de reflexão. Eu perdia horas, dias refletindo os dilemas dos pacientes, mas não passava de 10 minutos quando se tratava dos meus. Não havia o que pensar, uma vez que eu conduzira minha vida para aquele momento. A incumbência de administrar os resultados da má gerência estava no topo da pilha de afazeres. Se não riscasse o item da lista, eu não poderia eliminar as outras tarefas. “Quando eu me tornei uma alegoria de mim mesmo?”, pensei. Assim como não sabia precisar o ponto de virada do meu casamento, o marco que detonara o abismo entre mim e Clarice, também não conseguia determinar quando tinha deixado de ser eu mesmo, ainda mais diante dos meus pacientes.

A figura silenciosa de Dora como espectadora das minhas sessões fora exorcizada de fato? Ou incorporei a postura da macaca velha, numa sublimação tão sutil que escapou do meu censor? Estamos sempre tão preocupados com o olhar externo que deixamos para depois o objetivo mais importante da vida: autoconhecimento. Meus pacientes, os que realmente obtiveram êxito na terapia, foram aqueles que evitaram seguir a trilha traçada para eles por outras pessoas. A aceitação da própria verdade talvez tenha sido a maior descoberta de todos eles, um achado que leva à liberdade. De repente era este o meu desejo: ser livre. Júlia, Clarice, o casamento, a terapia eram só ferramentas.

Com esse pensamento em mente, recebi Breno. Assim como Júlia, ele pediu para voltar, mas, diferente dela, não parecia agradecido, e sim contrariado. Compreendia sua parcela de culpa na reação violenta que eu tivera e, embora não se desculpasse, exigia desculpas de mim. Bem, o terapeuta era eu e estava entre as minhas funções promover o diálogo, e não dificultá-lo. O retorno de Breno, no entanto, corroborava a minha teoria de que ele, assim como Júlia, Ana e Nina, testava os outros na espera de um retorno muito específico. Logo, contrariando as expectativas, meu ataque teve um resultado mais do que favorável, e isso se devia a uma única razão: fora verdadeiro.

E a verdade pautou aquela sessão com Breno. Afinal, era uma trilha que, quando escolhida, nos impelia a prosseguir.

– Eu sei que não foi só porque eu falei a real. Você me atacou porque, como todo mundo, tem medo de mim – Breno constatou, pesaroso.

Bem, não era exatamente medo o que eu sentia por ele, mas de repente algumas pessoas nutriam esse sentimento. O ponto é que Breno pensava que refletia uma imagem e percebera que o que ele achava que achavam dele não condizia com a realidade. Antes tarde do que nunca, pensei, contente por Breno. Essa constatação podia desencadear uma consciência maior: a de que era impossível ser feliz evitando ser quem você é. Breno viveu de acordo com o modelo totalitário do pai, usando um molde para todas as suas atitudes. Era muito comovente presenciar esse redescobrimento pessoal.

As questões que ele trouxe naquele dia eram todas típicas de quem se questiona realmente, pela primeira vez. Driblando os padrões, se viu reagindo de forma inesperada.

– Como assim? – perguntei.

– Ah... A Milena, por exemplo. Ela me procurou. Quer voltar comigo. Eu gosto dela pra cacete, mas... Sei lá. E o pior foi que, como é que eu vou dizer isso? Ela queria transar comigo e eu dispensei.

– Por quê?

– Porque eu tinha marcado de sair com o Fábio e o namorado dele.

– Só por isso?

– Acho que sim. Me incomodou ver a Milena ali, toda oferecida, esperando que eu comesse ela. Não tava a fim. Tá vendo que merda, Theo? Eu deixei de comer a minha mulher para sair com dois viados. Meus amigos, mas dois viados.

– Breno, o fato de você ter optado pelos seus amigos pode significar que seus sentimentos por Milena mudaram mesmo, só isso.

– Mas eu gosto dela. Eu sinto. E mesmo assim eu não quis. – Ele fez uma pausa, como que avaliando se prosseguia ou não, então me olhou desconfiado e, por fim, falou: – O pior não foi isso. Foi no fim da noite. A gente chegou em casa, eu, o Fábio e o Tito, já era dia. O Tito é a mulher do casal. Na boa, ele nasceu gay e não tem vergonha nenhuma de ser assim. Tenho inveja dele.

– De não ter vergonha de ser o que é?

– Também, mas porque ele sabe o que é e o que quer da vida. Eu não sei de mais nada – Breno falou, e eu pensei comigo que ele estava progredindo mesmo. – Daí o Fábio foi dormir e o Tito colocou um filme pornô. De homem com homem, sabe? E eu fiquei ali, assistindo aquela merda. O Tito ficou me sacando, maior clima estranho. De repente eu achei que tinha ficado de pau duro. Não sei se fiquei, mas só de pensar me deu um medo e eu saí batido. Fui embora e nem dei tchau. Quando tava na rua é que eu me toquei de que tô ficando na casa do Fábio. E a vergonha de voltar?

– Você voltou?

– Horas depois. Inventei uma desculpa. Theo... Será que eu sou gay?

– Por que você acha isso?

– Responde, cara. Tenho cara de viado, de quem gosta de queimar a rosca? Será que se eu der o cu, meus problemas vão acabar? – Ele me encarou, realmente curioso, e achei melhor não interferir no fluxo de pensamentos de Breno.

Levantando-se, ele andou pela sala, a cabeça a mil. Subitamente parou diante de um dos meus barcos e o segurou, analisando a miniatura minuciosamente. Como quem fala para si mesmo, ele me contou que havia lido em algum lugar que o mar significava emoções e achava curioso eu colecionar barcos. Acreditava que o hobby era um modo meu de comunicar

alguma coisa, talvez meu desejo de navegar ou de poder expressar minha emoções. “Esse cara é uma montanha-russa”, falei com meus botões. De fato, Breno conseguia me surpreender para o bem e para o mal. Debaixo da couraça, batia um coração. Bem, sob qualquer carapaça existe uma parte mais suave, até sob a minha. Confesso que a interpretação dele sobre meus barcos me fez pensar se Breno estava certo. De qualquer forma, agradei aos céus por aquela sessão. Perceber que o meu descontrole havia sido o causador daquela sinceridade entre o paciente e eu só reafirmou o quanto eu tinha me distanciado, assim como Breno, de ser quem eu era.

Ele sentou na minha frente, ainda com o barco nas mãos, e falou do pai. Dessa vez não usou nenhum rótulo, apenas descreveu como o via, num entendimento dos erros de Antônio. Lembrou-se de uma passagem dolorida da infância, em que, como era de se esperar, Breno já era o melhor. Pelo seu relato, tinha se metido em uma briga na escola e, quando seus pais chegaram, ele ficou tão aliviado em ver a mãe que chorou. A demonstração de sentimentos foi lida pelo pai como fraqueza e isso o fez esbofetear o filho diante de todos.

– Ele me mandou parar de chorar. Disse que era pra botar o choro pra dentro.

– Você conseguiu?

– O que você acha? Engoli na hora. Nunca mais chorei.

– Nunca mais?

– Não. Minha mãe até falava pra eu deixar de ser bobo, que o meu pai me adorava e não tinha feito por mal. Que eu podia chorar em outros momentos, mas nunca mais consegui. Você acredita que ela tava certa? Eu descobri que o meu pai fala bem de mim pra todo mundo, mas na minha frente nunca foi capaz de me elogiar.

– E mesmo assim você se tornou um atirador de elite.

– E daí? Ele queria que eu fosse milico.

– Você acha que existe uma grande diferença? – perguntei, e Breno se calou, pensativo.

Eu sempre detestei a ideia de que os filhos acabavam sendo fiéis aos pais, mesmo quando faziam o oposto do desejado, muito pela minha própria

história. Só que isso era um fato inegável e Breno era um exemplo. Tentei explicar que, como para Antônio a demonstração de sentimentos era um sinal de fraqueza, Breno sufocou sua parte sensível, emotiva e, sendo assim, se manteve fiel ao ensinamento do pai.

– Você reprimiu tantas emoções por tanto tempo, Breno, que agora manter essa tarefa está muito difícil. Me parece que você está com medo de não conseguir segurar os sentimentos e não saber o que fazer quando a barreira romper. Porque mais dia, menos dia, vai romper – falei, preocupado com ele, finalmente conectado com Breno. Nunca poderia imaginar aquilo. Eu o detestei tanto na última semana que estava absolutamente pasmo com a reviravolta da situação. Breno parecia tão surpreso quanto eu e acabou fugindo para o banheiro.

Mesmo com a porta fechada, pude ouvir o choro dele. Poderoso, antigo, doído, como o lamento de um animal ferido, tão comovente que nem ousei me mexer. Ele chorou por um bom tempo e, mesmo que passasse do horário, eu não o interromperia. Como interromper uma catarse?

Finalmente ele saiu e, sem tornar a se sentar, confessou que era demais para ele. Que sentia falta de sua vida como era antes. Ou seja, da segurança da zona de conforto – o que foi um pensamento meu. Ele achava que não conseguiria lidar com a terapia e que precisava de um tempo. Bem, existia o intervalo de uma semana entre uma sessão e outra. Até a próxima terça ele poderia estar refeito e nós continuaríamos, concluí.

Só que Breno começou a ponderar que não sabia para onde a terapia podia levá-lo, e que ele tinha medo de ir parar em um lugar pior, um lugar onde a sensação de fracasso persistiria. Medo é uma das emoções mais humanas que existem, o medo pode salvar vidas, o medo pode tirar vidas, mas sem ele não seríamos metade do que somos. Era muito natural que Breno se sentisse assim, com essa vontade de correr para o aconchego do conhecido.

– Você pode tentar lidar com tudo isso sem ter que voltar para a sua antiga vida – observei.

– Não sei. Você acha que eu não devo voltar ao trabalho? – ele perguntou.

– Eu acho que podemos falar mais sobre isso. Breno, acredito que você precisa continuar a terapia, não fuja agora – respondi. Ele assentiu e se

dirigiu para a porta.

Só que antes de sair, virou para mim e disse:

– Obrigado.

Silenciosamente eu também o agradeci.



Depois de Breno, as sessões voaram. Me senti presente, inteiro com todos os pacientes. A impaciência evaporou e sobrou o prazer de ajudar. Em alguns momentos foi mais difícil, em outros, mais natural. De qualquer forma, o esforço de estar no presente valeu a pena.

Sempre gostava de ter uns minutos antes da chegada do paciente para recordar sua última sessão. No caso de Nina, minha reflexão foi interrompida por um motoboy. Ela tinha mandado entregarem uma pizza família de quatro queijos no consultório. Nem meu filho mais velho conseguia comer tanta pizza de uma vez. No entanto, Nina parecia uma criança diante do mar de queijo fumegante. O primeiro pedaço desapareceu em segundos e estava uma delícia, nas palavras da sua boca cheia. Era bom vê-la comendo assim, sem culpa e com satisfação. Só que quando expressei minha alegria pelo seu apetite, a fome de Nina desapareceu.

– Eu tô uma vaca. Não devia comer nada. Muito menos pizza – ela disse.

– Você não está gorda.

– Qual é, Theo? Eu tô uma baleia assassina. Só banha – ela rebateu, contando como Leon, o escroto do Leon, queria que ela emagrecesse e, por outro lado, como a mãe queria que ela comesse. Como estava indo para o treino, ficou com fome e pediu a pizza, numa contradição peculiar.

– Por que você não comeu em casa? – perguntei.

– Ah! Sei lá. Minha mãe até fez um super café da manhã, cheio de coisas saudáveis, coitada, mas eu tava sem fome.

Aquela frase me deu um estalo e eu questioneei se era uma rotina não ter fome em casa, e sim nos treinos. Ela respondeu que sim. Perguntei sobre outras situações e me pareceu que a vontade de Nina mudava de acordo com a vontade do outro. Não que ela fosse do contra e fizesse o oposto só para

contrariar, mas quando o desejo do outro se apresentava, o dela desaparecia. Talvez por isso os treinos eram o seu lugar favorito, porque ali, por mais que houvesse indicações de treinadores e dicas de colegas, era ela e seu corpo. Diante do movimento involuntário dos músculos e da expressão dela como ginasta, a vontade de Nina prevalecia.

– Nossa! Você tá viajando legal – ela zombou do meu raciocínio.

– Será? – respondi, e perguntei sobre seu pai. Será que com ele a reação era a mesma?

Nina não gostou nada de ver o pai trazido para a conversa. Michel era maravilhoso, incrível, magnânimo, entre outros adjetivos. Se existia alguém errado, esse alguém era eu, que perseguia o pobre coitado.

– Se o seu pai é tão bacana assim, por que você não contou a ele o que aconteceu? – Minha pergunta era bastante simples.

– Porque ele ia achar que a culpa é sua – ela respondeu, e ainda acrescentou que a omissão tinha sido para me proteger da ira de Michel. Também porque ele estava fora do país e ela não ia incomodá-lo com coisa pequena.

– Coisa pequena? É assim que você vê a sua vida?

– Não enche, Theo! Que saco!

– Parece que você está magoada com ele e por isso não quer contar da sua vida.

– Eu não tô magoada com o meu pai, se você quer saber! Nosso tempo já acabou, né? – ela arriscou, tentando achar uma saída para o assunto.

O pai era o X de toda a problemática de Nina. Era um tema non grato, o que me levava a crer que essa submissão dolorosa tinha algo a ver com a relação dos dois. Logo no início da terapia ela me deu essa pista. Lembrá-la do que disse sobre meus livros no topo da estante, rejeitados e mofando, a espantou. Apontar que entre os livros estava um de seu pai a espantou ainda mais. Finalmente, quando me dirigi à estante para pegar o livro, Nina permaneceu imóvel, como se sua mobilidade não existisse mais, embora fosse notório que ela quisesse sumir dali. Ela queria sumir, mas eu queria falar, certamente era o meu desejo que subjuguava o dela e a paralisava.

Afastando a caixa da pizza para o lado, posicionei o livro bem diante de Nina. Pude perceber como seu corpo se retesou e o olhar voou para o teto do consultório. Por mais que eu falasse, ela não estava ali, estava no lugar para onde fugia quando sentia que forçavam seus limites. O mesmo lugar para onde fora quando Leon fez sexo com ela adormecida ou quando, magoada pela rejeição e pelo julgamento de Helena, saiu de bicicleta sem rumo. Um esconderijo triste, um esconderijo para morrer.

– Eu sei que você não quer falar sobre isso, mas não fuja, fique aqui. Não desapareça, não agora, Nina – pedi, percebendo que era a segunda vez que pedia a um paciente para não fugir naquela semana.

– Você é um filho da puta!

Nunca um xingamento me deixou tão feliz. Ela estava ali. Encorajado pela presença emocional de Nina, folhee o livro. Tive a mesma impressão de antes: belas fotos, mas com modelos jovens demais. Conforme passava as páginas, Nina despejou um choro silencioso. Quando falei sobre como comida e sexo eram parecidos pelo desejo que geravam, ela chorou ainda mais. Meu ponto era que ela compreendesse que nesses dois aspectos ela não conseguia reagir, não quando percebia que alguém esperava uma resposta ou a desejava. Se isso acontecesse, ela sumia e, mesmo contra seu desejo, se submetia ao outro por não ser capaz de se expressar.

– Por que este livro te perturba tanto?

– Eu quero que você morra! Seu velho tarado!

Claro, se eu estava com o livro do pai dela, devia ser um pervertido que usava o livro para me masturbar – pelo menos essa era a definição que Michel fazia dos seus leitores ou a desculpa que dava para a filha.

Após me rogar todas as pragas possíveis, Nina levantou e quebrou a primeira coisa que viu, tal como havia feito no meu banheiro. Coincidentemente foi o barco que ela mesma me dera. Eu a olhei, magoado, e Nina me devolveu o olhar com a seguinte mensagem: me machuque que eu o machucarei também.

No entanto, ela voltou para o sofá, para a terapia. Segui tentando ser fiel ao que tinha em mente, de que o trabalho do pai, por algum motivo, era uma violência para ela e que em algum momento seria necessário enfrentar essa

questão. E, principalmente, era importante que ela estivesse presente em sua vida e parasse de se refugiar nesse lugar de morte, em que permitia o abuso iludida pelo distanciamento. Nina poderia descobrir que os treinos não eram o único lugar seguro do mundo e que existia um universo de espaços em que podia ser ela mesma.

Aqueles grandes olhos verdes me olharam sorrindo e uma felicidade me invadiu. Por Nina, por ser tão jovem e, sendo assim, ter uma vida para ser feliz. Sua esperança me deu certeza de que nem tudo em mim estava perdido.



O cheiro de bolo de chocolate me trouxe a imagem de Júlia. Todos os seus comentários, detalhes mínimos de cada sessão, surgiam ampliados na minha memória. Eu vivenciava o que chamo de plataforma. Sempre gostei de dar o exemplo para os pacientes e, naquele momento específico, percebi o quanto cabia em mim. A plataforma acontece quando o indivíduo já comprou a passagem, sabe para onde está indo e até já tem em mente o que fará quando chegar ao seu destino, mas o trem ainda não chegou. O vislumbre do resultado de uma decisão era o que eu chamava de plataforma. Entrar no trem era a decisão. Eu estava esperando o meu trem chegar.

Quando Caio entrou no consultório anunciando que tinha bolo de chocolate com cobertura de brigadeiro, voltei para casa. Diante da animação dele, não pude deixar de sorrir. Uma vez que eu não estivesse mais ali, não presenciaria mais momentos como aquele e aquela poderia ser a última vez que eu veria o rosto alegre do meu caçula, saltitando por um simples bolo. Se bem que, para uma criança, o bolo feito pela mãe era sempre um acontecimento. Por mais torto, quebrado, solado, era uma obra que ele havia acompanhado desde o primeiro ovo quebrado. Eu mesmo adorava observar minha mãe fazendo bolo. Era um ritual lambar a vasilha depois, mesmo que me desse dor de barriga. A tristeza dela aumentou após a separação e quem passou a fazer os bolos fui eu, mas limpar a vasilha com os dedos me

enchendo de massa de bolo perdeu a graça. Ao bater o bolo, troquei de lugar com ela e me tornei o adulto.

Me deixei guiar pela mãozinha ansiosa de Caio até a cozinha e o bolo brilhante de chocolate, coberto de confeitos coloridos.

– Eu enfeitei! – ele contou, orgulhoso de sua participação na obra.

De repente me vi abraçando Caio com força e com saudade. Por mais que Dora fosse indubitavelmente capaz, não seria a terapia que nos salvaria. E não era uma decisão minha. Eu apenas sabia que seria assim. Em breve aquelas tardes com cheiro de bolo seriam passado. Sem atentar para a força que empregava no abraço, estreitei Caio ainda mais nos meus braços.

– Tá me machucando, pai! – ele reclamou, mas para mim parecia tão vital tê-lo perto de mim que não dei ouvidos. – Ai, pai! Me solta! – prosseguiu ele.

– Theo? Larga o menino. – Clarice chamou minha atenção. “Meu pequeno Caio, vou sentir sua falta.” Era só isso que eu pensava. – Theo! Você está assustando ele!

O grito de Clarice me alertou e eu o soltei. Seus olhos arregalados denunciavam o susto. Ele nunca havia me visto assim. Nem Clarice. Eu também não, mas não me envergonhei. Amá-lo fazia parte de mim.

– Ih! Dei um abraço de urso muito forte? – Caio respondeu um a-hã para a minha pergunta. – Desculpa, filho. Nossa! Mas foi forte mesmo. Estou até fraco. Acho que preciso de um superpedaço de bolo de chocolate – completei, brincando, e ele esboçou um sorriso.

Clarice me lançou um olhar de eu-sei-exatamente-o-que-aconteceu-aqui e me serviu um pedaço de bolo. Caio pediu o dele com bastante cobertura.



Interessante como episódios cotidianos de vida podem promover grandes mudanças em nós. Depois do bolo eu não parava de pensar que a calma daquela semana era realmente uma plataforma de espera. Quanto tempo demoraria, eu ainda não sabia, mas aconteceria.

Ana estava no mesmo lugar. Só que sua plataforma era opressiva, criada por uma pulsão de morte, dado que observei no meio de sua sessão. Naquela quinta ela chegou sozinha e avisou que João não viria, mas que sabia de tudo e até apoiara sua ida à terapia. Logo perguntei se aquilo era verdade mesmo e não geraria mais um problema. Afinal, esse casal conseguia sempre dar uma guinada na direção oposta e sem nenhum aviso. Ana afirmou que estava tudo bem, bem até demais.

– Como assim? – perguntei.

– Ah. Depois da última sessão, o João, bem... O João não parece mais o João – ela respondeu, desanimada.

– Por que você diz isso?

– Porque sim. Ele tá irreconhecível. Até o tom de voz é outro. Tem que ver. Todo fofo, meigo, parece um ursinho de pelúcia. Chega a me enjoar de tanta doçura. E a culpa é toda sua, Theo – reclamou ela, jogando a batata quente na minha mão.

O marido se transformara, e eu era responsável. De um homem tosco, rude e obsessivo, João, após declarar todo seu amor a Ana, tornara-se um homem compreensivo, doce e até delicado.

– Hoje ele me desejou boa sorte no trabalho. O ciúme acabou. Ele não me segue mais e acredita em tudo o que eu digo. Se eu resolver que a Terra é quadrada, meu maridinho vai acreditar piamente.

A metamorfose de João não tinha agradado em nada. Tudo aquilo de que ela reclamava nele era o que a atraía, fato que me fez deduzir que Ana não gostava de ser amada ou bem tratada – ou, sendo mais apurado, que não gostava de pessoas que a amavam ou eram gentis com ela. Ela sabia lidar com agressão, desconfiança e deboche. Na aridez das emoções ela se saía muito bem, estava habituada. Me perguntei desde quando era assim.

– Você quer falar da minha infância? Jura? Por quê? Porque meu filho é gordinho e eu fui gordinha?

– Você era mesmo gordinha? – perguntei.

– Gordinha é elogio. Eu era gigantesca. – O desgosto ao confessar sua antiga figura me mostrou que o fato, mesmo que longínquo, ainda a incomodava.

Ana tinha sido uma criança gorda e uma adolescente obesa. Para piorar, sua irmã mais velha era magra e linda. Apesar de todo o carinho do pai, Ana sentia o deboche da irmã e a tristeza da mãe em ter uma filha tamanho extra G. Esse registro possivelmente era deturpado. Afinal, se o indivíduo não aceita seu esquema corporal, sua autoimagem pode ser distorcida para um patamar ainda pior do que a realidade. Ser gorda não significava ser feia, burra ou desajeitada, mas Ana agregou essas características ao seu corpo – por se achar assim, e não por ser assim.

Ela citou vários exemplos de como havia sido humilhada na adolescência, principalmente pela irmã, a quem chamava carinhosamente de “irmã de Cinderela”. A mãe era a madrasta e o pai, o príncipe encantado. Mas o conto de fadas de Ana não teve um final feliz. Seu pai faleceu quando ela tinha 13 anos, deixando-a sozinha com duas bruxas.

– E como era o seu pai?

– O homem mais delicado do mundo. Meu pai era tão amável, gentil, me fazia me sentir bem comigo mesma. Eu o amava tanto! Ainda amo. Quando ele morreu, me lembro de pensar: “A única pessoa que me amou de fato na vida morreu, agora eu estou sozinha.” Quando as duas me infernizavam muito, eu corria para ele.

– Então ele era o seu refúgio?

– Era – ela respondeu, pensativa. Em seguida me mostrou uma joia nova.

– Linda. João tem bom gosto – rebati, e Ana riu. A joia não era presente do marido, mas do chefe, do tal Veloso, e uma desculpa para ela abordar o assunto que a levava até ali.

Ana tinha decidido trair João. Assim que a sessão acabasse, ela se encontraria com o chefe e eles iriam para um motel. Na hora eu me identifiquei com Ana. Assim como eu, ela estava usando a terapia para validar sua tentativa de impedir o erro. Eu não a impediria, mas era bom se autoenganar pensando que havia tentado.

– Mas por quê, Ana? Por que você sente que precisa disso?

– Porque sim.

– Você está apaixonada pelo Veloso? – perguntei.

A resposta de Ana foi digna de pena. Além de não gostar do chefe, ela o achava um pulha e tinha até certo nojo dele. Mesmo assim estava disposta a transar com ele só para reafirmar que não valia nada e que era uma vadia.

– A transformação do João tem a ver com esse seu desejo?

– Acho que sim. É. Tem. Ele tá tão querido que nem me comer consegue mais. A gente transou uns dois dias atrás e foi nojento. Só faltou babar: meu amor pra lá, meu amor pra cá. Que merda! Eu perdi o tesão na hora, fingi do começo ao fim, louca pra aquela tortura acabar. Esse negócio de fazer amor não é pra mim. Eu gosto é de foder!

– Quando foi que você emagreceu?

Minha pergunta fora de contexto a pegou de surpresa. Mesmo assim ela respondeu que, após a morte do pai, ela teve um cansaço – leia-se depressão – que durou uns três anos. Ela até ia para a escola, mas, quando podia, ficava dias na cama e não tinha prazer em fazer nada, nem o que antes era prazeroso a interessava mais. Só que, de repente, depois desses três anos, ela levantou da cama 30 quilos mais magra. Possivelmente, ao se ver com o corpo que sempre tinha desejado, Ana conseguiu sair da distimia em que se encontrava e, uma vez magra, começou a se vingar de todos que a haviam humilhado – pelo seu ponto de vista, claro. Fez questão de dar para todos os garotos que a rejeitaram, principalmente os namorados da irmã, para provar que, além de ser tão magra quanto a irmã, ela ainda era melhor de cama.

– Você percebe que usou o sexo para se afirmar?

– E...? Qual o problema?

– O problema é que você continua usando o sexo para se afirmar.

– Eu vou trepar com o Veloso pra me afirmar? Desculpa, Theo, mas não concordo.

– Será? Assim que João demonstrou sua sensibilidade e afirmou seu amor, você perdeu o interesse por ele. Talvez porque a última pessoa que foi doce e sensível com você tenha morrido e te abandonado. Me parece que você tem medo de ser amada porque isso pode significar uma deserção prematura.

– E o que o Veloso tem a ver com isso?

– O Veloso não te ama, não será delicado com você, possivelmente vai te tratar como uma vadia, como você mesma disse. Pessoas rudes, más e

cínicas são pessoas com as quais você se acostumou a lidar, mas não são as únicas, Ana.

O choro evidenciava o quanto ela estava na dúvida. Ela amava João e dormir com o chefe me parecia uma punição perversa, como se ela não merecesse o amor do marido.

– Você tem todo direito de ser amada. Merece ser amada, Ana. Não tenha medo disso – falei, preocupado com ela.

Só que ela estava tão confusa que só conseguia repetir que o Veloso chegaria a qualquer momento e que ela teria que ir com ele.

– Ana, percebe que você fala da situação como se ela já tivesse acontecido? Você não precisa sair com o Veloso. Você pode mudar de ideia.

– Não, Theo. Não posso. Eu me conheço e eu sei o que vai acontecer. Depois daquela noite com João, eu sabia, eu preciso trepar com o Veloso.

– Para o João descobrir e voltar a ser quem era? Ou para puni-lo por te amar? – Minhas perguntas a deixaram nervosa, era difícil para Ana aceitar o amor e essa negação nada tinha a ver com João. Apesar de ter perdido 30 quilos e se tornado uma linda mulher, Ana ainda se via como o patinho feio, desajeitado e invejoso que não merecia o príncipe. A imagem que tinha de si mesma não correspondia mais ao seu corpo e ela não alcançava sua imagem real.

– Vai lá, Theo. Me diz, só hoje. Fala pra mim que não tem problema, que eu não tô errada em sair com o Veloso. Fala, por favor.

– Ana, você não pode pautar suas ações pela minha aprovação, mas sim pela sua. Se existe a dúvida, pense um pouco mais. Ainda não aconteceu.

– É. Você tá certo. Eu preciso ir ao banheiro. Com licença.

Como ela levou a bolsa, me pareceu que Ana queria ligar para alguém. Ouvi um burburinho e torci para que ela estivesse desmarcando com Veloso. Só que minutos depois ela voltou e me disse que precisava ir. O chefe já estava na porta.



A imagem de Ana entrando no carro de Veloso me perseguiu até o fim do dia. Egoísta... Muitos erroneamente consideram assim aqueles que parecem se amar demais. Nem todo egoísta se ama de fato, nem com tamanha intensidade, se bem que eu sempre me perguntei se não era melhor se amar demais do que de menos.

Se colocar no final da lista não tornava Ana mais humilde, e sim alguém que, por ser incapaz de se amar, era incapaz de aceitar o amor de outra pessoa. A plataforma de espera dela não me pareceu nada promissora, porque era pautada pelo engano e pela fuga. Provavelmente conduziria ao arrependimento e à confirmação patológica de não ser merecedora do amor. Embora algo em mim me dissesse que João não descobriria a infidelidade, Ana de alguma forma deixaria pistas para que isso acontecesse. Afinal, ser descoberta como uma pessoa odiável havia sido o mote de toda a farsa. Eu era o cúmplice que deveria levar João à descoberta.

Perguntei a mim mesmo como não tinha percebido o padrão similar nas minhas atitudes. Com o conhecimento que tenho, por que não cogitei que Dora me exporia para Clarice? Se eu de fato não quisesse ser descoberto, eu não seria, por isso voltar ao consultório de Dora naquela semana era apenas cumprir mais uma parte da espera.



Desde o começo da tarde Clarice estava histérica porque Malu, que teria passado a noite na casa de uma amiga, ainda não tinha voltado e não atendia o celular. Nunca gostei que meus filhos dormissem na casa dos outros, por mais amigos e íntimos que fossem. Digamos que tinha ouvido relatos desagradáveis demais para não me preocupar. No entanto, assim que Malu fez 18 anos – o que havia acontecido havia tão pouco tempo que eu ainda achava que ela tinha 17 –, não se discutia mais esse assunto. Para minha esposa era desnecessário. Afinal, nossa filha agora era uma adulta e sabia o que fazia. Lembrar a ela de suas próprias palavras só a deixou ainda mais histérica e, como eu previa, na primeira oportunidade que teve, Clarice dispensou a terapia.

– Mas, Clarice, você só foi uma vez! Nós combinamos no mínimo três.

– Eu sei, Theo, mas nossa filha desapareceu. Vai dizer que a sessão com a Dora é mais importante?

– Não estou dizendo isso. Mas ligar daqui ou de lá é a mesma coisa. Eu acho que Malu está fazendo isso para chamar a nossa atenção.

– Para! Nem começa a analisar os nossos filhos – ela me proibiu.

Só Clarice podia fazer isso. Era uma amadora. Todas as vezes que eu tentava abordar as atitudes deles de uma forma mais específica ela me cortava. Na sua perspectiva pessimista, algo maléfico acontecera com Malu. Na minha perspectiva real, era muito provável que minha filha, com a aptidão para a psicologia que tinha e toda a sua vivência, estivesse fazendo aquilo para que os pais se unissem, mesmo que por preocupação. Acontecia frequentemente com casais na nossa situação, mas como isso era uma experiência minha, não contava.

Nem preciso dizer que o trajeto até o consultório de Dora foi longo e exaustivo. Clarice parecia a psicopata do telefone, ligando sem parar, tanto do meu celular quanto do dela. E foi segurando os dois aparelhos que ela entrou na sala de Dora. A conversa que se seguiu foi bem óbvia para mim. Dora analisou o comportamento de Malu e, como comentamos sobre a visita de Rafael, ele também entrou no pacote. O mais velho que quase nunca visita apareceu para unir a família e mostrar aos pais o que perderiam com um divórcio. O sumiço de Malu servia para apontar quanto Clarice e eu temos em comum. Enfim, o blá-blá-blá que eu já conhecia e que tentara explicar a Clarice.

– Fora isso, a semana tem sido boa? – Dora perguntou.

– Sim. Estamos entrando nos eixos – respondi, sem ter o menor interesse em falar da volta de Júlia e das certezas que haviam surgido nos últimos dias.

– E você, Clarice? – Dora se dirigiu a ela, que estava fazendo outra chamada.

– Um minuto, Dora, desculpa – e um segundo depois gritou: – Malu! Onde você se meteu? O quê? Não. Nem começa que eu não tô a fim de papinho. Eu devo voltar para casa em uma hora no máximo e espero te

encontrar lá, entendeu? – Clarice desligou e passou adiante a desculpa esfarrapada de Malu e de seu celular sem bateria.

Sendo franco, eu estava aliviado, não só por Malu ter aparecido, mas por Clarice poder finalmente prestar atenção na sessão.

– Theo, aqui você não é o terapeuta. Se Clarice tiver dúvidas pode perguntar para mim – Dora me cortou, provocando um riso em Clarice. – Mas, Clarice, agora que você já está mais tranquila em relação à Malu, me conte como foi a semana pra você. Você concorda com o Theo?

– Não. Ele está mentindo. – Dora me olhou curiosa. Embora eu estivesse ali certo de que não adiantaria, não parecia mentira para mim, só que não era disso que Clarice falava, e sim de Júlia.

Na segunda, por uma daquelas incríveis coincidências do destino, elas se viram na porta do consultório. Júlia estava entrando no carro e Clarice, colocando o lixo para fora. Se minha mulher teve certeza de que aquela era a Júlia, provavelmente a recíproca foi verdadeira.

– A terapia dela não acabou coisa nenhuma. Como é que você teve a coragem de mentir assim pra mim?

– Clarice, eu não menti pra você. Acabou mesmo, mas ela teve um problema com o pai e pediu para conversar. Eu não podia deixar de atendê-la. Faria isso com qualquer paciente. – O que era verdade.

– E eu tenho cara de idiota? Ela não teve problema nenhum com o pai. Você é que tá super na dela, meu querido, e o pior, mentiu pra mim! Os dois mentiram pra mim. Você também, Dora! Eu vi a mocinha traumatizada! Pelo amor de Deus! Aquela ali de burra não tem nada. Ela sabe muito bem o que quer da vida e o que tem que fazer para conseguir.

– Como assim, Clarice? – foi a vez de Dora perguntar.

– Carente, traumatizada, com transferência... Não foi isso que vocês disseram? Aquela mulher não é uma medrosa, ela é bonita, sexy, decidida. Não tem nada de fraca! – Clarice respondeu.

– Em um minuto você fez essa análise da Júlia? Me poupe! – rebati, e Clarice entrou na plataforma comigo.

– Sabe o que mais eu vi, Dora? Que isso aqui não vai adiantar porque ela já conseguiu o que queria.

– Para de falar besteira. – Nem uma sessão e meia e ela já jogava a toalha. Como Clarice era cabeça-dura.

– Besteira? Não. É a mais pura verdade. Por isso eu não queria vir aqui! Perder tempo tentando salvar o que não tem salvação!

– Mas eu te amo, Clarice. Eu posso ter me apaixonado pela Júlia, mas estou aqui – “validando meu esforço”, pensei. – Posso ser todo errado, mas não tive um caso. Eu resisti e estou tentando salvar o nosso casamento. Eu preciso de você.

Sinceramente, eu não sei por que disse isso. Talvez porque soubesse que Clarice não acreditava mais ou porque devia dizer algo – o importante é que saiu e podia ser verdade. Clarice era meu apoio, a excelente mãe que eu não tive, o pai forte e dedicado à família, bem diferente do meu. Não me casei louco de amor. Foi uma decisão ponderada. Eu precisava de uma mulher como Clarice. Por isso ouvi-la dizer que não precisava mais de mim foi inesperado e doloroso.

– Theo, vamos ser sinceros. Eu nunca fui a mais bonita, a mais gostosa. Você queria uma sex symbol e casou comigo... Vai saber por quê. O que eu sinto, Dora, é que eu adorava tanto o Theo que mesmo sabendo, sentindo isso, não me importava. Ser mulher dele, cuidar dele, viver com ele me bastava. Só que não basta mais. Eu era tão divertida, livre, espontânea, tinha tantas ideias... E deixei tudo de lado para ficar no papel de mulher do Theo. Chega – Clarice desabafou.

– Clarice, você disse que o Theo queria uma sex symbol. Só que ele não vive há vinte anos com uma, e sim com você. Se você se colocou numa posição inferior, de servir a ele e de ser a mulher dele, e não a Clarice, isso foi uma escolha sua. Você entende? – Dora interveio, dizendo coisa com coisa pela primeira vez na sessão.

Clarice entendia. Era muito claro o peso de sua escolha. Ela tinha se apagado para estar comigo, assim como João fazia para estar com Ana. Só que uma hora o excesso de esforço cansa, pois somos humanos e, no fundo, todos esperam um retorno das suas iniciativas. Clarice fez tudo por mim, para que eu sempre a mantivesse e cuidasse dela, para que, mesmo não sendo louco de amor, eu não me apaixonasse por outra mulher. Mais de

vinte anos de dedicação no lixo, ela devia pensar. Minha opinião era outra. Havíamos sido uma empresa feliz por quase vinte anos, a necessidade era mútua e a ajuda também. Agora poderíamos andar pelas próprias pernas, sendo que eu sentiria mais falta dela do que ela de mim. Fato que eu só constataria muito tempo depois. Quem engraxa os sapatos não sente falta da escova, mas o dono dos sapatos sente falta do brilho. Seria esse o motivo que me fizera não falar de Júlia? Eu precisava da certeza absoluta para largar o meu porto seguro? Podia ser e, assim, as sessões com Dora eram uma mera desculpa para ganhar tempo.

– Por isso eu não acredito em terapia. Eu disse que não queria vir, mas você insistiu. Desculpa, Dora, mas isso aqui não dá pra mim! – Sem cerimônia, ela foi pegando a bolsa e se levantando, sem nem ouvir meus apelos.

– Clarice, não faz isso. Sair no meio da terapia é uma perda tão grande – tentei demovê-la.

– Me deixa, Theo. – Ela me empurrou, saindo a passos firmes. Olhei para Dora, sem ter o que dizer.

– Perda? Você disse que sair no meio da terapia é uma perda? Pra quem, Theo? – perguntou Dora. A perspicácia da macaca velha sempre me assombrava. “Perda de passatempo na plataforma Dora!”, eu poderia ter respondido. Mas ela com certeza já devia saber.

Avaliação: Sexta sessão

Data: 09 de novembro de 2012

Pacientes: Theo Cecatto - psicólogo e terapeuta. 56 anos

Clarice Cecatto - assistente social. 46 anos

Não tive oportunidade de abordar o ataque do paciente.

Embora eles discordem entre si, os filhos mais velhos começaram a dar sinais de entendimento da situação e tentaram intervir.

Júlia voltou a procurá-lo e ele omitiu o fato. Como Clarice a viu, foi ela quem expôs a volta de Júlia. Devido à omissão, ela criou uma certeza de que ele não vai se afastar da paciente. Sinto nela o desejo de se reconectar consigo mesma, tarefa que Clarice não conseguiu conciliar com o casamento.

Como observei na última sessão, a revelação da contratransferência de Theo abalou muito Clarice e desencadeou uma sequência de lembranças e mágoas. Clarice se colocou em uma posição inferior para agradar Theo e sempre nutriu a certeza de que ele não a amava, o que deve tê-la incentivado a se dedicar ao casamento de outras maneiras. O fato de ver Júlia deixou Clarice muito insegura. E ela tem certeza de que o marido ficará com a paciente e de que não adianta seguir com a terapia.

Clarice não ficou até o fim. Existe a possibilidade de que ela volte, mas não estou certa. Theo ficou decepcionado com a saída da esposa. Novamente me parece que ele a

trouxe aqui para validar seus esforços de salvar a relação, mesmo desejando o contrário.

S É T I M A S E M A N A . . .

“Todo ser humano adquire grande parte do senso de sua própria realidade pelo que os outros dizem e pensam a seu respeito. Mas quem foi longe demais nessa dependência alheia acabou temendo que se ela faltasse perderia o senso de sua própria existência, ficaria ‘disperso’ como água escorrendo na areia.”⁷

ROLLO MAY

Malu pediu comida chinesa naquela sexta. Depois de ter sumido, a ideia de pedir trash food às custas dos pais foi sua escolha, em vez de dizer simplesmente: “Me desculpem.” O mau humor de Clarice só fez o jantar surpresa piorar. Ela despejou em cima da nossa filha uma raiva que era direcionada a mim. Esbravejou e condenou Malu por sua irresponsabilidade, pelo sumiço, pelo celular, até pelo biscoito da sorte. Caio se escondeu atrás da irmã, assistindo ao rompante da mãe como quem assiste a um filme de terror, escondendo o rosto nos momentos mais apavorantes.

- Chega, Clarice! – não pedi, ordenei, e ela me olhou possessa de raiva.
- Não me mande calar a boca na frente dos meus filhos!
- Dos nossos filhos!
- Agora são nossos? Lembrou-se de ser pai? – ela provocou.
- Eu nunca esqueci.
- Opa! Opa! Na boa, isso não é por minha causa e muito menos pelo yakisoba; então, quando vocês se resolverem, podem vir comer com a gente. Vem, Caio. Vamos pra cozinha. – Malu teve o bom senso de tirar o irmão da sala.

Assim que a porta se fechou e me vi sozinho com Clarice, foi a minha vez de discutir. Como ela tinha coragem de expor nossos filhos dessa maneira?

– Os nossos problemas são apenas nossos – eu disse.

– Ah, é? Você realmente acha que o que acontece com a gente não influencia os nossos filhos?

– Bem, se você for descontar neles toda vez que nos desentendermos, sim, vai influenciar. E muito – retruquei. – Você está com raiva de mim, então brigue comigo, mas eu estou tentando. Foi você quem saiu no meio da sessão.

– Fala baixo – ela sussurrou entre os dentes de um jeito que me lembrou o sibilar de uma cobra.

Baixei o tom de voz. Eles não sabiam que estávamos indo à terapia de casal. Nenhum de nós dois quis contar, como se ambos esperássemos por resultados antes de afirmar que havia problemas. Ao ser questionada do porquê de ter saído da sessão antes do término, Clarice riu. Era inútil, na sua concepção. Eu queria ficar com a paciente, daria um pé na bunda dela e ponto final. Ela tinha uma certeza que nem eu mesmo possuía, embora acreditasse que fosse só uma questão tempo. No entanto, eu precisava desse período para me certificar e, dependendo do retorno de Júlia, meu casamento poderia ser salvo.

– Você fala como se quisesse isso. Você quer? Quer que eu faça como você e arrume uma amante? – perguntei.

– Você não quer Júlia como amante. Ou você acha que eu sou burra?

– Clarice, nós combinamos de ir pelo menos a três sessões. Você se comprometeu – eu a lembrei disso e ela rebateu que eu também tinha me comprometido com muita coisa e não havia cumprido. A partir daí, a conversa se tornou uma sequência de “você também” que não nos levou a lugar algum. – Ótimo! Pelo menos numa coisa a gente concorda. Os dois estão errados – falei, e Clarice se calou.

Do meu lado, não havia mais nada a ser dito. A possibilidade de conforto no silêncio sempre me pareceu um indicativo de relação sólida, só que aquele silêncio não tinha nada de confortável. Existiam mil palavras borbulhando na minha garganta e na dela, como um arrote preso, sufocante

e que nunca saía. Não foi a primeira vez que tive vontade de puxar Clarice pelos cabelos e jogá-la no meio da calçada. Desde que tinha descoberto a traição, volta e meia o pensamento surgia e, naquele momento, voltou com toda potência. A mulher me colocou um par de chifres e ainda ficou ofendida por saber que eu me apaixonei platonicamente por uma paciente; abandonou a terapia de casal e ainda se dava ao desfrute de fazer barraco na frente dos meus filhos... Ou eu tinha muita paciência ou era muito passivo para aturar aquilo. Com Júlia ou sem Júlia eu deveria ter me posicionado, arriscado, mas preferi esperar.

Algum tempo depois, Caio bateu à porta e entrou, cauteloso.

– Vocês não vêm? – A pergunta parecia se referir a comer ou não, mas pude ver que existia um duplo sentido na dúvida dele. A pergunta real era: “Vamos sentar como uma família que divide um delivery na sexta à noite ou não?” Meu filho estava com medo, e perceber esse sentimento nele acabou comigo. Segurei a mão de Clarice e, num pedido silencioso, implorei para que fôssemos para a cozinha. Vestindo a máscara da mãe que ele conhecia, Clarice se levantou quase sorrindo.

– Sobrou alguma coisa pra gente ou os dois mortos de fome devoraram tudo? – ela disse e, com um olhar de cumplicidade, o seguimos até a cozinha.



Aquele jantar marcou o fim das conversas entre mim e Clarice. Depois da encenação, ela só falava comigo se um dos nossos filhos estivesse presente. Uma vez sozinhos, ela simplesmente me ignorava, ficava surda e não respondia a nada do que eu dissesse. Desisti de tentar dialogar com uma parede e me tranquei no consultório. Era uma crise, eu pensava, só que uma crise com a qual eu não estava sabendo lidar. Decidi ligar para Júlia com a desculpa de saber como estava seu pai, só que o pensamento de como soaria desesperado ligar para um ex-paciente, na sexta, às onze da noite, me impediu. No fim de semana era ainda menos apropriado. Na segunda eu ligaria. Claro que ela me atenderia. Ou será que ela só queria tirar de mim

uma declaração? Me odiei por ter cedido e contado o que sentia. O arrependimento por não ter feito algo sempre nos dá o direito da dúvida, do contrário, ainda mais quando a ação não é bem-sucedida, o único direito é o da certeza do erro.

Passei o fim de semana dividido entre atividades fora de casa com Caio e horas no consultório, relendo meus velhos livros de faculdade. Era como se eu procurasse nas margens das páginas alguma anotação de um eu passado que pudesse me ajudar no presente. Não encontrei nada, o que me deixou ansioso, buscando, livro após livro, uma resposta que não existia – o que não era verdade. Afinal, é preciso estar pronto para entender alguns livros e possivelmente eu devo ter apenas passado os olhos nos trechos que me refletiam.

Depois de ter parado de fumar, o que já tinha uns seis anos, eu mantinha um maço fechado guardado em uma gaveta. Era o mesmo princípio dos alcoólicos anônimos: quando me sentia tentado, pegava o maço e olhava para ele longamente, repetindo que não precisava mais daquilo. Depois de uns minutos e de ter vencido a tentação, voltava a guardar o maço na gaveta. Naquele fim de semana abri o maço e fumei o primeiro de muitos cigarros.

Estava encostado ao meu portão, fumando o primeiro cigarro da manhã, quando Júlia apareceu. Só a vi quando ela estava bem perto e me assustei com a chegada inesperada. Ela usava um vestido curto, solto no corpo, que evidenciava suas longas pernas. Tinha um quê de radiante nos olhos e segurava um tabuleiro. Assim que a vi, apaguei o cigarro, já arrependido de ter sido flagrado num hábito que muitos consideram nojento, mas que Júlia percebeu com satisfação, como se fosse prazeroso descobrir mais sobre mim, mesmo que fossem maus hábitos. Se ela soubesse que era o motivo do cigarro aceso, ficaria ainda mais feliz.

– Vim te agradecer. Posso entrar ou você já tem paciente neste horário? – ela perguntou.

– Este horário ainda é seu – respondi, novamente me arrependendo. Ela poderia interpretar minha frase como um convite para regressar à terapia.

Júlia apenas sorriu, o que me deixou aliviado. Ela parecia ter lido os meus temores e, assim que entramos no consultório, se sentou na minha poltrona.

Era uma mensagem bem clara de que aquele momento não era entre o terapeuta e sua paciente. Ela não estava ali pela terapia. Em seguida colocou o tabuleiro sobre a mesa de centro e o descobriu: era um bolo de chocolate. Definitivamente, eu iria associar Júlia a bolo de chocolate pelo resto da vida. Peguei alguns guardanapos que ficavam na mesinha da café e constatei aliviado que tinha alguns talheres ali. Ter que ir à cozinha seria um risco, e tudo que eu não queria era que Clarice estragasse aquele momento. Enquanto eu dava uma de dona de casa, Júlia me contou da melhora do pai e de sua busca por um enfermeiro que pudesse cuidar dele quando ela estivesse trabalhando. Solícito, ofereci ajuda. Ia procurar alguém para ela... Qualquer coisa para manter o contato. Ela agradeceu e me sentei à sua frente.

– Você achou mesmo que eu poderia ter outro paciente neste horário? – perguntei, e Júlia assentiu, cortando um pedaço de bolo para mim. – Se você tivesse ligado, saberia que não – concluí.

– Fiz mal, né? Devia ter avisado. Desculpa – falou.

– Tudo bem, Júlia. Eu estou feliz por você ter vindo.

– Sério? – Ela estava flertando comigo. – Eu até pensei em te ligar, mas não pra avisar que vinha aqui, e sim para te convidar para sair. Assim, tomar alguma coisa, em um lugar diferente, mas eu fiquei com medo de você recusar.

– Por isso você apareceu aqui? Pra eu não fugir?

– Exatamente – ela respondeu, e nós dois rimos. De repente ela parou de sorrir e me olhou séria. Perguntou se eu teria aceitado sair com ela. “Claro que sim” foi o que veio à minha cabeça, mas essa não foi a minha resposta. Eu não sabia, não sabia se teria aceitado ou se teria morrido de medo. Júlia ficou triste com a minha indecisão e novamente me pediu desculpas, mas de uma forma insinuante, ao mesmo tempo que dizia que não era correto aparecer sem avisar, deixava claro que havia feito a surpresa porque não era mais minha paciente e eu não era mais seu terapeuta.

– Por que você não aceitaria? – ela perguntou.

– Não sei... Adoraria saber por quê, mas existem momentos na vida da gente em que a indecisão parece ser nossa única certeza. Cada vez mais eu

sinto que as minhas convicções não são mais as mesmas e que, muito em breve, posso estar pensando diferente de tudo o que acreditava – ou do que Dora acreditava. A macaca velha era absolutamente contra o envolvimento de terapeutas com pacientes e eu concordava com ela, mas agora já nem tanto.

– Então, você está numa espécie de transição?

– Acho que sim. Engraçado, com os anos de carreira você fica pensando que o tempo te aprimora, mas eu tenho minhas dúvidas. Eu via tudo com tanta clareza e hoje tenho que me esforçar para saber de onde realmente está vindo a luz.

– Talvez essa falta de clareza seja o aprimoramento, e depois dessa fase você enxergue melhor do que nunca – ela disse, e eu a olhei longamente, aturdido com sua presença envolvente e com a promessa velada de suas palavras.

Mesmo estando no sofá, no lugar do paciente, eu sabia que não era uma sugestão a sensação de encantamento que me invadia. Havia muito tempo que eu não experimentava esse desnorteamento, essa completa falta de arbítrio que confunde mas reanima e desperta. Eu me sentia jovem de novo. Qual homem não gostaria de voltar ao vigor dos seus 30 anos? Do alto dos meus 56, isso parecia possível. Com ela eu seria capaz de remoçar não exatamente no corpo, mas seguramente na alma. Júlia era a fogueira em que eu queimaria o pijama de velho, as cortinas de babados, o melodrama de Clarice e toda a minha impaciência.

Ela olhava para mim durante meu devaneio, atenta à transformação que ocorria em mim só de cogitar esse futuro. Talvez tenha sido por isso que ela quebrou o silêncio, para apontar a minha mudança.

– Impressionante como você mudou, Theo. Quando eu te vi pela primeira vez, devia ter tirado uma foto. Agora eu tiraria outra e a gente ia poder comparar.

– Eu não mudei tanto assim – disfarcei, envergonhado com a espontaneidade das minhas reações.

Júlia me levou de volta no tempo, ao dia preciso em que nos conhecemos, na sua primeira sessão. Eu não estava à altura de tantos detalhes, tantas

nuances em uma só memória. A cor do meu suéter, a discreta alteração nas posições de objetos dispensáveis, o tom da minha voz e cada palavra dita haviam sido salvas por ela. Não pude esconder minha perplexidade em descobrir quão importante tinha sido o primeiro momento e como eu errara de forma desastrosa. Conforme ela recontava o dia, eu me lembrava passo a passo do que havia ocorrido, ela entrando na defensiva e me contando que era namorada do André Gomes; eu tendo que me esforçar para me lembrar dele; ela dizendo que não tinha motivos para me procurar e que sua experiência em terapia não era das melhores.

“O André acha que eu vou me dar melhor com um terapeuta homem.” Essa tinha sido uma das informações que me chamaram atenção e me fizeram questionar qual era o problema das terapeutas mulheres. Não lembro do que ela disse, mas sim de que ela mesma não tinha problema. Parecia muito realizada com o trabalho dos sonhos, o namorado apaixonado, a casa nova. Tudo muito apropriado, mas que parecia condenado a ruir.

“A gente decidiu morar junto. Sabe como é? Morar junto, depois casar. André é doido para casar. Bem, a gente alugou um apartamento maior e estamos naquela fase só de detalhes. Tá tudo pronto, ficou linda a decoração. Mas... Não sei. Eu já vi esse filme. Quando eu levo a última caixa pro novo lugar, é sempre de cosméticos, maquiagem, essas coisas... Enfim, quando acabo de arrumar toda a parafernália feminina no banheiro, eu sei que perdeu a graça. Toda a animação acaba.”

“Quando você levou a caixa?”, lembro-me de perguntar, e Júlia respondeu que tinha sido no dia em que ligara para marcar a sessão. Depois disso ela jurava que eu havia cochilado na sua frente. Eu não me lembro disso. De repente estava mesmo dormindo... No entanto, não podia conceber que houvesse cometido uma gafe dessas na frente de um paciente.

– Você só faltou roncar, Theo – ela lembrou, bem-humorada.

Se bem que, quando me acordou na primeira sessão, Júlia estava revoltada comigo. Foi o maior sabão da minha carreira e eu – bem, eu estava no piloto automático – neguei, disse que estava prestando atenção, só que de olhos fechados. Nem eu consigo acreditar que tenha sido capaz de falar tal

absurdo. De qualquer forma, eu já estava adormecido antes de ela chegar, bem antes. E a ira, a indignação de Júlia me despertaram.

– Lembra que, quando eu falei que ia embora porque queria alguém com um pouco mais de ânimo para me atender, você teve a cara de pau de me cobrar pela sessão?

Eu me lembrava bem dessa parte. O certo seria não ter cobrado nada, mas como eu já tinha estragado tudo, achei que irritá-la poderia ser uma forma de fazê-la voltar. O meu esforço depois de ser pego em flagrante foi o que a encantou. Me ver acordar e lutar por ela, mesmo que como paciente, fez Júlia enxergar vida em mim.

– O pior foi que eu achava que ia dar de cara com um terapeuta galã, assim, a cara do George Clooney, que ele ia pirar na minha e eu ia ficar apaixonada e, bem, nós viveríamos felizes para sempre. Daí eu chego aqui e dou de cara com um tiozinho que parecia uma mistura de Rabugento com Homer Simpson, foi bem decepcionante.

Como ela ria, me vi rindo também, mas, lá no fundo da mente, não pude deixar de registrar que Júlia já veio para a terapia com uma predisposição para se apaixonar pelo terapeuta – não necessariamente por mim.

– Se foi assim tão ruim, por que você voltou? – tive que perguntar.

– Já disse. Sério que eu tenho que responder isso? Eu não estou em terapia.

– Eu sei. E não estou perguntando como terapeuta. Fala. Por quê? – Agora era eu quem flertava com ela.

– Não sei... Primeiro eu fiquei com raiva e xinguei muito você. Quase matei o André por ter te indicado. Mas mesmo depois de uns dias eu continuei pensando em você, só que sem raiva. Sabe aquela sensação estranha à beça, de mal conhecer alguém e mesmo assim saber que aquela pessoa vai ser importante na sua vida? E também a forma como você acordou me fez pensar em como você deveria ser capaz se ficasse sempre desperto. Sei lá, achei que estava na hora de alguém acordar você para a vida – ela parecia acanhada em me contar suas impressões, e eu, que devia analisar o relato de Júlia, não dei conta de me distanciar o suficiente para vê-la como paciente. Um orgulho imenso vibrava dentro de mim e quando ela me perguntou se

na época eu tinha cogitado a sua volta, respondi, bobo, que não sabia, mas esperava que sim.

– Foi por isso que você deixou o horário aberto? – ela perguntou.

– Foi. Decidi arriscar.

– É. Existem coisas que vale a pena arriscar. Valem muito – ela respondia, novamente com uma promessa velada, uma mensagem latente de que ela, nós, valíamos a pena. Infelizmente o tempo acabou e eu tinha um paciente.

Caminhei com ela até a rua. Na despedida, ela, num ato estudado, se lembrou do tabuleiro e eu disse que o entregaria depois. Ela me lembrou da indicação que eu ficara de arrumar. Desculpas e mais desculpas, todas com o mesmo significado: “Quero te ver de novo.”



No dia seguinte me dei conta de como tinha sido tolo. Júlia era médica, devia conhecer mais enfermeiros do que eu. Pelo menos era uma confirmação do desejo dela de voltar a me encontrar. Pelo menos era uma confirmação no meio de tantas incertezas.

Breno também surgiu com uma convicção, a de voltar à ativa. Condizente com seu comportamento, ele já chegou decidido, e perguntar minha opinião era apenas praxe. Foi estranho vê-lo vestido a caráter, todo de preto, pronto para o combate. No intervalo entre as nossas sessões, ele procurou a mulher, conversou com o comandante e resolveu da sua forma, sem pensar muito. Existem momentos em que seguir a intuição e agir por impulso é benéfico, mas, no caso de Breno, eu sentia que não.

– Você vai voltar mesmo à ativa? – perguntei.

– Vou. Inclusive nem vou ficar muito, só vim te contar a novidade. E, claro, também vim me despedir, por enquanto.

– Por que voltar agora? Por causa da última sessão?

– Também. E a Milena acha uma boa ideia. Acho que a gente vai acabar voltando.

– É isso mesmo o que você quer?

– Agora é, sim. Eu tô me sentindo deslocado, fora de casa, do meu trabalho, na casa dos outros, vivendo uma vida que não é pra mim. Tá na hora de botar ordem no galinheiro.

– Entendo, mas você não acha que é um pouco cedo para voltar a trabalhar? – perguntei, com o intuito de fazê-lo pensar melhor. Não me parecia um bom momento para interromper a terapia. Breno me olhou perdido e devolveu a pergunta, ele realmente tinha aprendido a minha técnica biônica de responder questionando.

– Pode falar, Theo, tudo que você diz é importante para mim. Você não acha uma boa ideia? Acha que eu devia esperar mais antes de voltar pro batente?

O tom de voz de Breno me fez pensar em sua primeira sessão, em como ele chegou ávido por receber um aval, um comando que o permitisse fazer algo que gostaria de fazer. Mesmo que no meu íntimo eu não concordasse muito com sua volta precipitada ao trabalho, dizer a ele exatamente o que fazer seria regredir para uma sessão anterior à primeira. De repente, ele só perceberia o descuido da escolha uma vez que estivesse numa ação, e eu torcia para que, se isso acontecesse, que ele voltasse a me procurar. Então, depois de uns minutos de hesitação, acabei respondendo o correto:

– Não sei responder, Breno. É o tipo de decisão que só cabe a você fazer.

– Técnica biônica número dois: responder sem responder. Você é bom mesmo, doutor. – Ele sorriu com aquele olhar que podia passar por inocente e que ele, admiravelmente, era capaz de fazer sem nem se dar conta. Avisou que um psicólogo da corporação, Dr. Sopena, me ligaria, para falar de seu caso. – Não vai queimar meu filme, hein? – ele pediu, daquele jeito de falar que só usamos para os amigos.

Quando tirou a carteira e avisou que era hora de ir embora, deixei claro que não havia necessidade de pagar, mas Breno, com seu brio, aquele traço paterno de nunca demonstrar fraqueza, fazia questão de acertar as contas. Não dever nada a ninguém era nunca ter que se submeter. Ele já tinha um Seu Antônio na vida e não queria outros. Quando ele fez questão de deixar uma sessão adiantada, eu pensei em recusar, mas aquele gesto significava

que a terapia não estava perdida. Eu devia a ele uma porta aberta, o que me deixou mais tranquilo.

– Além do crédito para outra sessão, também vou deixar a máquina, assim você não se esquece de mim.

– E você vai poder tomar o seu cafezinho quando voltar.

– Pode crer. – Ele sorriu, acredito que igualmente tranquilo por saber que seria recebido.

Quando dei por mim, ele já estava na porta, sem muita firula. Breno tinha vindo com um objetivo e o cumprira, não iria se estender. Como de costume, abri a porta para ele e, depois que atravessou o batente, Breno se deteve. Por várias vezes pensei em como seria o último dia dele. Sendo franco, em diversas ocasiões tive vontade de colocá-lo na rua. Se Júlia não tivesse surgido no nosso caminho, ele provavelmente seria o meu reflexo favorito.

– Ah! Doutor – ele começou e eu o interrompi, falando, por fim, que era terapeuta e que na sua volta esperava que ele me chamasse somente por Theo. – Tá bom. Você que manda. Então, Theo, obrigado mesmo. Só de você ter tentado de verdade me ajudar, fez de você a escolha certa. Não falei que você era o melhor?

Com uma continência ele se foi e eu permaneci na porta, seguindo-o com os olhos até ele sumir do meu campo de visão. “Só de você ter tentado de verdade me ajudar” ecoou dentro de mim, como uma pergunta: eu tinha tentado de verdade?



Me pareceu que Malu estava esperando apenas uma deixa para invadir o consultório. Notei sua intenção quando a vi do lado de fora da nossa casa, à espreita, aguardando o espaço entre um paciente e outro. Esse havia sido o motivo de ela ficar em casa, falar comigo. Malu era minha única filha, digo, única filha mulher. Todos os filhos são especiais, embora não possa afirmar que os amamos da mesma forma. O que não implica amá-los mais ou menos, mas gostar de cada um deles de forma única. Amava Malu por todos

os motivos óbvios, mas em especial por ela ser tão parecida comigo, só que numa versão melhorada, claro. Até uma certa idade eu era o seu favorito, ganhava de lavada de Clarice. Tudo era com o papai, predileção que doía na mãe e me deixava explodindo de felicidade por ser o escolhido daquela coisinha exigente e curiosa. Malu sempre foi pequena, delicada, magrinha mesmo. Fora as bochechas, não sobrava muito para a avó apertar. A mãe de Clarice nunca se conformou em não ter uma neta gorducha, com pernocas e muitas dobrinhas, o que me desconcertava, mas eu relevava, afinal, Dona Inês era da época em que gordura significava saúde.

Quando Clarice ficou grávida pela primeira vez eu já era o que se considera um homem feito e, mesmo assim, me apavorei. Minha saúde passou a ser algo precioso e exames periódicos se transformaram numa nova rotina. O medo de morrer também era novo. Passei noites sem dormir, com medo de deixar meus filhos desamparados, com medo de me exceder nas mínimas atitudes. Ser pai tornou minha vida mais valiosa, e criar outra pessoa foi o meu processo de aprendizado mais árduo e mais rico – ainda era, filhos são sempre filhos. Logo, esse distanciamento dos últimos tempos, embora fosse em grande parte por culpa minha, me machucava.

Breno mal saíra e já me lembrava dele, de sua definição sobre mim: eu tinha medo de ser fraco, ou melhor, de aparentar fraqueza. Era verdade, eu gostava de pensar que meus pacientes e também meus filhos viam em mim um modelo impecável. No entanto, esse tipo de modelo não existia. Eu vinha sendo fraco, tão inábil e debilitado que me tinha me afastado deles para que não percebessem, como se o meu isolamento não transmitisse nenhuma mensagem. Num impulso fiz um gesto para Malu entrar.

Essa geração parece ter nascido com um smartphone acoplado nas mãos, Malu não era diferente. Só parou de trocar mensagens quando eu peguei o aparelho e vi com quem ela falava.

– Lê? Só Lê?

– É, pai. Só Lê.

– E eu conheço esse Leonardo, Alexandre, Leôncio?

– Leôncio? – ela fez uma careta – Não, você não conhece.

– Ele é do centro de apoio? – sondei.

– Você quer saber se ele é marginal? Se é um drogado? – Malu entrou na defensiva, mas eu queria mesmo saber. – Ele não é. Errou, mas passou. Ele mudou. O Lê é incrível, pai, juro. Pode confiar em mim, eu sei o que eu estou fazendo.

Esse era o problema, ela acreditava que sabia o que estava fazendo. Aos 18 anos eu também tinha a mesma crença. Clarice podia achar que, por ela já ser maior de idade, estava tudo bem, mas eu me preocupava. Muita certeza, por vezes, pode ser mais fácil de manipular do que a dúvida.

– Eu confio em você, plenamente, mas não conheço esse Lê. Às vezes, as pessoas demonstram ser uma coisa e não é bem assim. Só isso.

– Só isso nada! Você tá insinuando que ele tá me enganando e que eu sou bem idiota para acreditar. Você nem conhece o cara e tá de preconceito. Bons são os seus pacientes, que gastam uma baba só para falar como eles sofreram na escola suíça – “quem está com preconceito agora?”, pensei.

– Você acha mesmo que os meus pacientes não sofrem, não possuem dores reais e questões sérias?

– Você acha que todo mundo que vai pro centro é um criminoso, sem caráter e sem sonhos? – A pergunta foi um tapa. Eu nem havia cogitado a possibilidade.

Com vergonha, fiz um esforço para me desculpar:

– Não, minha filha, é lógico que não. Desculpa – e, para piorar quis mudar de assunto. – E a faculdade? Você faltou hoje por quê?

– É sério que você quer saber da minha faculdade? A gente vai bater um papo superficial? Quando é que você vai ter uma conversa séria comigo? – A agressividade me deixou mudo. Malu se levantou, mas eu não podia deixá-la ir.

– É impossível esconder a verdade de você, não é? – falei por fim. Malu concordou. Ela não era mais uma criança. Era uma jovem mulher, apaixonada por esse Lê e revoltada comigo, não pelas perguntas sobre seu namoro, mas pela minha permissividade com relação à mãe dela.

– Ela foi com outro homem para Roma e você não fez nada! Pelo amor de Deus, pai! Como é que você deixou isso acontecer? Como é que você não está com ódio dela?

– Nós estamos cuidando disso, estamos até fazendo terapia de casal – foi a única coisa que me veio à mente, tranquilizá-la de algo que não a atemorizava. Casais regularmente desaprendem a se dissociar perante aos filhos, adotam uma postura coletiva, o que, apesar de denotar união, implica dubiedade; afinal ninguém pode concordar com o outro em tudo, logo, alguém se submete. Malu acreditava que eu era o submisso, por isso estava tão indignada.

– Para, pai! Que terapia de casal? Para de agir como se tudo fosse normal, como se isso não tivesse te machucado.

– As feridas cicatrizam, tudo vai ficar bem.

– Pai! Para de se enganar! Como é que tudo vai ficar bem? Ela te trata sem nenhum respeito e não é de hoje, e a única coisa que você me diz é que tudo vai ficar bem?

– Mas vai, é só uma crise...

– Que vai passar? – Ela terminou a frase por mim. – Será, pai? Você fica aí querendo compreender todo mundo, mas e você? Como é que você fica? – ver minha filha chorar pela minha inabilidade de ser eu mesmo expôs toda a minha vulnerabilidade. O meu grande medo se tornara realidade e eu chorei de vergonha. – Deve ser difícil pra caramba ser sempre o conciliador. Você não tá cansado? Porque eu tô, só de te olhar.

– Tudo vai ficar bem – repeti, sentindo minhas forças na reserva, no limite.

A presença da minha filha cobrando uma reação me apavorou. Eu fugi do Theo, do meu casamento e até dos meus pacientes, mas eu não podia fugir de Malu e de sua expectativa, não de soluções, mas de encontro. Até quando eu ia ficar dando voltas em torno de mim mesmo, como um cachorro atrás do rabo? Quando eu iria assumir que toda aquela desordem emocional e as incertezas imensas significavam só uma coisa: eu estava em crise, possivelmente a maior da minha vida, e não sabia como lidar, não sabia se ia passar, não sabia de nada.

– Sabe o que dói, pai? É como a minha mãe fez isso com você. Poxa, como ela conseguiu te colocar de lado, te apagar assim? E como você deixou? Você é maravilhoso, sabia? – Ela ainda me achava incrível, mesmo depois daquele espetáculo de desorientação, e me abraçava com o mesmo amor de antes.

Ficamos abraçados por um tempo curto mas eterno, pois nesses fragmentos de tempo em que chegamos perto da nossa essência é que encontramos as pistas do que vale ser reverberado a cada dia. Assumir a fraqueza em mim, como meu braço direito, e estender esse braço, em toda a sua fragilidade, para minha filha, permitindo que ela me aceitasse, era o que valia a pena. Nenhum homem é perfeito. Apenas nos defeitos e nas qualidades humanas é que nos identificamos uns com os outros.



– Eu sei como ela descobriu. – Parecia que só isso preocupava Clarice, ter sido descoberta pelos filhos. E pela primeira vez me contou que, assim que chegou em Roma, Malu ligou para ela, mas o amante atendeu e tudo deve ter ficado claro. – Se ela sabe, o Rafael deve saber.

Nossa! “Para que tanto zelo com sua reputação?”, pensei.

– E agora? O que você quer fazer? – perguntei.

– Acho que você estava certo, nessa coisa das sessões. Eu vou. Pode ficar tranquilo – ela respondeu, e minha vontade foi de mandá-la à merda mil vezes. Ir à terapia de casal era um favor que ela me fazia? Como era caridosa a minha esposa, que mulher genial! No fundo, eu não queria mais a presença dela na Dora, mas combinado é combinado, pelos menos aquela seria a última sessão. Depois era depois e eu nem cogitaria possibilidades por antecipação, não àquela altura do campeonato.

Nossa conversa exerceu um efeito bizarro em Clarice. Ela passou a ser toda sorrisos, a gueixa serviçal baixou de vez. Quase dava para acreditar no arrependimento dela. Se eu não a conhecesse, diria que estava louca por uma reconciliação, mas algo me dizia que não era comigo que ela se preocupava, e sim com os filhos. Com o que eles pensariam dela se acontecesse um divórcio ou um simples desentendimento. Era bem maniqueísta o ponto de vista de Clarice, de não querer ser interpretada como a má ou a errada. Decidi passar pelos dias até a sexta. De repente sábado seria o dia de reencontrar Júlia, e tudo podia acontecer nessa terceira sessão, que podia ser a derradeira.

Toda aquela bagunça pessoal me fez cogitar como eu seria durante o resto da semana. Infelizmente, meu trabalho não é braçal, e a exaustão em lidar com gente é um tipo de fadiga bem distinta da puramente física. Senti novamente a vontade de sair pelas ruas andando sem rumo, só para descarregar no corpo a urgência que eu sentia de chegar a algum lugar.



Nina parecia tão cansada quanto eu, sem vontade própria – ou pelo menos tentando aparentar descaso com o que outrora fora importante. Ela competiria em duas semanas, eliminatórias se me lembro bem, e assim que sentou diante de mim manifestou o desejo de não competir. A terapia mudara suas perspectivas. Ela rebateu num tom de afronta a minha colocação de que ela submetia seus desejos à vontade de terceiros.

– E por isso você não vai competir?

– É. Sou pau-mandado, lembra? E eu pensei em visitar o meu pai. Você viu que eu tava falando com ele. Pode ser uma... – ela respondeu, fazendo questão de ressaltar, como se não houvesse ficado claro o suficiente ela ter entrado anunciando que estava respondendo a uma mensagem de Michel no celular. Que o pai a procurara. A última vez que viajaram juntos fora quatro anos antes. Nina me contou isso com naturalidade, como se quatro anos fossem quatro dias.

– De repente vai ser show, mesmo com a namorada dele por perto – Michel vivia rodeado de mulheres. Eram tantas e numa rotatividade tal que Nina não soube me dizer nem o nome da atual.

– Nina, por que o seu pai não vem te ver? Ele podia assistir às eliminatórias, torcer por você. Por que essa necessidade de fugir?

– Que saco! Já começou com a baboseira psicológica? Ele tá trabalhando, não dá pra parar tudo por minha causa.

– Entendo. Mas você pode parar tudo por causa dele? – perguntei, sabendo de antemão que Nina praguejaria como sempre fazia quando o assunto era o pai. Já que não podia agredi-lo, atacava quem ousasse tocar no seu nome, o

que não era novidade para mim. Mas eu estava tentando alcançar o raciocínio dela de fugir justamente para ele.

– Você não sabe de nada. Eu e meu pai somos conectados. Aqui ó! – e apontou para a cabeça. – Eu sinto que ele precisa de mim, sempre foi assim. A gente nunca precisou falar muito para saber o que o outro precisa.

– Sempre? Mesmo?

– É, sim. Tá duvidando? Então fica sabendo que eu sonhei com ele, que ele tava numa roubada e daí liguei pra ele e sabe o que tinha acontecido? Ele tinha sido assaltado! Tomou, hein, Theo! – Ela riu da infeliz coincidência que reforçava sua ilusão, afinal telepatia unilateral, que eu saiba, não existe. Ela tentou se matar e ele não sentiu nada, tive vontade de comentar, mas na hora acabei indo por outra direção. Indaguei sobre o sonho.

Ela e o pai estavam hospedados em um lugar desconhecido e ela o esperava, até que um homem entrou no cômodo. Segundo Nina, esse estranho queria matar o pai, por conta de um segredo, e Nina se desesperava porque não conseguia fazer nada para ajudar. Ela sabia que o pai chegaria a qualquer momento e que o homem o mataria. Como esperado, Michel chegou, e sua única preocupação era de que Nina não revelasse nada.

– Só isso? – perguntei.

– É. Já tá bom. Esquisito, né?

– Nem tanto. Me parece que é mais sobre um segredo do que sobre perigo – insinuei, buscando completar a informação de que ela e o pai não precisavam falar para saberem tudo um do outro.

Outra vez, ela explodiu. Não havia acontecido nada de errado entre ela e o pai, ele nunca havia abusado dela do jeito que eu achava. Para Nina, eu pensava que o pai a tinha molestado, só que existem muitas formas de fazer isso, a sexual não era a única. Qual seria a de Michel? Mudei o rumo e perguntei se ela havia reconhecido o invasor. Primeiro ela julgou ser Leon, o treinador desgraçado, filho de uma puta – nunca vou cansar de xingar esse escroto –, e depois mudou de ideia. Eu era o invasor. Era eu quem estava querendo matar o pai dela por causa de um segredo dos dois. Devo dizer que mais significativo do que aquilo era meio impossível. O fato de ela ter me contado também era muito relevante. Algo aconteceu nessa relação entre

pai e filha que traumatizou Nina, algo que ela não podia contar, mas queria que eu descobrisse.

– Me lembrei de um detalhe, uma coisa que você falou, acho que era sobre o trabalho do seu pai. De umas modelos, tinha a ver com horários. Você lembra? – perguntei.

– Eu nunca disse nada disso.

– Disse, sim, um pouco antes de desmaiar. No dia em que você tomou os meus remédios.

– Eu não lembro. E daí? Meu pai é fotógrafo, grande novidade.

– E como era o trabalho dele? Você acompanhava? Ia com ele ao estúdio?

– Não. Meu pai sempre fotografou em casa. Cresci com um bando de modelo pelada andando pra lá e pra cá. Qual o problema? – Ela me desafiou a perguntar mais e eu segui. As modelos não eram as únicas que andavam peladas, o pai também, mas ele tinha uma desculpa irrefutável: era um artista.

– E ele ficava nu com as modelos?

– Vem cá! Você tá de sacanagem com a minha cara ou você se faz de burro? Não, porque eu tô aqui falando, há sei lá quanto tempo, do monte de namoradas que o meu pai tem e você ainda pergunta isso! Ele pegava todas as modelos. Todo mundo sabia, menos a idiota da minha mãe. Ela é tão babaca que ainda acha que eles podem voltar!

– E por que não poderiam voltar?

– Porque ele não tá nem aí pra ela.

– Se a sua mãe não sabia, como é que você descobriu do seu pai com as modelos? – perguntei, e Nina se calou, olhando para o chão.

Ficou assim uns instantes e, ainda sem me encarar, contou que, quando tinha cerca de 7 anos, passou mal na escola e voltou para casa – bem, ela ir e voltar sozinha da escola nessa idade já era preocupante, mas enfim. Quando chegou, encontrou o pai, não apenas nu com uma mulher, mas no meio do coito.

– Putz! Eu era tão lesa que fiquei achando que ele tava ensinando uma pose pra ela. Depois é que me toquei – ela riu, mas me mantive sério e, por fim, ela parou de rir.

Quis saber se o pai pediu para que ela não falasse nada para ninguém e Nina se retesou, como era de costume quando chegavam perto do seu limite. Achei que ia perdê-la, até que ela me encarou e respondeu triste que o pai não pediu, mas olhou para ela de um jeito que não deixou dúvidas: era segredo.

– É a primeira vez que eu conto pra alguém. – Ela afundou no sofá, subitamente cansada, o que não era de admirar, oito anos guardando um peso como aquele devia ser bem cansativo.

E ela não contou para a mãe, porque era dever da mãe perceber, o que até deve ter acontecido – quem garante que Isabel não sabia de tudo e preferiu se fazer de morta? O ponto é que essa exposição desde cedo à nudez e ao sexo, logo de um homem que deveria protegê-la, deixou Nina indefesa.

– É por isso que você culpa sua mãe? Porque ela não fez nada? Nem percebeu?

Soluçando, ela assentiu e, assim que conseguiu controlar o choro, começou a insultar a mãe pela sua burrice, cegueira, moleza e todas as faltas que Nina julgava serem exclusividade de Isabel.

– Por que você só xinga a sua mãe? Ela pode ter errado e não ter tido a atitude que você esperava, mas agora ela está do seu lado, fazendo tudo que pode.

– Mas ela ainda gosta dele! E ele não merece! Ele não liga a mínima pra gente. Nem para ela e nem pra mim.

Finalmente ela conseguiu verbalizar a raiva que sentia do pai. Respirei aliviado e me esforcei para explicar que, às vezes, temos que ser muito claros. Ninguém adivinha o que se passa na nossa cabeça. Se ela contasse para a mãe, talvez Isabel deixasse de gostar de Michel. Se ela eliminasse esse segredo que funcionava como um muro entre elas, a relação com a mãe poderia ser melhor. Era só tentar e conversar de verdade sobre o que aconteceu, em vez de repetir maquinalmente a mesma reação de passividade diante de algo que a violentava. Era essa memória que a atraía nos momentos em que invadiam sua privacidade e era nessa lembrança que o desejo de morrer ressurgia, porque provavelmente foi o que ela sentiu ao ver o pai fazendo sexo com outra mulher. Embora fosse uma jovem de 15 anos,

nesse assunto não resolvido Nina regredia para os 7 anos e, enquanto não falasse sobre isso e colocasse esse choque para fora, sempre teria 7 anos.

– Nosso tempo acabou. Eu tenho que ir. – Ela levantou.

Caminhei com Nina até a porta e, antes de sair, ela tirou um cheque amassado do bolso.

– É da minha mãe – sorriu, conformada, e finalizou: – De quem mais poderia ser?



Fazia um bom tempo que não visitava meu pai. Mais de dois meses, bem mais. Não costumava pensar muito nisso, mas depois das sessões de Breno e Nina me peguei pensando nele, em colocá-lo em outra casa de repouso ou pelo menos discutir o assunto com meu irmão. Uma meia hora depois reconsiderarei. Seria válido? Se o bem-estar dele fosse o objetivo, talvez, mas não era; as palavras de Breno tiveram esse efeito em mim. A casa não era o melhor lugar do mundo, mas ele era bem cuidado e o Nestor, meu irmão, ia sempre, acho que toda semana. Meu pai não precisava de mim, nunca precisou, já minha mãe, ela se agarrou a mim como se eu fosse sua tábua de salvação. Eu tentei ser, mas era tão novo e tão sozinho que não poderia ter feito melhor – é o que eu gosto de achar. Minha mãe morreu de amor. Lembro que quando ela se foi, esse foi o primeiro pensamento que me ocorreu. Por mais que ela amasse os filhos, o amor que tinha pelo meu pai era soberano. Quando ele a trocou por outra mulher, o amor virou doença e foi comendo ela em vida.

Amor demais no caso de Breno, amor de menos no caso de Nina, não importa: ambos eram vítimas do amor patológico dos pais. Ter conversado com Malu me acalmou. Não queria ser uma sombra futura, discutida e garimpada por um colega. A preocupação repentina me tomou a noite toda. Adormeci quase na hora de acordar e minha manhã parecia em câmera lenta. Depois do almoço, as imagens começaram a acelerar mais e só no fim da tarde eu estava em sintonia. Foi quando João chegou sozinho e eu pensei “Eles vão revezar as sessões?”, mas ele logo me explicou que Ana estava

estacionando, que na minha rua não havia vagas e que provavelmente ela demoraria.

Ana entrou batendo a porta nem cinco minutos depois, histérica. Definitivamente eu precisava me mudar para um lugar com estacionamento, quiçá com manobrista. As reclamações de Ana levaram mais cinco minutos e então ela parou de falar. Seu corpo, no entanto, continuava em movimento: ela cruzava as pernas, descruzava, pegava a bolsa, soltava a bolsa, se inclinava para a frente, para trás. Incomodada seria pouco para descrevê-la. Será que ela tinha dormido com o chefe? Tudo indicava que sim. Será que João sabia? Não me parecia.

– Como vocês estão?

– Uma merda! – Ana respondeu. – Quer dizer, eu tô irritada. O João não tem nada a ver com isso.

– Eu estou um príncipe – ele debochou.

– É. Tá o próprio. Um amor, tá tudo ótimo – respondeu, sem me encarar.

– Não parece, Ana. Aconteceu alguma coisa? – tive que perguntar.

– Nada! Que coisa. Eu só tô cansada. Trabalho. Nada de mais.

João riu e soltou como se fosse uma piadinha de salão:

– A Ana tá mentindo. Ela tá odiando a minha versão conto de fadas. Ela preferia o sapo.

– Não começa, João! – Ana tentou interromper, mas ele não deixou.

– É verdade. Depois que eu virei uma mocinha aqui mesmo, na sua frente, Theo... Então, depois que eu virei um homem domado, patético, abanando o rabo pra Ana, sei lá, acho que ela não gostou.

– A gente mal se viu essa semana, João – ela protestou.

– Ah! Mas eu abri mão da minha dignidade há duas semanas.

– Você está falando da sua declaração de amor para a Ana? – intervim.

– É. Você viu, Theo, você foi testemunha ocular de que eu não me declarei, eu me humilhei, implorei, chorei, babei. É disso aí que eu estou falando.

– Parece que você preferia não ter dito nada.

– Não tô arrependido, Theo. Se é isso que a Ana precisa pra ser feliz, por mim, tudo bem.

Enquanto João falava, observei Ana subir várias escalas de irritação, conforme o marido reafirmava o seu amor. A decepção dele era visível, afinal, João se transformara mais uma vez para agradá-la. Mesmo quando estava no modo agressivo, as razões dele eram nobres e, mesmo modificado, ele continuava tentando entender a mulher. Ana tinha plena consciência disso e acredito que isso a irritava ainda mais, o esforço dele, esse empenho que ela não merecia. Pelo menos ela assumia que era o problema. João estava fazendo das tripas coração, só que ainda não era o suficiente.

– Me diz o que você quer, Ana. Eu te peço. Fala. O que mais eu tenho que fazer? – João perguntou angustiado, mas Ana não respondeu. – Se eu sou grosso, você me chama de animal; se eu tenho ciúme, sou um psicótico; se eu sou romântico, eu sou um babaca. Não dá mais... Eu não sei o que fazer.

– Você não tem que fazer nada! – Ana gritou, e eu tive que lembrá-la do nosso acordo de bons modos. – Pode deixar, Theo, não vai ter baixaria, o João não bate mais em mim. Ele nem levanta a voz comigo. Tá um anjo.

João me encarou cansado e com um pedido implícito no rosto. Se ela não respondia a ele, era a minha vez de tentar.

– O que você quer, Ana?

– Não sei, Theo. Realmente não sei. Eu não sei agir com o João desse jeito. Não discute por nada, aceita tudo. É outra pessoa. Tem quase que pedir licença pra me comer. Não sei.

– Sabia! Ela gostava do ogro, da besta-fera. Ana não gosta de delicadeza, Theo. Ela quer ser tratada como lixo, só que eu cansei dessa merda! – E, gritando com Ana: – Eu não vou te tratar como lixo!

– Pois devia! – ela gritou de volta e depois se curvou completamente para a frente, chegando a encostar o rosto nos joelhos. – Eu mereço, João. Eu mereço – ela sussurrou, e ele se precipitou para consolá-la, mas ela o repeliu. O nervosismo de Ana na sessão se devia ao que a tinha motivado a ir lá naquele dia. Não bastava trair. Ela necessitava da revelação e do meu auxílio.

– Por que você merece ser tratada assim? O que você fez para achar que o João tem que ser rude com você? – perguntei, já sabendo a resposta.

Nossos olhos se cruzaram e eu soube que ela ia tirar o chão de João. Dito e feito. Quando Ana contou que saíra com o chefe, para um motel, e não

conseguiu fazer sexo com ele, a dor no semblante de João saiu como um suspiro. Mas esse não era o fim da história. Como se não bastasse uma primeira experiência desastrosa e com todos os sinais de “parê”, ela insistiu e acabou transando com o Veloso dois dias depois. Foi depois do expediente, no carpete do escritório e degradante do começo ao fim, mas Veloso a tratara exatamente como Ana julgava merecer: como lixo. João parou de respirar. Foi a primeira vez que ele não demonstrou nenhuma reação, nem mesmo aos pedidos de perdão de Ana. Numa troca de papéis previsível, era ela quem implorava, jurava e se humilhava diante de um João mudo. Mas eu entendia seu silêncio e não tinha nada a ver com desistência. Era um entendimento. Havia dez anos que João vinha moldando-se a Ana, ao que ele deduzia ser seu desejo, e, após ter tentado ser todos os homens para ela, percebeu, finalmente, que podia ser só ele. Quem precisava mudar era Ana.

– João, faz isso não. Fala qualquer coisa, qualquer coisa, mas fala comigo. Eu tô te implorando – já praticamente de joelhos, Ana pediu.

João falou, mas sem dirigir o olhar para ela. A traição, que fora sempre seu maior temor, o que o apavorava até a morte, aconteceu e o mundo continuou girando. Nenhum dos seus esforços surtiu efeito e ninguém morreu. O bom é que ele não se arrependeria do que não fez. Tinha feito de tudo por aquela mulher.

– Você não me ama mais? – finalmente Ana se apossou da dimensão do seu ato.

– Amava, mas você não quer ser amada. Eu nunca achei que diria isso, mas agora eu só consigo sentir pena de você.

– Pena, João? Você não me ama mais?

– Se você não se ama, Ana, como eu vou te amar? Eu fiz tudo que eu pude, eu te dei a minha alma, e mesmo assim você precisou dar para outro cara. Trocou a nossa família por uma trepada de merda. Você acabou de assumir que foi nojento. Eu só posso ter pena de uma pessoa que faz isso consigo mesma.

Confesso que até para mim a atitude de João foi espantosa. Esse era o João real, sem nenhuma caracterização ou encenação para cativar Ana. Novamente, havia tanto amor entre eles – e só por isso estavam ali –, o que

movia Ana a magoar João. Não tinha nada a ver com ele. Era uma questão anterior dela, de seu corpo, sua família. E naquela sessão Ana revelou outro dado, ainda mais vital: a forma como o pai havia morrido. Ele a levou para tomar sorvete, sentaram na calçada e, quando o dela acabou, a gordinha esfomeada foi comprar outro e deixou o pai sozinho. Nesse momento ele foi atropelado por um caminhão e morreu na hora. A gula a salvou e a gula deixou o pai morrer sozinho. Quando o indivíduo não se perdoa, acaba tomando caminhos que vão castigá-lo, numa esperança vã de aliviar o remorso, e em situações assim eu só enxergava uma solução: o acolhimento do perdão.

– Eu não tenho que perdoá-la. Ela que se perdoe, que se culpe, que se mate. Cansei de ser a bengala. Eu vivo empurrando ela pra cima, só que ela tá me empurrando pra baixo. Faz o seguinte, Theo: manda ela arrumar outro babaca pra bater nela. Pra mim, já deu. – João manteve o tom de voz calmo durante todo o tempo e, sem ter mais o que dizer, se levantou, mas Ana tentou impedi-lo e, ao empurrá-la, João acabou dando uma cotovelada em seu rosto. Imediatamente se desculpou e Ana, mesmo com o nariz sangrando, aceitou as desculpas e até esboçou um sorriso. Esse ínfimo indício de reconhecimento por parte de Ana enojou João. – Agora você tá me amando de novo, né? – constatou ele, amargo, e, como um último desejo, pediu que ela o esquecesse.

Assim que João saiu e fiquei a sós com Ana, me pareceu que metade dela estava satisfeita e a outra metade estava pasma com o rumo que seu casamento tomara. Se João a perdoaria, eu não soube responder, afinal, o golpe maior nem fora a traição, e sim o esforço de ser outro para ela por tanto tempo, amá-la como ela era e saber que ela não conseguia amá-lo da mesma forma.



Esperando a hora de ir para a Dora e enfrentar a terceira sessão em casal, observei meu consultório e subitamente senti saudades. Se me separasse de Clarice, provavelmente sairia de casa, montaria outro consultório em um

prédio comercial, lotado de vagas e com recepcionista. Perderia muitos pontos no charme, mas tudo tem um preço na vida. Breno novamente surgiu. Ele não pensava muito. Nem conseguia imaginá-lo cogitando não deixar a mulher só porque adorava a casa onde morava. Gostaria de ser impulsivo como ele. Nunca aprendi a ser espontâneo. Eu sempre media os prós e os contras – vício de trabalho. Cada palavra deve ser muito bem colocada, e acabei importando esse comportamento para a minha vida pessoal. Comodismo e medo de mudar não estão distantes e, com a idade, ou perdemos completamente o medo ou cultivamos o receio como cautela.

Sobrava-me cautela, era isso, depois do passado tão incerto e assustador da minha juventude, acordando cada dia com a dúvida: “Será que hoje ela vai tentar se matar de novo?” É. Minha mãe foi uma suicida. O amor não correspondido a levou a ensaiar sua morte por quatro anos, até que conseguiu. Enfim, depois que ela morreu, cerquei-me de certezas, e me divorciar seria voltar a esse terreno desconhecido. George Orwell estava bem certo ao dizer que “todos os animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais do que os outros”. Ana se parecia comigo – ou eu me parecia com ela –, querendo a certeza do amor. Se meus pacientes soubessem o quanto eles me ensinam e o quanto aprendo na nossa troca, eles me cobrariam, com certeza. Por que continuei atendendo o casal? Para me espelhar neles e tentar analisar meu próprio casamento? Me senti fraco e preguiçoso, um voyeur que não arregança as mangas e que se pudesse contrataria uma faxineira para limpar sua bagunça. Para um terapeuta, minha sala era bem lotada de símbolos e objetos pessoais. Acumulei vinte anos de casamento naquele consultório e, examinando cada objeto, sabia que podia me livrar dele, mas ao mesmo tempo achava que deveria guardá-lo, em caso de necessidade no futuro. O futuro! Tempinho que pode nos aprisionar tal qual o passado. De repente me senti sufocado na minha sala.

Clarice entrou, aumentando o sufocamento. Estava toda arrumada. Para mim é que não era. Devia ser para Dora, para causar uma boa impressão. Clarice sempre falava o quanto era importante estar apresentável, nós dois sempre nos importamos demais com a opinião dos outros.

Dora observou bem que, em nossa terceira sessão, Malu ainda era o ponto de largada. Sempre começávamos pelos filhos e nunca pela gente. Se bem que dessa vez existia uma ligação. Malu sabia do caso da mãe. Elas tinham conversado e Clarice não me contou. Odiava ficar sabendo ao mesmo tempo que Dora, embora tenha adorado descobrir que Clarice, diante da nossa filha, não tivera coragem de assumir sua infidelidade. Ainda cogitou que eu também podia estar tendo um caso. Ela tinha a audácia de se comparar a mim. Desde quando sentimentos era tão mais importantes do que os atos físicos? Fazer sexo com alguém não era um simples apertar de mãos, como ela insinuava. Aquela sessão não ia dar em nada, pensei, mas Clarice provavelmente insistiria com a terapia, e o suplício se estenderia até nos convencermos de que estávamos velhos demais para brincar de pique-esconde. Acabaríamos voltando para o nosso agradável bairro residencial. Ou, opção B: Júlia se livraria do passado e, sem o fardo de ser seu salvador, eu poderia largar tudo e ir viver com ela em um flat moderninho.

– Eu estava pensando em propor um exercício nessa sessão. Pensei em utilizarmos o Imago.

Quando Dora falou isso, não consegui conter o riso. Ela devia estar de sacanagem com a minha cara. Que a macaca velha era velha, eu já sabia, mas esse método era pré-histórico, além de ser uma abordagem psicanalítica. Bem, a minha terapia, por mais humanista, também tinha essa abordagem, mas eu não podia conceber tal sugestão. Imago é um termo dado às imagens que criamos de forma inconsciente para os objetos que nos cercam; pode ser deturpado porque é a tradução pessoal de algo externo, ou seja, como alguém vê e introspecta a figura materna ou a ideia de lar, por exemplo, pode não condizer com a realidade. Nada mais é que um espelho: a pessoa diz como se sente e a outra deve espelhar, repetir o que foi dito. Eu chamava e ainda chamo isso de resposta reflexo, e até gosto da piada de que nós, os terapeutas, somos pagos apenas para repetir o que o paciente nos diz. Mas daí a usar o método em mim, era outra coisa. Sinceramente, me senti ridículo diante da proposta de Dora e, justamente por isso, Clarice decidiu que precisava fazer o maldito Imago. Inclusive se ofereceu para começar. Nesse joguinho não devemos julgar ou interpretar de forma pessoal o que o

outro diz. É um jeito Pavlov de treinar a mente para não fantasiar uma realidade alternativa e se ater ao que, de fato, é dito. Se você errar o outro vai corrigi-lo até que você se atenha às palavras reais, e não às deduzidas.

Hoje entendo que a minha reação exagerada de desdém e resistência era justamente porque tinha noção da força do método. Conseguir expressar o sentimento real e perceber que o outro, ao repetir praticamente as mesmas palavras, o ouviu e sobretudo o entendeu é algo poderoso. Não queria ouvir nem entender Clarice. Embora meu inconsciente estivesse me pressionando o tempo todo para entender a crise e a dubiedade que estouraram na minha vida, desde a declaração de Júlia eu não queria aceitar os reais motivos que, de forma inevitável, foram expostos naquele dia.

Frente a frente com Clarice, respirei fundo e a encarei. Ela disse, solene:

– Eu não queria vir à terapia, mas tenho que concordar que descobri muito sobre nós dois e que os meus sentimentos são muito importantes.

Em seguida repeti com uma pequena modificação: ela descobriu sobre ela, e não sobre mim. Claro que me corrigiram e eu, obedientemente, fiz certinho da segunda vez, torcendo para que Clarice não tivesse mais nada a dizer, mas ela tinha.

– Eu acho que ter tido um amante não foi por causa do nosso casamento, e sim por outra coisa, por situações minhas de muito tempo atrás, e acho que esse amor pela paciente também é um resultado do seu passado.

– Eu ouço Clarice contar que trepar com um merda foi pra resolver questões do seu passado – disse, e Dora quase me comeu o fígado. Novamente repreendido, refiz a lição. E, a partir daí, Clarice quebrou o espelho e simplesmente não parou de falar. Era impossível repetir tanta informação.

– Você não tem culpa, eu criei essa situação, eu trouxe a gente pra esse momento. Sabe, eu gostava tanto do nosso casamento, de cuidar de você, de cuidar dos nossos filhos, mas percebi que me transformei só nisso, na sua mulher, na mãe. E a minha pessoa? E as coisas que eu queria fazer? Eu não posso só ser alguém porque estou casada, entende? Mas foi culpa minha, eu escolhi esse papel, essa subordinação. Ser uma boa esposa, ter uma família... Eu cresci com esse pensamento. Anulei metade de mim e você não tem nada

a ver com isso – e, sem esperar minha réplica, ela virou para Dora e concluiu: – Eu sou o problema, só eu. Eu perdi a minha identidade – e voltando-se para mim: – Agora eu tô cansada de ser só sua mulher, só a mãe do Rafael, do Caio e da Malu. Só isso não basta mais.

Ouvir Clarice foi uma grande decepção. Eu sempre prestei tanta atenção nos outros, e não percebi nada disso. Se eu não prestava atenção na minha mulher, como poderia prestar atenção nos pacientes? Minha réplica foi quase uma desculpa:

– Eu ouço que você está cansada de ser só minha mulher e mãe dos nossos filhos, que você sente que excluiu partes importantes da sua persona pelo nosso casamento e que agora você precisa trazer essas partes de volta e... Eu tenho muita vergonha de mim mesmo por não ter visto nada disso – Dora quis me corrigir, afinal, eu estava mesmo interpretando Clarice, mas a própria concordou comigo.

– É isso, Theo. Eu quero mais, eu preciso de mais. Nem que seja só descobrir quem eu sou mesmo. Cansei de ser o que eu achava que era bom pra você. E eu? – ela continuou, e eu vi o João cansado de se desdobrar em mil para se encaixar na projeção que tinha de Ana. Ele foi embora, Clarice também iria. Achei que era eu que queria abandoná-la, mas era o oposto. Desde o começo era o oposto. Ela não me amava mais. Sem conseguir me controlar, chorei. Medo era um sentimento muito conhecido, e nem por isso bem-vindo. Ser abandonado mais uma vez me apavorava.

– Você quer me deixar? – perguntei.

– Não sei... Agora eu não sei – ela respondeu de forma vaga, mas que significava um grande “sim” para mim.

Foi muita soberba acreditar que o caso de Clarice era resultado da minha indiferença e que eu estava inconscientemente conduzindo uma trama que nos guiaria para um divórcio e para a liberdade. Ela era o espelho. Eu apenas refleti seu desejo de se livrar da nossa vidinha suburbana e morna. De repente dois anos de imagens explodiram na minha mente como uma tela, exibindo as ações, as pequenas ações, repletas da mesma mensagem de Clarice: eu não quero mais essa vida. Meu Deus! Como fui lento e cego.

Dora tentou analisar e o fez com propriedade. Eu tinha uma bagagem familiar de abandono e Clarice, malas e malas de uma criação direcionada ao maternal. Ela assinalou como todos esses fatores podem ter nos influenciado, mas que juntos poderíamos escolher um novo caminho. Dora foi otimista demais. Para Clarice, escolher um novo caminho não significava me levar junto.

– Eu acho que preciso ficar sozinha e achar o meu caminho antes de poder pegar outra estrada com o Theo. Viajar... Sei lá. Pensar.

– Clarice, se você quer se divorciar, é só me falar – pedi. Me mate de uma vez, não em doses homeopáticas. Era isso o que eu queria dizer!

– Eu já disse que não sei. Não posso te responder agora. Eu acho que preciso mesmo ficar um tempo fora, longe de você.

– E se eu não estiver aqui quando você voltar?

– É um risco – ela sussurrou, trazendo as palavras de Júlia para aquele momento: “Existem coisas que vale a pena arriscar. Valem muito.” No caso de Clarice, o risco que valia a pena era me perder. A sala de Dora me pareceu ainda mais sufocante do que a minha e me levantei. Nem lembro direito o que balbuciei ao sair. Nem lembro como saí, só de andar apressado pelas ruas, querendo fugir.

Quase uma hora e meia depois cheguei em casa. Pelo carro na garagem, sabia que Clarice já tinha chegado e bem antes de mim. Não havia nada a dizer. Eu só queria me isolar, como de costume, no meu consultório, como ela me instigou a fazer. Só depois de ter tirado os sapatos, trocado de roupa e bebido umas três doses de uísque, percebi a luz na secretária eletrônica. Desejei imensamente que fosse Júlia.

– Quem fala é o Dr. Humberto Sopena, estou ligando sobre o seu paciente Breno Dantas. – “Agora não”, pensei e, quando ia parar a gravação, ouvi a voz do homem dizer que Breno havia se ferido em uma ação. – Sinto muito em comunicar que ele morreu hoje pela manhã.

A voz ainda se ofereceu para conversar caso eu quisesse, mas não podia ser. Voltei a gravação: “Sinto muito em comunicar que ele morreu hoje pela manhã.” “Sinto muito em comunicar que ele morreu hoje pela manhã.” “...

em comunicar que ele morreu hoje pela manhã.” “... ele morreu hoje pela manhã.” “... morreu hoje pela manhã.” “... morreu hoje pela manhã.”

“Alguns animais são mais iguais do que os outros”, refleti sentindo o meu rosto parar de respirar.

Avaliação: Sétima sessão

Data: 16 de novembro de 2012

Pacientes: Theo Cecatto - psicólogo e terapeuta. 56 anos

Clarice Cecatto - assistente social. 46 anos

Clarice voltou para a terceira sessão do casal. Novamente motivada pela filha. Malu contou para o pai que sabe do caso da mãe e isso gerou conversas entre as duas e entre o casal.

Theo parecia ansioso com a sessão, acredito por ser a última do combinado. Por mais clara que Clarice fosse, Theo continuou seguindo com as suas interpretações e, por isso, sugeri o Imago.

Ele ridicularizou minha escolha e se mostrou resistente. No começo, manteve as interpretações. Clarice insistiu em fazer e foi novamente objetiva. O que reforçou minha ideia de que ela está tentando comunicar algo que Theo não quer ouvir.

Durante o Imago, Clarice revelou sua insatisfação com o casamento como uma questão pessoal. Me parece que ela adquiriu uma máscara durante o relacionamento e não consegue mais usá-la. Está em um momento de autoconhecimento e em transição. Não saber se quer continuar casada deixou isso claro.

Theo chegou sozinho à conclusão de que o processo de Clarice é que havia influenciado as suas atitudes, e não o contrário. Ficou muito decepcionado e dessa vez

abandonou a sessão antes do fim. Me parece que o casamento deles pode não prosseguir.

O I T A V A S E M A N A . . .

"Deixe-me pensar: eu era a mesma quando me levantei hoje de manhã? Estou quase achando que posso me lembrar de me sentir um pouco diferente. Mas se eu não sou eu mesma, a próxima pergunta é: 'Quem é que eu sou?' Ah, essa é a grande charada!"⁸

LEWIS CARROLL

Perder noites de sono já tinha se tornado um hábito para mim. Naquele fim de semana eu parecia um zumbi. De repente nada fazia o menor sentido. Era como se eu tivesse passado todo aquele tempo montando um quebra-cabeça de 10 mil peças, gigantesco, complicado à beça, e, quando eu estava a um passo do fim, quando faltava apenas uma peça a ser colocada, um vendaval desarrumou tudo e me deixou sozinho, perplexo e com uma única peça na mão. Havia o desejo de terminar, a necessidade de pôr um fim naquele desafio, mas, sem o quebra-cabeça, a peça minúscula não fazia o menor sentido.

Nunca havia perdido um paciente antes. Essa sensação era nova e desagradável. Lógico, as pessoas morrem, mas, em tratamento comigo, era a primeira vez. Nem uma semana longe, e Breno se foi. Por quê? Por que não agi como seu superior e lhe ordenei que ficasse em casa vendo televisão? Por que analisei e achei melhor ele prosseguir com seu plano, mesmo que desse errado? Por que pensei que quando ele voltasse discutiríamos esse assunto? Bem, não havia mais nada para discutir. Eu tinha errado e isso era inegável.

A notícia ligou algo em mim, um pânico de ter cometido mais erros, de não ter sido o melhor terapeuta possível com todos os meus pacientes. Fiquei repassando as sessões e reavaliando como todos estavam. No meio da lista estava o nome de Júlia. Me perguntei se deveria avisá-la. "Não, isso não

é correto”, pensei, já mudando de opinião: “Mas eles tiveram uma relação. Eu deveria avisar.” Só que não conseguia. Imaginei um futuro idílico, em que eu e Júlia estávamos casados e morando em uma casa moderna, jovem, e eu era outro homem. Depois de passar o sábado inteiro no quarto com ela, famintos, decidíamos sair para jantar. Enquanto ela tomava um longo banho, eu receberia a notícia. Logo em seguida, Júlia sairia do banheiro embrulhada em um robe de seda, perfumada, linda, e me perguntaria com quem eu estivera falando e eu contaria. Vê-la chorando por Breno me encheria de ódio e essa seria a nossa primeira briga. Definitivamente eu não podia avisar.

Clarice entrou no consultório sem pedir licença, sem robe de seda, perfume ou beleza, me trazendo de volta à realidade, o que me irritou imensamente. Ela me perguntou se eu não ia tomar café, já que era domingo e Caio adorava tomar café da manhã na padaria aos domingos. Por ele valia a pena ir, só que eu não tinha forças nem para falar. Se existia algo que Clarice odiava era que não respondessem a ela e lógico que depois de ficar mais de 24 horas trancado, com a mesma roupa e fedendo a uísque, ela achou que eu estivesse de birra. Nem por um momento passou pela sua cabeça que algo pudesse ter acontecido.

– Você está fazendo isso de propósito? Pra me irritar? – ela sibilou, e eu apenas balancei a cabeça, cansado. – É por causa do que eu disse na Dora? Eu sei que é. O que você quer que eu faça? Eu não sei! Agora eu não sei de nada, Theo. Será que eu não mereço nem um tempinho pra pensar? – novamente não respondi. Seria apenas mais uma discussão, mais um tijolo na parede que crescia entre nós dois. – Ótimo! Ficou mudo! Que maravilha! Eu vou falar pro Caio que você nem respondeu, pode ser? Você quer que eu diga isso para o nosso filho? – Ela era tão baixa. Nos últimos tempos Clarice se tornara a rainha dos rompantes e das cenas e, naquele momento, se fazia de vítima. Se ainda houvesse um regresso para nós dois, esse era um comportamento que ela precisaria mudar. Se houvesse... – Eu vou com o Caio e a Malu à padaria. Se você mudar de ideia e quiser nos encontrar, nós estamos na nova, a que abriu na praça – e, sem mais, ela saiu. Ainda assim pude ouvir toda a conversa entre ela e nossos filhos, afinal, Clarice fazia

questão de gritar. – Seu pai não vai! Vamos embora! Anda, Caio! Cadê você, Malu? – Sendo honesto, fiquei aliviado quando ouvi o portão bater.

Segundos depois, o telefone tocou. Era o tal Dr. Sopena me avisando sobre o enterro. Anotei maquinalmente o horário e o cemitério, agradei e desliguei. Num impulso, liguei para Júlia.

Depois de tocar infinitamente, ela atendeu:

– Theo?

– Oi, Júlia. Você está ocupada?

– Não. Já acabei meu plantão.

– Eu preciso falar com você – eu disse e houve uma pausa. – Júlia? Júlia, você está aí?

– Estou. Theo, eu já sei o que você vai dizer, e nem precisa. Por que a gente não marca num lugar pra conversar? Eu te entendo, mas eu acho que a gente podia falar disso com calma.

– Do que você está falando, Júlia? – perguntei, confuso, e novamente ela ficou em silêncio.

– Por que você me ligou?

– Você já sabe do Breno?

– O que tem ele?

– Ele morreu. – Pude ouvir um suspiro angustiado, eu juro, e logo em seguida o terceiro silêncio. Nem precisava da fantasia para sentir ciúme do morto, a vida real foi suficiente. – Júlia, você me ouviu?

– Sim. Meu Deus, que coisa horrível. Quando foi? – ela perguntou, e eu contei exatamente o que Dr. Sopena dissera, inclusive do enterro. Foi então que ela me perguntou se eu iria e, em vez de mentir, eu respondi que sim.

O desejo de Júlia de me acompanhar me surpreendeu. O caso deles não me pareceu tão sério ou íntimo para um último adeus ao pé da cova. Contrariado, concordei que a veria na manhã seguinte. Desliguei profundamente decepcionado com a mudança no tom de voz dela. Não fora impressão minha. Ela me atendeu cautelosa e, se tivesse pensado mais um pouco, teria deixado cair na caixa postal. Mas foi só falar de Breno que ela ficou toda doce e melosa. O que eu queria? Breno era jovem, bonito,

atrevido e, no fundo, não era má pessoa. Claro que entre mim e ele, ele era bem melhor. “Pelo menos ele está morto”, pensei.

Aproveitei que a casa estava vazia e fui para o meu quarto. Dormir no sofá estava acabando comigo e, além disso, eu precisava de um banho. Não sei quanto tempo fiquei no chuveiro. Eu só queria derreter e descer pelo ralo. Clarice, que era a minha mulher, com quem dividi a minha vida, não sabia mais se queria ficar casada comigo; minha filha achava que eu era um banana; e Júlia, por quem eu pensei em largar tudo, em arriscar minha carreira, a essa altura estava se derramando em lágrimas por causa de outro homem – sendo que esse homem tinha sido meu paciente, o paciente que precisava de mim, mas que eu não pude ajudar com propriedade porque estava mais preocupado com o que ele fazia na cama com ela do que com as suas questões. Durante a terapia, respeitar e acolher o paciente sempre me fizeram, em determinado momento, desenvolver um afeto real por aquela pessoa. Como não gostar de alguém que está tentando melhorar diante de nós? É preciso tanta coragem para voltar-se para si mesmo que, quando isso ocorre, não há como não reverenciar esse esforço. Breno fez isso e fez mais, ele me viu como eu sou, descobriu coisas medonhas sobre a minha vida e voltou porque se identificou com o humano em mim. E o que eu fiz? A pergunta martelava nos meus ouvidos, mas eu não conseguia responder. O peso da culpa me encolheu até que, quando dei por mim, estava de cócoras, chorando como uma criança.

Depois de repetir para mim mesmo que o autoflagelo já havia sido suficiente, me levantei e saí do chuveiro. Os vidros e os espelhos estavam tão embaçados que meu reflexo não era mais que um borrão. Fiquei diante do espelho esperando o vapor se dissipar, curioso para ver minha própria imagem. Então a porta se abriu bruscamente e Clarice entrou, nua. Gritou como se eu fosse um fantasma, como se estar no meu próprio banheiro fosse um crime. Por alguns segundos nos observamos, nus, um diante do outro. Um roxo, já meio amarelado, sobressaía na coxa de Clarice e ela estava depilada. Toda depilada. Desde quando ela se depilava assim? Não pude analisar mais, porque ela se cobriu rapidamente com uma toalha e jogou outra para mim.

– E se fosse a Malu? – ela me perguntou, nervosa.
Sem responder, me enrolei na toalha e saí do banheiro.



Faltava uma hora para o enterro quando Júlia chegou. “Se arrumou toda pra quê? O defunto não vai ver.” O pensamento me veio na ponta da língua, mas me segurei. Mesmo assim, a presença dela, numa elegância inusitada, me incomodava. Quando ela se declarou para mim, usava um vestido preto que de vulgar tinha tudo. Para chorar no caixão do Breno, ela escolheu um modelo também negro mas refinado, que caía como uma luva evidenciando seu corpo sem deixar de ser sóbrio. A maquiagem foi uma tentativa ridícula de disfarçar seu abatimento. Sua tristeza não podia ser mais óbvia e a sua pressa para sair, também.

– Mas em 20 minutos a gente chega mesmo lá?

– Se você está com medo de perder o enterro, pode ir. Vai logo!

Meu rompante a assustou. Pedi desculpas logo em seguida, usei o álibi de que era o primeiro paciente meu que morria em terapia etc., etc., etc. Quer dizer, não sei se foi desculpa. Não sei se minhas lembranças daquela semana são fidedignas, mas ao mesmo tempo que experimentava o ciúme, me culpava por senti-lo. Para piorar a contradição, ela iniciou um relato minucioso sobre as particularidades do falecido. Como ele era metódico, curioso e dedicado... Cada comentário me partia em dois: de um lado a inveja e, do outro, o remorso. No entanto, saber que ele estava aprendendo a velejar e que eu tinha sido o motivo da empreitada me comoveu.

– Ele falou que, de tanto ver seus barcos, ficou com vontade de cair no mar. Eu dei um livro pra ele que falava disso, de como o mar representava as emoções. Depois do livro ele ficou mais decidido ainda – Júlia contou, saudosista, e me pareceu bem característico de Breno tomar uma decisão por impulso e se dedicar a ela imediatamente.

Com a desculpa de pegar um casaco, escapei para dentro de casa. Precisava respirar. Uma vez que ela se desse conta da perda, me culparia. “Era o fim”,

concluí, pesaroso, e peguei o tabuleiro de Júlia. Quando o devolvi, ela pareceu decepcionada.

– Comeu tudo, hein? Estava bom mesmo?

– Muito bom. Obrigado – respondi, seco. Ela não precisava ser polida comigo, era intolerável seu jeito gentil, ainda mais quando me pediu para acompanhá-la ao túmulo de sua mãe.

– Ela foi enterrada lá também. Eu queria visitar o... você sabe, mas eu não gosto de ir sozinha. Você iria comigo? – “Claro que eu iria”, pensei. Ela continuou: – Sua mãe também está lá?

– Não. – Meu pai a enterrou no cemitério mais longe possível. Nem depois de morta ele queria a proximidade dela.

– Você percebeu o meu pânico ontem? – Ela me sondou e eu fiz que não com a cabeça. – No telefone. Ah, Theo, quando você falou que precisava falar comigo, lembra?

– Por que você ficou com medo? – perguntei.

– Porque eu achei que você ia me falar que era o fim, que nós nunca mais íamos nos ver. Fiquei com tanto medo. Você não percebeu?

– Não – foi uma resposta simples, diante do alívio que senti ao saber que os silêncios eram por minha causa, e não por Breno. Talvez por isso eu tenha mostrado a ela meu velho álbum de fotos quando ela pediu para ver como era minha mãe. Para minha infelicidade, havia fotos do meu pai, e o que Júlia disse não foi novidade. Qualquer pessoa que o visse podia constatar a grande semelhança entre nós dois. Fisicamente, eu era a cópia exata dele.

– Não sabia que você tinha uma irmã. Muito bonita – Júlia comentou, se referindo à segunda esposa do meu pai.

Maldita foto. Como tinha ido parar ali? Eu tinha certeza de ter jogado todas as fotos dela fora, justamente para não ter que explicar que os meus pais se separaram e que ela era a segunda esposa dele. Uma pergunta puxa outra e, quando dei por mim, estava contando sobre meu pai, que ele havia sido um grande médico, um cirurgião muito conhecido e que esperava que eu também seguisse a medicina. Impressionante como guardamos memórias inúteis.

– Ela também era médica? – Júlia perguntou.

– Ela era gerente de alguma coisa – respondi.

– E como eles se conheceram? – Ela estava curiosa.

– Ele foi médico dela – respondi, depois de hesitar um pouco, e Júlia me encarou muito séria, querendo saber se a paciente havia sido o motivo de o meu pai sair de casa. – Sim. Ele abandonou a gente por causa dela.

– Da paciente – ela repetiu, tomando o papel para si. Só que Clarice nunca seria como a minha mãe. Se eu a largasse pela Júlia, ela com certeza daria uma festa. E eu não faria com os meus filhos o que o meu pai fez comigo, nunca os deixaria desamparados.

– É. Mas eu não sou o meu pai – falei comigo, mas alto o suficiente para que Júlia ouvisse e me olhasse daquele jeito tão dela, de baixo para cima, examinando minha expressão de uma forma preocupada e triste.

Ela duvidava de mim e eu duvidava dela. Nossa história poderia ser curta e frágil, poderia ser um grande nada no final das contas e, olhando aqueles olhos verdes, não pude deixar de avaliar se ela valeria a pena. A vida inteira eu não quis ser como ele. Se escolhesse Júlia, estaria repetindo os mesmos atos que tanto reprovava. A recompensa seria suficiente?

– Está na hora – comentei, querendo sair de perto dela, do seu olhar e da ameaça que Júlia representava para mim.

Saímos lado a lado e me encaminhei para o meu carro. Júlia me seguiu e eu, em vez de deixá-la entrar, porque era óbvio que ela queria ir comigo, perguntei do carro dela. Logo depois me vi dando desculpas, de que tinha que passar em tal e tal lugar antes, que nos encontraríamos lá. Mal acabei de mentir e fiquei pensando nas voltas que teria que dar para corroborar a minha mentira de merda. Que homem era eu que tinha medo de ficar perto da mulher pela qual era apaixonado? E daí se pensassem que éramos um casal? Qual era o meu problema?

Com o tabuleiro na mão, Júlia recuou e desistiu de ir ao enterro. Me deu adeus e se virou, seguindo em direção oposta sem olhar para trás, numa renúncia implícita. Na hora eu soube que ela tinha se cansado da minha passividade mórbida e quis correr atrás dela, mas automaticamente entrei no carro.



Odeio enterros. Sempre odiei. Comecei a frequentar velórios muito novo. Morria alguém na família e meu pai, como médico, estava sempre presente na transição. Ele não se importava nem um pouco com os cadáveres e achava que os filhos tinham que ter, ou desenvolver, a mesma indiferença. Meu irmão, Nestor, passava mal só de ver sangue e, por isso, por eu não ter essa fraqueza, acompanhei meu pai em vários necrotérios. Isso era um motivo de briga entre ele e minha mãe, até que chegaram ao consenso de que eu só passaria pela experiência se quisesse. Mas meu pai esperava isso de mim. Afinal, ele estava formando um futuro médico e eu acabava sempre querendo. Diante do defunto na mesa fria, ele se comportava com dignidade, como se a pessoa ainda estivesse viva, mas, nos velórios, era o rei da piada, o que me constrangia. Ver a completa falta de vida em pessoas queridas, seus corpos por vezes massacrados pela doença, ou apenas a nudez serena da morte, me intimidava, como se eu estivesse invadindo a última privacidade deles. Mesmo assim, persistia em acompanhá-lo como o menino corajoso que ele queria que eu fosse.

Sempre tive a impressão de que algumas pessoas usam os enterros apenas para socializar e nem pensam em quem acabou de morrer. O enterro de Breno não foi diferente. Estava lotado. Acredito que a corporação em peso tenha comparecido. Todos me lembravam ele, na maneira de andar, gesticular e até no físico. Um pequeno grupo de homens destoava. Eram uns quatro ou cinco, de terno, óculos escuros e muito refinados para aquele contexto, o que me fez deduzir que fossem os amigos gays de Breno. Como não conhecia ninguém, preferi continuar no anonimato e apenas observei. Meu pai seria bem-vindo ali. Existiam vários contadores de piada e, de vez em quando, se podia ouvir uma gargalhada.

A sala do velório era estreita e a grande maioria das pessoas estava do lado de fora da capela, conversando sobre a última luta do UFC. Somente quando um padre entrou na sala onde estava o corpo de Breno é que todos se agregaram diante da porta como formigas. Mal dava para ouvir o sermão do sacerdote, e eu nem sabia que Breno era tão católico assim. De repente uma

voz grave encerrou as orações e todos se calaram. Logo depois ouvi as badaladas do sino indicando a saída do cortejo. Era praticamente meio-dia e o sol estava a pino. O caixão passou por mim, fechado. Estivera fechado o tempo todo. Logo após, um senhor, o dono da voz – supus – e uma mulher jovem, muito bonita, que parecia ter saído de um salão de beleza e segurava a mão de um menino, seguiram o cortejo. Quando passaram por mim e percebi os olhos do velho me examinarem, desconfiado da minha presença e da minha identidade, soube com certeza que era o famoso Seu Antônio com Milena e Vitor. Breno era realmente muito bom em descrever os outros. Eu poderia reconhecer sua família em qualquer lugar.

Seguimos para o cemitério, mais precisamente para o local do sepultamento. Era um túmulo de família e, na lápide, uma foto em porcelana de uma mulher chamava atenção, não apenas por sua semelhança com Breno, mas por seu nome: Jadwiga Dantas. Imediatamente lembrei que Breno havia comentado que sua mãe tinha origem polonesa, húngara, algo do gênero, e soube que ele seria enterrado ao lado dela. Foi nesse momento que um corredor se formou. Todos aqueles snipers de preto, com suas armas, ficaram lado a lado, abrindo caminho para o caixão de Breno. Depois que ele chegou ao destino final, alguns atiradores se perfilaram e executaram uma salva de tiros. Apontaram para o chão, constatei aliviado, e mesmo nesse momento não vi nenhuma emoção nos parentes próximos dele. O pai estava hirto, nem parecia respirar, a esposa, exatamente como Breno pintou, impecável, e o filho, bem, esse estava com os olhos pregados no chão, sendo levado para lá e para cá como uma bolsa.

Depois de um tempo que parecia interminável, o enterro acabou. Lentamente todos começaram a se dirigir para a saída e eu segui o grupo, até que alguém bateu forte no meu ombro.

– Você é o terapeuta? – Seu Antônio perguntou.

– Sim, sou eu. Meus pêsames – respondi.

– O senhor poderia me dar um cartão?

O pedido me pegou tão de surpresa que estendi um cartão sem pensar.

– Obrigado – Seu Antônio respondeu e, sem dizer mais nada, se afastou.

Assim que cheguei ao consultório havia um recado do pai de Breno querendo me ver. Apesar de não ter a mínima vontade de encontrá-lo, retornei a ligação e combinamos para o dia seguinte, numa coincidência mórbida, no único horário vago, o horário que era do Breno.



Com cinco minutos de antecedência, Antônio chegou. Ser procurado por um parente de um paciente já morto também era inédito, o que fazia o momento cada vez mais digno de Breno e suas aventuras únicas. Por baixo da fachada séria e austera, era claro que ele estava de luto, embora negasse.

– Só gente fraca tem tempo de ficar de chororô. A gente nasce, morre, é a vida – Antônio rebateu quando dei minhas condolências e em seguida deixou muito claro que não estava ali para me culpar ou me ofender, sendo que, se o fizesse, era mais do que aceitável.

No entanto, ele parecia mais interessado na descoberta póstuma sobre os últimos meses do filho. Não sei que ideia fazia de um consultório, mas era evidente sua surpresa com a sala e até mesmo comigo.

– Então, era aqui que vocês jogavam conversa fora? – ele provocou e, com toda a calma que a situação exigia, expliquei que, em terapia, nunca se joga conversa fora. – Ah, é verdade. Conversar com os parentes é que é perda de tempo. Pagar para falar da vida com um ilustre desconhecido é terapia. Entendi. Olha aqui... – ele procurou as palavras – Você não é doutor, é?

– Não, sou psicólogo – respondi.

– Certo, então, psicólogo. Eu não vim aqui pra discutir sobre o seu ganhão, se bem que pra mim, ser uma prostituta é mais digno do que o que você faz. Eu só não entendo como é que o meu filho preferiu falar com você do que comigo.

– Em certos momentos da vida, falar com uma pessoa neutra, preparada, pode ser mais fácil.

– Facilidade. É por isso que o mundo tá nessa perdição, porque todo mundo quer facilidade. Ninguém quer enfrentar a dureza, mas a vida é dura, fazer o quê? – perguntou ele, sem de fato perguntar. Eu caí na asneira de

tentar compreendê-lo, era mais uma perda em sua vida, a esposa, o pai que, eu sabia, morreria de forma trágica, e agora Breno.

– Ele contou do meu pai? – Antônio ficou perplexo. – Contou o quê? Que eu matei ele? Foi uma fatalidade. Nem por isso virei uma mocinha chorando no colo de um *psicólogo*. Eu não tinha a vida do Breno, tinha que trabalhar pra comer, não dava tempo pra ficar de frescura. Além do mais, isso que você faz serve pra quê? Ressuscita defunto? Apaga os erros? Não! Então, me explica: qual é a finalidade de fazer terapia?

– Se conhecer, se entender e se aceitar, algo muito difícil e que requer muita coragem – respondi.

– Que beleza. Ele se conheceu? Tava se entendendo? Aceitou o quê? – Depois de uma pausa, ele prosseguiu: – Eu vim aqui por isso. Desde pequeno, o Breno... Bem, eu tive que dar duro pra ele virar macho. Só queria saber de ir ao cinema e ler livro, mas eu tava de olho. Só que de uns tempos pra cá eu andei ouvindo uma histórias e ontem, naquele enterro, eu ouvi ainda mais.

– Ouviu o quê?

– O Breno era pederasta? – Eu não respondi, levei um tempo para processar que aquele homem que tinha acabado de perder o filho estava ali só pra saber se ele era gay ou não. – Gay, viado, boiola, entendeu?

– Entendi, Seu Antônio, mas acho que isso não é importante.

– Então, ele era?

– Não sei. Se fosse, faria alguma diferença agora? – Ele não respondeu, mas levou as mãos ao peito, tonto. Ofereci um copo d'água e ele bebeu em um só gole, me devolvendo o copo com um pedido de desculpas. – O senhor está se sentindo melhor?

– Estou ótimo. O senhor tem filhos?

– Sim.

– Homens?

– Tenho.

– Gostaria que eles fossem viados?

– Não acho que isso seja relevante agora.

– Não acha? O bom é criar um filho pra servir de mulher pra outro? Discordo. Acho uma desgraça. O mundo pode estar moderno, mas no fundo nenhum pai quer ver o filho desmunhecando e ficando de quatro pra outro homem.

– Por que o senhor acha que esse seria o caso do Breno?

– Eu não acho. Estou te perguntando. Ele tinha uns amigos assim, gente boa, mas assim. O Fábio era um bom garoto, mas desde cedo dava pra ver. Virou médico, conceituado, mas uma donzela. E ele ainda teve coragem de dizer que ficou assim por causa da mãe. Vocês também falavam disso, né? Que a culpa de tudo na vida é dos pais. O Breno me culpava muito? Sentou o sarrafo em mim? Pode falar! Eu não vou brigar com ele, ele já morreu.

A ética me impedia de contar sobre as sessões de Breno, mas eu não sabia se seguir a regra era uma boa escolha. De repente seria muito útil para aquele homem descobrir que o filho o considerava uma rocha e que tentar ser como ele foi o que o matara. Na dúvida, preferi não entrar em detalhes.

– O Breno falava da vida dele, das escolhas, dos seus sentimentos. Ele estava tentando se conhecer de verdade.

– Eu não sabia que a gente se conhece de mentira. Desculpa, mas pra mim isso é uma besteira. Se ele tava preocupado com a vida, que enchesse a cara. Tomar umas não mata ninguém.

– O álcool é a sua resposta para as preocupações?

– É uma resposta muito boa. – Ele se levantou, observando a sala com desprezo. – Ele chegou a se conhecer de verdade ou ainda estava pensando em quem ele realmente era?

– O Breno estava no processo.

– A terapia dele não tinha acabado?

– Não. Ele quis parar um tempo para voltar a trabalhar.

– Você sabia que ele ia voltar?

– Sabia.

– Concordou com isso?

– Ele não precisava do meu consentimento.

– Na minha opinião, ele não precisava de você, mas, já que estava aqui e te pagando, você poderia ter dado um conselho. Você deu? – A pergunta era

carregada de acusações. Claro que ele não estava ali para me julgar. Ele já tinha me condenado.

– Eu disse que era uma decisão que só cabia a ele – respondi por fim.

Antônio sentou novamente e me encarou.

– Então, você mexeu com a cabeça dele, fez ele pensar em quem era, nos sentimentos dele e deixou ele voltar pro trabalho? O trabalho do Breno não era ficar sentado ouvindo a merda dos outros... Era um trabalho de risco, um trabalho que exige toda a concentração do mundo. Mas você não pensou nisso! Não passou pela sua cabeça que ele poderia ficar pensando se era boiola ou não, se o pai magoou ele no Natal de 89, se isso, se aquilo, no meio de uma ação? Pois foi o que ele fez, ele pensou tanto que resolveu se matar.

– Por que o senhor acha que ele faria isso? Pode ter sido um erro.

Ele me interrompeu:

– Erro? Meu filho errou? Nunca. Ele escolheu errar porque tava com a cabeça cheia de psicologia, pensando em quem ele era de verdade! Você percebeu que o caixão tava fechado? Percebeu? – gritou ele de um jeito tão autoritário que só consegui afirmar com um gesto de cabeça. Sem esperar uma palavra minha, seguiu me atropelando como um rolo compressor. – Sabe por quê? Porque não sobrou nada da cara dele pra mostrar, só um buraco de sangue. Você fez um excelente trabalho, psicólogo!

– Seu Antônio, eu não acho que o Breno tenha se matado, mas a verdade mesmo, nós nunca saberemos. A única coisa que podemos fazer é perdoar, nos perdoar.

– Nos? Você está dizendo que a culpa é minha? Eu errei? Eu matei o meu filho?

– Eu não quis dizer isso.

– Não? – foi a primeira pergunta sincera de Antônio, mesmo que não soasse como um questionamento real.

Não me pareceu que ele duvidava da sua participação na trágica decisão de Breno. Sua surpresa era não encontrar em mim a acusação. Talvez por isso Antônio tenha sido capaz de se distanciar de mim e chorar. Me senti um intruso, presenciando aquela luta interna. Era um pranto atípico. Eu nunca

vi ninguém ser enforcado ou asfixiado, mas na hora foi o paralelo que consegui traçar. Curvado completamente, segurando a cabeça entre as mãos, ele falava repetidas vezes:

– Ele pagou pelos meus erros.

Suas mãos sobressaíam nos cabelos totalmente brancos de uma forma familiar. Meu pai apertava a cabeça entre as mãos exatamente da mesma forma e seu cabelos estavam tão brancos quanto os de Antônio. Pode ter sido a morte de Breno, a decepção com Clarice, minha inércia com Júlia, tudo aquilo ou nada daquilo, eu nunca saberei o que se passou dentro de mim, só que minha mente deu um salto gigantesco no tempo e o morto era eu, e a culpa era do meu pai e da sua paciente.

Aconteceu muito rápido no tempo real, mas aquela alucinação durou uma eternidade para mim. Meu pai estava ali, sem as sequelas da senilidade, vivo, lúcido e se comendo de remorsos por tudo o que me fez.

– Ô, psicólogo! Você está me ouvindo? – A voz me trouxe para o meu corpo. A plateia que ele precisava estava de volta e Antônio recomeçou sua lamúria. Sem saber o que dizer, me levantei e fui até ele.

– Eu sinto muito – disse, batendo amigavelmente em seu ombro e, num rompante, o velho estava de pé, estalando a mão aberta no meu rosto com toda a força. Sendo franco, não vou dizer que tenha sido ruim; uma bofetada bem dada acorda qualquer um, lembra do seu limite físico, e eu, lembrando do meu, recuei imediatamente. – Me desculpe – eu disse, e seu Antônio também se desculpou, mais pelas lágrimas do que pelo tapa, deduzi, e por isso não deixei que ele fosse embora como desejava.

Na pouca reflexão antes de tomar decisões, ele lembrava o Breno ou, ao contrário, sair no estado em que ele se encontrava poderia ser perigoso, e eu não gostaria de ter outro óbito pós-consultório. Dessa vez ele bebeu dois copos de água e sua postura retornou à posição ativa.

– Já que o senhor está aqui, essa máquina de café era do Breno.

– E o que eu tenho com isso? – entendi o quanto ele achou banal meu comentário, mas, para mim, não era. Não existia nenhuma razão para manter um souvenir da minha incompetência no consultório.

– O senhor quer levar a máquina? – arrisquei.

– Quem gostava de café era o Breno. Sem ele isso não me serve de nada. – Antônio também não queria carregar mais lembranças.

Uma vez sozinho, decidi que ia empacotar a máquina e guardá-la em algum lugar onde eu não pudesse encontrá-la. Aliás, olhei à minha volta e quase metade de tudo era descartável. Aquela vida que se apresentava para mim não valia reciclar.



Um paciente, apenas um, percebeu que havia algo errado. Gabriela, uma das minhas pacientes mais jovens. Com 9 anos, ela estava comigo há mais de dois. Por sorte, os pais não concordaram com as indicações de pedagogos, psiquiatras e afins e optaram pela terapia em detrimento do medicamento. Vivemos numa sociedade medicalizada, em que existem farmácias em cada esquina e se engole um comprimido por nada. Medicar uma criança por ser criança era patético e criminoso. Por que essa preocupação com a hiperatividade? O que é hiperatividade? Crianças têm muita energia, é normal que acordem pulando, que gritem, riam e corram quase o dia todo. Elas vão envelhecer e isso vai passar, é só uma questão de tempo, e não de dopar o indivíduo para que ele não canse você. Filhos cansam, os preguiçosos não deveriam tê-los e ponto final.

Enfim, Gabi, depois de me contar tudo o que acontecera no seu incrível fim de semana no parque, levantou e parou bem na minha frente. Segurando o meu rosto, me examinou com a seriedade de uma médica. Por fim, diagnosticou:

– Você está triste. – Eu neguei, sorrindo, e ela me acusou: – Agora você está mentindo. – E, sem mais, voltou para o sofá. – Tudo bem. Se você não quer contar pra mim o que aconteceu, eu entendo – e, depois de um sábia pausa: – Quando eu fico triste, o meu avô sempre me fala uma coisa – ela parou estrategicamente, esperando que eu perguntasse o que o avô falava. Quando eu perguntei, Gabi colocou uma das mãos em concha contra a boca e sussurrou o grande segredo: – Um dia você vai achar isso engraçado.

Daquela vez eu ri com vontade e torci para que a pequena Gabriela estivesse certa.

Acho que a sessão de Gabi me inspirou. Tomei coragem e liguei para Júlia. Ela não me atendeu e eu deixei um recado ridículo em que explicava quem eu era, como se ela não soubesse. Logo depois me joguei exausto no vilão que estava acabando com a minha coluna, o sofá. Clarice entrou no consultório fazendo barulho propositalmente. Não me movi e ela resmungou, acendeu a luz e arrastou móveis. De olhos fechados, eu imaginava a movimentação de Clarice, todo o gasto de energia que poderia ser poupado com um simples gesto, uma sacudidela e uma pergunta ao meu ouvido. Se eu abrisse os olhos e jogasse esse pensamento na cara dela, com certeza minha amada esposa mentiria. Ela não queria me acordar, estava ali procurando um brinco. Enfim, eu estava cansado demais para prosseguir gastando meu tempo dessa maneira.



Homens são criaturas idiotas e me incluo na qualificação. Como Júlia não me atendia, ouvir sua voz, sentir sua urgência em me conquistar se tornaram fundamentais para a minha existência. Outro erro na infinita relação de cagadas do ano. Pensando bem, ela não estava de todo errada. Havia se declarado para mim, eu me declarara para ela... Com isso Júlia expôs a verdade dolorosa sobre sua iniciação sexual, combinamos implicitamente de ir devagar e, no caminho, o babaca, leia-se, Theo, puxou o freio de mão rivalizando com um defunto.

Aliás, a visita de Antônio não me fez nada bem, além de trazer lembranças do meu próprio pai e de toda uma época de minha vida que eu achava ter apagado da memória. Breno se tornou uma sombra. A alucinação no meio da conversa com o seu pai me preocupara, e me autoexaminei, procurando outros indícios do que poderia ser uma patologia grave. Me lembro bem de deduzir, sendo que provavelmente estava num delírio hipocondríaco, que estava desenvolvendo uma psicose com delírios de perseguição. Como eu era o centro do delírio, pois era o perseguido, devia estar doente. Essa

constatação só aumentou a sensação de ser seguido por Breno. A princípio, eu não o via, mas era como se ele estivesse a dois passos de mim, à espreita, mirando com esmero no alvo. “Para, Theo! Você não está paranoico!”, era uma das frases do meu monólogo que surtia um efeito bem fuleiro, porque dez minutos depois me sentia o alvo novamente.

Nina exigiu minha concentração absoluta, o que me deu paz por um tempo.

– Por que você está chorando? – eu tinha que saber, já que ela entrou no consultório com as emoções afloradas.

– Nada – soluçou. – É que a minha mãe me trouxe e ela tá sendo tão legal comigo. Até com o lance da eliminatória.

– Está perto, não é?

Ela balançou a cabeça positivamente.

– Ela vai ficar esperando a sessão acabar e depois quer passear comigo.

– E qual o problema? – perguntei.

– Ah, Theo, eu não quero mais mentir para ela, só que não consigo contar do meu pai. Eu tento, mas não dá. Daí eu não consigo conversar e ela fica achando que é a culpada, mas não é.

– Calma, não precisa ter pressa, isso vai acontecer no tempo certo.

– Que tempo certo? Já passou tempo demais. Parece até piada. Agora que eu só quero falar com a minha mãe, o meu pai fica me ligando o dia todo. Tem mais de uma semana que ele liga, mas eu não tô nem aí, não quero atender. Quero que ele se dane.

– Isso é normal, Nina, faz parte do... – Ela me cortou, exaltada:

– Não faz parte de nada, tá? Tá tudo uma merda. Eu tô uma merda.

– Por que você diz isso?

– Porque eu não sou mais eu. Nem nos treinos. Poxa, os treinos eram o meu lugar e agora eu... Eu tô esquisita. Tô tremendo na trave, tô com medo. Eu não tinha medo. Vai ser um vexame essa eliminatória, eu vou pagar um mico. Eu sei.

– Nina, você está ansiosa, com medo por antecipação.

– Você acha que eu tô pirando? Que eu tô inventando? – ela gritou e logo depois, num gesto abrupto, levantou a camiseta, mostrando o corpo coberto

de erupções. Desviei o olhar, mas pude ver que era uma alergia grave e que Nina não usava sutiã. Não que ela precisasse, seus seios ainda eram um ensaio. – Que foi? Não aguenta olhar pra muxibenta aqui? Não tô nojenta? Pode falar! – Como continuei olhando para a parede Nina abaixou a camiseta e por fim a encarei.

– Nina, é só uma alergia.

– Ficou com medo?

– Medo de quê?

– Sei lá. Eu fui longe demais, não fui?

– Talvez. Mas eu não fiquei com medo. A única coisa que aconteceu é que eu constatei que você está com uma alergia que vai sarar.

– Tá de sacanagem? E as banhas, você não viu? Eu tô uma vaca! Tô até com peito! Eu sou uma ginasta de merda que daqui a pouco vai menstruar todo mês, engordar feito uma porca e ficar peituda! – Ela voltou a chorar e me explicou que quando as ginastas param de treinar era isso o que acontecia com elas, o corpo de mulher aparecia e isso era uma desgraça.

– Eu não vi gordura nenhuma. Vi uma jovem saudável com um corpo em transição de menina para mulher. – Minhas palavras a fizeram chorar ainda mais. Doía deixar de ser criança sem ter realmente vivenciado a etapa, doía a transformação. Em breve ela seria como as modelos do pai, como Helena, como a mãe, e Nina tinha medo.

– Eu não devia estar assim. Eu sou uma ginasta. Eu não preciso de peito! Não preciso ser mulher! Não preciso! – E o choro seguia.

Mesmo que estivesse tentando impedir a mudança, ela estava acontecendo e não teria volta. Segundo Nina, a vida dela nunca estivera pior. O controle a que se prendia como um bote salva-vidas estava afundando. Nem na ginástica ela conseguia mais se controlar. Eu, sinceramente, estava feliz com sua angústia, ela me dizia que os padrões estavam caindo para serem reconstruídos. A imagem do pai perfeito e da mãe estúpida derretiam, prontos para outra forma. A segurança dos treinos escorria para fora da trave e invadia outras partes da sua vida. Embora ela não entendesse que o caos era apenas uma etapa antes da ordem, eu sentia que todo aquele sofrimento era dor de crescimento e uma hora pararia.

– Não é normal, Theo. Agora vai dizer que tentar morrer é normal?

A pergunta me preocupou e quis saber se os pensamentos suicidas haviam voltado. Como pensamentos suicidas, eu me referia não à vontade de morrer, e sim à vontade de fugir e à culpa imaginária que Nina carregava. Ela acreditava ter sido culpada pela separação dos pais, pela crise no casamento do treinador filho da puta e sua esposinha de merda, e agora se sentia culpada por mentir para a mãe. Com culpa, Nina fugia, com culpa, ela desejava sumir, o que significava morrer. Me esforcei para que ela entendesse que não existia culpa.

– Não é justo. Isso não é justo! – Nina usou uma das máximas favoritas de Caio e de muitas outras crianças quando se julgam injustiçadas.

– Eu sei que não é justo e sei que você se pergunta exatamente isto: por que fizeram todas essas coisas comigo? O que eu fiz pra merecer? Eu era só uma menina, por quê? – E ela me encarou surpresa, mas aliviada. Sua reação me tranquilizou. Eu estava no caminho certo. – Nina, tente pensar que nada aconteceu para te punir, você não cometeu erro algum.

– Mas por que eu tô assim?

– Porque você está crescendo e entendendo essas questões. Porque isso pode trazer algo novo, ou mesmo a volta da normalidade, e isso te assusta, porque, mal ou bem, você conhece sua vida no caos.

– É. Tá tudo uma zona mesmo. Eu tô com tanta raiva dele. Eu nunca tive raiva do meu pai antes. É por isso que eu tô assim?

– Você já tinha raiva do seu pai, mas não se permitia sentir essa raiva.

– É por isso? Responde!

– Sim, e não tem problema nenhum em se sentir assim – respondi, e Nina começou a avaliar o pai, seu comportamento e principalmente o momento em que havia desejado mais do que tudo ir morar com ele.

– A mulher dele não quis, mas ele não fez nada. Depois ainda falou que se separou dela por minha causa. Três anos depois não foi por minha causa, não é?

– Não, Nina, não foi por sua causa.

Minha resposta surtiu o efeito de um passe livre para ela. Já que não era a culpada, o motivo só podia ser falta de amor. O pai não a amava e ela não

entendia como ele conseguiu esquecê-la. Sempre é muito fácil se depreciar e colocar no outro qualidades que não lhe pertencem. Pelo que ela me apresentara sobre o pai, aquele homem, em algum lugar, devia ter noção do mal que fizera à filha. O acordo mudo também devia latejar na sua memória, assim como o abandono e a fuga. Os dois se iludiam pela culpa, mas, no caso de Michel, a culpa era real, e talvez por isso ele tenha se afastado, por não saber ser devedor.

– Muito bonito, Theo, mas o que eu tenho com isso? Ele é meu pai, ele não devia ter deixado isso acontecer.

Ela estava certa, a responsabilidade não era dela, mesmo que ela ainda insistisse em afirmar que poderia ter feito diferente, não era sua responsabilidade. Se a mãe não viu as traições do pai, ela não era a culpada.

Fez-se um silêncio e ela me pareceu mais serena. O que aconteceu na sequência me emocionou, porque era uma evidência irrefutável de sua busca por si mesma. De dentro da mochila, Nina tirou um daqueles diários bem chamativos e cor-de-rosa, cheio de enfeites, e o abriu. Leu uma página de anos atrás, da época em que tudo havia acontecido. Ela escrevia para uma personagem imaginária, uma amiga que nunca responderia.

“Querida Hermione,” e fez um parêntese para mim:

– Você sabe, do Harry Potter, né? Eu adorava ela. Então...

“Querida Hermione, em primeiro lugar, desculpa, eu disse que ia conversar e não fiz, perdão. É que tanta coisa aconteceu e você sabe que eu só escrevo quando tenho alguma coisa importante pra falar ou desabafar. Só que agora eu não posso dizer o que é, e você deve achar estranho eu escrever para não contar nada. Mas eu vou te contar um dia. Eu juro. Enquanto isso, só queria te dizer que te amo muito, muito mesmo.”

Ela interrompeu a leitura e me encarou.

– Você escondia o seu diário?

– Não – ela baixou os olhos, mas quando me ouviu dizer que ela deixava o diário à mostra para que sua mãe o lesse, ela me encarou.

Nina sempre quis contar, mas não podia, assim como não conseguia falar com Isabel e, por isso, escrevia para ela, embora a chamasse por outro nome, o nome de uma personagem que adorava. Ela não tratava mal a mãe, Nina

tratava mal a si mesma, porque amava Isabel, mas se punia ao não se permitir ter uma relação saudável com ela.

– Pode ser. Sabe, Theo? Eu tô tão decepcionada com o meu pai. O que eu vou fazer agora? Eu tô com medo. Não quero competir.

– Sabe, Nina, na vida a gente ganha e perde, faz parte. Se você não ganhar no domingo, ninguém vai morrer e você pode tentar de novo. Ter medo é normal, todo mundo tem. Mas a gente não é só medo... Temos um monte de outros sentimentos dentro de nós. Pense nisso. Se você ficar nervosa na competição, lembre que todo mundo ali está com medo também, mas que você é maior do que o seu medo. Dentro de você também tem coragem, amor, força, talento, entende?

Nina assentiu, abrindo o primeiro sorriso da sessão. Eu sorri de volta. Ela me avisou que queria sair mais cedo, a mãe a esperava no carro e queria passear com ela. De repente, ela estava louca de vontade de passear com a mãe.

– Passear é algo de extrema importância. Por favor, não perca mais tempo comigo! – brinquei, e ela sorriu outra vez.

Antes de sair, me deu um abraço muito forte, e só então percebi o quanto eu precisava ser abraçado. Novamente Nina me emocionou.



Cansado do isolamento, fui caminhar. Retomar o velho hábito estava me fazendo bem. Andar sem rumo, deixando a cabeça esvaziar, me relaxava. Andei por horas e mesmo assim ainda sentia os pensamentos pesarem. Era hora de voltar. Tinha me afastado tanto de casa que até chegar era provável que minha mente estivesse mais tranquila. Olhei à minha volta e não conhecia o lugar. “Que maravilha, Theo. Você andou tanto que foi parar do outro lado da cidade”, reclamei comigo, o que já era um costume. A rua estava escura e lembrava algum pedaço distante da periferia. Não conhecia aquele bairro e me esforcei para recriar meu trajeto, o que foi inútil. Simplesmente não sabia como chegara ali. “Melhor pegar um táxi”, concluí, e nesse momento ouvi tiros. Dei um giro em torno do corpo, mas não vi

ninguém. Os tiros aumentaram cada vez mais e, pelo som, se aproximavam de mim. Precisava me esconder, sair dali, e me vi correndo pelas vielas desconhecidas, sentindo os disparos me alcançando. Desesperado, comecei a bater nas portas das casas, implorando para que me deixassem entrar. Ninguém respondia. Tive a certeza de que estava sendo perseguido. Alguém me caçava como um animal. Minha única alternativa era conseguir escapar. Por fim, me vi num beco sujo, uma cilada sem fuga.

– E aí, doutor? Sentiu a minha falta? – A voz atrás de mim me obrigou a virar lentamente.

Breno, era ele, mas sem rosto. O que devia ser sua cara era um buraco de sangue. Ele apontava uma arma para mim, eu podia me ver na mira dele.

Acordei, ensopado de suor. A única noite em que consegui pegar no sono com facilidade me presenteou com um pesadelo. Definitivamente seria prudente cancelar as sessões. A morte de Breno me perturbava em demasia, mas o medo me impediu de ficar sozinho. Respirei fundo, sentindo o meu corpo tremer e, com dificuldade, fui ao banheiro. Com a cabeça embaixo da torneira, deixei o jato de água fria acabar de me acordar, embora continuasse assustado com o significado do sonho.

Voltei para o consultório enjoado, e mesmo assim com fome. “Preciso comer alguma coisa”, decidi, achando que a comida me daria um senso de presença maior. Estava e não estava no meu consultório. Minha casca sentou no sofá, mas meu interior era oco. Levei uns bons minutos para sentir meus pés de fato no chão. Então resolvi enfrentar o dia, me ocupar e esquecer.

“Já é quinta-feira”, constatei, olhando a agenda. Com amargura percebi que Júlia continuava sem me responder.

– Bem feito, Theo – falei comigo.

No entanto, não me arrependia; não sentia nada ou não conseguia decifrar o sentimento. Naquele momento eu não tinha como distinguir coragem de incosequência, paixão de afeto, nada de nada. Nós, eu e Júlia, passamos de longe o limite da transferência, ultrapassamos até o limite do afeto que sempre existe entre o paciente e o terapeuta. E o que isso significava? O risco foi para livrar Júlia de uma situação mal resolvida? Quem esteve com ela esse tempo todo, eu ou o meu ouvinte presente? Ser cauteloso demais não

estava me ajudando em nada. Ter plena noção da minha fraqueza também não me ajudava. Eu continuava sem saber como agir.

Clarice abriu a porta com força. Entrou me fuzilando com os olhos e jogou na minha poltrona um cesto de roupas e o resto das minhas coisas que ainda estavam no banheiro. Se era pelo momento constrangedor que havíamos tido dias antes, era uma reação bem retardada, pensei.

– Só quero te pedir uma coisa, usa o banheiro aqui de baixo.

– Por mim, tudo bem.

– Voltou a falar? Que milagre!

– Clarice, por favor, acabei de acordar – menti.

– Pois eu não dormi! – reclamou, autoritária. Senti pena dela. Estava tão sem rumo quanto eu. Mesmo assim não pude conter o cinismo.

– Ficou escolhendo a próxima viagem? A África parece um bom lugar. É enorme, você vai levar um ano para conhecer tudo. – O rosto de Clarice se contorceu numa careta de choro.

– Você está doido pra se livrar de mim!

– Não. Você é que está – novamente invertendo os papéis e jogando na minha mão a decisão. O que ela precisava para assumir de vez que queria se separar de mim? Que eu desse uma surra nela? De repente se a enchesse de porrada, Clarice entenderia o quão abjeto era continuar num casamento que claramente não desejava mais.

– Eu estou fazendo o que posso pra salvar a gente! – Clarice gritou, vermelha. – E você nem fala comigo!

Ela desabou no chão como uma boneca de pano. Vê-la assim, descontrolada, não me irritou como de costume. Depois das declarações da nossa última sessão com Dora, eu só não entendia a sua reação. Salvar o quê? Ela mesma assumira que se perdera, que precisava se encontrar, ela não queria nos salvar, precisava antes de tudo salvar a si mesma.

– Tá me olhando assim por quê? Para de me analisar, Theo! Eu não sou uma das suas pacientes!

Clarice estava certa, ela sempre fez questão de deixar isso claro. Talvez por isso eu tenha parado de observá-la, porque era o que ela queria. Só que naquele momento eu não consegui parar – ela me parecia uma mulher na

meia-idade passando por uma grande crise pessoal, que precisava urgentemente encontrar sua verdade. Eu não a vi como mulher nem como mãe dos meus filhos; não a desejava, não a odiava. Só constatava com tristeza quanto a formação dela a impedira de ser feliz. A receita de como ser uma boa esposa e uma boa mãe tirou dela a iniciativa de tomar suas decisões. Ela não me empurrava a palavra final como uma afronta, e sim como um pedido. Mas será que eu queria mesmo me livrar dela?

– É isso? Não vamos conversar? Você vai continuar me ignorando? Ótimo! Muito bom pra você! – ela disse finalmente antes de sair.

Como meu dia tinha começado mal, o agouro se estendeu. Fui sofrível em quase todas as sessões. Eu devia ter cancelado tudo, mas sem o trabalho teria mais tempo para pensar na minha vida miserável e no falecido. Além de sair para fumar em todos os intervalos, passei o dia inteiro assaltando a geladeira. Estava voltando de um desses momentos quando, ao entrar no consultório, meu coração quase parou.

Breno estava deitado no sofá, com aquele sorriso safado, tão vivo quanto eu. Tive que me segurar na porta para não cair e ele se sentou, achando tudo muito divertido.

– Que foi, Theo? Parece que viu um fantasma. – A voz estava diferente. Não parecia a voz do Breno, mas eu não conseguia me lembrar de quem era. – Nossa, cara! Fala alguma coisa! – ele pediu, ainda achando tudo aquilo engraçado. Eu fechei os olhos, repetindo meu novo mantra:

– Para, Theo! Você não está paranoico! – e era verdade, porque quando abri os olhos João estava rindo solto da minha cara. Ele havia entrado enquanto eu estava me entupindo de macarrão gelado.

– Ana não vem – ele anunciou, e novamente tive que explicar a regra da terapia de casal. Só que não era necessário, eles estavam de acordo.

– E como você está? – João deu aquele risinho “pergunta-mais-babaca-hein-Theo” e me contou que havia largado Ana. Assim que soube da traição, mesmo com o arrependimento da mulher, ele não pensou duas vezes e deixou tudo para trás. Com inveja, muita inveja de João, eu perguntei como ele tinha conseguido fazer isso.

– Ela me traiu. Precisou me trair. Quer motivo melhor?

Para João e para a grande maioria era o motivo perfeito, “menos para o Theo”, pensei. A turbulência de pensamentos pessoais veio com tudo e sem a mínima intenção de me dar uma trégua. Ele a amava e mesmo assim havia ido embora. Eu não amava Clarice, mas não conseguia me desligar dela. Que inferno!

– É isso. Eu vou precisar de você. Pode ser? – De repente a voz de João me chamou a atenção.

– Deixa eu entender, você quer que eu... – Ele precisava repetir porque eu não ouvira nada do que ele disse.

– Que você fale a meu favor. No tribunal, Theo! – ele repetiu, impaciente.

João, além de se separar, queria a guarda do filho e, de quebra, uma receitinha de ansiolíticos. Qual o problema das pessoas? Quantas vezes eu preciso repetir que psicólogo não prescreve? Você quer remédio, vai num psiquiatra, mas fique sabendo que a maioria dos casos não se resolve só com uma pílula. Aliás, nem se pode tomar metade desses controlados por tempo indefinido. Quimicamente ajuda – e para certos pacientes é vital –, mas, sem o entendimento, de que serve? Para o entendimento, a terapia é o remédio.

– Lutar pelo seu filho à base de medicamentos não me parece favorável – respondi, e ele rebateu que, mesmo sem concordar, eu podia indicar um colega.

Fiquei curioso. Se esse era o objetivo da sua vinda, ter me ligado surtiria o mesmo efeito.

– Sabe que ela caiu no sono? Assim que a gente saiu daqui, a gente foi pra casa e ela foi direto pra cama. Desmaiou. Porra! Como é que alguém consegue dormir nessa paz, depois do que ela fez? Foi isso que me fez ir embora.

Esse era um motivo ainda melhor e que eu também compartilhava com João. Eu tinha visto Clarice dormindo, só que não fui embora.

Em terapia de casal, geralmente conhecemos os indivíduos primeiro, para depois chegar na dupla. No caso de Ana e João, isso não havia sido feito, e me pareceu importante descobrir um pouco mais sobre ele.

Conforme João me falava de sua vida, constatei mais uma vez a dimensão do seu amor por Ana. O tanto a que ele se dispôs para não perdê-la. O ator

mixuruca era filho de intelectuais. Frequentara boas escolas e tinha uma cultura acima da média. Era muito sensível e carente. Ter nascido numa família de brilhantes foi frustrante. Muita teoria e pouca prática, valorização exacerbada do saber e um esquecimento do sentir. O pai arrotava cultura e a mãe o idolatrava. Segundo João, ela vivia estudando e se atualizando para estar à altura do marido genial. Mesmo assim o pai a via como inferior à sua inteligência suprema, dado que a mãe não percebia.

– Ela era bem melhor do que ele, mas o professor doutor nunca deixou ela se tocar da real – ele riu sem alegria.

Adorava a mãe, que adorava o pai, que adorava a si mesmo. No fim da lista e sem ser o preferido de ninguém, João queria uma família amorosa pelo menos uma vez na vida. Num gesto ostensivo, ele pegou um comprimido do bolso e engoliu.

– Tá vendo, Theo, nada de mais. Eu já tô tomando um doido de hospício. Pode indicar o amiguinho, que calmantes não são novidade pra mim.

Mas eram para mim. Não sabia desse lado de João. Pelo seu relato, os pais o achavam muito agitado e fizeram o que eu considero deplorável: medicaram o filho. João passou mais da metade da adolescência anestesiado.

– Isso deixou os seus pais mais tranquilos?

– Acho que sim. Pelo menos quando eu ia em casa nos fins de semana, eles não pegavam no meu pé. – Ainda tinha esse detalhe. Eles o colocaram num colégio interno.

– E depois dessa experiência, você ainda acha que um remédio pode te ajudar?

– Pode me dar um gás. Eu preciso ser forte agora. Não vou deixar o Dani com ela. Não posso deixar ela transformar o meu filho num banana. E, além do mais, a Ana não tem condições de ser mãe. – “Agora você diz isso”, pensei. João tinha uma lista de motivos para tirar o filho da mulher, mas o principal era salvar Daniel.

– E quanto a você? Me parece que você também quer se salvar – eu disse.

– Eu sou um caso sem solução. Joguei minha vida no lixo – é, ele estava bem animado em prosseguir com o papel do fracassado. Do que adiantava se livrar de Ana se ele mantivesse a mesma postura?

Às vezes o terapeuta tem que agir como um técnico de futebol ou de qualquer outro esporte. Ele tem que inspirar, incentivar o atleta; no caso, o paciente. Lógico que ninguém sai gritando: “Você vai vencer!” É mais sutil, como um resgate delicado da motivação pessoal do paciente. Me parecia que João precisava se lembrar dos seus sonhos.

– O que eu queria ser quando criança? – ele devolveu minha pergunta. – Ladrão. Tô brincando. Eu queria ser peão de rodeio! Achava o máximo! Acabei virando ator, mas nunca peguei um papel desse.

– E você gosta de ser ator?

– Gostava.

A partir daí, por mais que eu dissesse o quanto ele era novo e o tanto que ainda poderia fazer, João estava convencido de que não teria sucesso. Depois que o filho nasceu, havia parado de investir em si mesmo e agora era tarde demais.

– A culpa é dela! Destruíu a minha carreira e deu pro primeiro riquinho que apareceu. – “Não, meu amigo”, eu pensei, “*you* acabou com a sua carreira”. Você se colocou em segundo lugar. “Chega de autocomiseração!” Se eu fosse um amigo pessoal e estivesse tomando um cerveja no bar da esquina, essa seria a frase perfeita. Mas não era o caso.

De repente as luzes se apagaram completamente. Me levantei e fui até a janela. A rua estava às escuras. Tive que sair para ver o que tinha acontecido. Estavam consertando alguma coisa no quarteirão, mas os técnicos me falaram que iam religar. Devo ter ficado uns 10 minutos do lado de fora e, quando voltei, João estava imóvel. As luzes voltaram e eu pude vê-lo melhor. Ele parecia ainda mais triste. Sentei diante dele e perguntei qual era o real motivo de ele ter me procurado.

– Porque eu queria a sua ajuda pra ficar com o Dani.

– E pra tomar remédios.

– Eu mal fico de pé, Theo. Eu preciso de ajuda!

– Mas eu não acho que seja desse tipo de ajuda. João, você continua se colocando no papel do perdedor e, ainda por cima, é pessimista, nada mais vai dar certo. Ouço você dizer que a sua carreira acabou, a sua vida foi inútil e que a única coisa que dá pra fazer é tentar salvar seu filho. Discordo de

– você. Ter uma família, uma carreira, ser feliz... São bons sonhos, valem a pena.

– Mas eu não vou conseguir!

– Se você não tentar, não vai mesmo. Você não é mais o adolescente que precisava ser dopado para ser aceitável, você não é mais o marido que tem que ser outra pessoa para a mulher amar, você pode ser você e lutar pelo que quer. Eu acredito que, se isso acontecer, a Ana vai ficar feliz, porque no fundo ela quer isso. Vocês vão poder se reconciliar.

– Cacete, Theo! Nós estamos separados! Acabou!

– Eu não sinto isso.

– Qual é o seu problema? Você quer que eu diga como a terapia foi fundamental para me separar da Ana? Eu faço até um documento, reconhecido em cartório, mas para de malhar em ferro frio! Eu não entendo por que você quer tanto salvar esse casamento.

A frase me pegou com um gancho. De que casamento eu estava falando? Droga! Eu devia ter parado de atender esse casal. Eu estava misturando tudo.

As luzes se apagaram de novo, mas não tive ânimo de procurar saber o que tinha acontecido.

– Você tá com algum problema, Theo? Tá tudo bem na sua vida? – João indagou e eu dei graças a Deus por estarmos no escuro.

“Não, João! Minha vida tá pior do que a sua! Ana pelo menos te ama. De um jeito estranho, eu sei, mas te ama! E eu? Minha mulher tá em crise, eu tô em crise. Sabia que eu não devia te atender? É isso aí. Eu não estou em condições de atender um casal em crise! Mas como bom terapeuta que eu não sou, eu insisti! Tá satisfeito agora?” Teria sido tão bom descarregar meu medo em João. Mas também não seria justo com ele.

– É que... Um paciente meu faleceu esta semana – eu falei finalmente.

– Porra... Que merda – ele respondeu e, levantando-se, completou: – Não pira com isso, não. Todo mundo morre um dia. – E foi embora.

Sozinho no escuro eu quase me arrependi de não ter segurado João ali até as luzes voltarem. Diante da possibilidade de ver Breno de novo, preferi fumar um cigarro na calçada.



Já era patética a minha insistência em falar com Júlia. Pela total ausência de retorno, eu já deveria ter entendido o recado.

– Tudo perdido por um descuido – murmurei.

Mulheres, sinceramente, sempre se melindram por quase nada. E daí se eu perguntei do carro dela? Podia ser verdade a minha desculpa. Qual o problema de me encontrar lá? Sentar ao meu lado dentro de um carro era prova de amor?

Eu não sabia mais como aguentar a pressão daquela situação. A morte de Breno me afetara imensamente e depois de encontrar seu pai, me manter de pé era cansativo.

– Meu paciente é que era uma rocha – eu falava sozinho, parecendo o maluco que mora do lado do bar do Hugo.

Cambaxirra era o nome do sujeito. Sempre achei peculiar o apelido dele, nome de uma ave. Bem, livre ele era, podia ir aonde quisesse, embora passasse o dia todo dando voltas no quarteirão, falando sozinho de forma quase solene. Cambaxirra era uma ave de gaiola, não sabia voar. Eu devia ter desaprendido a arte do voo e por isso a fresta na porta da minha gaiola me assustava. Jurei a mim mesmo que era a última vez que ligava para ela. Daquela vez nem esperei cair na caixa postal e desliguei antes. Existia a possibilidade de Júlia estar com saudades, mas fazendo uma cena, ou já poderia estar com outro homem, rindo do coroa que se apaixonara por ela. Qual era a dimensão desse sentimento? Eu a desejava, com certeza. Do resto eu já não sabia mais. No fundo, eu me sentia um transgressor por não ter visto a minha mulher murchar como um balão de festa do meu lado. Se fosse câncer, Clarice teria morrido e eu só teria me dado conta no velório. Como eu podia afirmar que amava alguém se eu não conseguia enxergar esse alguém? E se Júlia também mirrasse até se esfacelar?

Para premiar o dia, meu último paciente faltou e, como ainda faltava um bom tempo para a sessão com Dora, acabei sem ter o que fazer. Entrar em casa não me animava. Para que gastar meu latim sozinho com Clarice se podia fazer isso com a supervisão de uma profissional? Decidi deixar a

discussão para Dora e fiquei na minha sala. “Breno, Breno, dessa vez você caprichou na surpresa.” Eu não conseguia tirá-lo da minha cabeça, mas pelo menos não estava mais alucinando. O nome da mãe dele me veio à memória, Jadwiga, outro nome peculiar. Não fazia ideia do que significava, mas tinha tempo e pesquisei. É, era polonês mesmo, nome de rainha e de santa. “Ah, o equivalente a Edvigés em português”, constatei, entendendo por que haviam mantido o nome no idioma de origem. Edvigés era pavoroso, mas o significado era lindo: refúgio na guerra – uma coisa que eu gostaria de ter tido naquele momento.

Quando finalmente deu a hora de irmos para Dora, procurei Clarice e a encontrei estatelada no sofá com o roupão desbotado que eu odiava.

– Você ainda não está pronta?

– Pra quê? – ela respondeu perguntando.

– Nós temos hora na Dora. Esqueceu?

– Eu não vou. Não preciso mais de terapia, Theo.

– O quê? – perguntei, com vontade de matar aquela mulher.

– Você mal fala comigo a semana inteira e agora quer ir para a terapia de casal? Pra quê? Eu já disse tudo o que eu tinha para dizer. Não sei de nada, não quero saber agora, me dá um tempo! Mas não, você quer uma resposta agora! Tudo tem que ser sempre como você quer, nunca como eu quero. Cansei, Theo.

Me ignorando, aumentou o volume da novela de merda que estava vendo e deitou no sofá, bocejando.



A semana em que Clarice estava viajando com o amante tinha sido a única em que entrei no consultório de Dora tranquilo. Tudo bem que saí desarvorado, mas a chegada foi pacífica e totalmente diferente da maneira como cheguei naquela sexta.

Sabia que a primeira pergunta seria sobre Clarice e, assim que pus os pés na sala, contei a novidade e fui ao banheiro. Ao voltar, ela ainda permanecia no mesmo lugar, como se eu estivesse muito acelerado e ela, no tempo

normal. Eu estava mesmo acelerado e dispensei o papinho educado que Dora adora jogar fora em toda sessão. Não podia me dar ao luxo de perder um minuto, precisava dos cinquenta. Se Clarice a dispensou, eu não era tão autossuficiente, nunca tinha sido.

– Foi isso. Ela não precisa mais. Tá vendo, Dora? Ela não pensa em nós, só nela. Eu nem toquei no assunto da morte do Breno com ela. A gente mal se falou essa semana – desabafei, omitindo que eu evitara falar com Clarice durante toda a semana. Dora, que até então não tinha dito nada, resolveu me dar os pêsames pelo paciente, como se Breno fosse um parente. Aquilo me irritou. Não existe nada mais frio e impessoal que essas condolências formais. No enterro da minha mãe, cada vez que alguém me dizia “Meus sentimentos”, mentalmente eu mandava se foder.

– A polícia acha que ele se matou. Fizeram até um relatório, bem preciso e bem claro. Ele se expôs propositalmente ao perigo, leia-se, suicídio. E de quem é a culpa? Minha!

– Por que você acha que a culpa é sua? – Dora me perguntou, com toda a sua fleuma.

– Hora de esclarecer a Dora! Porque eu era o terapeuta dele e eu sabia que ele não tinha condições de voltar à ativa e não o impedi. Entendeu agora ou quer que eu desenhe? – Ela não respondeu. Só me lançou aquele olhar “menino mau” e eu me desculpei. – Perdão, Dora, mas eu não consigo parar de pensar que devia ter sido mais enérgico, ter me intrometido e determinado que ele ficasse em casa.

– Determinado? Theo, nosso trabalho não é mandar nos pacientes.

– No caso de Breno, isso teria sido de grande ajuda. O pai dele disse tudo. – Dora levantou as sobrancelhas como só ela conseguia fazer, curiosa sobre o pai de Breno. – É, eu fui ao enterro e ele veio falar comigo. Depois me ligou e acabou indo ao consultório.

– E como foi?

– Foi maravilhoso. Gente fina. Acho que vou chamar ele para ver um jogo comigo... Faça-me o favor, Dora. Foi horrível ver aquele homem durão se segurando para não desabar e me acusando, indiretamente, mas me acusando, de ter ajudado o filho dele a morrer.

– Você sabe que isso não é verdade.

– Será? Antônio, é o nome dele, ele me disse que um atirador é treinado para agir, e não pra ficar pensando no eu interior. Que a terapia havia deixado o Breno vulnerável e ele decidiu pensar na vida na hora de uma ação, por isso morreu.

– Theo, você entende que este senhor está de luto, não entende?

– Claro que entendo, Dora. – Quem ela achava que eu era? Um idiota? Era uma boa pergunta, mas não era sábio irritar a Dora, eu precisava dela. Então prossegui. – Mesmo assim eu me sinto culpado. Eu ataquei o Breno, tive ódio dele, ciúme. Não fui o melhor terapeuta do mundo, se é que você me entende.

– Entendo, mas você não é o dono do destino. Mesmo que você tivesse sido impecável, você não teria sido capaz de evitar o que aconteceu.

– Então o nosso trabalho serve pra quê? Pra ficar sentado numa poltrona confortável? Não significa nada? – eu esbravejei.

– Por que você está com tanta raiva? – ela me perguntou e eu não respondi.

– De quem, Theo? – Dora indagou. “De mim!”, eu devia ter dito, só que citei uma lista imensa de nomes que não incluía o meu. O cansaço me abateu de novo.

– Dora, eu... essa semana eu vi o Breno. Era outro paciente, mas eu juro que vi o Breno. Eu sonhei com ele, fiquei com medo o tempo todo, achando que ele estava me observando. Não tirei isso da cabeça. Não consegui falar com ninguém, com a Clarice muito menos. Voltei a fumar, tô parecendo uma chaminé... Acabei com duas garrafas de uísque. Eu tô esgotado, Dora. – Me curvei com a pressão que parecia aumentar como um enjoo. – Não tô bem, tô me sentindo mal – eu falei, jogando todo o peso do tronco sobre minhas pernas. Dora correu e me trouxe um copo d’água. Bebi lentamente. Não tinha nem forças para engolir tudo de uma vez. Enquanto eu me aplicava para parecer mais sereno, Dora mandou uma das suas pérolas de sabedoria. Era uma coisa bem no estilo para-choque de caminhão: “Em um momento de real perigo, o indivíduo sábio confia nos fatos, e não em seus sentimentos”, ou era instinto? Enfim, a mensagem implícita era: não viaja.

– E você acha esse um bom conselho na nossa profissão? Lidamos com sentimentos, mas não podemos confiar neles? Eu discordo completamente. Agora seria um excelente momento pra seguir minha intuição. Ir pelo que eu sinto, e não pelo que sei.

– Por que você diz isso? Você acha que confiar nos fatos não está te ajudando?

– Não! Nem um pouco, Dora! – Esperei por uma réplica, mas ela só me observava. – Põe pra fora. Eu sei o que tá passando pela sua cabeça, não precisa negar, Dora. Eu sei que você deve estar pensando que isso é mais uma etapa do meu plano para ficar com a Júlia. Que depois de me mostrar exausto com os pacientes, inerte no casamento, esgotado, em contratransferência, descontrolado, atacando quem eu devia tratar, agora eu concluo que a psicologia não serve pra nada. Ou seja, eu sou muito maquiavélico e estou aqui há dois meses, perdendo meu precioso tempo pra tirar um consentimento de você, para obter a alforria e dormir com a minha paciente.

– Você inventou uma Dora que não existe. Eu não toquei no assunto. Me parece que isso é um questionamento seu, Theo. Você está se perguntando se fez tudo isso para ficar com a Júlia, não eu.

– Claro, sou sempre eu. Sou eu quem estou mofando num consultório sem vida, me remoendo de arrependimento porque não abracei o amor quando ele sorriu pra mim.

– Você está projetando, Theo – ela sentenciou de cima do seu trono.

– Não estou. Foi você que preferiu ficar num casamento falido a enfrentar a vida. – Dora baixou os olhos, visivelmente perturbada. Eu já não tinha mais nada a perder. Ia descarregar tudo o que sentia por ela e que se danasse o mundo. – Todo mundo sabia que o Gabriel era infiel. Nossa! Ele era insaciável. Não tinha o mínimo respeito por você e, mesmo assim, quando o Jorge apareceu, você fugiu e preferiu ficar protegida com as suas teorias. – Eu fui agressivo. Eu sentia, mas não entendia claramente a razão. Era uma necessidade irrefreável. No entanto, ver Dora aturdida diante de mim não aplacou em nada a minha angústia, e o que ela me disse logo depois foi a revelação mais constrangedora que eu presenciei. Não por sentir vergonha

de Dora. Eu senti vergonha de mim. Dora afirmou que sempre soube das traições do marido, mas que o amava tanto que isso não importava. Que desejou o Jorge, quis muito dormir com ele, mas entre se aventurar e arriscar o seu casamento, ela não pensou duas vezes. Depois da morte de Gabriel, ela reencontrou Jorge e, mesmo livre ao lado dele, com o seu amor ao seu alcance, Dora não sentiu nada.

– Eu faria tudo de novo, Theo. Exatamente igual. Gabriel foi o grande amor da minha vida. Eu sou humana, embora você não acredite. Eu quis dormir com o Jorge, muito, mas não o fiz e não me arrependo. Pare de se comparar a mim. Somos diferentes, todos nós. Você me pinta como uma mulher sem sentimentos, fria, seca. Eu posso parecer distante, Theo, mas isso é uma defesa. Sou muito mais emotiva do que pareço. Se eu não me protegesse, nunca teria sido psicóloga. Eu também tenho muito afeto pelos meus pacientes, mas sei o meu lugar. De repente nem sou uma boa terapeuta. Eu não tenho certeza de nada mesmo, mas eu te peço: nunca mais toque no nome do Jorge na minha presença.

Ficamos em silêncio e bruscamente Dora se levantou, encheu um copo de água e o bebeu de uma vez, sôfrega. Nunca me senti tão terapeuta. Apesar de ter duvidado de todas as regras e teorias da profissão, não pude deixar de me levantar e ir até ela.

– Você está bem? – perguntei, num sussurro.

Ela assentiu e, tomando fôlego, me encarou:

– Por que o meu consentimento é tão vital para você?

Eu poderia ter dado mil motivos, mas me faltaram palavras e Dora me olhou, vencida.

– Essa mulher insensível e morta que eu sou é o que te impede? Você acha mesmo que eu sou sua inimiga? Você é o seu maior inimigo, Theo, não eu. É a Júlia o seu objetivo? Tudo isso é para que eu desista de lutar por você, embora você tenha me pedido? Eu não gostaria que você fizesse algo de que pudesse se arrepender, mas se essa mulher é tão importante, fique com ela, Theo. Jogue tudo pro ar e se entregue, mas saiba que é um caminho sem retorno.

Nem ela conseguiu me segurar, nem a pitonisa da terapia, a macaca velha dos consultórios. O peso evaporou e instintivamente agradei.

– Obrigado, obrigado, mil vezes obrigado.

– Agora me deixe sozinha, por favor – ela pediu.

Sem poder negar a Dora sua solidão, me retirei.

DORA AGUIAR

Avaliação: Oitava sessão

Data: 23 de novembro de 2012

Pacientes: Theo Cecatto - psicólogo e terapeuta. 56 anos

~~Clarice Cecatto - assistente social. 46 anos~~

Clarice não voltou. Theo chegou muito acelerado e nervoso. Um dos seus pacientes se suicidou e isso o perturbou, até porque era o paciente que havia se relacionado com Júlia.

Não me disse se mantém contato com a ex-paciente, mas acredito que sim. Com tantos assuntos, Theo apenas me atacou e atacou nossa profissão. Projetou o tempo todo em mim. No fundo acredita que tudo o que fez foi para ficar com Júlia, mas precisava do meu aval.

Sessão muito difícil. Tive que me posicionar como pessoa para que ele parasse de me atacar por defendê-lo. Tive que esclarecer o caso do Jorge. Tenho certeza de que a paciente não o ama, é só uma transferência. Mas o aconselhei a ficar com ela. Infelizmente Theo terá que aprender com o erro.

Depois de hoje, não acredito que o atenderei novamente. Não tenho mais condições para isso.

N O N A S E M A N A . . .

“Não estaremos preparados para a abundância, para o universo seguro, enquanto não formos postos à prova – por nós mesmos –, realizando nossas jornadas.”⁹

CARL S. PEARSON

Serenidade.

Me senti finalmente aliviado.

A sombra de Breno não me perseguia mais. Parecia ter se convertido na minha própria sombra. Será que todos nós não esperamos que alguém comande a nossa vida? A permissão de Dora foi a última barreira. Meu caminho ficou amplo. A própria psicologia se estendia em um espaço infinito. Eu não precisava deixar de ter fé. Só precisava encontrar a seita mais apropriada para mim. Existiam outros como eu, terapeutas menos conservadores e dogmáticos. Talvez me juntasse a eles. De repente tudo era possível. Embora Júlia permanecesse fugindo de mim, eu não tinha mais medo – tampouco tinha certeza, eu sabia que era para ser.

Hugo ficou radiante em me ver e até me ofereceu uma por conta da casa. A cerveja gelada desceu como um banho de descarrego. Não era nem meio-dia, mas era sábado. Clarice estava novamente na casa da mãe, chorando ou me difamando, não me importava mais. Estivera indeciso e perdido por tanto tempo que escolher uma rota, optar por uma vida – mesmo que fosse incerta – eliminou a minha angústia. Tomar decisões, erradas ou não, nos move para a frente. Eu sempre pensei nisso e na forma como as pessoas tomam as decisões também; sempre considerei o quanto esse ato dizia do

seu agente. Fui passivo demais, permaneci um tempo infinito sem ousar e, mesmo que estivesse dando um único passo, eu precisava dele.

Meus filhos assimilaram meu comportamento eremita e se entocaram em lugares distantes. Malu foi fazer um curso, Caio estava na casa de um amigo e Rafael avisou que não podia nos visitar naquela semana.

“Como as pessoas livres se comportam?”, me perguntava, observando os frequentadores do bar. Seria bom pesquisar e me preparar para a nova vida, mas não existe workshop com essa finalidade. A sessão com Dora me deu o que pensar. Eu era mais egocêntrico do que imaginava e não era somente com relação à família, como Clarice sempre insinuara. Convivi tanto com Dora, preocupado com suas opiniões sobre mim, sempre eu, que nem percebi o poço profundo que ela era. Pedi outra cerveja e olhei novamente à minha volta, tentando cristalizar uma panorâmica do local e de seus personagens, olhando por cima, como se tudo e todos fossem uma simples fotografia, uma superfície que pode dar asas à imaginação, mas que não expõe as camadas de verdade sobrepostas.

Na quarta cerveja achei que era hora de ir. A ideia de me acomodar por ali e ter que sair carregado não me pareceu a melhor opção do dia. Do lado de fora acendi um cigarro sem culpa. A isenção era uma sensação estranha. A angústia e a preocupação não faziam falta, mas deixaram um espaço vazio em mim. Comecei a caminhar com calma. Era um dia tranquilo e não tinha pressa. Até o ar estava diferente, melhor. Respirar estava diferente. O ar me invadia sem obstáculos, nostalgicamente me lembrando do tempo em que a sensação não era uma novidade.

A placa de “aluga-se” era bem discreta e mal dava para ver. No entanto, as letras vermelhas captaram meu olhar. O prédio era antigo, a conservação não era das melhores – achei charmoso justamente por isso. Cogitei quanto seria o aluguel sem intenção nenhuma de perguntar, mas acabei entrando.

– Tá pintado, elétrica nova, prontinho pra morar – o corretor garantiu. O cliente que marcara de ver o apartamento não apareceu e meu desejo de conhecer o imóvel foi bem recebido por ele, que pelo menos não perdeu seu tempo.

O impulso veio de repente, sem aviso algum, e me vi afirmando para o homem que queria o imóvel. Trocamos cartões e fiquei de mandar a documentação. Simples assim. A espontaneidade me provocou um acesso de riso. Voltei para casa gargalhando como se fosse o louco Cambaxirra, sem dar a mínima para as reações dos outros. Na verdade, até gostando de vê-los rindo de mim, comigo, mesmo sem saber por quê.

Agir instintivamente era viciante, quase um retorno para o natural. “Por que nos condicionamos a ponderar tanto?”, me perguntei sem me ater ao questionamento. Ponderar seria regredir. Tentei contactar Júlia mais uma vez. Sua voz na caixa postal não me entristeceu e me permiti deixar um recado sincero:

– Sou eu, Theo. Eu preciso te ver. Quero muito te ver. Por favor.



O que levar para uma nova vida? As caixas que me cercavam ainda estavam vazias e fiquei indeciso se deveria carregar o passado comigo. Se retornasse, seria um trabalho duplo. Levar só a parte boa me faria reencontrar as más lembranças se voltasse. Dentro de mim, nada era definitivo, apenas o afastamento. Clarice manifestou o desejo de solidão e ela não estava de todo errada. Poderia ser um recomeço. Não terminar efetivamente, e sim nos permitir esse momento a sós. Para que a pressa em colocar uma pedra num relacionamento de tantos anos? Com a minha saída, ela também poderia refletir. Não era isso o que Clarice queria? Concordei comigo mesmo, convencido da nobreza do meu gesto e, assim, embrulhar os objetos mais queridos se tornou até prazeroso.

A tarefa me ocupou pelo restante do fim de semana e na segunda eu me considerava no meio do caminho. Selecionando livros e objetos pessoais é que me dei conta do acúmulo que me cercava e do excesso de coisinhas sem nenhuma utilidade que mantive por décadas. Enchi dois sacos grandes de lixo com zero de remorso. A movimentação não usual atraiu Clarice, mas sabia que uma hora isso aconteceria. Quando ela entrou, não me surpreendi.

– Fazendo faxina? – ela perguntou, ressabiada.

– É.

Olhando uma das caixas, pegou o primeiro barco que eu havia comprado para a minha coleção.

– Você vai dar? Não é o seu favorito?

– É, mas eu não vou me desfazer dele.

– E por que ele está aqui? – Clarice indagou, analisando o conteúdo das outras caixas.

– Eu achei melhor ir para outro lugar. Por um tempo.

– Você está saindo de casa? Tá fugindo? – Pelo tom de voz acusatório, ela não esperava. Parecia que meu plano macabro era abandoná-la na calada da noite, sem ao menos deixar um bilhete na porta da geladeira, ou sair para comprar o jornal e desaparecer. Isso seria fugir.

– Clarice, só estou fazendo o que acho que é o melhor agora. Pra mim e pra você.

– Pra mim? Não insulta a minha inteligência, Theo. Como sempre, você só pensa em você.

– Se não me engano, a ideia de viajar, tirar um tempo para pensar era sua. Quem arrumou um amante e viajou, fugiu, foi você.

– Vai pro inferno!

– Clarice, eu não te entendo.

– E quando você me entendeu? Já deu entrada no divórcio?

– Não. Eu não estou me divorciando de você.

– Claro. É só um tempinho, que vai se estender até não ter mais volta.

– Nós precisamos disso agora – rebati com calma, convicto do que dizia e, nesse momento, meu celular tocou.

– É o seu advogado? – inquiriu e, ao olhar no visor, vi que finalmente Júlia me respondia. Sem poder atender, encarei Clarice e balbuciei um não.

– É uma pessoa que você não pode atender na minha frente. Eu devo mesmo ter cara de imbecil – riu, debochada, e depois se aproximou de mim, com o olhar de quem roga uma praga. – Quer saber? Eu quero mais é que você se foda! Vai pro inferno! Seu desgraçado!

Esbarrando nas caixas, Clarice saiu. A incapacidade de compreendê-la me abateu.

– Ela me traiu, disse que precisava de um tempo, que não sabia se queria continuar casada; abandonou a terapia porque nosso caso não tinha solução e reage assim? – perplexo, eu falava sozinho. – Que merda que essa louca quer de mim?

Sem conseguir concluir nada, fiquei ainda mais tranquilo quanto à minha decisão. A convivência nos transformara em estranhos, vizinhos desconhecidos que elucubram sobre o outro sem certeza. O afastamento poderia resgatar a lembrança do que havíamos sido um dia. Se resgataria nosso casamento, já era outra história. Liguei para Júlia, certo de que ela atenderia, o que não aconteceu. Deixei outro recado e, se precisasse, deixaria mais mil.



Ter desmarcado os pacientes de terça foi sensato. Passei a noite toda na triagem, o que fica, o que vai, o que é lixo. Cochilei quase de manhã, mas não consegui adormecer realmente. Meu cansaço sempre perdeu para a luz do dia. Mesmo na exaustão, o máximo que conseguia eram uns minutos de sono e logo despertava. Meu consultório era um lago de caixas, mas até o dia seguinte estaria em ordem; complicado seria o quarto. Clarice se trancou lá dentro, sitiando o armário. Esperava que até a data da mudança ela saísse. Só 15 minutos. Esse tempo seria suficiente para acabar de fazer a mala.

– Malu! Espera! – A voz de Clarice me indicou que o quarto estava livre finalmente.

Decidi arriscar, mas parei no meio do caminho. Ela conversava com Malu, na cozinha. Falavam baixo e rápido, discutiam. Por mais que me esforçasse, só consegui pescar uma ou outra palavra, que sem o todo não tinham serventia. Os soluços de Clarice também vazavam. Fora esse dado irritante, não descobri nada. Ainda aos prantos, Clarice subiu, voltando para o quarto e me deixando sem escolha; retornei para o consultório. Assim que fechei a porta atrás de mim, meu celular tocou. Era um número desconhecido e todo o meu corpo desejou ouvir a voz de Júlia.

Nina estava radiante. Foi primeiro lugar nas eliminatórias e queria me contar. Apesar de não ser a ligação que esperava, me alegrou muito sentir felicidade nas palavras de Nina.

“Se pelo menos ela me ligasse de volta”, pensei, de olho no celular e – destituído de pudor – ligando novamente para Júlia. A gravação já se habituara a falar comigo. O trabalho ainda por fazer no consultório me encheu de preguiça e deitei no sofá. Eu não estava indo embora para sempre como Clarice insinuara. O afastamento era temporário, embora não soubesse ainda quanto duraria. Dois meses? Seis? Um ano, no máximo? Tudo era possível. Bocejei, sentindo os olhos arderem. E se Clarice gostasse da separação? Se arrumasse outro homem? Pior: e se meus filhos gostassem desse homem? Ainda assim eu poderia voltar? Era muito egoísmo da minha parte, mas, na minha ausência, desejava que nada mudasse. Torcia apenas para que sentissem minha falta e, se existisse um retorno para mim, que me acolhessem como o filho pródigo, sempre perdoado.

Em algum desses pensamentos, adormeci.

(Apesar de não conhecer aquela casa, sabia a quem pertencia. Pelas janelas, um céu albino derramava sua luz desbotada. “Estou sonhando”, pensei. Embora não ventasse, era audível o canto do vento, assobiando um chamado que me guiava de cômodo em cômodo. “Estou em outra vida”, reconsiderarei, ao entrar num corredor familiar. No final, duas portas frente a frente; uma à direita e outra à esquerda. Diante de mim, uma parede. Mesmo assim segui em frente, até que a porta da esquerda se abriu e o canto era a voz de Júlia. Parei na entrada do quarto e lá estava ela, mais linda do que me lembrava e, como em todos os nossos momentos marcantes, de negro. O sobretudo escuro a destacava no cenário pálido. No entanto, Júlia se livrou dele e seu corpo passou a ser a única cor. Ela me chamou daquele seu jeito lânguido e com um passo me decidi. Uma parte de mim se aproximou dela enquanto outra parte recuava pelo corredor, com medo de nos olhar. Mentalmente dei adeus à minha metade medrosa e a abracei, sentindo meu sangue voltar a circular. Nos beijamos e, ansioso, deslizei minhas mãos sobre ela.)

– Acorda! – O rosto de Malu estava a dois dedos do meu. A transição entre o rosto de Júlia e o de minha filha me provocou um mal-estar. Malu ria,

divertindo-se com a minha desorientação, que, na verdade, era medo de estar com uma ereção diante dela. Sentei e cruzei as pernas, me fiz de aborrecido.

– Poxa, filha. Quando eu consigo dormir você me acorda?

– Eu não quero que você durma. Quero você aqui, na realidade. – Ela espiou as caixas e me encarou: – Baixou a dona de casa?

– De vez em quando é bom arrumar as coisas – menti.

– Sei... Tava sonhando com o quê? Uma viagem?

– Não. Eu acho que não estava sonhando. Nem lembro – menti de novo.

– Quando a gente sonha com viagem quer dizer o quê? Desejo de mudança?

– Malu, isso é uma definição bem vagabunda. Tem que avaliar o sonho num todo.

– Entendo – ela disse e me encarou de uma forma que me deixou desconfortável. – Se você tava sonhando com a Júlia pode me contar.

– Como?

– Minha mãe me falou tudo – Malu disse, sentando ao meu lado. Aquela vaca da Clarice tinha feito o quê? Contado como para a Malu? Sinceramente, eu estava coberto de razão de ir para bem longe dela. Quando ela estava dando direto para o amante, em momento algum eu falei disso ou usei essa informação para chantagear os nossos filhos e, na primeira oportunidade, a rainha do melodrama não hesitou em se fazer de vítima.

– Falou tudo o quê, Malu? Essa moça era minha paciente, eu não tenho nada com ela.

– Mas tá apaixonado. Olha, pai, eu sei que a minha mãe tá um saco, ela tá insuportável há um tempão, mas ela é louca por você. Ela não sabe mais o que fazer para consertar essa bagunça.

– Foi isso que ela te disse?

– É. Falou da terapia de casal e que tá com medo de perder você. – Ouvir aquilo me deixou com ainda mais ódio de Clarice.

– Malu, sua mãe abandonou a terapia de casal. Ela só vê defeitos em mim. Além disso, ela me traiu e foi pra Roma com outro homem, lembra? – Cansei de ser um homem educado, Malu já não era adulta?

– Ela fez isso porque você deixou! Pô, pai! Você não entendeu nada? Era pra te fazer ciúme! Você não entende nada de mulher. – Realmente eu não entendia.

A reação de Malu me desconcertou. Onde estava a jovem segura e esclarecida? A jovem que me alertou sobre o desrespeito da mãe, sobre como a minha postura conciliadora me feria e que me incentivou a reagir; onde estava essa Malu? Minha decepção com o seu comportamento deve ter sido visível, porque logo depois ela segurou a minha mão e pediu desculpas. Não por defender Clarice, e sim por ter mentido para mim. A maturidade que ela tinha demonstrado era uma fachada. No fundo ela também tinha medo de me perder. Para um filho, assistir a estrutura familiar desmontar é sempre complicado, mas Malu não era mais criança e, no entanto, como percebi naquele momento, ela também não era de todo adulta. Me doía ver que esse temor gerava uma preocupação ridícula com parentes, vizinhos e seus comentários; as satisfações que ela teria que dar para o mundo externo caso eu decidisse mudar minha vida. Relevei. Afinal, não seria por vergonha. Era apenas medo.

– Eu vou morar aqui do lado. Vamos nos ver o tempo todo – tentei tranquilizá-la.

– Não vai ser a mesma coisa – ela resmungou.

– É só por um tempo.

– Não é definitivo? – ela me perguntou, esperançosa.

Embora não soubesse o que aconteceria, gesticulei que sim e Malu sorriu. Me abraçou forte, como havia tempos não fazia. O gesto me trouxe a calma que eu precisava. Não queria ir embora brigado com ela, mas, quando nos separamos, vi que não seria possível. Aquele tinha sido o último abraço. Apenas meu retorno poderia acabar com a profecia.



Às quatro da manhã, abri a porta que ligava meu consultório à casa, tirei os sapatos para não fazer barulho e me esgueirei no escuro. O corredor que levava aos quartos estava gelado e, com cuidado, empurrei a porta do quarto

de Caio. Encolhido no canto da cama, ele estava muito próximo de cair. Segurei meu filho com cuidado, impressionado de ver como as crianças se abandonam ao sono, e o coloquei no centro da cama. Ajustei o cobertor e peguei o seu livro-urso-de-pelúcia, colocando-o ao seu lado. “Estarei sempre por perto”, prometi em silêncio e beijei seu rosto com cuidado para não acordá-lo.

Malu ainda dormia com uma luzinha acesa e me perguntei por que todos os meus filhos tinham medo do escuro. Me aproximei e sentei na beirada da cama. Ela dormia profundamente, o que não significava em paz. O rosto franzido lembrava Clarice e, num gesto instintivo, acariciei sua testa. Aos poucos seu rosto relaxou e me levantei. Não seria a última vez que eu entraria naquela casa, tentei me convencer. Só que a montagem de fotos na escada não me pertenceria mais, as marcas do crescimento de Caio na porta do banheiro, as canecas de café que compramos em Minas, as pequenas heranças de nossos pais – como as miniaturas de cristal da minha avó... Nada disso me pertenceria mais. Embora pudesse ter acendido a luz, preferi ficar protegido pela escuridão. Enxergar com clareza o antigo lar podia me fragilizar. Eu precisava aprender a renunciar.

Passei o resto da noite colocando meu consultório em ordem, já que não dispensara os pacientes da quarta-feira. Assim que o sol saiu, troquei de roupa e fui para a rua. Estava tentado a encher meus filhos de presentes, o que não era nada sábio naquele momento. Não se compensa sentimentos com objetos, embora muita gente recorra a esse subterfúgio. Impossibilitado de comprar um sorriso deles, acabei voltando para casa com vários balões coloridos. Nina merecia um presente pelas eliminatórias.

Quando ela bateu à porta, me empolguei, imaginando seu rosto ao ver a surpresa. Mas, quando abri, Nina estava com um homem desconhecido e parecia perturbada. Era Michel e, pela sua postura falsamente simpática, ele estava ali para me pôr no meu lugar. Entreguei os balões a Nina, irritado por notar o quanto a presença do pai a inibia.

– Então, vamos entrar? – ele perguntou, esfregando as mãos.

– Você está de acordo? – perguntei, encarando Nina, e vi dúvida em seu olhar. Falei para Michel que, como não havíamos combinado, era melhor

deixarmos para outro dia. Claro que ele não entendeu e tive que explicar: a terapia era para o bem de Nina e precisávamos avaliar se uma sessão conjunta seria benéfica. Me afastei com a desculpa de pegar a agenda e para dar um espaço às reações. O pai de Nina reclamou imediatamente:

– Que palhaçada é essa de eu não poder entrar? Eu sou seu pai! Tenho que marcar hora? Que frescura é essa, Nina?

– É assim, pai. Não exagera!

– Vem cá, o que esse cara tá enfiando na tua cabeça? Olha só, eu vou entrar e ponto final. Eu sou seu pai, não sou um coleguinha, não! Sou seu pai!

– Ah! Lembrou disso agora?

– O quê?

– É. Lembrou que é meu pai? Porque eu não me lembro de você fazendo nada por mim – Nina sentenciou e logo em seguida a porta bateu. Ao me virar, Nina, sozinha, já sentava no sofá, visivelmente aborrecida.

– Se você queria que ele entrasse por que não me disse nada? – perguntei.

– Até parece que você ia deixar. Você é todo certinho. – Ela me criticou, iniciando um discurso de que eu já a conhecia o suficiente para saber que a presença do pai não era um problema. Mesmo ele tendo aparecido de surpresa, ser rejeitado e escorraçado não era necessário. Como me mantive calmo e tentei explicar que a terapia era um momento só dela e que, por mais íntimo que o pai fosse, precisávamos avaliar, Nina decidiu discutir.

– Com a minha mãe, você não criou problema – provocou.

– Eu sabia que sua mãe viria. Marcamos com antecedência. – Minha resposta a irritou mais e Nina resolveu me atacar definitivamente. Meu zelo pela sua privacidade não valia nada, proteger seu espaço fez de mim um criminoso; o pai, que não dava as caras havia meses, era uma pobre vítima.

– Você está se sentindo mal porque seu pai não entrou? – Nina não respondeu. – Ele aparece de repente e você é a culpada? Vamos fazer assim: semana que vem ele entra – ela resmungou que na outra semana ninguém sabia onde ele estaria. – Ah! Tem que ser quando ele pode e na hora que ele pode?

– Qual é, Theo? Ele tá aqui hoje! Ele queria entrar! Você gosta de dificultar a vida dos outros, hein?

– E você? Queria que ele entrasse? – Minha pergunta a fez calar. Minutos depois respondeu que não, mas que também não tinha coragem de impedi-lo. Alguém bateu à porta, e Nina ficou agitada.

– Tá vendo? Ele voltou! – e, correndo, abriu a porta. Sua expressão de decepção denunciou que era outra pessoa.

Malu tremia dos pés à cabeça, o que me deixou nervoso. Havia sofrido um acidente de trânsito e, na agitação, fechara o carro com o chaveiro dentro. Agora não conseguia entrar em casa. Após constatar que ela estava bem, dei a minha cópia das chaves e voltei para minha poltrona. Nina me observava com reprovação. Eu era um ditador. Para o meu interesse as regras podiam mudar. Malu era uma fraca, dependente, que com um arranhão corria para o colo do papai. Nina, ao contrário, era uma fortaleza, foi hospitalizada e não julgou importante avisar a Michel.

– Você gostaria de poder procurar o seu pai em qualquer situação? – perguntei.

– Não sei. Eu nunca procurei ele – suspirando, assumiu: – Sua filha é sortuda. Queria ter a mesma sorte.

– Por que ela é sortuda? Porque pode me achar a qualquer momento? Porque pode me contar o que se passa com ela? Você pode contar do acidente pro seu pai. Por que você não conta?

Outra pessoa bateu à porta. Nina riu, debochando da alta rotatividade no meu consultório e, dessa vez, sem expectativas, não levantou para ver quem era. Ao abrir, deparei-me com Michel, mais calmo e cordato. Convidei-o a entrar. Sem prestar atenção em mim, se dirigiu para a filha e exibiu uma lista de tudo o que havia feito por ela. Nina se emocionou com o inventário de ações, banais ao meu ver. Eram deveres paternos, e não sacrifícios, como ele fazia parecer. A cada “te levava ao médico”, mais eu ficava pasmo. Ou o nível de chantagem emocional do sujeito era gigantesco ou ele mesmo se enganava com aquela baboseira. Embaraçada, Nina o interrompeu.

– Me parte o coração quando eu não sei como você está. Eu só quero te ver – ele lamentou.

– Quando você morou fora, ficou mais de três anos sem me ver – Nina lembrou e imediatamente ele contestou, dizendo que se falavam sempre.

– Eu sabia de tudo.

– Tudo o quê? O que eu te contava? E se fosse mentira? Nunca passou pela sua cabeça que eu falava o que você queria ouvir? – A pergunta da filha o deixou sem reação. No entanto, Michel se recuperou rápido e, num golpe baixo, lembrou Nina da sua grande renúncia.

– Ela era o amor da minha vida e eu larguei tudo por sua causa. Porque ela não gostava de você e isso eu não podia aceitar.

– Ela nunca gostou de mim, você casou com ela sabendo. Não diz que largou ela depois de três anos por minha causa.

– Mas foi!

– Como você mente!

– Nina! Que papo é esse? – A voz melosa sumiu e ele me encarou pela primeira vez. – O que você tá fazendo com a minha filha?

– Deixa ele em paz! A culpa não é dele! – Michel não se mexeu. – Vai embora! É a minha sessão. Dá pra me esperar lá fora?

– Não! Que zona é essa? Por que você precisa ficar sozinha com ele? – E, com o dedo apontado em riste para mim, Michel continuou: – Eu sei que você tá fazendo uma lavagem cerebral na minha filha, tá colocando ela contra mim!

– Ele não tá fazendo nada!

– Então, por que você tá aqui?

– Porque a minha mãe paga e ela se preocupa comigo!

– Eu também me preocupo com você. Ninguém no mundo te conhece melhor do que eu!

– Você não sabe nada de mim – e, me surpreendendo totalmente, Nina apontou pra mim: – Ele sabe muito mais do que você.

Michel me olhou com desprezo e curiosidade. Por mais impassível que eu estivesse, por dentro estava emocionado. Presenciar um paciente quebrar uma barreira difícil e se impor como indivíduo era uma vitória. Nina exigiu que ele me pagasse, obviamente não por mim, e sim pela ação concreta que o pai deveria realizar. Acuado, ele sentou novamente e preencheu um cheque. Era a minha hora de intervir.

– Michel, eu acredito que, por vários motivos, Nina se sentiu abandonada por você. Me parece que essa distância gerou muita dor e o que ela está tentando te dizer é que ela precisa aprender a confiar em você novamente – eu disse, e os olhos dele procuraram Nina, esperando uma confirmação. Constatar que a filha única tinha certeza de que ele deixara de amá-la o perturbou.

– Nunca, nunca, Nina, eu ia deixar de te amar. Eu te amo muito.

A sinceridade nas palavras dele fizeram Nina me olhar, buscando apoio, e logo depois ela contou sobre o acidente. O acidente que ele desconhecia. Mais do que isso, ela assumiu que havia sido proposital. – Eu queria morrer. Quando vi o carro, me atirei na frente dele de propósito.

– Filha, por quê? – Michel estava chocado. Nina não respondeu e pediu que o pai a esperasse do lado de fora.

Assim que Michel saiu, perguntei a Nina se ela compreendia a grandeza do que acabara de suceder, que ela não precisava se submeter ao desejo dos outros, anulando-se. Ela comandava a própria vida. Somente ela podia estabelecer os limites, assim como tinha acabado de fazer.

– Pode ser, mas agora meu pai nunca mais vai querer me ver.

– Será? Pode acontecer o contrário. De repente, depois do que aconteceu aqui, ele perceba os erros que cometeu com você. Talvez com isso você aceite o amor dele novamente e o aceite como ele é. Os pais não são super-heróis. Eles têm falhas, limitações, mas isso não significa que não amem os filhos.

Nina não disse nada, apenas permaneceu em silêncio, pensando. Após alguns minutos, abriu um leve sorriso e me perguntou se era uma boa ideia ir embora antes para falar com Michel. Concordei, esperando que o reencontro entre eles fosse o início de um processo de perdão e entendimento. Ambos perderam com a distância e, como não havia volta no tempo, aceitar o imutável era a ponte para a valorização do que estava por vir. Senti que ela e o pai se entenderiam, ela e a mãe também; Nina faria as pazes com o mundo.



No meio da semana árida, a aparição inesperada de Michel e a discussão aflorada entre ele e Nina havia sido uma pequena realização. Cada profissional tem seu ideal de sucesso e, para um terapeuta, momentos de sucesso são acontecimentos como aquele. Na minha vida pessoal, eu não sabia o que era êxito e, por isso, quando Rafael me ligou, me senti envergonhado.

– Então você ia se mudar sem me falar nada? – ele perguntou.

– Claro que ia falar, Rafa, eu não mudei ainda.

– E você e mamãe? Desandou geral?

– Nós só estamos nos afastando por um tempo.

– Pai, pode falar a verdade pra mim. Você quer se separar? – perguntou novamente.

– Não sei. É justamente por isso que estamos nos afastando.

– E a paciente? Vocês estão juntos? – parecia que o mundo sabia do meu segredo.

– Não, Rafa – respondi e ficamos em silêncio até que ele simplesmente disse que já esperava por isso. Vinha observando eu e Clarice havia algum tempo para saber que a química tinha acabado. Achei interessante a escolha de palavras: “química.” De fato, ele estava certo.

– Pai, vocês são adultos e eu não vou tomar partido. Quando você se mudar, me avisa pra eu te visitar, falou? – A falta de censura me acalmou e prometi avisá-lo.

Ao desligar, percebi o quão impessoal era o meu consultório sem os adornos. “Será por isso que Júlia desistiu de mim? Me viu sem a moldura e achou sem graça?”, cogitei, visto que era quinta-feira e ela ainda não tinha retornado. Novamente jurei para mim mesmo que era a última ligação e esperei. Eram dez toques, eu havia contado. No décimo me preparei para deixar outro recado: “Júlia, sou eu novamente. Por favor me retorne. Eu preciso mesmo falar com você. Se puder, eu preferia que fosse em outro lugar. Você escolhe. Me liga.”

Os dados foram lançados pela derradeira vez. Me restava esperar e torcer pelo doze.

Conforme o dia passava, minha ansiedade cresceu. Alguns pacientes nem perceberam a nudez da minha sala e outros gritaram na entrada. Reforma, infiltração, cupins – o que me fizera tirar todos os livros; informação valiosa para os curiosos. Sempre julguei interessante como alguns pacientes passam de leigos a especialistas em psicologia depois de pouquíssimo tempo de terapia. Decifrar minha vida e o porquê das minhas ações acabou se tornando o assunto de muitas sessões. Ouvi todo tipo de palpite sobre o meu estado de espírito: deprimido, neurótico, ansioso, entediado, preocupado, fútil, alegre, e assim por diante. Talvez isso, muito mais do que a mudança, tenha me feito cancelar os pacientes do dia seguinte e da próxima semana, reconhecendo que ficar na mira de um tribunal não era o ideal no momento.



Ana e João entraram pontualmente às 17 horas. Nenhum dos dois comentou nada sobre as mudanças na sala. Também não se olhavam, evitando o outro propositalmente. Parecia que não conseguiam nem se separar em harmonia e queriam que eu os ajudasse nessa passagem. Observei a postura dos dois e João estava no ataque. Ana, passiva, era pura desistência. Enfim, nada mudara desde que os vira juntos pela última vez.

Os argumentos também permaneciam os mesmos. Ana era neurótica e João, paranoico. O filho deveria ficar com João, caso contrário teria a vida arruinada por Ana. Ana discordava e afirmava ser uma boa mãe. João rebatia que ela era uma péssima mãe e estragaria o filho assim como fizera com ele. Ana pedia perdão, João não perdoava, Ana chorava, João se irritava, ela puxava o cobertor para um lado e ele puxava o cobertor para o outro, mas nenhum dos dois o soltava.

– Então, os dois estão decididos quanto ao divórcio? – ambos assentiram, coreograficamente. – E, no entanto, estão aqui. Por quê? Se já está decidido, o que os trouxe à terapia? Me parece que ainda existe dúvida com relação a essa questão.

– Theo, agora eu entendi a sua. Quando eu tiver um problema é só falar o contrário que você resolve. Vou repetir: nós vamos nos separar. Para com

essa coisa de insistir que a gente pode salvar o casamento. Que saco! – João reclamou e seguiu com o rosário de motivos pelos quais os dois precisavam se afastar.

– E o meu filho tem que ficar comigo.

– Ele também é meu filho, João.

– Mas eu não vou deixar você transformar ele num merda! – João continuava batendo na mesma tecla.

Este é o problema de se contar uma mentira por muito tempo: ela se torna verdade. João estava tão habituado às roupas de fracassado que não percebia o quão fraco era seu argumento. Tudo o que ele não fez, as desistências, a falta de investimento pessoal, a carreira abandonada, todas as escolhas não eram dele; foram ordens de Ana.

– João, isso é um absurdo. Você parou de correr atrás da sua carreira porque quis, você escolheu ficar em casa. Eu nunca mandei você fazer nada e também não te impedi. Para de me culpar por tudo! – Ana falou, chorando e me encarando. João manteve seu olhar acusador. Se ela se sentia culpada não era pelo fracasso artístico do marido, era pelo seu fracasso em ser amada.

“Do que adianta promover uma mudança externa, se nada muda no nosso interior?”, me perguntei, analisando os dois. Mesmo que se separassem naquele momento, Ana continuaria com o seu padrão de não merecer o amor e João seguiria com a cristalização de que era um perdedor. Separar pode significar fugir e me parecia eles estavam em fuga; é mais fácil correr do que enfrentar a fera. No entanto, a fera os perseguiria pelo resto da vida.

No meio da análise dos dois, cogitei se minha mudança era também uma escapatória. O que estava diferente em mim que justificava essa aventura? Será que num novo relacionamento eu cometeria os mesmos erros? Me perguntar o que esperava de Júlia me levou a indagar Ana e João sobre suas expectativas. Como seria essa nova vida depois da separação?

– Eu só quero salvar o meu filho. O resto já é venda perdida mesmo – ele constatou, mantendo o autoflagelo.

– Não, João, queria que você tentasse pensar em como seria a vida da Ana sem você. – Ele me encarou confuso e logo baixou o olhar, preconizando

uma vida superficial, em que Ana casaria com o chefe, destruindo a autoestima de Veloso, e o trairia com um homem qualquer.

– E você, Ana?

Olhando para João de forma quase religiosa, embora ele a ignorasse, as previsões de Ana eram mais promissoras. João, se quisesse, poderia fazer qualquer coisa com sucesso; entendendo isso, ele seria feliz e muitas mulheres se apaixonariam por ele.

– João, eu não sei de onde você tirou que eu te acho um fracassado, mas eu não te acho. Nunca achei. – Pela primeira vez João a encarou.

– Agora eu virei o homem dos seus sonhos? – ele debochou e desviou o olhar novamente. Ana se calou. Aproveitei para perguntar como seria a pessoa ideal para os dois e, como eu esperava, eles descreviam um ao outro quase com precisão. Os dois já haviam encontrado o ideal e iam perdê-lo. Foi uma sessão muito estranha, porque a dubiedade ficou comigo durante os 50 minutos. Tudo dizia respeito a eles e tudo também dizia respeito a Clarice e eu, Júlia e eu. Nenhuma das duas era a mulher dos meus sonhos. Juntas, fundidas em um único corpo, poderiam se tornar essa figura mítica que criei como perfeita. Infelizmente isso não seria possível.

– O Dani me preocupa. Ele tá perdido e só pergunta do João – Ana comentou. – Não é porque você quer me largar que não pode dar apoio pra ele – reclamou.

– Para de falar que eu não sou um bom pai!

– Eu não disse isso. Você é que vive falando que eu sou uma merda de mãe! Que inferno, João! Tudo você leva pro pessoal, tudo o que eu falo é pra te ofender, te diminuir. Sabe o que eu acho? Que você gosta de se sentir o coitadinho! Você adora ser o fracassado!

– Culpa sua!

– Minha? Por quê? Eu ralei feito uma louca, me matei de estudar, consegui um bom emprego na marra e por isso eu sou culpada? Se você não se deu bem na sua carreira a culpa é sua! – Ana rebateu.

– E por isso você me meteu um chifre? Fala, Ana! Por que você me traiu? – Ana não respondeu. Era visível a sua fadiga. Joguei a pergunta para ele. Por que ele achava que Ana o traía?

– Porque ela me acha um perdedor! Você não presta atenção em nada do que a gente fala?

O olhar acusador de João trouxe Clarice de volta aos meus pensamentos. Enquanto eu colocava para ele que o motivo podia ser justamente o oposto – que Ana se sentia inferior e por isso o traía, para se punir por não merecer o amor dele –, cogitei quem Clarice havia punido com sua traição. Eu? Ela mesma, por ter se deixado subjugar? Estávamos nos afastando por causa disso ou por um mundo de outros motivos? A afirmação de João afastou meu casamento da sala.

– Theo, isso não importa. A gente já decidiu.

– A traição separou vocês? É isso?

– É – ele respondeu.

Sinceramente fiquei triste pelos dois, pois aquele casal possuía uma chama que eu e Clarice tínhamos perdido ou que de repente nunca tivemos; se amavam de verdade e por esse sentimento valia a pena lutar. Embora ele estivesse cego dentro do personagem de fracassado, vivendo o mártir 24 horas por dia, era preciso me esforçar para que ele entendesse o quanto esse papel o prejudicava. Ser a vítima isentava João de qualquer culpa e o impedia de ver o gesto de Ana com outros olhos, olhos mais sábios.

– Abdicar da relação de vocês por essa traição é a coisa certa a fazer? Perceba, João, que você vê Ana sempre como a mais forte, a dominadora, e você é sempre o fraco, o incapaz. Isso não é verdade. Ela tem muitas fraquezas e precisa da sua força.

– E a minha força é ser capacho dela?

– Não. É perdoá-la.

Pensando novamente em Clarice e na bagagem que ela trouxe da sua vida anterior, expus que Ana nunca se perdoou pela morte do pai, pela gordura e pela gula que salvaram sua vida, mas que deixaram o pai morrer sozinho. Enquanto não fosse perdoada, alforriada dessa culpa por alguém que a amasse de verdade, ela continuaria se punindo. Perdoá-la seria libertador para os dois. Ana aceitaria ser amada e João reconquistaria sua força pessoal.

Fez-se silêncio. Nós três pensávamos. Qual seria a culpa que Clarice carregava e que eu não soubera perdoar? Qual seria a minha culpa? Diante

das reações emocionados dos dois, os olhos estampados de medo e saudade, minhas perguntas ficaram sem sentido. Aquele olhar, aquela química, como diria meu filho Rafael, não existiam entre mim e Clarice. Logo, não havia por que lutar.

– João, você pode olhar para Ana? – Ele hesitou diante do meu pedido, já que Ana não queria que ele a olhasse. – Por quê? – perguntei.

– Ele não tem nada pra ver em mim. Eu sou só uma pessoa triste, uma mulher que se arriscou a perder o homem da sua vida por nada.

Mesmo contra a vontade de Ana, João a encarou. Os dois choravam com um sentimento que eu mesmo não sentia havia muitos anos. Me levantei e os deixei sozinhos. Meu trabalho acabava ali.



Desliguei o telefone ainda tonto. Havia esperado por isso todos aqueles dias e, quando ouvi a voz de Júlia, fiquei sem palavras. Me arrumei como um adolescente que vai sair com a namoradinha pela primeira vez. A falta de hábito de sair de casa naquele horário me fez pegar um engarrafamento. Cada minuto de atraso me virava o estômago. O volante deslizava nas minhas mãos suadas e quando, por fim, entrei na sua rua, parei o carro em um lugar proibido sem me preocupar. Me dirigi apressado para o prédio e uma onda de medo me assaltou quando o porteiro me anunciou. Com um som eletrônico, o portão abriu e, tenso, cumprimentei o senhor na portaria.

Júlia morava no último andar e o elevador parecia lento demais. Ensaiai o que dizer era impossível. Minha língua embolou numa secura que colou meus lábios. Procurando o apartamento de Júlia, coloquei a mão na frente da boca e verifiquei se não estava com mau hálito. Diante da porta dela, passei as mãos nas axilas e no cabelo, checando se estava apresentável. Ela parecia à vontade, com os cabelos presos em um coque displicente que deixava alguns cachos soltos, emoldurando seu rosto. Descalça, vestia um moletom largo e uma camiseta justa. Com um gesto me convidou para entrar.

O lugar tinha grandes janelas – imensas – que exibiam uma vista privilegiada da selva urbana que era São Paulo. Tudo era muito claro, amplo e familiar. Júlia me ofereceu um chá e sentamos à mesa.

– Com açúcar? – perguntou, polida. Recusei e ficamos alguns minutos em silêncio, tomando chá e observando um ao outro.

– Fiquei surpresa com a sua insistência em me ver.

– Eu precisava falar com você. Nosso último encontro não foi dos melhores.

– É. Não foi.

Com a boca mais seca do que antes, bebi o resto do chá num só gole e passei as mãos pela testa, pensando no que dizer. O distanciamento dela bloqueava a minha urgência de abraçá-la. Que chá o quê? Eu não fui ali pra tomar chá! Eu estava ali pra fazer amor com ela, me declarar e ser feliz.

– Quer mais chá? – ela perguntou.

– Não, obrigado – respondi. – Sua casa parece com você.

– Isso é um elogio? – ela quis saber.

– É – respondi. – Você não parece feliz com a minha visita – arrisquei, já me sentindo ridículo por ter fantasiado tanto.

– Não é isso, Theo. É que depois de tudo, eu achei que precisava de um tempo pra te esquecer, sabe? Não posso ficar nessa o resto da vida. Preciso superar.

“Não! Você não precisa superar nada! Você pode continuar me amando, porque eu também te quero!” Como me arrependo de tudo o que não disse... Em vez de ser sincero, voltei para a postura do terapeuta-ouvinte-presente-disponível e cogitei se minha presença a incomodava.

– Ah, Theo... Não sei. Não sei o que você quer me dizer. – Júlia me observou com aquele olhar perscrutador que me derrubava, e todas as minhas novas certezas desapareceram. Sem ter a mínima noção do que falar, comecei a me explicar, analisar o que tinha acontecido durante a terapia dela, dizer que a culpa era minha. Eu me apaixonei e por isso quis encerrar nosso trabalho. Como profissional eu errei e deveria ter tido outra conduta.

– Cala a boca! – ela gritou comigo. – Eu não acredito que você se deu o trabalho de vir até aqui para isso. A terapia acabou, Theo! Sinceramente eu

gostaria que você falasse de outra coisa! – E, empurrando a cadeira com força, ela se sentou no sofá. Respirei fundo, confuso comigo mesmo; se no sonho o meu eu medroso recuava, na realidade ele fazia questão de ficar. Sentei ao lado dela. Ela era magnífica, era a porta para uma nova vida; estar com ela me preenchia, era para ser.

– Desde que você começou a fazer terapia, as segundas passaram a ser o meu dia favorito da semana. Eu mal podia esperar pra te ver, pra te ouvir. Você era a minha predileta. No começo eu achava que fazia parte da terapia, até a sua paixão por mim também era parte do processo, e uma parte muito importante, fundamental pra esclarecer o que aconteceu na sua adolescência. Por mais que, como homem, eu te desejasse, eu precisava me preocupar com o impacto de tudo isso nas suas emoções, nós estávamos em terapia.

– E daí, Theo? As pessoas não podem se apaixonar na terapia?

– Podem – menti. – Mas eu conhecia você como paciente e por isso sabia que um erro, um descuido, poderia te prejudicar. Eu achei que conseguiria conduzir esse apaixonamento sem me contaminar, mas não foi o que aconteceu. – “Eu te amo” teria sido tão simples. Só essa frase resumia tudo.

– O que aconteceu? Você se apaixonou por mim de volta? E qual o problema? Por que esse drama?

Não consegui responder. Olhei para baixo, como a maioria dos meus pacientes quando o assunto fica forte demais. Nem eu entendia o meu drama. Ela não era mais minha paciente e, mesmo assim, esperava algo de mim, não como terapeuta, mas como homem; só que eu não conseguia me desvencilhar do personagem. A imagem de João invadiu a minha cabeça. Eu não era como ele, eu era pior. Ele interpretava só para Ana e eu interpretava o papel do terapeuta para todo mundo.

– Pelo amor de Deus, Theo, me fala: o que te trouxe aqui? – Júlia me perguntou com aqueles olhos verdes e úmidos, a boca entreaberta num segundo pedido. Nada mais me impedia, eu tinha dado todos os passos até ali e, no entanto, a única coisa que consegui dizer soava como uma fala técnica do terapeuta, e não do homem.

– Você quer que eu volte a fazer terapia com você? – Júlia reagiu horrorizada à minha proposta. – Isso é sério? Você assume que se apaixonou por mim também e mesmo assim acha que eu tenho que voltar a ser sua paciente? Qual é o seu problema?

– Júlia, nossa relação não começou num bar, na rua. Ela é fruto da terapia e deve... Deve terminar ali. – Eu ia completar: “... para começarmos de novo”, mas ela interrompeu, enojada.

– Você é um covarde. Até quando você vai deixar de viver? Não dá pra se esconder no seu consultório para sempre, Theo – enxugando as lágrimas, Júlia se levantou e entrou em um corredor. Eu cogitei ir embora, confesso, mas também não conseguia. Era impensável para mim, partir deixando Júlia com uma imagem de covarde.

O corredor era longo como o do meu sonho, exceto por não ter duas portas frente a frente no final. A porta aberta à esquerda denunciava o esconderijo de Júlia e, me imbuindo de coragem, me aproximei. Seu quarto era claro como o restante da casa. A luz de fim de tarde cobria tudo com um toque surreal. Júlia estava sentada de costas para mim na cama enorme e convidativa. Eu falava demais, era racional demais, e naquele momento as palavras eram dispensáveis. A minha respiração fez Júlia me olhar de soslaio, sobre o ombro, e logo depois ela tirou a camiseta, exibindo o torso nu. Quando ela soltou o cabelo castanho e longo, eu já estava excitado demais para recuar. Sentei ao seu lado, tão próximo que podia sentir o calor do seu corpo, o dourado da sua pele aveludada. Deslizei os dedos por suas costas e Júlia gemeu baixinho, me autorizando a continuar explorando suas costas com as pontas dos dedos. Cheguei na base da sua nuca e minha mão ficou cheia com seus cabelos. Puxei sua cabeça para trás e ela gemeu novamente, mais alto e com um olhar realizado. Sua boca engoliu um dos meus dedos com vontade e foi aí que a tontura começou. Em instantes fiquei coberto de suor, minha boca secou e tudo girava à minha volta. Caí abatido. Ver o alarme nos olhos dela, os gestos mecânicos de quem atende um ferido na emergência, verificando o que estava acontecendo comigo, foi a maior vergonha da minha vida. Eu só queria que o chão se abrisse e me tragasse. Então, quando ela correu para pegar um copo d’água, eu fugi dali.



Dora não me esperava naquele dia nem eu esperava estar ali. Entrei ainda atordoado e bebi toda a água da jarra. Dora só me olhava, curiosa para saber o que tinha acontecido. Desabei no sofá e a encarei. Precisava contar para alguém e, como sempre, a imagem dela vencia a de qualquer outra pessoa. Durante o meu relato ela se manteve impassível e em silêncio.

– Não me orgulho, Dora. Eu só fugi porque tive um ataque de pânico. Se não fosse por isso, eu não estaria aqui – confessei, mas Dora me olhou com dúvidas. – É verdade, Dora. Não olhe pra mim com esperança, achando que foi o meu dever profissional ou minha ética que me impediram. Foi vergonhoso.

– Mas você poderia ter ficado mesmo assim.

– Eu sei, mas na hora eu me apavorei, eu me senti menos homem. Me senti um brocha que quando vê um peitinho desmaia. Não queria ficar ali e ouvir a Júlia dizer que isso acontece. Que belo terapeuta eu me saí. Sou um fracasso, Dora, em tudo. Como homem, como pai, como profissional, como marido. Eu não sirvo pra nada.

– Theo, calma. Você está exagerando – a voz quase materna de Dora me fez chorar. Mas não me importei, eu já tinha dado um vexame muito maior naquele dia.

– Desculpa – sussurrei.

– Você não tem do que se desculpar.

– Tenho, sim. Eu te infernizei tanto, te julguei tão mal, e você estava certa.

– Certa sobre o quê? – ela perguntou.

– Sobre a transferência. Sobre o Jorge. Eu não sei como alguns terapeutas conseguem se relacionar dessa forma com seus pacientes. É impossível, injusto.

– Por que injusto?

– Porque sabemos mais, porque deveríamos saber mais e proteger o paciente, não contaminá-lo com as nossas mazelas. Eu sou um terapeuta de merda. Sou uma fraude. Você passou pela mesma coisa e você venceu. Você foi forte, Dora.

– Theo, novamente, não se compare a mim. Eu não sou melhor nem pior do que você. Eu também acho que você venceu. Ninguém pega ataque de pânico como se fosse virose. É algo de dentro pra fora. Você criou o ataque, você foi forte.

Mesmo fazendo todo o sentido, nunca me senti tão fraco e tão ignorante. Então, meus colegas de faculdade, os mesmos que eu menosprezava, estavam certos? O corpo é tudo? Meu corpo me salvou? Eu não sabia mais. A única certeza que me inundava era de que, na minha idade, eu nunca mais desejaria uma mulher como desejei Júlia.

– Semana que vem eu me mudo. Estou indo embora de casa. Menti pra Clarice que era um tempo, mas sei que não tem volta. Eu construí essa certeza em cima dela, da Júlia. Eu... Eu queria tanto, Dora. Eu perdi a chance.

– Ou você se deu outra chance. Theo, esse ataque pode ter sido um chamado do seu caráter, de tudo que é precioso para você.

– Para, Dora. Eu não consigo acreditar nisso. A verdade é que joguei fora uma chance de ser feliz e me escondi novamente na terapia.

Era a segunda vez que Dora se emocionava diante de mim, talvez por identificação. Na nossa profissão, quem nunca se refugiou no consultório que atire a primeira pedra.

– Dora? Você não tem nada pra me dizer? – perguntei, e ela fez que não com a cabeça. Se a pitonisa nada tinha a dizer, isso significava que o oráculo não tinha resposta para o que tinha acontecido comigo. A psicologia nunca responderia sobre o motivo do vácuo no meu peito.



Há dois meses, entrei altivo naquela sala. Achava que sabia tudo. Hoje saio humilde, certo de que não sei nada. Não me conheço como pensava, mas é assim mesmo, ninguém arruma a casa sem desarrumar antes. Literalmente me vejo em mudança, e tudo o que se passou teve esse propósito, me levar para outro lugar. Definitivamente não posso mais me esconder no

consultório. Uma vez que dei o primeiro passo, só me resta continuar a caminhar.

DORA AGUIAR

Avaliação: Nona sessão

Data: 30 de novembro de 2012

Paciente: Theo Cecatto - psicólogo e terapeuta. 56 anos

Não o esperava.

Theo chegou sem avisar, após ter encontrado a paciente Júlia. Foi à casa dela, mas, segundo ele, nada aconteceu - um ataque de pânico o impediu e ele fugiu.

Largou a esposa e se muda para outro lugar na semana que vem.

Finalmente entendeu quão delicada é a questão da transferência.

Não sei se ele voltará, mas a forma como saiu daqui, afirmando não saber nada, me diz que ele está a um passo fora da crise e muito mais perto do que pensa de se encontrar.

R E F E R Ê N C I A S

1. B. F. Skinner. *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
2. Eduardo Giannetti. *Auto-engano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
3. Friedrich Nietzsche. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
4. Roland Barthes. *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
5. Carl Rogers. *Tornar-se pessoa*. Lisboa: Moraes Editores, 1973.
6. Rollo May. *O homem em busca de si mesmo*. Petrópolis: Vozes, 2005.
7. Joseph Campbell. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2007.
8. Lewis Carroll. *Alice no país das maravilhas*. Porto Alegre: L&PM, 1998.
9. Carl S. Pearson. *O herói interior*. São Paulo: Cultrix, 1997.



O consultório do psicólogo Theo Cecatto (Zé Carlos Machado) é o palco intimista onde se desenrolam os dramas dos personagens da série *Sessão de Terapia*, que já foi assistida por 9,5 milhões de espectadores.



Júlia Rebelo (Maria Fernanda Cândido) é uma médica bem-sucedida que se apaixona por seu terapeuta, colocando-o em um sério conflito ético.





O atirador de elite Breno Dantas (Sérgio Guizé) busca a ajuda de Theo após cometer um grave erro em uma operação policial que resulta na morte de uma criança.





Aos 56 anos, Theo passa por uma dupla crise: tudo parece dar errado tanto em sua vida pessoal quanto na profissional.



Nina Vidal (Bianca Muller) é uma jovem e talentosa ginasta que, após se envolver num acidente, deve passar por uma avaliação psicológica antes de voltar aos treinos. A paciente se revela um dos grandes desafios da carreira de Theo.





Os bastidores de uma cena em que o casal João e Ana (André Frateschi e Mariana Lima) revela os dilemas mais profundos enfrentados em seu relacionamento. A interpretação dos atores, aliada à alta carga dramática do texto, conquistou público e crítica.



Zé Carlos Machado e o produtor executivo da série, Roberto d'Ávila.



Depois de oito anos afastado da terapia, Theo procura Dora Aguiar (Selma Egrei), sua antiga mentora, em busca de ajuda para enfrentar seus fantasmas: seu casamento com Clarice (Maria Luísa Mendonça, à esquerda) está à beira do colapso e ele está inseguro com sua atuação profissional. Além disso, se esforça para restabelecer a boa relação com sua filha adolescente, Malu (Mayara Constantino, embaixo).

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



O GUARDIÃO DE MEMÓRIAS
Kim Edwards

Inverno de 1964. Uma tempestade de neve obriga o Dr. David Henry a fazer o parto de seus filhos gêmeos. O menino é perfeitamente saudável, mas o médico logo reconhece na menina sinais da síndrome de Down.

Guiado por um impulso irrefreável e por dolorosas lembranças do passado, Dr. Henry toma uma decisão que mudará para sempre a vida de todos e o assombrará até a morte: ele pede que sua enfermeira, Caroline, entregue a criança para adoção e diz à esposa que a menina não sobreviveu.

Caroline decide criar Phoebe como sua própria filha. Norah, a mãe, jamais consegue se recuperar do vazio causado pela ausência da menina. A partir daí, uma intrincada trama de segredos, mentiras e traições se desenrola, abrindo feridas que nem o tempo será capaz de curar.



DANÇANDO SOBRE CACOS DE VIDRO

Ka Hancock

Lucy Houston e Mickey Chandler não deveriam se apaixonar. Os dois sofrem de doenças genéticas: Lucy tem um histórico familiar de câncer de mama muito agressivo e Mickey, um grave transtorno bipolar. No entanto, quando seus caminhos se cruzam, é impossível negar a atração entre eles.

Contrariando toda a lógica que indicava que sua história não teria futuro, eles se casam e firmam – por escrito – um compromisso para fazer o relacionamento dar certo. Mickey promete tomar os remédios. Lucy promete não culpá-lo pelas coisas que ele não pode controlar. Mickey será sempre honesto. Lucy será paciente.

Como em qualquer relação, eles têm dias bons e dias ruins – alguns terríveis. Depois que Lucy quase perde uma batalha contra o câncer, eles criam mais uma regra: nunca terão filhos, para não passar adiante sua herança genética.

Porém, em seu 11o aniversário de casamento, durante uma consulta de rotina, Lucy é surpreendida com uma notícia extraordinária, quase um milagre, que vai mudar tudo o que ela e Mickey haviam planejado. De uma

hora para outra todas as regras são jogadas pela janela e eles terão que redescobrir o verdadeiro significado do amor.

Dançando sobre cacos de vidro é a história de um amor inspirador que supera todos os obstáculos para se tornar possível.



O GUARDIÃO DO TEMPO
Mitch Albom

Dhor sempre foi obcecado por enumerar coisas. Quando percebeu um padrão entre o nascer e o pôr do sol – que se repetiam um após o outro, infinitamente –, ele aprendeu a contar os dias. Ao descobrir que a lua mudava de forma e depois voltava ao seu formato original, passou a contar os meses.

Sem saber, movido por uma curiosidade ingênua, Dhor estava aprisionando a maior dádiva de Deus: o tempo. E pagaria um preço alto por isso, sendo banido para uma caverna durante seis milênios.

Imune aos efeitos dos anos, passava seus dias sozinho, forçado a ouvir as vozes das pessoas implorando por mais minutos, mais dias, mais anos – querendo esticar os momentos de felicidade e encolher os instantes de sofrimento.

Depois de compreender o mal que havia criado ao fazer a vida girar em torno de um relógio, Dhor é mandado de volta à Terra com uma missão: ensinar a duas pessoas o verdadeiro sentido do tempo.

Ele escolhe uma adolescente desiludida, prestes a pôr fim à própria vida, e um homem de negócios rico e poderoso que pretende desafiar a morte e viver para sempre.

Cada um à sua maneira, eles precisam entender que o tempo é um dom precioso, que não pode ser desperdiçado nem manipulado. Para salvar a própria alma e concluir sua jornada, Dhor precisará salvá-los antes que o tempo se esgote – para todos.



AS CINCO PESSOAS QUE VOCÊ ENCONTRA NO CÉU
Mitch Albom

Após seis anos de espera, Mitch Albom, o consagrado autor de *A última grande lição*, fenômeno editorial que já vendeu dez milhões de exemplares em todo o mundo, nos presenteia com *As cinco pessoas que você encontra no céu*.

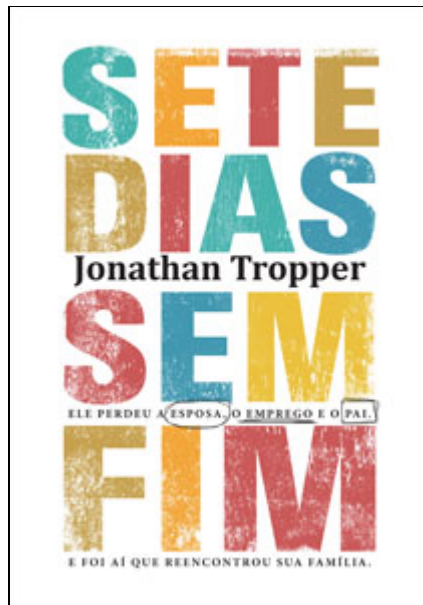
Com o mesmo estilo sensível e profundo do livro anterior, Mitch criou agora uma fábula para nos fazer refletir sobre o significado de nossa existência.

As cinco pessoas que você encontra no céu conta a história de Eddie, mecânico de um parque de diversões, que morre no dia de seu aniversário de 83 anos. Imerso numa rotina de trabalho e solidão, ele passou a vida se considerando um fracassado. Ao acordar no céu, encontra cinco pessoas que lhe mostram o verdadeiro valor de sua vida.

Este livro foi escrito para cada um de nós, pois frequentemente nos sentimos frustrados e inúteis – assim como Eddie – por não termos realizado nossos sonhos. Ele nos faz lembrar que vivemos numa ampla teia

de ligações e que temos o poder de mudar o destino dos outros com pequenos gestos.

Mitch Albom nos dá mais uma grande lição sobre a importância da lealdade e do amor.



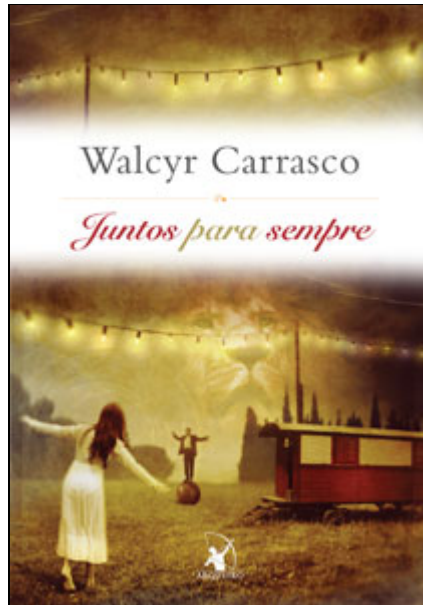
SETE DIAS SEM FIM
Jonathan Tropper

Judd Foxman pode reclamar de tudo na vida, menos de tédio. Em questão de dias, ele descobriu que a esposa o traía com seu chefe, viu seu casamento ruir e perdeu o emprego. Para completar, seu pai teve a brilhante ideia de morrer.

Embora essa seja uma notícia triste, terrível mesmo é seu último desejo: que a família se reúna e cumpra sete dias de luto, seguindo os preceitos da religião judaica. Então os quatro irmãos, que moram em diversos cantos do país, se juntam à mãe na casa onde cresceram para se submeter a essa cruel tortura.

Para quem aprendeu a vida inteira a reprimir as emoções, um convívio tão longo pode ser enlouquecedor.

Com seu desfile de incidentes inusitados e tragicômicos, *Sete dias sem fim* é o livro mais bem-sucedido de Jonathan Tropper. Uma história hilária e emocionante sobre amor, casamento, divórcio, família e os laços que nos unem – quer gostemos ou não.



JUNTOS PARA SEMPRE
Walcyr Carrasco

Alan é um advogado bem-sucedido de São Paulo e leva uma vida aparentemente perfeita: mora em uma cobertura luxuosa, namora uma mulher lindíssima e pode ter tudo o que quiser. Mas todas as noites é atormentado por um sonho que o leva a um amor de outra vida. Assiste à morte na fogueira de uma jovem. E nesse momento promete:

– Eu te amarei para sempre!

Quando desperta, o sonho fica em sua cabeça. Envolvido por esse mistério, Alan vive dias de angústia.

Tudo muda quando ele viaja para uma cidade do interior e encontra uma moça semelhante à que aparece em seu sonho. A profunda emoção que sente ao vê-la confirma que é a mesma pessoa. Essa é a primeira de várias evidências de que na vida nada acontece por acaso.

Mas, para seu espanto, a moça foge aterrorizada ao deparar com ele.

Agora Alan precisa descobrir quem é essa mulher e qual é a ligação entre eles. Para isso, terá que rever sua existência e descobrir que as coisas realmente importantes não podem ser compradas.

Auxiliado pela Terapia de Vidas Passadas, ele se entregará a uma árdua jornada de autoconhecimento. E entenderá que, embora o passado não possa ser mudado, há uma nova vida para superar os erros e refazer os laços de amor, em busca de um futuro luminoso.

Juntos para sempre é um livro cativante, escrito com a sensibilidade de Walcyr Carrasco, consagrado autor da TV Globo, conhecido por novelas como *Alma gêmea*, *O cravo e a rosa* e *Chocolate com pimenta*, campeãs de audiência.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e Fique comigo, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE
OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



[@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

SUMÁRIO

PRIMEIRA SEMANA...

SEGUNDA SEMANA...

TERCEIRA SEMANA...

QUARTA SEMANA...

QUINTA SEMANA...

SEXTA SEMANA...

SÉTIMA SEMANA...

OITAVA SEMANA...

NONA SEMANA...

REFERÊNCIAS

Fotos do seriado

Conheça outros títulos da Editora Arqueiro

Conheça os clássicos da Editora Arqueiro

Informações sobre os próximos lançamentos